

A romantic couple, a Black man and a white woman, are shown in profile, facing each other and smiling. The man is on the left, wearing a grey t-shirt. The woman is on the right, wearing a grey t-shirt and brown suspenders. They are standing in front of a dark background with many small, glowing sparks or embers floating around them. In the bottom left corner, there is a glass of amber-colored liquid.

na
Pegada *do*
PATRÃO

Trilogia na Pegada - Livro 3

AGATHA SANTOS



na Pegada ~ do **PATRÃO**

Trilogia na Pegada - Livro 3

Agatha Santos

2021

Copyright © Agatha Santos

Capa e Diagramação: **Criativa TI**

Revisão: **Bah Pinheiro**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicatória

Para todas que sonham em libertar-se.

Agradecimentos

Chegar ao último livro desta trilogia é algo que me deixa imensamente feliz. Não esperava me divertir tanto e aprender algumas coisas com as mocinhas determinadas que criei.

Sou eternamente grata à espiritualidade que me ampara em todos os momentos, ainda mais os difíceis, que mostram que sou capaz de perseverar, sempre.

Ao meu marido e familiares que apoiam meu sonho e vibram com cada conquista.

A todo o meio literário que apoiam a literatura nacional e, em particular, às minhas leitoras, que são maravilhosas e estão ao meu lado sempre.

Um abraço especial à Jess e Sabrina, as betas que tiraram minhas inseguranças e se apaixonaram junto comigo durante o processo de escrita.

Sinopse

Tadeu, por muito tempo, viveu em busca do seu lugar no mundo. Filho único de mãe solo, saiu em busca da sua origem paterna até que as pistas o levaram para Santino.

Assumiu o bar da cidade, com desejo e vontade de fixar raízes e dar outro rumo no caminho que seguia solitário que seguia, sem grandes expectativas.

Ao reencontrar a menina dos cabelos cor de entardecer que o deixou intrigado, meses atrás, Tadeu não perdeu a oportunidade de trazê-la para perto e entender o que o chamava tanto em sua direção.

Joana, uma jovem cheia de alegria e desejo de se libertar, viveu uma vida podada em costumes retrógrados, até decidir partir para Santino e morar com sua tia Dolores.

Ela queria ganhar o mundo, ele ofertava a oportunidade de viver aventuras e juntos descobriram como o destino pode ser certo com duas almas sonhadoras.

A pegada do patrão nunca foi tão tentadora.

Conheça a última história da trilogia Na Pegada e se apaixone por este romance regional.

Nota da Autora

Este livro contém uma história única e independente. Apesar de compor a trilogia “Na Pegada”, o enredo é focado por completo no novo casal, com alguns personagens já conhecidos e outros novos.

Respeitando o cenário e a forma regionalista proposta, a trama traz o personagem Tadeu, que participou da série “Homens de Palomino” e agora tem a oportunidade de contar sua história.

A linguagem abordada retrata o cotidiano interiorano, inspirado nos costumes e dialetos de regiões diversas, apesar de ser ambientado em cenário fictício.

Espero que curtam o último livro da trilogia e se encantem com a dona encrenca e o patrão.



Prólogo

“...cabelos cor de entardecer...”

O movimento do bar naquele dia estava especialmente devagar, entediante ao ponto de o atendente bocejar, com os olhos cansados, enquanto escaneava o ambiente, ponderando quando a meia dúzia de pessoas no salão finalmente iriam embora.

Fazia um bom tempo que ele seguia essa vida, de bar em bar, cada época em uma região diferente, sem de fato se importar com o que acontecia além das portas dos estabelecimentos que ele trabalhou.

Já estava cansado daquela cidade, assim como tantas outras, só o levou a lugar algum em sua investigação sobre o paradeiro do pai biológico. Fazia muito tempo que não colocava os pés em Palomino e seu contato com a família se limitava às ligações para a mãe e a prima preferida.

Planejava partir, nada ali o prendia mais, ansiava por novos ares, e um ambiente mais leve e tranquilo viria a calhar.

Uma figura franzina e pequena surgiu na entrada, os braços magros trançados em frente ao corpo, uma escolha incomum de roupa para o lugar, jardineira jeans, larga o suficiente para torná-la ainda mais baixa do que aparentava de longe.

Tadeu, o atendente, apertou os olhos em sua direção, curioso com a pessoa que destoava tanto do pulgueiro que era o local.

A passos cautelosos, a garota se aproximou do balcão e tomou o primeiro assento, bem em frente ao atendente curioso. Seus olhos ainda não tinham encontrado os dele, o vinco na testa mostrara a preocupação, ou medo, como se alguém fosse raptá-la a qualquer momento.

— Noite, moça. Vai beber o quê? — O timbre grosso atingiu a distração dela a ponto de fazê-la saltar na banquetta.

Sua cabeça girou rápido demais, concentrando-se de imediato na feição esculpida com traços brutos e marcantes de Tadeu, um leve resfolegar saiu da sua boca antes que ela a apertasse em linha fina.

As pupilas dilatadas no olhar atento, escaneando todo o contorno e conjunto bem distribuído da beleza do atendente proporcionaram um minuto ou mais de distração, até que a boca dele ergueu de um dos lados, ainda mais instigado pela

figura nada feminina à sua frente.

“*Quantos anos ela tem?*”

A pergunta não parou de soar um minuto sequer em sua mente desde que a percebeu na porta feito um animal assustado.

— Quero uma cerveja, por favor. — O som baixo quase não foi ouvido, por sorte, Tadeu inclinou o corpo em sua direção o suficiente para entender o que pedia.

— *Tu* tem idade *pra* beber? — Seus braços fortes cruzados sobre o peito, tornando-os ainda maiores do que já eram.

— Lógico! — Mordaz.

A imagem franzina de ainda há pouco se dissipou em automático dando lugar para uma determinação e raiva oculta, até então. Surpreendido pela resposta, Tadeu recuou dois passos, encarando a garota e girou o corpo para trás ao abrir a tampa de um freezer e pescar uma *long neck*.

Retornou com a bebida presa entre os dedos, bateu o casco no tampo de madeira e com a mão livre torceu a tampa liberando o ar comprimido da cerveja. A forma como olhava para a garota soou como desafio, sem uma palavra sequer, ele a impelia manter o semblante altivo, o que ela fazia sem qualquer dificuldade.

Suas mãos pequenas capturaram o casco sob o olhar atento dele, então, enquanto ele recuava um passo sutil, ela levou o bico até a boca e sorveu um grande gole.

Assim que Tadeu viu sua garganta se mover sutil com líquido despejado por ela, um engasgar acompanhou a chuva de bebida que espalhou pelo balcão e o fez saltar com um grunhido para trás.

— *Tá* doida? — Ele começou a limpar os braços e a frente da camisa respingada.

— Desculpe... eu... — Ela ainda tossia como se uma pigarra a tivesse tomado instantaneamente. — Desculpe...

A garota levantou rapidamente do banco e saiu em disparada para a saída feito um raio, com a mão sobre o peito, ainda tossia um pouco, porém, já mais controlada que antes.

Tadeu franziu o cenho ainda mais, curioso e um pouco desacreditado, contornou o balcão e caminhou a passos largos por onde a garota acabara de sair.

Não tinha motivos para tal, passou tanto tempo em pulgueiros como aquele, vira tanta coisa nesses últimos anos que nada era capaz de surpreendê-lo mais.

Porém algo no modo de agir daquela garota o prendeu, chamou sua atenção de uma forma que há muito não acontecia. Não era sexual, apesar de achar seu cabelo acobreado muito instigante, mas algo mais forte o fazia querer saber mais dela ou simplesmente certificar sua segurança.

Ele nunca foi o tipo de homem que procurava por donzelas em perigo para serem salvas, entretanto, nunca permitiu que um homem subjugasse uma mulher em sua presença. Tadeu prezava pela liberdade de ir e vir, independente de gênero ou situação, cada um tinha esse direito, desde que não ultrapassasse o limite alheio.

Algo cheirava à confusão com aquela garota, poderia ser um palpite vazio e até machista, mas ela era do tipo que não duraria trinta minutos em um lugar como aquele.

Ao passar pelas portas duplas do lugar, sua cabeça girava para todos os lados em busca dos cabelos cor de entardecer. Quase riu de si mesmo quando associou daquela forma a coloração dos fios, mas não existia nada mais perfeito que definisse.

A mistura do laranja, com tons clareados, como rajadas de sol que encobrem a imensidão no fim de cada tarde. Lembrava a fogo em brasa, quente o suficiente para te queimar, no entanto, aconchegante e chamativo, tornando a vontade de estar perto ainda maior.

“Definitivamente, eu preciso transar.”

Fazia um bom tempo desde que uma mulher aqueceu sua cama, o calor humano era algo escasso em sua rotina e, por um momento, Tadeu associou toda sua analogia em relação à ruiva à falta de algo real e palpável.

O lado carnal que sempre o satisfaz, mas que tem se apagado a cada encontro, a cada flerte, a cada ato.

“Eu estou cansado.”

Sacolejando a cabeça para os lados, o atendente retornou à realidade e continuou caminhando entre os carros estacionados no espaço aberto à procura da menina. A preocupação estava ainda maior, a garota simplesmente parecera ter evaporado no ar, como se fosse uma alucinação.

Ele parou no meio do lugar, levou a mão até a nuca e coçou um ponto específico, intrigado com o sumiço repentino da menina, permaneceu assim por uns bons minutos até desistir, bater os braços na lateral do corpo e retornar para o bar.

“Amanhã eu meto o pé deste lugar.”



Capítulo 1

*“...ouça sempre seu coração. Ele tem as respostas que procuramos
ao redor.”*

Joana

Olho através das grades do portão, buscando qualquer sinal de movimento na residência, liguei para minha tia antes de desembarcar em Santino, combinamos de nos encontrar em frente à sua casa que, por sinal, continua da mesma forma que me lembrava.

Um jardim pequeno e modesto decora a entrada, apesar de ela nunca estar por aqui, devido ao trabalho na fazenda de Águas Claras, o lugar não ficou com a impressão de abandonado.

Bato palmas uma segunda vez, subo na ponta dos pés, como se isso me fizesse ver melhor o que já é evidente. Não tem ninguém lá dentro.

Passo a palma na testa suada, o sol castiga minha pele, mesmo usando uma regata e short, o ar abafado e o calor não diminuem a sensação de estar fritando em plena calçada.

Arrisco um olhar sobre o ombro e miro a praça da cidade, quando era pequena, meus pais me mandavam para cá passar uma semana das férias escolares, lembro-me de correr e brincar muito neste lugar.

— Tarde! — uma voz masculina cumprimenta muito próximo a mim.

— Ah, oi. Tarde, seu guarda. — Encaro o uniforme alinhado do homem.

Ele não parece ser muito mais velho que eu, seu corpo magricelo chega a ficar engraçado dentro da farda, lembra um personagem de filme de comédia e não uma autoridade local.

— Tá procurando alguém? — Sinaliza com o queixo em direção à casa.

— Sim. Minha tia.

— É sobrinha da dona Tetê? — Sua voz sobe uma oitava.

— Não. Da Dolores. Meu pai é irmão dela.

— Ah, *bão*. Ela nunca *tá* aqui, mas a inquilina dela trabalha na lanchonete da Carlota, a duas quadras daqui. Se quiser, posso te mostrar onde é.

— Carece não. Combinei de encontrar *ela* aqui. Prefiro esperar.

— Veio de visita?

— Sim. Mais ou menos isso. — Aperto os lábios.

— Santino não tem muita coisa *pra* fazer, mas o cinema daqui tem melhorado muito.

— Aqui tem cinema? — Enrugo as sobrancelhas.

— Tem, mas é pequeno. Nada comparado com esses de cidade grande.

— Já é alguma coisa. De onde venho só tem mato, vaca e cavalo.

— Então vai gostar daqui. Pelo menos, temos carros e bicicletas.

Fico na dúvida se foi uma tentativa de piada, muito malfeita, ou se ele estava sendo sincero. Cruzo os braços em frente ao corpo, olhando em todas as direções, sem saber o que dizer.

— Nem me apresentei. Sou Josias, guarda com honraria da cidade.

Ele estende sua mão na minha direção, aceito o cumprimento, que vem forte e agitado para mim. Quase desloca meu braço no chacoalho exagerado que dá.

— Muito prazer. Sou Joana. — Solto minha mão do seu aperto o mais rápido possível.

— Nome bonito. Sabe, Joana, você vai ouvir falar por aí de mim.

— É mesmo?

— Sim. Salvei a inquilina que mora aqui, há uns meses. Foi um sequestro seguido de roubo de carga viva. Eram tantos bandidos, tiroteio, a coisa ficou feia, mas no fim das contas, a mulher foi salva.

— É mesmo? — Não fazia ideia da criminalidade nesta região.

Santino sempre foi considerada uma cidade tranquila e pacata.

— Sim. Fui condecorado no rodeio que aconteceu há três meses.

— Meus parabéns.

— Obrigado.

— Guarda Josias! — O homem salta no lugar quando ambos olhamos para o outro lado da rua.

A voz firme e rouca acompanha o semblante sisudo de um homem alto, forte, com a barba por fazer. Usa uma roupa ajustada ao corpo e pela corrente com distintivo no pescoço, percebo que também é um oficial da lei.

— Xerife. Pois não?

— Tá aqui *pra* trabalhar e não ficar de trela na rua.

— Oxe, mas a menina chegou agora, tô só dando uma assistência.

— *Tu não é porta-voz da cidade. Vá para sua patrulha, homem.*

Com um aceno de cabeça rápido, o guarda nada valente atravessa a rua praticamente correndo, sem nem se despedir. Antes de sair, o homem bravo toca a aba do chapéu em cumprimento, sem mostrar os dentes e parte rua afora.

Continuo no mesmo lugar, chego a cansar o corpo, então sento na mala, aguardando minha tia, que por algum motivo se atrasou, chegar para me dar abrigo.

Lembro-me da nossa última conversa ao telefone, contei como as coisas caminhavam em casa, a determinação dos meus pais de me manter por ali em busca de um bom partido.

Ela xingou nomes que nunca ousei dizer, mandou colocar meu pai ao telefone e disse que precisava da minha companhia por tempo indeterminado. Alegou a necessidade de alguém na casa dela para cuidar das coisas enquanto estava na fazenda.

Arrumei as malas no mesmo dia, parti no primeiro ônibus disponível e, quando nos despedimos na varanda de casa, minha mãe disse para eu manter o juízo e ligar sempre que possível.

De alguma forma, vi nos olhos dela a certeza de que eu nunca voltaria para aquele lugar. Sinto-me sufocada ao me lembrar do ambiente, as paredes que decorei, os mesmos móveis no lugar, o quintal grande e espaçoso, mas sem vida alguma.

Recebi uma criação fechada e muito limitada. Criada no conceito de nada pode e tudo é errado, não tive muitos amigos na infância, quando cresci seguiu o mesmo caminho e só podia sair de casa para estudar, ir à igreja, ou visitar algum parente, junto com um deles.

Não os culpo por quererem me proteger, sei que fizeram o seu melhor para que eu não me perdesse ou fosse machucada, mas existe um limite entre cuidar, zelar e simplesmente manter em cárcere privado.

Sempre sonhei em sair daquele lugar, mas nunca quis que isso acontecesse por me casar com alguém. Não compraria minha liberdade com uma aliança no dedo, de forma alguma.

Quando finalmente eu subir no altar, será por amor e, obviamente, o homem à minha espera saberá que nos pertencemos por sentimento, não pela necessidade de mudar minha situação.

Percebo uma sombra pairar sobre mim, aplacando o sol escaldante sobre a cabeça. Olho para cima e salto no lugar, agarrando o pescoço da minha tia que mantinha a pose de durona.

— Tia!

— Larga *deu*, menina. Vai destroncar meu pescoço — ela ralha, mas o humor na sua voz condena a mesma alegria que a minha.

Desde pequena, sempre fui apegada a ela, lembro-me da minha mãe contar que quando ela mudou da nossa cidade, eu tinha dois anos, passei uma semana com febre e chamando pela tia Dô.

— *Tava* com saudade, uai.

— E saudade mata, agora? — Ela afasta meu corpo e me confere dos pés à cabeça. — *Tá* bonita, menina.

— Agradecida. — Cruzo uma perna atrás de mim e dobro os joelhos em reverência.

— Deixe de ser abobada. — Ela contorna meu corpo e pesca o molho de chaves da pequena bolsa para abrir o portão.

O ar alegre em seu rosto só demonstra que a casca que exhibe é fachada para quem não a conhece de verdade. Tia Dolores passou por muita coisa quando saiu da nossa cidade, foi julgada e apontada por todos, até meus pais ficaram ressabiados com sua escolha, mas no fim apoiaram a mudança.

Puxei a alça da mala e segui seus passos para dentro da casa, o coração tamborilando feito cavalo selvagem no peito, ansiosa e animada demais para conseguir me conter.

Assim que meus olhos escaneiam a pequena sala, as lembranças de infância vêm com força, miro a mancha na pequena mesa de madeira entre os sofás, danificada pelo copo de água que deixei sobre ela por horas, certa vez, nunca saiu.

Saudosa, fecho os olhos por um momento inspirando o cheiro daquele lugar, liberdade, oportunidade, é exatamente isso que sinto cada vez que coloco meus pés aqui.

Não sei como aguentei ficar tantos anos sem voltar, depois que concluí a escola, meus pais se tornaram mais rígidos quanto à minha vinda, sempre alegando algum motivo para que eu nunca conseguisse sair de lá.

No fundo, acredito que eles já sabiam como seria quando eu me tornasse dona da minha própria vida. Sempre disseram o quão parecida sou com a tia Dolores e o medo da influência dela sobre minhas escolhas tendenciosas só pioraria a situação.

— *Tá* meio empoeirado, não tive tempo de vir limpar, mas *tu* da conta.

— Não se preocupe, não, tia.

— *Num tô*. Sei que *tu vai* cuidar direitinho das coisas por aqui. *Bora pra* cozinha, vou passar um café fresco.

— Não tem chá? — Torço os lábios ao ouvir a menção.

Ela me encara sobre o ombro e balança a cabeça, indignada. Sempre achou estranho meu hábito de preferir a um bom chá do que a bebida forte e preta. Só de pensar no gosto amargo, sinto meu corpo estremecer.

— Ainda com a mania dos chás.

— Hábitos que nunca mudam. — Ergo os ombros, mesmo que ela não esteja vendo.

Tomo o assento na cadeira enquanto ela pesca os utensílios para coar o café, mas noto outra chaleira no fogão, água quente para meu chá. Sorrio e tiro o celular do bolso de trás do short, conferindo as mensagens.

Preciso ligar para os meus pais e avisar que cheguei bem, sinto um aperto incômodo no coração, não queria sair da forma que foi, prefiro uma boa conversa honesta ao invés de driblar as imposições deles, mas não tive outra saída.

— E como está aquele velho rabugento que chamo de irmão? — Tia Dolores volta a me encarar.

Seus olhos astutos parecem saber exatamente o que se passa na minha cabeça, os pequenos braços cruzam em frente ao corpo enquanto aperta os lábios em uma linha fina.

— Você conhece o seu Bento. Sempre de cara amarrada, mandão e preocupado com o que os outros vão dizer. — Dou de ombros.

— Tua mãe é uma santa por aguentar aquele homem.

— Ela também tem seus defeitos.

— Principalmente omissão.

— Nem todo mundo tem a mesma coragem que a sua, tia — falo baixo, sem intenção de rebater.

Sei bem que suas palavras trazem a pura verdade sobre eles. Enquanto meu pai sempre ditou suas regras rígidas para nosso modo de viver, minha mãe obedeceu e nunca se incomodou em contestar.

— Eu tinha dois caminhos, menina. Ser oprimida por uma vida inteira, sem saber quanto tempo duraria ou, simplesmente, partir. A segunda opção sempre foi a mais atraente.

— Mas não é a mais fácil.

— Não. Mas quem disse que na vida as escolhas são? — Ela ergue as sobrancelhas. — Você é muito jovem ainda, tem tanto que aprender, viver e decidir,

mas se vale o conselho dessa velha, ouça sempre seu coração. Ele tem as respostas que procuramos ao redor.

— Eita, *tá* falando muita palavra bonita, hein, tia?

— *Tu tome* prumo ou o pau te acha, dona Joana. — Para enfatizar a reprimenda, ela ergue a mão direita e sacoleja a palma em minha direção.

Solto uma gargalhada alta, lembrando-me da quantidade de vezes que já a ouvi falar desse jeito quando aprontava na rua com as crianças.

Levanto da cadeira em um pulo e contorno a mesa abraçando seu corpo de lado, fazendo com que ela proteste todos os xingamentos no processo.

— Vou banhar, tia.

— Ande logo, antes que a água do chá esfrie.

— *Tá* certo.

Corro para o quarto de hóspedes, onde costumava ficar quando a visitava. Jogo a mala sobre a cama e a abro, tirando de lá um vestido leve e fresco, pego uma toalha no maleiro e caminho para o banheiro.

Dez minutos depois, estou refrescada e sentada na mesa enquanto bebo um gole generoso do chá. Estamos conversando sobre a fazenda e o quanto a Bárbara, filha de César, está progredindo com o lugar.

Por alto, a tia me contou o que aconteceu alguns anos atrás, um rebuliço sem fim, que quase fez a mulher perder tudo, mas graças ao peão, que se apaixonou por ela, conseguiu se reerguer.

Achei linda a história de amor dos dois, até queria mais detalhes sobre o envolvimento, mas tia Dolores é sucinta demais para falar sobre romance. A mulher até parece feita de ferro e com coração de pedra.

Ouvimos uma batida suave na porta da sala seguida de passos discretos pelo corredor, ambas nos atentamos na passagem, aguardando quem poderia ser.

— Dona Dolores, licença, a porta *tava* aberta. — Uma voz feminina surge junto da figura estonteante à minha frente.

Cabelos loiros, claros como raios de sol, adornados por uma faixa vermelha, o batom no mesmo tom, camiseta xadrez ajustado nas curvas, com os três primeiros botões abertos, revelando um colo avantajado.

Quase gemo em frustração, lembrando-me dos meus dois limões pequenos e espremidos.

Para completar, a mulher tem um corpo violão, quadris largos, coxas

torneadas dentro do jeans ajustado e um sorriso aberto e caloroso.

— Tarde, sou Tetê, inquilina da dona Dolores.

Ela estende a mão e vem em minha direção completamente aberta e receptiva. Automaticamente gosto dela, sorrio com a mesma empolgação e quando nos cumprimentamos sinto que acabo de ganhar uma amiga.



Capítulo 2

“...estou petrificada observando o sorriso faceiro dele...”

Joana

Meia hora de conversa foi o suficiente para confirmar o que minha intuição gritou, logo que coloquei meus olhos sobre a loira estonteante na cozinha de tia Dolores.

Dona Tetê representava toda a força e autenticidade que era oprimida em mim por todos os anos de criação retrógrada. Percebi o intuito da tia quando a incentivava a falar mais e mais sobre sua vida e como chegou a Santino.

Um passado muito mais pesado que o meu, escolhas erradas que a fizeram caminhar por longos anos em uma vida destrutiva, até se libertar de amarras, crenças e conceitos que não a preenchiam como indivíduo.

E é neste ponto que nos identificamos.

Absolutamente nada do que vivi representa quem eu sou ou o que almejo, mesmo que no fundo ainda não soubesse, até temesse a um futuro livre de regras, o entusiasmo e alegria em seu tom me animava demais para descobrir.

Nós nos despedimos com a promessa de sair algum dia desses, quando obter uma folga da lanchonete, teremos uma noite de garotas no bar da cidade.

Assim que fico sozinha em meu quarto, deixando tia Dolores na sala com as novelas que ela ama assistir, deito a cabeça no travesseiro e levo mais tempo que o habitual para conseguir dormir.

A ansiedade sobre o amanhã, o futuro, preenchendo a imaginação e os sonhos, quando finalmente adormeço.

Acordo cedo na manhã seguinte, ouço um barulho vindo da cozinha e sorrio, sempre tive o hábito de levantar cedo, mas tia Dolores exagera, acredita que acordar com o sol ainda escondido é a melhor maneira de começar um novo dia.

Chego à cozinha e a vejo servir sua xícara com café, uma olhada rápida no fogão e o bule com água fumegante me espera, ao lado, na pia, uma caixa pequena com sachês de chá.

— Dia, dorminhoca.

— Ainda são sete da manhã, tia.

— E eu já adiantei metade da vida enquanto ainda dormia.

Sirvo a xícara vazia com água, pesco um sachê e mergulho observando a infusão acontecer. Balanço a cabeça quando a vejo torcer os lábios para minha ação,

inconformada pela preferência.

— Vou cuidar da casa e depois sair em busca de ocupação.

— Se quiser, posso ver um trabalho na fazenda.

— Não! Definitivamente não quero me enfiar na roça.

— Imaginei. — Ela dá de ombros. — Preciso voltar hoje, ficar muito tempo longe torna aquele casarão um pandemônio.

— Com sua personalidade, não duvido que até os donos andem na linha. — Sorrio de lado quando ela estala a língua e torce a boca.

— Alguém precisa ter pulso para manter as coisas em ordem.

— Tem razão.

— Já ligou para os seus pais?

— Ainda... não.

— Sua mãe me ligou ontem à noite. Avisei que está tudo bem.

— Por que ela não me ligou? — Arregalo os olhos, incomodada.

— Ela só queria acalmar o coração, criança. Não precisa se armar de pedras.

— Eu não estou...

— *Tá* sim. *Tu* passou tempo demais trancada para acreditar que as pessoas só se preocupem com seu bem-estar. Eu sei bem como é isso.

Um sorriso triste despenda dos seus lábios e o olhar de compreensão para mim, mostra que somos realmente muito parecidas, principalmente em relação à intromissão alheia.

— Cedo ou tarde, vou ligar e explicar tudo.

— Que não volta mais? Isso já *tá* mais que claro.

— Ainda assim, deveria ter feito pessoalmente. — Solto o ar com pesar.

— Deveria, mas... o que está feito, está feito. Lamentar não vai voltar o passado.

— Preciso de um emprego. — Sorvo um gole do chá. — Sustento e ocupação, isso vai ajudar.

— Concorde. Vá até a lanchonete, converse com a Carlota. Ela sabe tudo sobre o comércio.

— Eu irei. — Caminho alguns passos em direção ao corredor, mas volto a

cabeça para ela. — Obrigada. Por tudo. — Deixo transparecer toda a gratidão que sinto.

Permito que ela veja o quão importante foi tê-la como base e inspiração, que durante todos os anos que sonhei em viver por minha conta, sempre acreditei que se ela foi capaz, eu também seria.

Estar diante de um caminho que só depende de mim é assustador, são tantas as possibilidades de errar, fracassar e aguentar o julgo alheio, que mesmo com essa euforia presente no meu peito, ainda tenho que lidar com medo, porém agora, de que seja tudo uma ilusão.

Somente quando encaro minha tia, vendo tudo que abriu mão para fazer o que lhe fosse conveniente, é que aplaco esse sentimento e acredito, mesmo à custa de um preço alto, que nada e ninguém pode me impedir de sonhar, planejar e realizar.

Antes de sair de casa, me despeço da tia, prometendo uma visita na fazenda assim que possível, entro na lanchonete indicada e o cheiro delicioso de assados frescos preenchem o ambiente.

Dona Tetê me encara com um sorriso no rosto assim que estou próxima do balcão e tomo o assento à minha frente. Aceno com a mão e ela vem até mim com uma jarra de alumínio empunhada.

— Olha *tu* aí. A que devo a honra? Quer provar um dos meus bolos?

— *Tu* que faz?

— Sim. Eu e Diógenes, um dos donos e marido da Carlota.

— Quero sim. *Tá* com uma cara boa.

— Não só a cara, saiba disso — ela solta em tom de alerta e rio baixo.

Assim que o prato é depositado à minha frente, pesco o garfo e inspiro aquele aroma delicioso, minha boca saliva ao aceitar de bom grado a fatia generosa que cortei. Fecho os olhos e um gemido contido escapa quando o gosto saboroso e macio toca meu palato.

— Ela fica ainda mais convencida e abestada quando alguém reage assim, moça. — Abro os olhos para ver uma mulher, linda, parada ao lado de Tetê.

Os cabelos puxados para trás em um coque elegante, pequenos brincos de pérolas na orelha, as unhas, bem-feitas em tom discreto e um sorriso acolhedor nos lábios. Foi tudo que percebi antes de colocar a mão em frente da boca para esconder o sorriso.

— Isso *tá* muito bom.

— Ah, eu sei. — Dona Tetê dá de ombros com os dentes à mostra, feliz.

— É nova na cidade. — A mulher limpa o balcão com um pequeno pano.

— Ela é sobrinha da dona Dolores. Lembra que te falei? — Tetê aponta para mim com a palma para cima.

— Ah, sim. De fato, vocês se parecem.

— Ela é irmã do meu pai.

— Seja bem-vinda a Santino. Uma cidade tranquila, mas cheia de particularidades.

— E gente fofqueira. — A loira cruza os braços em frente ao corpo.

— Isso que eu quis dizer com particularidades.

— É só não dar trela *pra* esse povo.

— Igual a *tu* quando chegou?

— Já falei que eu era perseguida, até pelo xerife. — Dona Tetê exhibe um semblante de descaso.

— Todos sabemos bem o que aquele bronco queria de *tu*.

— E eu dele. Porque não sou besta. — Ela dá de ombros quando escancara um sorriso desinibido e ousado.

— Deixe de ser exibida, Tetê. Agora me conte, criança, o que *tu* faz aqui. Férias?

— Mais ou menos. No momento, queria arrumar uma ocupação, tia Dolores disse *pra* te procurar.

— Por agora, não *tô* contratando, mas posso perguntar para algum comerciante.

— Agradeço.

— Qual é seu nome mesmo?

— Joana.

— Mas pode chamar de Jô — dona Tetê mais do que depressa adianta.

— Isso. — Sorrio de novo.

— Acho que o Tadeu pode precisar de alguém no bar. Podemos ir lá mais tarde.

— Não conheço muito ele ainda, só que é bastante simpático.

— Tadeu é um pedaço de chocolate suculento que qualquer um adoraria degustar. — Tetê se abana ao mencionar o homem.

— Deixe o Matias ouvir isso.

— E eu falo. — Ela dá de ombros. — Vou mentir e dizer que aquele *homão* todo não é desejável? Eu não.

— E onde fica esse bar? — pergunto, ainda mais curiosa.

O objetivo é encontrar um trabalho e sustento, mas se com ele vier um patrão boa pessoa e lindo, será um bônus para meus olhos.

— Na entrada da cidade. Já trabalhei lá, uma semana, com o antigo dono. Tadeu tem feito melhorias no lugar, tornando o ambiente mais habitável para a população de Santino.

— Será que ele me daria uma oportunidade? Nunca trabalhei, mas aprendo rápido.

— Garota, se *tu* souber servir bebida com rapidez, limpar mesas e manter cliente abusado em seu devido lugar, duvido que ele não te contrate. Mais tarde nós vamos lá e te apresento *ele* — a loira discursa, como se a vaga fosse minha e seu otimismo me contagia.

Termino de comer o pedaço suculento de bolo enquanto ouço as duas tagarelarem sobre os moradores, os comércios e a rotina de Santino. Descubro na conversa que Tetê é namorada do xerife, que desconfio ser o mesmo homem que ralhou com o guarda ontem, quando cheguei.

Se for mesmo, só posso dizer que a loira à minha frente tirou a sorte grande, porque o homem é lindo demais, emana uma postura firme e imponente. Deve ser divertido acompanhar a personalidade contraditória dos dois.



Encaro a placa por tempo suficiente para que minha acompanhante esbarre seu ombro no meu, a fim de me tirar dos questionamentos que se formaram de imediato.

“Pau Dentro. Quem, diabos, coloca um nome desses em um bar?”

— É engraçado. — Ela ergue os ombros com um sorriso divertido na face. — Venha. Não deixe o nome te assustar.

— Eu não deixei — rebato, incomodada por ela perceber o que se passava na minha cabeça.

Claro que o nome me assustou, já consegui projetar a ideia de um bordel, cheio de homens e mulheres que oferecem serviços... sexuais. Só de pensar no horror estampado no rosto dos meus pais assim que souberem, estremeço o corpo todo.

Assim que passamos pelas portas duplas encaro o ambiente, claro e bem iluminado, mesas de madeira escura, que combinam com a grande bancada à nossa frente, as cadeiras e as banquetas estofadas, em tom terroso, encaixam com perfeição.

Olho para cima, encantada com a roda de carroça rodeada de lâmpadas amarelas, redondas e pequenas, que ajudam a iluminar o ambiente. Algumas pessoas ocupam o lugar, para um dia de semana não é um grande movimento, mas acredito que tenhamos chegado cedo demais.

— Ninguém atende nesta espelunca? — Dona Tetê bate a mão espalmada sobre o tampo de madeira quando sua voz agitada preenche o ambiente.

Viro o rosto para o salão só para não encontrar alguém interessado o suficiente na entrada estrondosa da loira.

— Palavras afiadas assim só poderiam vir de uma pessoa. — Sinto minha nuca arrepiar na mesma medida que os pelos do braço eriçam.

Aquela voz é cativante e incomum, vasculho no fundo da cabeça o reconhecimento que preencheu meu corpo quando absorvi seu timbre. Giro devagar no lugar, louca para sanar a curiosidade repentina e, ao mesmo tempo, temerosa de quem vou encontrar.

Nada me preparou para o choque, meus tímpanos ocultam o barulho externo enquanto só as batidas descompassadas do coração os preenchem. Tento engolir por puro reflexo, mas a secura na garganta só embola a língua em uma tentativa frustrada de movê-la.

Tenho certeza de que o espanto é evidente, estou petrificada observando o sorriso faceiro dele, leve e convidativo, direcionado à dona Tetê que disparou a falar sem parar.

Só consigo pensar em o quanto a providência divina é bondosa, ou perigosa, a ponto de me colocar diante, mais uma vez, do homem que desconcertou e amedrontou o suficiente meus sentidos, para que eu fugisse daquele pulgueiro em minha cidade natal.

Estava determinada a me rebelar naquele dia, disposta a enfrentar qualquer bronca ou castigo dos meus pais, pronta para brigar pela juventude que me era tomada a cada dia.

Mas quando seus olhos me examinaram, escrutinando toda minha face e parte do corpo que sobrepujava a bancada do bar, perdi a determinação. Por um milagre consegui pedir uma cerveja, era o que as pessoas faziam em um bar, afinal.

Ainda me pergunto como alguém consegue beber aquela coisa amarga e estranha. Só não transformo o semblante em completo nojo, pois ele escolhe este momento para direcionar aquele lindo par de olhos escuros e curiosos na minha direção.

Sua sobrancelha franze, como naquele dia, no entanto, hoje é mais sutil. O mesmo escrutínio estudando meu semblante, buscando por alguma resposta instantânea para a dúvida que paira em seu rosto.

— Ah, deixa eu te apresentar. Essa é a Joana, Jô, para os amigos. Ela precisa de um emprego e eu sei que você tem uma vaga aqui — a loira continua tagarelando, sem perceber o que se passa em nossa troca de olhares. — Jô, esse é o Tadeu. *Deuso* de Ébano que resolveu nos presentear com sua presença permanente em Santino. — Ela ri abertamente.

Não ousou mover um músculo sequer, cética da coincidência, guerreando com minha razão, buscando a melhor explicação para nos encontrarmos mais uma vez.

— Muito prazer, Joana. — Seu tom é mais baixo, forte e imperioso, mas de alguma forma incomum, carinhoso.

Completamente contraditório, de fato, mas não imaginava nem que um homem com contornos tão fortes e evidentes, transparecendo uma muralha impenetrável de amabilidade pudesse de fato sorrir.

Diferente do ar perigoso que mostrou aquele dia, no pulgueiro, hoje as chamas em seus olhos são mais cativantes do que perigosas.

Encaro a mão estendida do homem e quando minha palma se fecha na sua, em um aperto delicado e atraente de sua parte, estremeço. Não sei se pelo contato quente e convidativo ou pelo fascínio em ver o quanto nosso tom de pele se contrapõe e se destaca uma sobre a outra.



Capítulo 3

“...meu corpo gostaria de ser tocado por aquelas mãos quentes e grandes, cheias de malícia e independência.”

Joana

Não sei dizer exatamente por quanto tempo permaneci em contato com sua mão grande e quente, mas o leve pigarrear ao meu lado, faz a realidade se tornar palpável para desfazer o contato com rapidez.

Também sou a primeira a desviar os olhos, quando suas sobancelhas erguem, ainda me analisando. Encaro dona Tetê, que mantém um semblante curioso em nossa direção.

— Vocês já se conheciam?

— Não! — respondo de imediato, uma rápida olhada em sua direção e o seu cruzar de braços sobre o peito mostra que ele se recorda muito bem de mim.

— Acredito que não, mas quem pode saber? Já estive em muitos lugares. — Seu tom é quase um alerta.

— A Jô veio de uma cidade muito pequena, menor que Santino e precisa de uma ocupação.

— Tem alguma experiência de trabalho? — Sei que a pergunta é feita diretamente a mim, mas a covardia não me permite encará-lo.

Cruzo os braços estendidos em frente ao corpo, assim como fiz quando entrei no pulgueiro e pousei meus olhos nele, atrás do balcão.

— Não — respondo, mais baixo do que pretendia.

Miro o balcão à minha frente, agindo feito uma criança medrosa, sinto uma mão delicada e quente espalmar na minha lombar e dar um leve impulso para frente. Sutil e imperceptível, dona Tetê me passa apoio e incentivo.

Finalmente ergo os olhos fitando, mais uma vez, a miríade de questionamentos naquele olhar tempestuoso. Engulo em seco e empurro os ombros para trás, solto as mãos na lateral do corpo e busco aquela fagulha corajosa dentro de mim.

— Não tenho experiência, ainda não tive uma oportunidade. Mas garanto que sou ágil e esperta. Faço conta de cabeça também. — Consigo tornar minha voz mais firme, segura das verdades que saem no discurso.

Sua cabeça tomba de lado, quase imperceptível, ainda me avaliando com atenção, até diria com interesse genuíno.

— Vai ficar com esse *zóio* matador até quando, Tadeu? Dê logo uma chance *pra* menina — dona Tetê intervém.

— Podemos fazer um teste amanhã, de dia. Tenho experimentado algumas receitas, preciso de alguém que me auxilie na cozinha. — Ele sinaliza com a cabeça para a porta da retaguarda.

— Vai ter coisa boa *pra* servir? — a loira pergunta, bastante interessada.

Finalmente ele quebra o contato comigo, solto o ar que comprimia meus pulmões, aliviada por sair do seu radar, mesmo que temporariamente.

— Estou testando algumas coisas. Porções e pratos rápidos. Muitos forasteiros vêm em busca de algo para comer, essa parte era a mais defasada do bar.

— Realmente não tinham muitas opções para comer. Boa ideia.

— *Tu chega* aqui amanhã, por volta das 15h. — Tadeu volta a me encarar.

— *Tá certo*. Agradecida pela oportunidade.

— Faça valer a pena, Joana. — Pode ser coisa da minha cabeça, mas senti uma empolgação em seu tom.

— Ela fará. Pode ter certeza — dona Tetê responde por mim quando percebe meu estado paralisado. — *Vambora!* Até mais ver, Tadeu.

Ele acena com a cabeça para a loira, mas seus olhos ainda permanecem em mim, curiosos, intrigantes, buscando respostas que eu duvido muito ter para sanar seu estado de espírito.

Saímos pela porta e para aplacar a batedeira nas pernas e no peito, puxo o ar com força algumas vezes, até que esteja mais fácil respirar.

— Tô achando que sua experiência aqui vai trazer muito aprendizado. — Ela estala a língua com um olhar dissimulado em minha direção.

— Do que a senhora tá falando?

— Oxe! Senhora, não, menina. Tá certo que sou mais velha que *tu*, mas não carece de tanta formalidade. Só me chama de Tetê.

— Força do hábito.

— Eu sei. Tem certeza de que vocês não se conhecem? — Ela aponta com o polegar para dentro do estabelecimento.

— Tenho. Sempre vivi dentro de casa, não saía na minha cidade, nem tinha para onde ir, na verdade.

— Bom, agora *tu* tem um emprego. Já começou bem, menina. — Ela bate com o ombro na lateral do meu.

Sorrio de forma aberta, feliz com o primeiro passo dado. Nunca imaginei que arrumaria um trabalho tão rápido, claro que precisarei esconder algumas informações dos meus pais quando contar. Seria capaz deles baixarem em Santino só para me impedir de entrar no bar.

Voltamos para casa caminhando, não é longe, mas o caminho é deserto o suficiente para que eu questione como voltarei embora todos os dias.

Durante o percurso, Tetê contou mais sobre meu futuro patrão. Tentei não parecer tão interessada, quando ela mencionou a cidade de Palomino e o sucesso que o atendente fazia por lá.

Não tenho dúvida alguma de que em qualquer lugar que ele esteve, o sucesso foi grande. Sou uma faísca de gente perto do tamanho dele. Ombros largos, braços fortes, não consegui reparar muito no tronco, mas o que foi apresentado bastou como base, deve cultivar vários gomos significativos no abdômen.

Quando chegamos em casa, me despeço dela no portão, e uma caminhonete grande para do outro lado da rua, chamando nossa atenção. Confirmando minhas suspeitas, o homem sisudo de ontem é o tal xerife, que

namora a Tetê.

A mulher, sem qualquer pudor por quem esteja ao redor, sobe no apoio da porta e enfia o tronco para dentro do carro, dando um beijo cinematográfico no delegado.

Coro quando percebo ser uma telespectadora interessada demais. Sacudo a cabeça, dispersando os pensamentos impróprios que invadiram minha mente, ao me imaginar em seu lugar, com outro parceiro, claro.

Tomo meu rumo para dentro dos portões e quando abro a porta de casa, ouço a caminhonete partir acelerada pela rua. Pelo jeito, hoje a noite será solitária, somente minha companhia, o que me deixa feliz.

Sozinha, posso colocar as ideias no lugar, assim como meus sentimentos recém-despertos da surpresa em meu caminho. Nunca imaginei encontrar o homem que atçou tanto os meus sentidos com um simples olhar.

Algo que só acontece nos livros, aquela química instantânea que mexe com os sentidos de forma irrevogável e leva a pessoa a agir de forma diferente. Sinto as bochechas corarem só com a lembrança.

Ainda não sei o quanto disso é bom ou ruim. A primeira vez me assustou, hoje fiquei em estado quase catatônico, mas amanhã acontecerá o verdadeiro teste de fogo.

Tenho tão pouca experiência com o sexo oposto, nunca passei por algo assim, mesmo com a escassez de oportunidades, devido à criação. Tive meus namoricos, na época de escola, e foi com meu melhor amigo que resolvi perder a virgindade.

O ato divino e celestial que minha mãe pintou certa vez quando conversamos sobre namorar e casamento. Na sua concepção, eu deveria me resguardar, pois a virgindade é o bem mais precioso e que deve ser entregue ao homem com o qual me casar.

Faço uma careta ao imaginar esse destino, fadado a uma escolha sem a certeza se poderia dar certo e, principalmente, se me faria feliz.

A única coisa que conseguia pensar desse futuro traçado era: e se eu não gostar do que ele oferecer? E se formos incompatíveis na intimidade?

Determinada a testar a libido que despertou em mim, conversei com meu melhor amigo na época, Sandro, e resolvemos, juntos, sondar coisas novas.

Meus pais nunca souberam da nossa amizade próxima, já que diziam que meninos e meninas não podiam andar juntos. Então eu tinha o cuidado de me referir a ele como “Sandra”, filha de algum empregado de fazenda, longe o suficiente para nunca interessar à minha mãe descobrir quem era.

Nunca foi amor, ambos sabíamos que estávamos ultrapassando uma barreira complicada, mas fui convincente quando argumentei sobre meus medos e assustei o suficiente seu ego masculino ao dizer que precisava de prática, para quando finalmente conseguisse namorar alguém de quem gostasse de verdade.

Juntando os argumentos e os hormônios gritantes em ambos, passamos a testar algumas coisas. Beijos acalorados com mãos salientes, em outro momento nos esfregamos um no outro, sentindo o prazer percorrer por alguns pontos, até que chegamos à última base.

A mão no ponto latente de cada um. Apesar de determinada, levamos cerca de três meses para finalmente deixar rolar, até ali já tínhamos enlouquecido com tesão e descobertas desconhecidas para ambos.

Usávamos um celeiro abandonado, sempre depois da última aula, eu alegava para minha mãe que precisava estudar, pesquisar e ficar na biblioteca da escola.

A primeira vez aconteceu e foi estranha, apesar de Sandro perguntar o tempo todo se eu estava bem, afinal, a dor no ato era minha. Cuidadoso e carinhoso, nos enroscamos no feno coberto por um lençol velho, ele tinha o cuidado de levar todas as vezes que nos encontrávamos assim.

Demorou menos tempo do que imaginei, doeu bem mais do que previ, mas no fim estava feito. Conheci o sexo com meu melhor amigo, foi uma experiência diferente, longe do que esperava, mas não de todo ruim.

Talvez fosse por não sentir nada por ele além de uma amizade sincera, não tinha paixão ou amor, como via nos romances que lia e assistia na televisão. Esperei por aquela fagulha, o momento do êxtase me tomar, fazer meus olhos revirarem e tirar meus sentidos da realidade, mas não

cheguei nem perto.

Ele, por outro lado, achou incrível, o fiz descrever todas as sensações e como aconteceu seu momento mágico. No fim, dei de ombros e pensei que talvez o problema fosse comigo.

Depois dessa vez, nunca mais fizemos, ele não pediu, eu não sugeri, achei melhor tentar encontrar esse prazer sozinha, durante a madrugada em meu quarto, livre da pressão de ser a filha direita e comportada, que minha mãe insistia em dizer que eu era.

Mais um mês tentando, pesquisando e até assisti a alguns vídeos nada apropriados para aprender, finalmente consegui. Encontrei as estrelas, o fogo, a falta de ar e o desejo de explodir em pequenos pedaços lânguidos, quando meu corpo todo estremeceu e um raio de prazer atingiu o meio das minhas pernas.

Foi tão bom que na mesma noite testei de novo, depois de um tempo, para que meu corpo se recuperasse e a sensibilidade desse lugar ao prazer mais uma vez.

E, desde então, essa tem sido minha vida amorosa. Resumida a meus dedos e as fantasias que crio na mente, onde ninguém pode ver, julgar, ou dizer que é correto ou errado.

O medo de meus pais me empurrarem para um casamento era tão grande, que quando terminei a escola, fiquei enclausurada em casa por quase quatro anos. Não tinha amigos, afinal, não poderia sair mesmo, meu divertimento se resumia à missa aos domingos, casa de parentes em comemorações e andar de bicicleta pelos campos ao redor.

Nunca dei um segundo olhar mais distante, até o dia que discutimos quando argumentei que gostaria de estudar na capital. Meu pai disse que era frescura, isso só servia para desvirtuar boas moças e que meu lugar era ali, até arrumar um marido.

Fiquei com tanto ódio que saí na calada da noite, sabia da existência do pulgueiro próximo à saída da cidade. Estava determinada a beber, dançar e aproveitar tudo que uma pessoa da minha idade tinha o direito.

Até se um homem interessante o suficiente me cativasse, iria para a

cama com ele, só para chegar em casa e pisotear no autoritarismo do meu pai que minha vida não era sua para decidir o que fazer.

No momento da raiva, a coragem surgiu, me levou até o bar, mas quando bati os olhos naquele homem, senti que fui sugada, tragada para dentro do mar tempestuoso de seus olhos. Insisti, ocupei a banquetta e pedi a primeira coisa que me veio à mente.

Quando ele questionou minha idade, a raiva voltou a borbulhar, já me bastava um homem querer mandar e desmandar em minha vida, não precisava de outro.

Uma petulância incomum despertou e me fez agir por impulso e beber aquela coisa horrível. Seu olhar indignado quando cuspi quase tudo em cima dele me fez querer correr.

Então obedeci. Corri como uma desesperada e logo estava dentro do meu quarto, ofegante, suada, fedendo a bebida, com a adrenalina tremulando todo meu corpo.

Acabei rindo, tapei a boca para conter a gargalhada que tentava escapar da minha garganta, ao imaginar tudo que se passou na cabeça dele. Gostaria de ao menos saber seu nome, pois eu tinha certeza de que ele jamais sairia da minha mente.

E foi o desejo de viver coisas assim, de sentir novamente esse interesse instantâneo me chamando como um metal ao ímã, que comecei a rebelar meus desejos em casa e liguei para tia Dolores, implorando por socorro.

Estava sufocada demais naquele lugar, só percebi isso quando enxerguei o ar livre e desimpedido em torno daquele corpo grande e truculento.

Talvez um dia eu deva agradecer a Tadeu. Não hoje, já que ainda não sei como será a experiência de trabalhar em um bar ao seu lado.

E, definitivamente, não agora, que só consigo pensar em diversas formas que meu corpo gostaria de ser tocado por aquelas mãos quentes e grandes, cheias de malícia e independência.



Capítulo 4

“Desconfio que Tadeu possa ser o melhor primeiro patrão que eu poderia ter.”

Joana

Acordo o sol já invade, determinado, as frestas da janela, pigarreio ao terminar de me espreguiçar, verifico as horas e salto da cama tropeçando no lençol.

Corro para o banheiro cambaleando e faço minha higiene apressada, não acredito que levantei tão tarde assim, nunca fui uma pessoa dorminhoca, mas ao lembrar o motivo pelo deslize, a noite agitada e mal dormida, torna a situação mais que compreensível.

Aquela pele escura e brilhante, esmagando meu corpo contra o feno, no antigo celeiro que costumava viver minhas experiências sexuais, sua boca carnuda sugando os pequenos seios entumecidos, fazendo meu corpo arfar em resposta.

Sacudo a cabeça liberando os sonhos devassos da minha mente, visto uma roupa de ginástica, prendo o cabelo revolto em um coque bagunçado e saio de casa, determinada.

Ainda tenho tempo até o teste à tarde, quero explorar um pouco da cidade, quem sabe comprar algumas coisas, apesar de tia Dolores ter deixado várias marmitas congeladas na geladeira, ainda tenho que abastecer a despensa.

Por sorte, juntei um pouco de dinheiro com os trocados que conseguia da minha mãe, vendi minha bicicleta dias antes de vir para Santino, até parece que estava prevendo o que aconteceria, guardei tudo em uma caixa que mantinha escondida e esperei.

O montante não é muito, mas consigo me virar por este mês, se tudo correr bem no teste, terei um salário para me tranquilizar dali por diante.

Atravesso a praça, animada, vou até a lanchonete conversar com a Tetê e Carlota, para pegar algumas dicas de onde comprar suprimentos sem gastar os olhos da cara.

— Dia, moça. — Interrompo os passos ao ver o mesmo guarda que me abordou no dia que cheguei.

— Oi, seu guarda. Bom dia.

— Conseguiu achar sua tia? — Ele para diante de mim com as mãos apoiadas no cinto.

— Sim. Consegui.

— Que *bão*. Já que é nova na cidade e não conhece ninguém, posso te mostrar tudo. Conheço cada canto disso aqui. — Ele aponta ao redor. — Termina meu turno no meio da tarde

Ergo os lábios sem sorrir de fato, não sei como recusar seu convite sem parecer grosseira.

— Carece não, Josias. A moça já tem compromisso à tarde. — Aquela voz cativante soa logo atrás de mim.

Giro no lugar e levo a mão na testa cobrindo a claridade do sol, que castiga a pele, para ver o tamanho de homem se aproximar dois passos e parar ao meu lado.

Uma olhada rápida, o vejo usando roupas esportivas, um calção largo, camiseta branca regata, fones no ouvido e um boné sombreando seu rosto. A pele úmida do suor, me levando direto para as lembranças do sonho.

— Dia, Tadeu. Como vai o bar?

— Bem. Progredindo.

— Que *bão*. Não sabia que vocês se conheciam. — O guarda aponta de mim para o homem.

— Vou fazer um teste no bar, esta tarde. — Encontro a voz, finalmente.

— Diacho! Coisa boa. Quem sabe eu apareça lá mais tarde.

— Ela estará ocupada. — A voz dele soa ainda mais baixa, porém determinada.

— Vou? — Cruzo os braços e encaro seu semblante sério.

— Sim. Na cozinha, comigo. — A ênfase do final me faz engolir com dificuldade.

“Não pense besteira, Joana. Não pense besteira.”

— O teste. Tem razão. — Volto a encarar o guarda. — O convite terá que ficar para outro dia, guarda. Agradeço a oferta.

— Disponha, moça. — Ela acena. — Preciso voltar à patrulha. — Ele aponta para a praça, praticamente vazia.

— Bom trabalho, guarda Josias — Tadeu responde por nós e o oficial toma seu caminho. — Preparada para hoje? — A fagulha de esperança dele não estender assunto comigo se esvai.

— Sempre. Darei conta do serviço.

— Espero mesmo, Joana.

Seu olhar profundo continua me fitando, ainda em busca de respostas para os questionamentos. A covardia de falar sobre nosso primeiro encontro me faz recuar um passo, pronta para encerrar a conversa o quanto antes.

— Até mais tarde, seu Tadeu.

— Isso fere meu ego. — Ele solta um riso baixo ao afastar um passo também.

— É o costume. — Dou de ombros pronta para virar e sair correndo.

Sinto minhas bochechas quentes como brasa, por sorte, posso alegar o calor escaldante que recai sobre nós.

— Trabalharemos nisso mais tarde. — Uma piscada de olho, o lábio preso entre os dentes e ele vira, retomando sua corrida.

Permaneço alguns minutos encarando sua figura correr, os músculos delineados se movem com graciosidade, evidenciam o preparo físico bem trabalhado e me faz ofegar, mais uma vez.

“Por que, Senhor?”

Encaro o céu de relance e questiono em pensamento. Está certo que precisava de uma mudança de vida, sair do casulo e realmente existir, mas a avalanche de acontecimentos estão me deixando receosa demais.

Retomo o caminho para a lanchonete e assim que a sineta toca ao passar pela entrada, tanto Carlota como Tetê me encaram com sorrisos

animados no rosto.

— Bom dia, dorminhoca — Tetê, provoca.

— Perdi a hora hoje.

— Pronta para o teste?

— Acho que sim.

— Fico feliz que já tenha arrumado ocupação, menina — Carlota comenta, enquanto organiza a vitrine de bolos.

— Estou bem animada.

— Eu também estaria. Aquilo sim é um patrão admirável. — Tetê apoia as mãos nos quadris.

— Tome tento que o xerife te esgana se escuta isso.

— Oxe! E *tu* acha que já não falei *pra* ele? Até pensei em voltar para o bar. — Ela sorri, maliciosa.

— Mas é desaforada demais. E vai me largar aqui? — Carlota estala o pano que estava em sua mão na direção da loira.

— De jeito nenhum. Além do que, não quero abrir mão das minhas noites com o xerife.

E como se ouvisse o chamamento, a porta é aberta e nós três viramos para a figura da lei que adentra em toda a sua pompa e virilidade. Caminhando a passos determinados até a banquetta ao meu lado.

— Falando no diabo... — ela sussurra, mas o estreitar de olhos dele deixa claro que entendeu cada palavra.

— Dia. — Ele acena em nossa direção antes de estender a mão para sua namorada. — Falando de mim, diaba?

— Não fica se achando, não, xerife. Tenho mais o que fazer da vida. — Seu tom de desdém me faz soltar um riso contido.

O olhar de reprovação do homem na minha direção faz com que eu olhe para o outro lado, fingindo que nada aconteceu. Carlota partiu para a cozinha alegando que o marido estava gastando farinha demais na massada de pão.

— Bento acabou de nos convidar *pra* jantar com ele e a esposa hoje.

— Ah, que delícia. Vou poder apertar aquela fofura de criança. — Tetê espreme as mãos nas bochechas.

— Se quiser, podemos encomendar um daquele, diaba. — O tom provocador evidente.

Em resposta, a loira joga a cabeça para trás e gargalha alto o suficiente para chamar a atenção das poucas pessoas no recinto. Acabo por sorrir, mais uma vez, contagiada pela cena.

— Deixe disso, homem. Uma coisa é paparicar os filhos dos outros. Outra é passar a madrugada em claro, trocando fraldas e dando de mamar.

— Eu faria isso, caso você quisesse. — Arregalo os olhos, talvez mais que a própria Tetê, encarando aquele tamanho de homem disposto a cuidar de um recém-nascido.

— Essa é Joana, sobrinha da Dolores. Minha nova companheira de casa. — Ela opta por mudar o rumo da conversa de forma repentina e eu sorrio apertado.

— Bem-vinda a Santino, menina. — Ele acena em minha direção.

— Não deixe essa cara de bravo te convencer, Jô. Esse daqui ladra, mas não morde. — Seus dentes brancos e à mostra não vacilam na provocação.

— Isso depende, diaba. — Ele tomba a cabeça.

Quase caio do banco com a intensidade que ele a encara, até mesmo ela, desinibida, se retrai, provavelmente com alguma lembrança particular.

— Acho que já vou, Tetê. — Levanto da banquetta.

— Mais tarde, passo no bar para saber como estão indo as coisas.

— Vai trabalhar com o tal Tadeu? — O entortar de lábios mostra que o homem não gosta muito do meu futuro patrão.

— Sim. Farei um teste lá.

— Boa sorte. Se alguém tentar alguma gracinha, não deixe de chamar.

— O Tadeu não vai atacar a garota, xerife — Tetê repreende.

— Não disse que ele faria, mas não custa precaver. Diacho!

— Isso tudo é ciúme, delegado? — O ar debochado retoma a face.

Levanto da banquetta devagar e saio de fininho enquanto eles mergulham em uma discussão e provocações sobre a forma com o dono do bar trata a loira. Ao que parece, o xerife está longe de ganhar a batalha e, por mais que eu esteja com vontade de confirmar quem ganha, prefiro caçar meu rumo.

Paro diante das portas faroeste, segui por todo caminho até aqui controlando minha respiração com puxadas profundas de ar, na tentativa boba de aplacar a bolota de fogo em minhas entranhas.

Não adiantou nada, por isso ainda estou aqui, respirando e contando até dez para finalmente entrar e enfrentar aqueles olhos curiosos. A cada minuto penso que, se ele fosse menos atraente, favoreceria mais para amenizar o nervoso que me toma.

Já basta lidar com toda a expectativa e ansiedade de finalmente algo diferente estar acontecendo em minha vida. Um emprego, para quem mal ultrapassava as cercas de casa, agora estou prestes a conhecer um ofício, pessoas diferentes, movimento, a noite alegre de farra, é mais do que suficiente para me fazer pirar.

— Vai ficar aqui em frente até que horas? — Aquela voz.

Salto no lugar e olho sobre o ombro para encontrar meu possível empregador usando uma camiseta preta, jeans escuros e coturnos no pé. Limpo e refrescado, as mãos no bolso e postura firme evidenciam os braços fortes, até os ombros largos, por onde meus olhos percorrem sem qualquer embaraço.

— Ainda não respondeu, Joana.

— Eu... é... — Seu olhar é caloroso e levemente divertido com meu descompasso. — Já vou entrar.

— Não precisa ter medo. Sei que não tem experiência e vou te ensinar. Com calma, cuidado e informando cada passo. — Engulo em seco.

— Agradeço a consideração.

— Será um prazer, acredite.

Ele contorna meu corpo e abre uma das folhas da porta, parado rente à madeira, aguardando que eu entre primeiro.

Na dúvida do sentido da sua fala, passo por ele cautelosa, brigando com minha mente pervertida que acredita fielmente em um sentido libidinoso na declaração.

“Tome juízo, Joana!”

— Vamos direto para a cozinha, depois te mostro o lugar e apresento os funcionários.

Concordo com a cabeça, mesmo que ele tenha tomado a frente no caminho para a área restrita.

Quando entramos na área reservada, ele abre outra porta, de uma folha só, com um círculo de vidro no meio, que permite observar o interior. Mais uma vez para rente à porta, com ela escancarada para que eu passe.

— Estou trabalhando um cardápio pequeno, como disse ontem. Aos poucos, quero melhorar essa parte dos serviços, mas, por ora, tenho tido um bom retorno da clientela.

Olho ao redor impressionada com o espaço, que não é muito grande, mas equipado como uma cozinha profissional. Tudo em aço inoxidável, uma bancada central reluzente que se contrapõe a uma grade acima com diversas panelas e utensílios para usar.

Na parede oposta tem um fogão industrial de seis bocas, uma caixa grande metálica com tampa de vidro, deduzo ser um forno e no canto dois aparelhos que não consegui distinguir.

— São fritadeiras — ele responde à pergunta que nem cheguei a formular. — Foi o maior investimento quando assumi. Tornar a cozinha pequena profissional o bastante para atender à demanda que pode ou não crescer.

— É linda.

— Obrigado.

— E por onde começamos? — Uno os dedos em frente ao corpo.

— Hoje vamos descobrir o que você sabe fazer.

Lanço um olhar duvidoso na direção dele, aquela semente libertina dentro de mim implorando para reavivar as memórias dos meus sonhos e interpretar, mais uma vez, sua fala de forma mais devassa.

— Cortar, picar, preparar processos, acho que isso dou conta. Não sei mexer com os aparelhos, afinal, só conheço de cozinha doméstica.

— Não se preocupe com isso, em pouco tempo você pega o jeito.

Ele caminha até o outro lado da cozinha, abre uma gaveta e tira dois panos brancos. Com um sacolejo percebo que são aventais, assim que o tenho em mãos sinto o material plastificado e pesado.

— Primeira regra: tentar sair o mais limpo possível do lugar e manter o ambiente impecável e organizado.

— *Tá certo.* — Aceno com a cabeça.

— Isso são bandanas, usamos para não correr o risco de um fio de cabelo cair onde não deve. Mantenha o seu em coque baixo e amarre a bandana por cima.

Faço conforme orientado, junto meus cabelos alaranjados em um rabo baixo, torço a extensão e enrolo em um coque. Encaixo o pedaço de pano branco, quase triangular, na cabeça, mas ele escorrega pelos fios e tenho dificuldade de amarrar.

Sinto seu cheiro fresco antes de perceber sua presença próxima demais logo atrás de mim. Seus dedos se enroscam nos meus e eu libero os pontas para ele.

— Segure a frente e posicione rente à testa.

“*Essa voz...*” — chuto-me mentalmente por quase estremecer tão próximo a ele.

— Com o tempo, você pega o jeito — ele fala ao terminar de amarrar a bandana perfeitamente encaixada. — Agora, vamos testar suas habilidades, Joana. — Respiro fundo e sorrio.

Uma nova vida, novos desafios, o desejo de fazer acontecer, tudo se reboiça no meu estômago de forma esmagadora, mas a alegria de realizar algo por mim me toma por completo.

Desconfio que Tadeu possa ser o melhor primeiro patrão que eu poderia ter.



Capítulo 5

“Apesar de ter uma boa vida, algo não se encaixava e eu sentia que precisava de mais...”

Joana

Meia hora se passou, desde que Tadeu me deixou sozinha na cozinha com uma vasilha grande de tomates para serem picados. Segundo ele, devem estar no mesmo tamanho e espessura, para que mantenham o padrão.

A parte boa de estar só agora é que ao menos tenho um descanso para o lado pervertido da minha mente, que só consegue encarar aqueles braços fortes e pensar no quão compatível seria eles em torno da minha cintura.

Sinceramente, depois que todo esse tumulto abrandar, precisarei de fato sair e conhecer alguém. Acho que minha cabeça está ficando afetada por só pensar em sexo e meus dedos já não estejam mais dando conta do recado.

— Uai, tarde. — Olho por cima do ombro e vejo um rapazote me encarando.

Bonito, um rosto delicado e simétrico, não deve ter mais que vinte anos, o que considero novo demais para mim, mas ainda assim, o sorriso branco que enfeita a boca bem-delineada me faz sorrir de volta.

— Tarde. Sou Joana, mas pode me chamar de Jô. — Volto os olhos para a vasilha à minha frente.

— Nem te conheço, Jô, mas já gostei de você me livrar da tarefa dos tomates.

— Por nada. — Faço uma careta para a vasilha e ambos rimos.

— Sou Neto, trabalho no bar desde o antigo dono. Tenho aprendido um bocado com o Tadeu e se precisar de algo, pode contar comigo.

— Ela já tem tudo que precisa aqui, Neto. — O irromper da porta acompanhado da voz grossa e baixa, acelera meu coração. — Você pode cuidar do carregamento que acabou de chegar. Vou levar mais tempo na cozinha hoje.

— Sim, senhor. — Neto caminha para a porta, descontraído. — Jô, quando estiver livre, podemos combinar alguma coisa com a turma. Você vai

gostar deles. — Aceno com a cabeça em positivo.

Um leve pigarrear me faz voltar ao balcão e encarar meu possível futuro patrão, que mantém as sobancelhas unidas e analisa demais a vasilha de tomates já picados.

— Nossa, até que não ficou ruim — menciona, ao pescar uma colher e vasculhar a porção no pote. — Pode passar para as cebolas e depois o pimentão. Certifique-se de remover todas as sementes.

— Tudo bem. — Aceno e obedeço de imediato.

Não sei dizer ao certo quanto tempo se passou desde que a tarefa foi dada, fiquei perdida entre conseguir não chorar com as cebolas e observar Tadeu se mover na cozinha com graciosidade.

O cenho quase o tempo todo franzido, deve ser um hábito quando está concentrado em algo, preparou o frango *drumet* empanado com tanta facilidade, em alguns momentos ele chegou a explicar uma coisa ou outra, sobre temperos que usa, o que combina ou não.

Hoje resolveu testar o alecrim neste prato. Na mistura, ele colocou salsinha, orégano, cebola, azeite, alho, limão, pimenta-do-reino e sal. O cheiro me fez salivar e quando empanou as coxinhas, quase pedi para fritar ao menos uma para degustarmos.

— Já terminou? — questiona, quando apoio as mãos na borda da vasilha.

— Sim.

— Ótimo. Agora tempere o vinagrete e pegue a tampa na parte de baixo do balcão para colocá-la na geladeira — dispara a ordem, sem perder o foco do que faz.

— Eu? Temperar? — Sinto o medo se alojar no meu peito.

— Sim. Qual o problema? — Ele encara meus olhos de forma desafiadora.

— Bom, eu nunca fiz isso. E se errar e não ficar bom? Vai perder tudo! — explano o óbvio.

— É só um vinagrete e não um bolo de casamento, Joana. — Sua

voz demonstra certo tédio. — Não encare os desafios maiores do que realmente são. Pegue azeite, vinagre, sal, pimenta e três ramos de salsinha. A tesoura de corte está atrás de você, na segunda gaveta.

E a tranquilidade dele em ditar as orientações se infiltra em meu humor e automaticamente sinto-me mais calma. De fato, exagerei demais antes, mas o medo de falhar é algo que não consigo evitar.

— Agora você vai dosar cada item, cuidado com a quantidade, é mais fácil chegar ao ponto do que ultrapassar e consertá-lo. — Ele aponta com o queixo para os itens que já coloquei em frente à vasilha. — Vamos! Quero que trabalhe seu paladar.

— Tá certo. — Engulo em seco e o nervoso volta a me habitar.

Com a mão um pouco trêmula, pego o azeite e a colher medidora, encho uma dose e viro no pote, meus olhos automaticamente correm para Tadeu em busca de aprovação.

Um leve aceno me incentiva a colocar mais uma colher, torno a encará-lo e ele tomba a cabeça de lado.

— Acha que duas colheres de azeite vão temperar essa quantidade toda? — Seu dedo farinhento aponta para a vasilha. — Coloque um terço de xícara e será minha única dica, Joana. O resto é contigo.

Ele vira em direção à pia, abre a torneira e esfrega as mãos para limpar o excesso de farinha *melequenta*^[1] dos dedos. Faço uma careta descontente enquanto abraço a garrafa de azeite e encaro os ingredientes restantes.

— E não adianta fazer careta nas minhas costas. Isso não vai ajudar no processo. — Arregalo os olhos e quando fito acima de sua cabeça, um grande espelho inclinado de fora a fora na parede exhibe meu reflexo.

— Desculpe. — Abaixo os olhos e pego o moedor de sal e pimenta nas mãos.

— Outra dica — ele limpa as mãos em uma toalha de papel enquanto caminha para a porta de saída —, cuidado com a pimenta-do-reino. Ela pode potencializar demais o sabor e tornar o vinagrete intragável. — Ele aperta os lábios e ergue as sobrancelhas ao salientar a informação.

Volto a encarar a vasilha que parece rir de mim no momento. Não tenho a menor ideia da quantidade que devo colocar, então sigo seu conselho. Pequenas doses, provando umas trinta vezes, finalmente chego a um sabor aceitável.

Não está salgado, nem ácido demais, peguei leve na pimenta, não deixei excesso de caldo, tampo a vasilha e sorrio satisfeita ao concluir a tarefa. Lavo as mãos e olho em volta, buscando por algo para fazer.

Como ele não deixou nenhuma orientação, saio da cozinha e vou para o salão onde outros dois rapazes varrem e limpam o salão, enquanto Neto cuida da parte interna do balcão.

— Aí está você. — Ele cumprimenta com um aceno.

— Precisa de ajuda?

— Claro. Pode lavar esses copos, enquanto eu reponho a prateleira.
— Ele larga a bucha e enxagua a mão de imediato.

— *Tá certo. Você viu o Tadeu? Ele não deixou mais tarefas na cozinha.*

— Saiu apressado depois de atender a um telefonema. Não disse se ia demorar. *Tu é sobrinha da dona Dolores?*

— Sim, sou.

— Nunca te vi por aqui.

— Eu visitava minha tia quando criança. Depois de crescida, ficou mais difícil.

— Pretende ficar?

— Por ora, sim. Ainda não sei o que fazer.

— Uai, como assim? — Olho por cima do ombro e Neto está me encarando.

— Quero estudar, mas também trabalhar e conhecer outros lugares.

— Vai cair no mundão? — O humor em sua voz soa como um desafio.

— Uai, e por que não?

— Sei lá. Nunca pensei em sair de Santino. Minha família tá aqui, meus amigos, me sinto bem.

— Sorte a sua. — Termino de lavar o último copo e viro o corpo em sua direção, me apoiando na beirada da pia. — Eu saí de onde morava por odiar tudo aquilo. Só quero me encontrar no caminho.

— Às vezes, a gente procura fora o que falta dentro.

— Como assim? — Cruzo os braços e quando ele abre a boca para responder, somos interrompidos.

— Cozinha, Joana. — Feito um foguete, Tadeu passa por nós sem direcionar um olhar sequer.

Neto e eu nos encaramos rapidamente, sem entender a severidade do patrão, mas sigo apressada em seu encalço. Não posso nem pensar em dar mole no meu dia de teste.

— Desculpe por sair da cozinha. Como o serviço aqui acabou, pensei em ajudar lá fora — falo, assim que entro e vejo Tadeu fuçando as panelas, parece incerto do que fazer.

— O quê? — Ele me olha de relance. — Sem problemas. Sabe usar aquilo? — Ele aponta para um aparador próximo das fritadeiras.

— Panela de arroz? — questiono, duvidosa. — Sim, eu sei.

— Ótimo. Então faça duas medidas de arroz, enquanto eu descongelo o feijão para preparar o virado. Depois pique a couve em tiras bem finas.

Ele dispara as ordens de forma acelerada, franzo o cenho, seu humor está muito mais agitado que antes. Até parece que enfiou os dedos na tomada e levou um choque.

Executo as tarefas e mantenho o cuidado de ficar longe do seu caminho, com todo esse tamanho, facilmente ele me atropelaria entre as passagens sem nem se dar conta.

Seu celular toca um tempo depois, ele pega de cima da prateleira no canto e solta um lamento ao atender.

— Oi. Não, Paula, nunca estou ocupado demais para você. Sim, o

bar vai bem. Nem pensar, deixe *ela* aí mesmo. Então, explique! Paula, não tenho tempo para isso agora. Eu sei... sei das minhas responsabilidades. Não estou gritando! — Concorde com a tal Paula, seu tom subiu consideravelmente e a cada frase respondida ele bate a mão livre na lateral do corpo. — Tudo bem... nos falamos mais tarde.

Antes que ele me pegue atenta demais ao seu telefonema, volto a atenção para a panela e lacre a tampa. Tiro o maço de couve da água, lavo uma a uma e pego uma faca na gaveta para começar a cortar.

— Enrole tudo como se fosse um canudo, bem apertado — Tadeu orienta e quando ergo os olhos, ele parece cansado demais.

Aquele ar tranquilo e equilibrado de antes se foi, algo o tirou do eixo seriamente desde que saiu daqui. Talvez essa Paula seja alguma ex que o atormenta ou, quem sabe, é a atual.

— Você está bem? — A pergunta o pega desprevenido e quando seus olhos encaram os meus, vejo um tormento perpassar.

— Estou. Claro. Só um pouco cansado e a noite ainda nem começou. — Ele ergue um lado da boca ao forçar um sorriso.

— Se precisar que eu faça mais coisas, é só falar. Sobrecarga pode estafar. — Dou de ombros.

— É o seu primeiro dia. Concentre-se em me impressionar, Joana, então logo poderei deixar a cozinha nas suas mãos. — Ele pisca um olho na minha direção, mudando seu humor.

— *Tá certo.*

Pelo resto do tempo até a abertura do bar, Tadeu se manteve mais leve, terminamos de preparar tudo que faltava, não sei dizer se atendi a todas as suas expectativas, mas ao menos conseguimos fazer as tarefas em simetria e organização.

Logo que o atendimento começa no salão, Tadeu aparece na cozinha e informa que estou livre para o intervalo. Aproveita para mostrar o depósito de bebidas, uma despensa pequena para os alimentos e uma saleta de descanso.

Pergunto se posso tirar meu descanso do lado de fora, observando o movimento, ele responde com um dar de ombros, a escolha é minha. Praticamente corro para fora, poucas pessoas entravam, a maioria homens, alguns caminhões parados na área aberta, viajantes procurando um lugar para comer.

Cruzo os braços e observo o céu limpo e estrelado, a brisa leve movendo minhas mechas que acabaram de soltar da bandana e coque. Por um minuto, fecho os olhos, lembrando-me das longas noites no quarto de casa, sonhando com uma liberdade que parecia tão distante.

— A noite em Santino é bonita. — Não preciso abrir os olhos para saber quem é.

De uma forma muito esquisita, tenho me afeiçoado tanto à sua voz, já nem me assusto mais com a proximidade sorrateira. A única coisa que não consigo disfarçar bem é o eriçar dos pelos do braço e nuca quando o escuto.

— Bastante.

— Viajei para muitos lugares, conheci paisagens lindas, mas nenhuma trouxe a sensação de calma que senti com a primeira noite que passei em Santino.

— Foi por isso que comprou o bar? — Finalmente viro o rosto em sua direção, mas Tadeu imita minha postura e encara o céu.

— Também. Estou buscando raízes, Joana. Cansei de andar sem rumo.

— Mas você é de Palomino, não é?

Seus olhos se voltam para mim e aquele ar curioso invade seu semblante.

— Tetê fala demais. — Deduz quem passou informações sobre ele.
— Sim, parte da minha família é de lá. Cresci cercado de primas, tios e minha mãe.

— E por que partiu?

— Buscava por algo. Apesar de ter uma boa vida, algo não se encaixava e eu sentia que precisava de mais. Então parti em busca.

— E encontrou?

Por um momento, perco o fôlego com a intensidade do olhar dele. Parece-me desnudar por completo, como se uma respiração fora do contexto o faria saltar em cima de mim.

— Acho que sim.



Capítulo 6

“Apesar de ter uma boa vida, algo não se encaixava e eu sentia que precisava de mais...”

Tadeu

Aqueles olhos, havia sonhado com ele algumas vezes, acordado à noite com o peito apertado, curioso para entender e saber o que aconteceu com a menina assustada no pulgueiro.

Ainda não tive a chance de questioná-la, nem sei ao certo como falar, já que pareceu tão determinada em fingir que nunca me viu. Joana me reconheceu assim que nos vimos no bar, estava claro em seu semblante, assim como o medo que irradiava por ela.

Confesso que dar oportunidade para alguém sem experiência nenhuma de trabalho não é a melhor opção no momento. Tenho tanto com o que lidar, dedicar tempo com um aprendiz é, no mínimo, estupidez.

Mas a maldita curiosidade por saber mais dela me fez agir no impulso. Movido pela necessidade e os sonhos que tive, propus o teste, cheguei a pensar que daria dor de cabeça, mas no geral ela superou as expectativas. Além de conseguir me acalmar depois da ligação que recebi do investigador que contratei.

Acho que esse é o quinto profissional da área que me presta serviços e, pela primeira vez, acho que está perto de algo real.

Seria muito mais fácil se minha mãe falasse sobre meu passado, algo que é meu direito e ela simplesmente repudia qualquer tentativa de informações.

Já perdi as contas de quantas vezes brigamos, em algumas passamos do limite, deixando a dor e a mágoa se sobreporem ao nosso laço.

Dona Dulce é tudo para mim. Uma mulher valente e corajosa, enfrentou o preconceito da cidade inteira para me criar e tocar um negócio. Eu a admiro muito por isso, apesar de sentir por toda a vida que algo faltava.

Não me considero um homem traumatizado, longe disso, mas não foi fácil enfrentar a fase escolar, crianças podem ser cruéis quando ensinadas de forma errada.

Só me tornei popular quando a puberdade chegou e desenvolvi músculos naturalmente, espichei o suficiente para ficar maior que a maioria e, segundo minha prima Paula, adquiri um sorriso cativante.

Deixei de ser o filho bastardo de uma mulher solteira, o garoto preto sem pai, para me tornar o popular jogador do time da escola e amigo das garotas mais bonitas.

A última parte atribuo às minhas primas, Antonia sempre foi bonita, mas fechada demais, não dava acesso aos rapazes. A Paula colocava medo em qualquer um; Ritinha era o meio termo e Clara, nova demais. No entanto, ser o primo delas me ajudou a estar próximo das outras garotas e, como nunca tive medo de mulher, consegui a popularidade tão almejada.

Apesar de as coisas terem melhorado no ensino médio, aquela sensação de faltar algo na minha história nunca me deixou e foi quando as brigas começaram.

Ainda criança era fácil ela me ludibriar, dizer que eu era um presente de Deus, feito somente para ela e que seríamos nós dois contra o mundo. Quando cresci, isso parou de bastar, ainda que a amasse acima de qualquer coisa, queria saber minha história completa.

Se meu pai não me quis, era direito meu ouvir isso da boca dele. Encará-lo e mostrar que apesar da sua negligência, eu estava bem, me tornei um homem que poderia se orgulhar, mas nunca teria crédito por isso.

O investigador disse que tem informações importantes, mas que não poderia falar ao telefone, precisaremos nos encontrar dentro de quinze dias. Ele virá da capital para me ver em Santino.

Não foi à toa que escolhi esta cidade. O que disse para Joana não é de todo mentira, mas está longe de ser a completa verdade. Gostei do lugar e de fato senti a paz, que há muito não me habitava, aqui.

Por coincidência ou destino, ouvi do antigo dono do bar, Heitor, que estava cansado demais de cuidar do lugar e que sua família fazia falta. Então propus o arrendamento do bar, fizemos um contrato de um ano, todas as melhorias feitas seriam descontadas do valor pago mensal e eu o manteria aberto.

Já tinha pretensão de me estabelecer, a última pista fornecida pelo detetive era quente o suficiente para me manter aqui, além do cansaço de pular de cidade em cidade.

Por um tempo, foi divertido, mas confesso que cansei de rodar sem rumo e não chegar a lugar algum. Estafado de dormir em lugares improvisados, sem qualquer referência ou particularidade.

Voltar para Palomino não era opção. Depois de tantos anos viajando, indo e voltando, aquele lugar se tornou um peso, do qual não estou disposto a carregar.

Ainda estou perdido no céu estrelado, repensando os últimos acontecimentos. A ligação de Paula só contribuiu para que a culpa ferroasse mais um pouco do meu peito.

Encaro de esguelha minha possível aprendiz e sorrio ao vê-la me encarar com interesse demais. Aqueles olhos grandes e vívidos perdidos em meu semblante causam o misto de euforia e acalanto.

— O que foi? — Viro o corpo, agora com o ombro apoiado na parede e voltado inteiramente a ela.

— Nada. Só fiquei imaginando como uma pessoa que viajou tanto e conheceu um mundo de gente, resolveu aquietar aqui.

— Tudo que justificou é a resposta para a pergunta.

— Como assim? — Ela franze o cenho e eu quase tiro a mão direita do bolso para esfregar o ponto.

Preciso soltar a respiração de uma vez, em parte frustrado, para lembrar que ela é jovem demais e praticamente minha funcionária, o que acarretaria assédio, caso eu não controle meus ímpetos.

— Por anos, vivi essa vida. De lugar em lugar, conhecendo diversas pessoas; costumes; estados, é muito bom, confesso, mas cheguei a um ponto que estou cansado de rodar sem rumo.

— Ainda não consigo entender.

— Talvez seja por nunca ter saído do seu mundinho.

— Como sabe? — Ela ergue o nariz de forma graciosa, sentindo-se

ofendida.

— Ainda carrega o mesmo olhar assustado da primeira vez que te vi. Tenho um forte palpite que está vivendo várias primeiras vezes, desde que chegou a Santino.

Seu olhar desfoca, parece que sua mente foi desconectada do agora, minha vontade é tocá-la, puxar seu corpo para junto do meu e dizer que tudo ficará bem e ainda é jovem para experimentar o que sentir vontade.

Os cabelos cor de entardecer se movem com graciosidade através da brisa que nos atinge. Ela recupera o pensamento e torna a me encarar, agora com um ar atrevido.

— Você deduz coisas demais para alguém que não me conhece. — Solto um riso baixo e desencosto da parede.

Dou um passo em sua direção, vejo sua garganta mover, apressada, os olhos alarmados que faz um ar zombeteiro invadir meus lábios. Ela é tão pequena, inocente até, pareço um leopardo prestes a dar o bote no coelho.

— Você é transparente como água, menina. — Estalo a língua no final e me afasto.

Quase levei a mão e acariciei seu queixo erguido e desafiador, por sorte, ainda mantenho meus dedos presos no bolso da calça, poupando a nós dois de uma cena comprometedora.

Antes que ela responda, giro no lugar e volto para dentro, nem sei por que a segui até aqui fora. Fiquei preocupado que alguém pudesse incomodá-la ou até passar do limite, para, no fim das contas, ser eu o predador doido por enfiar as garras naquela pele macia.

Será um longo caminho até me acostumar com sua presença e deixar esse sentimento estranho se diluir sem qualquer dano colateral.

Talvez arrume uma companhia para hoje, graças à minha querida prima, não posso me dar ao luxo de ter uma parceira fixa, por conta da maldita aposta que acordamos, anos atrás.

Quando contestei o trato que fizemos no bar em Palomino, Paula não abriu mão da regra de namorar a pessoa com quem eu dormisse, após a

aposta. Com muito custo, a convenci de que só me comprometeria com a mulher que deitasse em minha cama mais de uma vez.

Não mudou muita coisa do que eu vivia antes do acordo, na realidade, a aposta sem cabimento se tornou minha muleta para não aprofundar nenhum tipo de relação.

A desculpa perfeita para não me permitir a um segundo encontro, sem muita conversa, uma noite de prazer e, no outro dia, apagar os telefones trocados. Quando elas vinham atrás de mim no mesmo bar que nos conhecemos, educadamente recusava, algumas levavam na boa, outras nem tanto, mas nunca cedi à tentação.

Por melhor que seja a noite de sexo, lamento não repetir a dose, mas sigo firme com a aposta. Como garantia, sabendo que eu não minto, Paula se certifica de me ligar ou mandar mensagens sempre, para garantir que nenhum encontro rendeu mais do que deveria.

Uma mala sem alça, mas que eu amo demais.

E, se o fato da garota ser minha funcionária e muito mais jovem que eu, não forem motivos suficientes, preciso me lembrar constantemente da aposta. Tenho certeza de que Joana não é do tipo que aceita um encontro casual sem qualquer promessa de algo a mais.

Não que ela pareça o tipo que quer um príncipe encantado, aquela menina tem sede de vida, nunca se apegaria a um namoro morno fadada ao casamento. No entanto, duvido que seja desprendida ao ponto de querer sexo por uma noite e nada mais.

“Quem sabe? As coisas estão diferentes agora.”

Sacolejo a cabeça livrando a tentativa descarada de assediar minha funcionária. Não é correto e eu não vou ceder a isso.

Enterro meus questionamentos em algum lugar inacessível da minha mente e preocupo-me com o balcão e Neto, que está debruçado sobre ele, paquerando uma garota.

Acerto a mão espalmada nas suas costas, em cumprimento e advertência, ele tem a decência de parecer constrangido e caça o rumo com a pilha de copos para lavar.

Quando Joana retorna, peço para que fique na cozinha e cuide das louças que os garçons estão levando para lá. Por ora, permaneço aqui, assim limpo a mente e quando surgir algum pedido, vou até a cozinha ensiná-la como preparar.

A noite se estende mais do que o previsto para um dia de semana, quando o último cliente sai, mais da metade das cadeiras estão erguidas, Neto finaliza a limpeza do balcão e eu finalmente retorno de vez para a cozinha e mostro à Joana como limpar e organizar tudo para o dia seguinte.

Consegui manter meus pés cravados no balcão, conversando com um cliente ou outro que frequenta o lugar regularmente. Resolvi alguns pepinos da noite, até cuidei do vaso entupido no banheiro masculino, algo que preciso fazer manutenção com urgência.

Tudo isso para evitar um novo contato. Se ao menos seu desempenho não fosse bom, teria a desculpa perfeita para dispensá-la, mas a garota é perfeita para a função, além de já ter feito amizade com toda a equipe.

Somos poucos aqui, mas procuro lidar em parceria, quase uma família, já que passamos muitas horas da noite juntos e, a sintonia é primordial para que tudo funcione da melhor forma.

— Já vou indo, Tadeu. — Neto toca minha mão.

— Boa noite.

— A cozinha está em ordem. Já posso ir? — Joana aparece na entrada da área restrita.

— Sim. E, parabéns, Joana. A vaga é sua.

— Sério? — ela praticamente grita e pula na minha direção.

Seus braços pequenos circulam meu corpo e sou apertado em um abraço inesperado. Neto, que está próximo, cruza os braços em frente ao peito e sorri de lado.

— Obrigada. Obrigada. Obrigada. Obrigada — repetidas vezes ela solta, animada demais.

— Por nada, eu acho. — Seguro seus ombros e a afasto.

O calor do seu corpo fervilhou junto ao meu, a vontade de apertá-la ainda mais contra mim foi grande e não sei como seria se Neto não estivesse presente.

— Eu consegui! — Ela encara Neto e pula, abraçando-o também.

O rapaz fica tão surpreso quanto eu, mas devolve o cumprimento de forma mais natural e tranquila.

— Quer uma carona para casa? — me pego oferecendo.

— Posso deixá-la lá. Moramos na mesma rua. — Joana se desvencilha do rapaz no mesmo instante.

— Moramos?

— Sim.

— Perfeito. Podem ir, eu termino de fechar. — Aceno para a porta.

Nós nos despedimos rapidamente e uma Joana saltitante sai pela porta, discursando animada para Neto o quão maravilhoso será amanhã e tudo que aprendeu hoje.

Por tempo demais continuo encarando a porta faroeste, agora parada, contagiado pela vivacidade da garota. Faz tanto tempo que não rio dos pequenos feitos, que não encontro graça em coisa alguma, o entusiasmo dela é quase um afrodisíaco.

Para quem só enxergava tons escuros e sombrios na vida, ter uma brisa do entardecer pode ser um bom fôlego ou, talvez, a completa ausência de ar.



Capítulo 7

“... o homem parecia o pecado encarnado, um corpo esculpido e cuidado, me fez salivar em automático.”

Joana

Acordo na manhã seguinte, quase tarde, na verdade, mais animada do que nunca estive na vida. Conseguir a vaga no bar me deixou tão extasiada que não consegui pregar os olhos.

Deixo a casa alinhada, estou pronta para sair, dar uma volta por aí, quando ouço o barulho do portão. Corro até a porta e encontro Tetê entrando, toda sorridente.

— Consegui a vaga! — grito e pulo em sua direção.

— Diacho! Sabia que *tu daria* conta, garota. — Ela recebe meu abraço e ambas pulamos no lugar, gargalhando.

— Obrigada por me ajudar.

— Não foi nada. Tadeu é boa gente, *tu tá* em boas mãos. — Recuo um passo e meu sorriso vacila.

Pensar no quão boa são as mãos do meu patrão, foi um dos motivos que me manteve acordada por tempo demais e acabei usando os dedos para aliviar as fantasias que criei com ele naquela cozinha.

— Saiu mais cedo? — mudo de assunto.

— Sim. Preciso pagar umas contas e me matricular na escola.

— Tem faculdade em Santino?

— Não. Eu não terminei o ensino médio, então vou me cadastrar no supletivo.

— Ah... que bacana, Tetê. — Afago seu braço quando percebo o acanhamento.

— Sim. Matias me incentivou. Resolvi tentar. — Ela dá de ombros.

— Se quiser companhia, posso ir com você. Tem tempo de sobra ainda.

— *Tá certo.* Só vou trocar essa roupa, *tá* calor demais. É bom que te

mostro algumas coisas da cidade.

Aproveito para trocar meu short e camiseta por um vestido leve e fluido em tons de verde. Prendo os cabelos em um rabo alto, passo um brilho labial e logo atravessamos a praça juntas.

A conversa flui fácil quando conto os detalhes do que aprendi, as melhorias feitas na cozinha, que deixa a loira curiosa e com a promessa de visitar o bar em breve para ver com os próprios olhos.

Tetê me mostra alguns comércios úteis, conheço mais uma parte de Santino que nem fazia ideia de que existia e logo entramos na escola da cidade. Enquanto ela faz a matrícula para as aulas noturnas, eu vasculho alguns panfletos no suporte ao lado do atendimento e um em particular chama minha atenção.

Um curso de noções administrativas, tem duração de um ano e não precisa de pré-requisito para inscrição. Acho a ideia interessante, peço informações para a atendente e descubro que há uma turma prestes a começar no período da tarde.

Deixo meu nome e telefone para segurar a vaga, nunca pensei na possibilidade de estudar algo específico, meus sonhos sempre vagaram em ganhar meu próprio dinheiro enquanto conhecia o máximo de lugares possíveis.

A tarde passa feito um borrão, Tetê me leva a uma quitanda, compramos coisas para casa e combinamos de fazer algo especial no meu dia de folga.

Chego em casa com tempo de tomar um banho, ela prepara sanduíches na cozinha e comemos enquanto planejamos os estudos.

Escuto uma buzina estridente, acho graça do susto que Tetê toma. Na noite anterior, combinei com Neto de pegar carona para ir e vir, já que moramos tão próximos. Agora que ele está habilitado, seus pais liberaram o fusca para uso.

O rapaz é novo, mas em nada se assemelha aos garotos bobos que conheci até hoje. Neto é responsável, filho único, cuida dos pais e namora uma linda menina, segundo ele, que vou amar conhecer.

Pego a mochila com uma blusa de frio, o avental limpo e a bandana. O material plastificado do uniforme facilitou a secagem e estará impecável para uso.

Percebi que o patrão tem TOC com limpeza, já que a maioria das orientações ontem estavam associadas ao cuidado, organização e esmero do local.

Tetê me acompanha até o portão, acena para Neto, que retribui o gesto e quando abro a porta do fusca para entrar, uma garota jovem, morena de cabelos cacheados surge na calçada e nos encara de forma assassina.

— Muito bonito, Neto! — Seu tom sai alto o suficiente para chamar a atenção de quem caminha próximo.

— Amor? O que faz aqui?

— Vim ver com meus próprios olhos *tu* levando outra *pra* passear.

— Oxe, não é nada disso que *tu tá* pensando, não — me adianto.

— *Num tô* falando contigo. — Ela ergue o dedo e me calo.

— Eita, lasqueira. *Tá* pensando o quê, menina? — Tetê intervém. — Neto só *tá* dando uma carona *pra* Joana. Os dois trabalham no bar.

— Deixa disso, amor. — O rapaz desce do carro — Só *tô* prestando um favor.

— Não gosto disso, Frederico. — Ela se aproxima dele, toda manhosa.

— O que *tá* acontecendo aqui? — Olho para trás e encontro uma senhora com as mãos na cintura.

Ela usa óculos de grau, os cabelos repartidos ao meio e presos em um coque baixo, uma blusa de mangas e saia até os joelhos. Seu olhar desconfiado percorre de mim até Tetê, torcendo os lábios para a loira.

— Nada que seja da sua conta, senhora. — Tetê cruza os braços.

— Não seja malcriada. Já bastou a história da bolsa.

— Vai começar com isso de novo, dona Marieta? Já sabe que a mala era minha, diacho!

— *Pra* quem vai parar na delegacia, não dá *pra* confiar na palavra.
— A senhora torce o nariz.

— Escute aqui, sua velha...

— Mas que balbúrdia é essa aqui? — Uma voz grossa e firme se sobressai à confusão.

Neto e a namorada que discutiam calorosamente se calam diante do comando silencioso. Todas as cabeças se viram em direção ao homem que caminha determinado até nós.

— Nada não, xerife — Neto se adianta.

— Essa senhora que veio meter o bedelho onde não deve, de novo.
— Tetê aponta para a tal Marieta.

— Acho melhor eu ir andando, Neto — falo por cima do carro.

— Vai com Deus — a namorada solta, debochada.

— Ninguém vai a lugar algum — o delegado se pronuncia, de novo.
— Agora, alguém trate de dizer o que se sucede aqui. — Ele para em frente ao fusca e cruza os braços.

— Eu vi tudo, xerife. — Todos encaramos o outro lado da rua e o guarda Josias caminha determinado até nós. — Resumidamente: a namorada do Neto *tá* enciumada dele dar carona *pra* Joana, sobrinha da dona Dolores, para o trabalho. Dona Tetê tomou partido da moça aqui — ele aponta para mim — e minha mãe xeretou onde não deveria.

— Como ousa, seu... — Ela arma a mão para acertar o guarda, que está próximo dela.

— Dona Marieta! — o delegado praticamente rosna. — Não esqueça que Josias é uma autoridade fardada.

— Mas eu sou mãe desse desaforado. — Ela aponta em direção ao filho.

— Pelo que entendi, não tem motivo para essa confusão na rua, então vamos dispersar antes que eu leve todos para a delegacia por perturbação da ordem.

Arregalo os olhos, assustada. Não quero nem imaginar o que tia Dolores faria se eu ligasse da delegacia para ela. Pego a mochila que estava jogada no banco do carona, enfio uma alça no ombro e bato a porta do carro.

— Aonde vai, Jô? — Neto questiona e recebe um cutucão da namorada.

— Quero confusão, não. Vou a pé mesmo.

— Posso te acompanhar, Joana — o guarda se oferece.

— Carece não.

— Não mesmo, pois o xerife vai levá-la — Tetê intervém.

— Vou? — As sobrancelhas erguidas do delegado em direção à namorada mostram surpresa.

— Nós vamos. E, quem sabe, eu deixo você brincar com o par de algemas extras que tem no carro, na volta para casa.

— Eita! — Neto praticamente grita.

— Desavergonhada. — A senhora transforma o rosto em uma careta e sai batendo o pé.

O xerife pigarreia sem focar os olhos em ninguém específico e eu calo, sem saber o que dizer depois disso.

— *Vambora!* — Tetê empurra minhas costas.

Entro no carro muda e saio calada, resmungo um agradecimento, aliviada de deixar logo os dois sozinhos, com uma Tetê esbravejando com os costumes retrógrados do povo de Santino e o xerife apaziguando seu humor com respostas curtas.

Deixo minhas coisas no armário na sala de descanso, só encontrei um dos atendentes, Jorge, logo que entrei, nos cumprimentamos rapidamente e acabei não perguntando sobre o patrão.

Uma rápida olhada na cozinha e não o encontrei, depósito e despensa também estavam vazios, vi uma porta nos fundos, ainda não sei onde dá, mas a fresta de claridade me deu a pista de como encontrar Tadeu.

Assim que passo pelo batente, estaco no lugar, uma área verde

imensa, com vários canteiros suspensos por suportes e alguns no chão, alinhados simetricamente, é bonito de se olhar.

Mas o que me embasbaca mesmo é o jeans surrado e sujo de terra e as costas nuas, brilhando de suor que destaca todos os músculos do ombro até o cócs da calça.

Ao perceber a presença de alguém, Tadeu vira e acho que morri e cheguei ao céu. A distância não me permite contar a quantidade de gomos com precisão, mas o homem parece o pecado encarnado, um corpo esculpido e cuidado, me faz salivar em automático.

Ele acena na minha direção, devolvo o cumprimento, um tanto atrapalhada, então ele curva o tronco para frente, retira o boné e molha a cabeça. Assistir àquela água caindo pelo pescoço e escorrer pelo peitoral faz o sangue em minhas veias bombear ainda mais.

Nunca me senti tão atraída por alguém como acontece com ele. Tudo que Tadeu faz remete a algo sexual, meus pensamentos voam para as lembranças fantasiosas de ontem e o rubor toma conta do meu rosto.

Antes que ele possa me direcionar um segundo olhar, volto para dentro, correndo, disposta a enfiar a cabeça embaixo da água também, a fim de aplacar minhas fantasias.

Trombo de frente com alguém que segura meus braços para que não desequilibre, Neto me encara, divertido.

— Viu assombração, Jô?

— Vi nada. *Tô* com pressa.

Saio do seu aperto em torno de mim e me esgueiro pelo corredor, até entrar na cozinha e vestir o avental e bandana.

— Queria me desculpar contigo. — Ele aparece na porta.

— Não precisa. Nem pensei que poderia te trazer problemas.

— Terminei o namoro, Jô.

Viro o rosto em sua direção e vejo a tristeza estampada nos olhos.

— Sinto muito. Não queria ser responsável por isso.

— Não foi. Somos novos demais para um controlar a vida do outro. Se ela não confia em uma carona que eu dou a uma colega de trabalho, não tem como seguir em frente.

— Confiança é importante.

— Sim.

— Espero que vocês se entendam logo. Ela vai cair em si.

— Tomara. — Ele solta o ar, com pesar. — Vou cuidar do balcão. Bom trabalho.

— *Pra tu também.*

Assumo a tarefa de picar os insumos que estão sobre a bancada, enquanto penso sobre a situação do Neto. Apesar de concordar com seu pensamento, talvez ele tenha se precipitado um pouco. Ambos são jovens demais, não que eu seja tão mais velha, mas acredito sempre no bom diálogo.

Hipocrisia da minha parte sequer pensar nisso, se ainda não tive coragem de dizer aos meus pais que não pretendo voltar para casa.

— Meus pais! — Solto a faca e o tomate, pesco o celular do bolso de trás da calça.

Disco o número de casa, cinco toques depois, uma voz abafada atende.

— Mãe? Oi, mãe, *bença*.

— *Filha! Graças a Deus tu ligou, menina.*

— Desculpe. É que passei o dia ocupada e nem me dei conta.

— *Como estão as coisas aí com sua tia?*

— *Tá tudo bem. Tenho novidades.*

— *Pois conte.*

— Arrumei um emprego e me matriculei em um curso profissionalizante. — A linha fica muda, chego a pensar que caiu, afasto o celular da orelha e vejo a chamada em andamento. — Mãe?

— *Oi... eu... Nossa! Que surpresa.*

— Pois é. A inquilina da tia me arrumou um serviço em um b...
cozinha — enrosco ao mencionar o lugar. — E hoje fui à escola local e
descobri um curso que me chamou a atenção.

— *E de quanto tempo é o curso?*

— Um ano.

— *Bastante, né?* — Sinto o lamento em sua voz.

— Mãe...

— *Tá tudo certo. Já imaginava que tu não ia mais voltar pra casa,
mesmo.*

— E o pai? Como está? — Fujo da confirmação.

— *Resmungão e mandão do mesmo jeito. Ontem tava falando sobre
quando tu volta.*

— Eu vou visitar vocês, assim que as coisas acalmarem por aqui.

— *Tudo bem. Só tome cuidado e não se esqueça de ligar.*

— Pode deixar, mãe. *Bença.* Manda um abraço pro pai.

Encerro a chamada e meus olhos nublam com as lágrimas que
seguro a todo custo. Preciso me lembrar a todo momento que isso é o melhor
para mim, dentro daquela casa eu definhava em vida.

Não posso voltar atrás, não agora que estou trilhando um novo
caminho e descobrindo o quanto do mundo perdi até hoje.



Capítulo 8

*“Sou grande e adulto, sei me defender, só opto por não igualar a
ignorância gratuita que alguns ainda vivem”*

Tadeu

Subo as escadas laterais que dão para a minha pequena casa, em cima do bar, estou sujo e suado, perdi a hora mexendo com a horta durante o dia, acabei nem almoçando, preocupado em preparar um novo canteiro para as especiarias.

Amanhã chega o material para o sombrite^[2], o sol aqui tem castigado demais as mudas e hortaliças, já deveria ter providenciado antes, mas com a quantidade de demanda no bar, não sobrou tempo.

Entro no chuveiro, a água gelada é bem-vinda, apesar de me fazer ofegar com o choque, esfrego o corpo com rapidez, preciso passar mais algumas informações para Joana na cozinha, hoje o movimento é maior e minha atenção no salão é redobrada.

Seus olhos maliciosos, encarando meu corpo enquanto estava de costas, gostei mais do que deveria de me exhibir para ela. Não sou um homem convencido, mas sei o quanto agrado as mulheres.

Lavei a cabeça no esguicho para limpar a mente dos pensamentos maldosos que começaram a permear quando percebi seu escrutínio. Qualquer outra mulher, eu convidaria a se juntar a mim ali mesmo, na terra, sujos e suados, embaixo do sol fraco do entardecer, mas não ela.

“Proibida. Preciso me lembrar que ela é proibida.”

Banho tomado e enxuto, tiro uma calça cargo verde-musgo do cabide, uma camiseta branca simples, visto meu coturno e um boné com a aba virada para trás.

Desço para o bar pelo acesso interno, a parte boa deste lugar é que tenho duas formas de entrar na casa, lembro-me de trancar as portas, caminho apressado até a cozinha para encontrar Joana curvada com o traseiro virado para a porta.

Estaco no lugar, pego desprevenido pela visão deliciosa da sua bunda agarrada a um jeans claro. Para meu azar, ou sorte, hoje sua camiseta está dentro da calça, que acaba fornecendo imagens indecentes demais para

meus pensamentos.

Sacudo a cabeça, pigarreio e viro, encaixando o avental ao corpo.

— O que faz aí? — Olho por cima do ombro e ela já está ereta e me encara.

— Tentei acender o fogão para preparar o virado, mas nem por Cristo isso funciona. Acho que estragou.

Termino de amarrar o avental a caminho do fogão, estico uma mão para a válvula de gás rente à bancada e a encaro com as duas sobrancelhas erguidas.

— Claro. A válvula.

— Sim. Mas acontece. — Sorrio quando a vejo enrubescer. — Pode deixar comigo essa parte, pique a couve e tire o frango do freezer. Esqueci de fazer antes.

— Tudo bem. — Ela se afasta para cumprir as tarefas e eu me ocupo do que precisa ser feito.

Segundo dia aqui dentro e já temos uma sintonia impressionante de trabalho. Apesar de inexperiente, Joana não espera por comando, ela pega e faz, sempre buscando a aprovação de minha parte.

Finalizamos todas as preparações quando o bar já está em funcionamento, a deixo na cozinha e rumo para o balcão. Ainda é cedo, mas na falta de ocupação na cozinha, prefiro manter a atenção aqui do que nela.

— Garoto, eu pedi uma cerveja há dez minutos. — Encaro a outra ponta do balcão e vejo Neto se atrapalhar com uma garrafa.

— Pois não, senhor? — Me aproximo.

— Só quero minha cerveja, que já paguei.

— Não. Ele ainda não pagou — Neto se pronuncia, de imediato.

— Aqui o cliente paga e depois consome, senhor.

— Eu já paguei! Não vou fazer de novo. — O homem bate a mão no tampo de madeira.

— Apresente sua comanda, então.

— Esse lesado não me deu nada.

— Porque o senhor não pagou — Neto se defende.

Cruzo os braços, nada surpreso com o comportamento, já tive que lidar com casos piores do que uma bebida não paga.

— Vou fechar o caixa e verificar. Se estiver sobrando dinheiro, a cerveja é sua — informo, com casualidade.

— Não vou esperar porcaria nenhuma. Quero minha bebida agora.

— Ou o senhor espera ou pode ir embora do meu bar.

— Você não vai passar a perna em mim, seu preto picareta.

— Ei, cara... — Neto tenta intervir, mas eu estico o braço, o parando.

— Parabéns, cara. Minha cor você acertou, mas assim que eu fechar o caixa, veremos quem é o picareta — respondo, frio.

Minha vontade é fechar o punho e acertar o meio do nariz do infeliz, mas nunca fui a favor de combater racismo ou violência com mais do mesmo. Abro a gaveta e conto rapidamente o montante, desconto o troco e confiro o valor com a tela de vendas.

Absolutamente tudo que é consumido aqui registramos em um sistema simples, para conferência depois e controle de estoque. Isso garante que ninguém saia sem pagar, quando lhes é entregue o produto, já está pago e registrado no sistema para controle interno.

— O caixa confere. Sinto muito, mas sua bebida não foi paga.

— Tá de brincadeira? — Ele avança espalmando as mãos no balcão.
— Eu paguei essa merda, se não está aí é porque seu funcionário passou a mão.

— Acho melhor o senhor se conter. Já foi racista comigo e agora acusa um funcionário de roubo.

— Tô pouco me lixando. Isso que dá frequentar esta espelunca comandada por um macaco.

Quando abro a boca para rebater, uma figura pequena e raivosa

surge ao lado do homem e o empurra com as duas mãos. Surpreso, ele se desequilibra e bate o ombro na parede do lado oposto.

— O único macaco aqui é você. Seu selvagem — Joana grita e antes que consiga intervir, o homem devolve o empurrão que a joga no chão.

“Agora já deu.”

Pulo o balcão do bar com facilidade, puxo o homem pelo colarinho, até estarmos tão próximos que consigo sentir o bafo de bebida em sua respiração.

— Você passou muito dos limites. Saia daqui, agora. — Empurro seu corpo com tanta força que ele torna a bater na parede oposta e desequilibrar, quase caindo no chão.

Viro na direção de Joana que já está de pé e tem Neto ao seu lado, amparando-a.

— Isso não vai ficar assim. — Volto a encarar o homem que ajeita a blusa no lugar enquanto empertiga o corpo.

— Também acho que não vai, senhor. — Todos olhamos na direção das mesas e um homem alto e bem-vestido caminha jocoso até nós. — Já chamei o xerife, o proprietário e a funcionária irão registrar uma queixa contra o senhor.

— Mas eu fui lesado.

— Não, você não foi. Só agiu como um aproveitador, preconceituoso e agressor.

— E quem *tu pensa* que é *pra* se intrometer? — O imbecil estufa o peito.

— Sou o vereador da cidade e um grande defensor dos direitos igualitários. — Ele estende a mão em minha direção e, incerto, aceito o cumprimento. — Vi tudo o que se passou, posso testemunhar a seu favor.

— Edmundo? — Procuro pela confirmação que me fez esquecer o foco da confusão.

— Sim. — Ele tomba a cabeça ao me encarar. — Ainda não fomos apresentados, eu acho. — Confusão estampa seu semblante.

— Não. De fato. Sou Tadeu.

— Nos conhecemos de algum lugar? — Os olhos analíticos buscam por alguma lembrança.

Claro que ela não existe. Nunca nos vimos antes de hoje, mas sei muito mais a seu respeito, além das fotos que comprovam de quem se trata. Filho único de Cícero, prefeito da cidade de Santino.

— Com certeza, não. Sou novo na cidade.

— Está fazendo um belo trabalho com o lugar. — Ele solta a mão e sinaliza para o ambiente.

— Obrigado. — Aceno, afirmativo.

— Eu vou embora daqui. — O patife tenta dar um passo, mas Edmundo entra em sua frente.

— Acho que não. Logo as autoridades chegam.

— Não quero confusão com ninguém. — Ele ergue os braços em sinal de paz.

— Deveria ter pensado antes de falar merda. — Joana se aproxima ao meu lado. — Quero registrar uma queixa, sim. — Ela ergue o queixo, determinada.

— Escute aqui, garota...

— Não erga o tom com ela. — Avanço um passo, irritado.

Nunca me importei com os olhares tortuosos e nem as palavras ofensivas das pessoas. Meu tom de pele não define quem sou, só é parte de mim, assim como o branco tem seu pertencimento.

Sou grande e adulto, sei me defender, só opto por não igualar a ignorância gratuita que alguns ainda vivem. Se referir a mim pela cor, ou associar a algum animal, não faz diferença, mas intimidar ou agredir alguém que, claramente, não tem força física para confrontar, isso sim, me tira do sério.

— Boa noite. O que acontece aqui? — Todos olhamos para o lado e um homem com chapéu acompanhado de outro, tão sério quanto ele, se

aproxima.

— Boa noite, delegado. Bento — Edmundo cumprimenta. — Tadeu, dono do bar, e sua funcionária querem registrar uma queixa contra esse senhor. E pode me incluir como testemunha, estava na mesa consumindo e vi tudo que aconteceu. — Com um olhar encorajador, ele passa a palavra a mim.

Levou mais tempo do que gostaria, mas no fim das contas, dois boletins de ocorrência foram registrados. Um, pelas palavras racistas direcionadas a mim e outro pela agressão com Joana.

Assim que as autoridades retiram o homem do local, solicitando sua presença na delegacia para averiguações, os clientes dispersam e a paz volta a reinar no ambiente.

— Neto, segure as pontas aqui, vou ver a Joana — aviso, antes de caminhar até a cozinha.

Edmundo voltou para sua mesa assim que todos os depoimentos foram colhidos, claro que sua presença facilitou um pouco as coisas, até mesmo a presença policial dentro de um bar.

Uma ocorrência desse tipo, sem vítimas graves, não é atendida tão prontamente em lugar algum.

Gostaria de conversar mais com ele, ainda não estou pronto para uma aproximação, só darei o passo depois de conversar com o investigador que virá dentro de alguns dias. No entanto, minha preocupação maior agora é ver como Joana está.

Assim que passo pela porta, ela levanta da pequena banquetta, parece assustada e, no ímpeto, caminho até ela que abraça minha cintura. Afago seus cabelos ao ouvir um soluço baixo.

— Shiu... Calma, Jô... Já passou. Ele não vai te fazer mal.

— Não é isso... Eu só estou... indignada. — As palavras saem entrecortadas com as lágrimas.

Afasto seu corpo de mim, amparo seu rosto entre as mãos e, com os polegares, limpo suas bochechas úmidas.

— Sinto muito não te defender como deveria.

— Não... não estou chorando pelo empurrão que ele me deu, mas pela forma como falou com *tu*. — Encaro seus olhos com ternura, a preocupação habita ali e acabo sorrindo.

— Sou grandinho, Jô. Já precisei lidar com coisas piores que uma ofensa verbal.

— Mas não é certo. Não é justo.

— Eu sei. Mas não ganhamos batalhas com empurrões. — Aperto a ponta do seu nariz em gracejo.

— Ele merecia muito mais. — Ela entorta os lábios em uma careta.

— *Tá certo, valentona.* Vou lhe preparar algo para beber.

Afasto antes que cometa a burrada de beijar seus lábios avermelhados e tão convidativos.

— Alcoólico? — Solto um riso baixo.

— Estamos em horário de trabalho. Farei um chá. Você gosta? — Olho por cima do ombro e a vejo sorrir abertamente.

— Eu amo chá.

— Então sente, que eu lhe farei um fresco, colhido aqui da horta.

— Obrigada.

Deixo o bule no fogo e viro em sua direção. Os olhos ainda inchados do choro me fazem querer confortá-la mais, por isso enfio as mãos no bolso da calça, segurando o desejo iminente.

— Eu que devo agradecer por me defender.

— Acha que ele ficará preso?

— Não. A ocorrência será registrada, mas com nosso sistema prisional defasado, há pouco que as autoridades locais possam fazer.

— Pelo menos, ele ficará com a ficha suja.

— Já é alguma coisa. — Dou de ombros e retorno para o bule que ferve a mistura.

— Gostei daquele vereador. Não imaginava que um político poderia ser tão solícito assim.

— Pois é...

Fico feliz por estar de costas e ela não ver meu cenho franzido e a boca apertar em uma linha fina. Não posso responsabilizar o homem pelos erros de seu pai, mas ainda não o conheço o suficiente para saber qual tipo de caráter tem.

As pesquisas sobre o prefeito não foram nada animadoras e, pela primeira vez na vida, desejo que essa investigação seja mais uma tentativa fracassada e que eu não carregue o sangue de um homem tão corrupto quanto Cícero.



Capítulo 9

“...sou tragada pela brasa presente em seu olhar”

Joana

Sinto a tensão irradiar dos ombros largos e fortes de Tadeu, com um suspiro audível, pega a chaleira e serve duas xícaras, deposita uma à minha frente e a outra segura entre as mãos ao ocupar a banquetta, do outro lado da bancada de inox.

Assopro o líquido fumegante, não é a bebida ideal para a temperatura fresca da noite, mas o suficiente para acalmar os ânimos depois da adrenalina. Encaro seu semblante o tempo todo, Tadeu mantém a atenção na xícara, parece pensar e ponderar sobre algo.

— Você está preocupado. — Não é uma pergunta.

— Sim, mas não com o que aconteceu. É só... algo mais complicado... — Seus olhos captam os meus e, por um momento, fico perdida nas emoções que perpassam ali.

De forma instintiva, estico um braço e alcanço o dorso da sua mão, que descansa sobre o metal. Afago devagar enquanto um sorriso confortante desponta dos meus lábios.

— Se precisar conversar, estou aqui. — Tadeu recua, sua mão sai do meu contato, incomodado.

— Agradeço, mas não se trata de desabafar. — Suas mãos espalmam no metal e ele levanta. — *Tu* parece bem, mas se quiser encerrar a noite, não tem problema. Posso me virar com os rapazes.

— Não, de jeito nenhum. Vou cuidar da cozinha e *tu* volta *pro* salão.

Ele acena em afirmação, deixa a xícara na pia e marcha para fora da cozinha mais rápido do que o necessário. Franzo o cenho intrigada com o que possa tê-lo deixado assim, já que as ofensas racistas não o tiraram do sério como aconteceu comigo.

Saí da cozinha por um segundo para tirar uma dúvida com ele e ouvi o homem descontrolado destilar seu preconceito em Tadeu. Agi por impulso, nunca agredi ninguém na vida, sempre fui pacata e tranquila, no entanto,

também nunca presenciei algo tão horrível assim.

Antes que eu comece a formar teorias na minha cabeça, o garçom entra na cozinha com alguns pedidos, em seguida Tadeu retorna para me ajudar a preparar, alegando uma mesa grande para servir.

O terrível episódio fica esquecido em meio ao trabalho, a tensão e olhar preocupado do patrão muda, retornando àquela normalidade calma e equilibrada de sempre.

Até minha indignação já diminuiu quando chegamos próximo ao fim do expediente e Tadeu avisa que os serviços da cozinha estão encerrados e posso começar a limpeza.

Pouco tempo depois, Neto chama na porta da cozinha, diz que o salão está encerrado e finalmente poderemos ir embora. Depois de dizer que terminou o namoro, resolvo aceitar sua carona de novo.

Se a namorada tem problemas com isso, não cabe a mim resolver, além do mais, preciso chegar em casa em segurança, já é madrugada e perambular sozinha por todo caminho não é, nem de longe, a melhor opção.

Pegamos nossas coisas na sala de descanso, passo pela porta da área interna rindo de uma piada boba que Neto fez, encarando seu semblante engraçado sobre o ombro, quando retorno para o salão, estaco no lugar.

Uma mulher *traída*^[3], os cabelos longos embaixo do chapéu, quase alcançam a bunda, que é tão grande, que arregalo mais os olhos quando a miro. Seu corpo está debruçado sobre o balcão e ri de alguma coisa que o meu patrão fala próximo ao seu ouvido.

— *Simbora*, Joana. — Ouço próximo ao ouvido e salto no lugar, assustada.

— *Vamo*. — Encaro sobre o ombro, Neto, com um sorriso debochado.

— Boa noite, patrão — meu colega cumprimenta ao erguer a mão, que faz Tadeu despertar do flerte com a morena e nos encarar.

Ele acena, mas o riso não alcança os lábios quando me encara, parece deslocado, incomodado com algo, logo seus olhos fogem dos meus e

ele vira para o freezer a fim de verificar algo.

— Boa noite! — Cumprimento com um aceno e marchou para a saída.

Enquanto eu me preocupava com a tensão e humor do patrão, ele escolhia seu encontro da noite. Esse tipo de coisa só mostra o quanto ainda não sei sobre a vida, principalmente quando está ligado a homens.

Neto tem a decência de não falar nada por todo o caminho, ambos introspectivos com seus próprios problemas e alheios demais para pensar no desagrado um do outro.

Entro em casa, jogo a mochila no sofá e vou direto para o banho. Lavar o cansaço e a frustração foi uma boa ideia, já que quando deito a cabeça no travesseiro, simplesmente apago.

Não foi uma garantia alguma de um sono tranquilo, ainda mais quando aquele corpo esculpido permeou meus sonhos e me fez acordar no outro dia suada, desejosa e a ponto de explodir de excitação.



Hoje completo a primeira semana de trabalho, Tadeu avisou na contratação que nos pagava semanalmente e, que dependendo do lucro obtido, temos uma comissão mensal pelo empenho.

A escola ligou para avisar sobre o curso que começa em breve, estou animada para iniciar algo, apesar de tudo ser novidade na minha vida, preciso urgente tirar meu foco do patrão.

Depois daquela primeira noite, que o vi com uma acompanhante, já encontrei mais três quando encerrávamos o expediente. Pelo visto, o homem não gosta de repetir a dose nem mantém exclusividade.

Isso só serviu para alimentar ainda mais meus sonhos eróticos, que parecem cada vez mais criativos, ao moldar vários cenários que envolvem o homem.

Na cozinha, no balcão do salão, na horta dos fundos, na minha cama, sozinhos, acompanhados, intenso, comedido, amarrada, amordaçada, do convencional ao anal. Não imaginava que conseguiria criar tantas fantasias enquanto dormia.

Fato é que optei por manter um braço de distância do homem que, por sua vez, ficou mais calado e introspectivo em minha presença. Salvo os momentos que dividimos na cozinha, testando algum prato novo ou atendendo a uma grande demanda do salão.

Parei de prestar tanta atenção nele, no que transparecia no olhar, ou até mesmo o humor que escolhia para o dia. Fingi por completo não me afetar com sua presença e tem funcionado.

Neto e eu nos aproximamos mais, a namorada realmente não quer saber dele, principalmente depois de descobrir sobre a carona, que continua acontecendo.

Nossa folga é no começo da semana, quando o bar também fecha para manutenção e descanso de todos. Neto e eu combinamos de ir ao cinema improvisado da cidade, Tetê se empolgou quando comentei e disse que é um encontro.

Não adiantou eu dizer que Neto é só um bom amigo, ainda muito novo e imaturo para mim, nunca fui de me interessar pelos garotos da escola, quem dirá agora que estou fora dela.

É fim de tarde quando entro no bar e observo tudo como deixamos na madrugada anterior. Aceno para Jorge que vem da área restrita e avisa que Tadeu está no escritório, última porta antes da saída dos fundos.

É estranho ver o lugar tão quieto, mesmo quando iniciamos o dia de trabalho, cada um ocupa suas funções e sempre escuto da cozinha as risadas, brincadeiras, às vezes um grito ou música baixa tocando nos alto-falantes do salão.

O silêncio me deixa um pouco nervosa, inquieta, esfrego as palmas

na lateral do short jeans que uso e toco a maçaneta da porta. Solto a respiração com força, engesso um sorriso no rosto e adentro o cubículo.

Tem quase o tamanho da despensa, só há espaço para duas pessoas aqui, um gaveteiro de arquivo no canto, uma mesa pequena, Tadeu ocupa seu lugar, de olho na tela do computador e encaro a cadeira em frente à mesa.

— Pode sentar, Neto... — Ele ergue os olhos. — Ah... achei que fosse ele.

— Ele vem daqui a pouco. Preciso fazer algumas coisas para sua mãe.

— Pode sentar. — Ele aponta para a cadeira.

Tadeu vira uma folha de recibo na minha direção e coloca uma caneta ao lado, enquanto encaro o papel, estranhando seu comportamento mecânico, ele se ocupa de abrir e fechar as gavetas da mesa.

— É só assinar? — questiono, erguendo os olhos para ele.

— Sim. Esse é o recibo da semana, zeramos a contagem sempre no dia de folga, como você não completou os dias consecutivos ainda, o valor é proporcional. Mas na semana que vem é completo.

— *Tá certo.* — Encaro o papel novamente e assino o meu nome.

— Aqui está o montante. — Ele coloca as notas empilhadas à minha frente. — Confira e se tiver alguma dúvida, pode perguntar.

Recolho e conto, aceno em afirmativa e levanto da cadeira, pronta para sair logo dali. O cheiro do seu perfume incendiou o lugar, pareço envolvida em uma nuvem cativa que aguça minhas fantasias deturbadadas com mais um novo cenário.

— Até amanhã, Joana. — Abro a porta e volto a encará-lo sobre o ombro.

— *Tu tá bem?* — Não era minha intenção perguntar nada, mas quando percebi, retornei próximo à mesa e encaro seu olhar curioso.

— Sim. Tudo dentro dos conformes. — Ele solta o corpo para trás.

— Achei *tu* distante depois daquela confusão no bar.

— Coisa da tua cabeça. Agora que já aprendeu a rotina da cozinha, posso ficar mais despreocupado e focar no salão.

— À procura de companhia para a noite? — Tapo a boca assim que cutucada sai e sinto minhas bochechas esquentarem.

— Acho que isso não te interessa, Joana. — Ele avança com o tronco e cruza os dedos sobre a mesa.

Seus olhos não mostram incômodo, na realidade, ele parece se divertir com a pergunta. A tranquilidade costumeira se foi e deu lugar para aquele escrutínio quente e envolvente, que já me direcionou antes.

— Desculpe, foi uma brincadeira de mau gosto. — Tenho a decência de me recompor.

Giro apressada e disparo porta afora, quase estapeio o rosto no processo, me punindo de não travar a língua antes de falar esse tipo de coisa. Não sei o que me deu, a indiferença de sua parte me incomodou ao ponto de querer ao menos um olhar reprovador.

Chega a ser ridículo, mas gostei do resultado da imprudência cometida. Rever aquele fogo e olhar predatório acendeu tudo que senti quando o vi pela primeira vez, naquela espelunca, meses atrás.

Antes que eu empurre a porta faroeste que dá acesso ao salão, uma mão puxa meu braço que me faz girar no lugar e bater de frente com um peitoral grande, vigoroso e quente.

Apesar de o tecido separar nossas peles, sinto seu calor escaldante na mão espalmada bem em cima do coração. O retumbar acelerado acompanhado da respiração ávida, me faz erguer o rosto devagar e arfar quando sou tragada pela brasa presente em seu olhar.

— *Tu* me confunde. — A voz baixa e rouca soa como uma bela melodia lasciva.

— Posso dizer o mesmo. — Seus dedos resvalam meu rosto quando ele empurra uma mecha que atrapalhava seu espreitar em meu semblante.

A mão que segurava meu braço vai para a base da minha coluna e isso une nossos corpos de vez, ofego quando a outra se infiltra nos meus fios

e prende um punhado de cabelo rente à nuca.

Seus olhos descem para meus lábios, que por reflexo umedeço com a língua, em um convite claro para tomá-los, e por puro nervosismo. Já vivi o momento do primeiro beijo algumas vezes, mas em nenhuma delas fiquei tão ansiosa e faminta.

É praticamente uma necessidade, quase incontrolável, de sentir aqueles lábios grandes e carnudos contra os meus. Só consigo imaginar como é ser consumida por toda a voracidade que ele demonstra agora.

Nossas respirações estão descompassadas, quase audíveis, consigo sentir o ar quente que ele exala contra minha pele e o arrepio em meu pescoço entrega a sensibilidade que me causa.

Seus olhos cerram, assim como os meus, prontos para passarmos o limite que autoimpusemos quando nos tornamos patrão e empregada, o desejo varreu a razão para longe, nada mais importa, somente a cobiça de nossa intenção.

Sinto um baque atingir minhas costas e empurrar meu corpo de forma desajeitada para cima de Tadeu, que perde o equilíbrio e cambaleia para trás, quebrando nosso contato por completo.

Pisco algumas vezes, encaro seu rosto assustado e olho por cima do ombro, vendo Neto com a cabeça para dentro do corredor e chego a cogitar a hipótese de prensar sua garganta no vão.

— Eita, lasqueira! Não te vi aí, Jo. — Termina de abrir a porta quando me afasto e o encaro, séria. — Desculpe.

— Sem problemas — respondo, atravessada.

— Vim pegar o pagamento, Tadeu. Hoje tem cinema — ele declara, alheio à postura descomposta do patrão.

— *Tá certo. Vem comigo.*

Ele não me encara mais, vira e marcha de volta para sua sala, tranquilo, como se o momento que acabamos de viver só existisse na minha cabeça e, quando saio do bar e sinto a brisa leve bater contra minha pele ardente, forço a mente a acreditar que foi exatamente isso que aconteceu.



Capítulo 10

“Ao que parece, os planos de manter distância e prudência, mais uma vez foram para os ares...”

Tadeu

Confiro todas as fechaduras antes de subir para tomar um banho longo e frio, pois não há Cristo que me faça esquecer do momento quente com a ruiva. Desde que coloquei meus olhos nela, sabia que era encrenca, só não imaginava ser tanto assim.

A tática de me manter afastado e aumentar a frequência de mulheres que deitam na minha cama não surtiu o efeito que eu pretendia. Precisava arrancar aqueles cabelos cor de entardecer da minha mente, parar de imaginar como eles ficariam lindos espalhados sobre o travesseiro enquanto seu rosto se acalmava do rubor pós-foda.

Morenas, loiras, mas nunca uma ruiva, essa era a regra velada que eu seguia, para não atizar ainda mais os pensamentos quando estava curtindo o momento. Não adiantou nada, pois bastava cerrar as pálpebras no ápice, que aqueles olhos atrevidos e boca rosada invadiam minha mente.

Quase chamei uma das mulheres pelo nome dela, o que seria extremamente constrangedor, por sorte, fiquei tão embasbacado que troquei o “Jô” por “joia”. Foi ridículo e esquisito, mas serviu para mascarar quem realmente havia me incentivado a gozar tão intensamente.

Meus esforços se esvaíram por completo hoje, era só ela ir embora, mesmo que seu cheiro tivesse impregnado em minhas narinas, conseguiria me controlar e não fazer uma besteira.

Ao contrário do que previa, ela voltou, provocou, acendeu aquela chama de curiosidade e interesse em mim e, quando percebi, avançava feito um leopardo em sua direção no corredor.

Contemplei o momento, usei o pingô de racionalidade que restava para conter meu ímpeto, perceber se ela queria aquilo tanto quanto eu, porque uma coisa era fato: depois de começar, só pararia quando ambos estivéssemos suados, cansados e completamente satisfeitos.

O umedecer de lábios foi meu sinal verde, mas por azar do destino, que resolveu me mostrar a responsabilidade que eu havia despachado junto

do bom senso, Neto apareceu e encerrou o que não deveria ter começado.

Tomo uma chuva fria, visto uma roupa casual, o lugar está uma bagunça, preciso de alguém para cuidar daqui, Tetê até se ofereceu, mas não acho prudente arrumar enroscos com a autoridade da cidade.

Conhecendo a Tetê, sei bem que não aceita mando de ninguém, mas a forma atravessada que o homem me encara toda vez que estou perto da loira, convence qualquer caboco^[4] a ficar longe.

Pego o envelope pardo em cima da pequena mesa, viro sobre ela e dispenso o conteúdo que me enoja cada vez que leio. Fotos do prefeito, da falecida esposa, de Edmundo quando criança, adolescente e adulto.

Processos misteriosamente arquivados, investigações sobre corrupção que não deram em nada, a mais recente é sobre o envolvimento em roubo de carga viva.

O que me admira e faz ponderar sobre o caráter do meu possível “irmão”, é sua colaboração no caso, além da ficha política limpa. Ao que parece, ele não está contaminado com a sujeira de Cícero.

Semana que vem, o investigador chega a Santino, pedi para vir à noite e que se hospede na cidade vizinha, não quero levantar nenhuma suspeita, já que ainda não decidi o que fazer.

Uma coisa é saber de onde vim, quem me deu a vida, mesmo que tenha exigido acabar com ela antes mesmo que eu chegasse ao mundo.

Por isso, minha mãe nunca me falou nada sobre minha concepção. Não é uma parte da sua história que se orgulhe e, no fundo, agora a entendo. Se envolver com um forasteiro que apareceu em Palomino, ceder ao desejo, sonhar com as promessas vazias de um enganador.

Existem muitas lacunas nesta história, que eu ainda quero descobrir, mas me sinto acovardado em dar continuidade. Isso vai revirar feridas que não sei se já cicatrizaram em dona Dulce, nunca foi minha intenção magoá-la, por isso preciso agir com calma e ver até onde tudo isso vale a pena.

Ouçó o toque do meu celular, vou até a cama e sorrio antes de atender a chamada.

— Fala, mala.

— *É assim que trata a única prima que te procura?*

— As outras devem ter algo de mais importante para fazer, você já tem o Guilherme no cabresto para cuidar da filha.

— *Isso com toda a certeza.* — Ela solta um riso baixo. — *Como estão as coisas por aí?*

— Em ordem. O bar tem prosperado bastante, já perdeu aquele ar de boteco e tem atraído mais os moradores como ponto de diversão.

— *Logo vai virar uma balada noturna, então?*

— Não sei se chega a isso, mas um bom lugar dançante, com certeza.

— *Fico feliz que esteja finalmente criando raízes, mas precisava ser tão longe de Palomino?*

Solto um gracejo ao deitar na cama e usar o braço livre para apoiar a cabeça, levo mais tempo do que pretendia para responder, já que ainda não sei colocar em palavras os motivos para Palomino não bastar.

— Foi aqui que me senti encaixado.

Paula ainda não sabe da atualização das investigações e pretendo manter assim, por ora. Se conheço bem minha prima, em menos de vinte e quatro horas, minha mãe, as primas e, quem sabe os filhos delas, estariam na porta do bar para me apoiarem neste momento.

— *Você sabe que eu entendo completamente sua necessidade. Também demorei muito para me encaixar, e se não fosse o tatuado fofo que resolveu flertar comigo, talvez eu estivesse bem longe de casa.*

— *Tu nunca deixaria suas irmãs e pais. Te conheço muito bem, Paula. Há pessoas que nasceram para pertencer onde foram criadas e outras não.*

— *Só quero te ver feliz, Tadeu. E a aposta? Como vai?*

Solto uma risada alta e debochada, ela nunca se esquece disso, me admira ter demorado tanto para perguntar.

— Muito bem e continuo cumprindo. Uma noite de prazer e sem repeteco.

— *Isso é a desculpa que usa para não se aprofundar ou de fato não encontrou ninguém que valesse mais do que um momento de prazer?*

Abro a boca para responder, mas a ruiva invade meus pensamentos e trava qualquer intenção de discursar sobre eu ser um lobo solitário. A mesma desculpa de todas as vezes parece tão vazia e incerta que opto em ser sucinto.

— Ainda nada, prima. — O silêncio dela mostra que está tão cabreira quanto eu.

— *Talvez, agora que criou raízes por aí, finalmente encontre alguém e a conheça o suficiente antes de lhe arrancar as roupas.*

— Tu consegue me deixar tão superficial. — Uso do descaso para rebater.

— *Porque você é.*

— Não vou me defender.

— *Nem precisa. Agora levante dessa cama, coloque uma camiseta branca, você sempre fica lindo nelas, pegue sua moto e vai espairecer na cidade.*

— Como você sabe...

— *Que você está esparramado na sua cama e pensando se faz algo para comer ou simplesmente dorme?* — Afirmo com a cabeça, mesmo sendo uma atitude idiota, já que ela não pode me ver. — *Porque te conheço, Tadeu.*

— Você é uma mala. Não sei como Guilherme te aguenta. — Torço os lábios, descontente.

— *Essa é fácil. São três ameaças de vida por dia, uma transa bem-feita à noite e meu jeito angelical de ser.*

Explodo em uma gargalhada desacreditada, nos despedimos com a promessa de ligar em breve e, ao percorrer o olhar pelo lugar bagunçado, sou obrigado a concordar com Paula.

Preciso ver um pouco mais do mundo, apesar de conhecer muitas

pessoas durante as noites do bar, não estou ali para me distrair e, sim, para cuidar da diversão alheia.

Nem lembro a última vez que estive em algum lugar, rodeado de pessoas e conversando sobre qualquer assunto aleatório.

Estaciono a *Harley Ultra Electra Glide* preta, um achado que Ritinha, minha prima mecânica, encontrou em Palomino para mim, quando retornei de uma das viagens.

Esse modelo leva o conceito de quanto maior melhor, a máquina tem o dobro do tamanho de uma moto convencional, feita para percorrer longas estradas e ideal para o meu estilo de vida.

O modelo clássico da *Ultra Electra Glide* remete ao passado, mas conta com vários itens de qualidade modernos, como as rodas lindamente torneadas de liga leve, suspensão assistida a ar para regulagem mais precisa, de acordo com a carga, e injeção eletrônica de combustível.

Um verdadeiro tesouro que me faz parecer membro de algum moto clube americano, ainda mais vestido em roupas de couro, como estou agora.

Desde que cheguei a Santino, ainda não havia saído com ela. Costumo usar a caminhonete antiga, que veio junto no negócio com o bar, para facilitar o abastecimento do lugar quando preciso sair para compras.

— Diacho! Que coisa mais linda. — Olho para o lado e vejo o xerife acompanhado de Tetê.

— Tadeu. Não sabia que *tu* pilotava uma dessas, não. — A loira se aproxima alisando o couro do banco.

— Bonita, *né?* Ritinha a conseguiu *pra* mim há uns anos, em Palomino.

— Deve ser uma delícia de andar.

— Se quiser experimentar... — Ouço o pigarrear e encaro o homem sisudo atrás dela. — Com o xerife. Lógico. Posso emprestar para vocês.

— Eu aceito! — Tetê se volta para o namorado. — *Simbora* testar esse amortecedor? — O homem fica desconcertado, mas ainda assim abraça sua cintura e sussurra algo que lhe rende uma gargalhada.

Escondo o riso e aproveito para guardar o capacete no bagageiro na parte de trás da moto. Poderia dizer a eles que o amortecedor e estabilidade da moto aguentam muita coisa, pois já testei várias vezes, mas acho melhor não me intrometer nisso.

— Podemos fazer isso agora? — Tetê volta a me encarar e ergo as sobrancelhas, surpreso.

— Claro.

— Diaba, a gente combinou um cinema hoje — o delegado protesta.

— Prefiro fazer um filme contigo na estrada. — Ela pisca um olho.
— Fica com a caminhonete dele e nossos ingressos.

— Por mim, tudo bem. — Dou de ombros.

Ainda contrariado, o homem aceita o acordo da namorada, mostro a ele como funciona a moto, lhe entrego as chaves e logo os vejo se afastar enquanto seguro um par de ingressos para algum filme que não faço ideia de qual seja.

Na porta do teatro compro uma pipoca pequena e água, já tinha ouvido falar sobre as sessões improvisadas pela secretaria de cultura. Um projeto desenvolvido pelo vereador Edmundo, que visou diminuir o custo de ir para a cidade vizinha e deu acessibilidade aos que não dispõem de recursos.

Pelo que entendi, são três sessões, disponíveis de fins de semana e segundas-feiras, três gêneros diferentes, nem sempre são novidades do cinema convencional.

— Patrão, *tu* por aqui? — Olho para trás e vejo Neto e Joana se aproximarem da fila.

— Resolvi tomar um ar e ganhei ingressos.

— Oi — Joana me cumprimenta, sem encarar meus olhos.

— Boa noite, Joana. Aceitam pipoca? — ofereço, só para que ela seja obrigada a me olhar.

— Quero não — ela responde, sacolejando a cabeça em negativa.

— Eu quero. — Neto enfia a mão no saco e pega um punhado generoso. — Preferia a próxima sessão que é filme de ação, mas a Joana insistiu nesse que o garoto morre no final. — Neto faz careta. — Quem paga pra ver *disgraça*?

— Já li o livro e amei a temática abordada. Quase morri de chorar — ela dá de ombros, justificando.

— Eu poderia ficar sem esse *spoiler*, Neto. — Faço careta.

— Diacho — ele fala de boca cheia. — Foi mal, patrão.

— Neto? — Olhamos para a calçada e uma linda menina de cabelos cacheados nos encara.

— Oi. — A postura do rapaz muda por completo e deduzo que essa é a ex-namorada que ele terminou recentemente.

— A gente pode conversar?

— É que eu tenho que comprar os ingressos e...

— Pode ir, Neto, eu me viro — Joana intervém.

— Tenho um ingresso sobrando, posso ceder à Joana — ofereço de imediato.

A reação dos dois quase me faz rir. Primeiro Neto se ilumina feito um holofote, agradece acertando um tapa estalado no meu braço que quase derruba a pipoca e por, segundo, Joana.

Seus olhos arregalam em um misto de desespero, descompasso e nervosismo. Ela troca o peso entre as pernas e cruza os braços como se estivesse impaciente com algo.

Acho engraçado o fato de ela se sentir inquieta tanto quanto eu ao perceber que estaremos juntos, sozinhos e na penumbra do cinema.

Ao que parece, os planos de manter distância e prudência, mais uma vez, foram para os ares e, sinceramente, estou pouco me importando.

Paula tem razão, preciso conhecer mais das pessoas, criar vínculos, amizades, tornar o lugar que escolhi ficar um lar de verdade. Posso até mesmo ser amigo da Joana, é só eu conseguir manter o interesse instantâneo

que ela me desperta só para mim.

Talvez o convívio torne esse sentimento nada mais do que uma bela amizade.



Capítulo 11

“.... sua companhia estava se tornando algo significativo para mim...”

Joana

Mantenho as palmas cruzadas diante do corpo, evito me mover ou fazer qualquer coisa que chame demais a atenção dele para mim. Não consegui parar de pensar um minuto sequer naquele quase beijo, agradecida por não o ver até amanhã no fim da tarde.

O destino e meu amigo da onça, Neto, resolveram tirar a tentativa frustrada de me recuperar daquele rompante e, agora, prestes a entrar em um ambiente fechado, escuro e aconchegante com Tadeu, só me faz reviver inúmeras fantasias que criei.

— Acho que vou pegar uma pipoca. — Aponto com o polegar para o carrinho que tem uma fila considerável.

— Fique aqui e eu busco, já vamos entrar — ele oferece e estica sua pipoca e água para mim.

Antes que eu proteste, os itens são despejados sobre mim e Tadeu corre até a fila. Aproveito o momento para admirá-lo, de costas, não pode ver meu escrutínio.

A calça preta agarrada nos quadris, uma jaqueta de couro na mesma cor que o deixa com ar de perigo acompanhada da camiseta branca, que sempre fica ótima nele. A composição combina perfeitamente com seu rosto sério, a boca carnuda e tão delineada, que quase tive o prazer de sentir hoje.

Solto o ar com pesar, cansada emocionalmente de ficar imaginando tantos cenários e não ter qualquer tipo de ação. Apesar da coerência dizer que é errado me envolver com o patrão, não consigo me libertar dessa vontade que só cresce.

— Noite, Joana. — Olho para o outro lado e vejo o guarda Josias.

— Olá, guarda.

— Vai aproveitar o cinema da cidade? — Sinalizo com a cabeça em positivo.
— Se tivesse avisado, eu teria trocado meu turno. Seria um prazer te acompanhar.

— Não..., mas é que... — tento explicar e o homem não deixa.

— Carece de fazer as coisas sozinha, não. Podia ter me convidado, sem vergonha nenhuma. Hoje o mundo *tá* mais moderno, não precisa do homem convidar.

— Concordo, guarda. Mas acontece que eu...

— Além do mais, é bom me avisar com antecedência, sabe? — Ele solta um riso maroto. — Depois de ganhar a honraria da cidade, tenho recebido muitos convites das damas. — Ele ergue as sobrancelhas, enfatizando.

Prendo os lábios entre os dentes, na tentativa de segurar o riso. O homem é engraçado demais, Tetê comentou sobre ele certa vez e seu papel no desfecho do roubo e sequestro ocorrido.

— Boa noite, guarda Josias. — Tadeu se aproxima com uma pipoca grande e refrigerante.

— Seu Tadeu, como vai? — O guarda estende a mão para cumprimentá-lo, mas recolhe em seguida ao vê-lo ocupado.

— Muito bem. Vai assistir ao filme também?

— Não. Só vim prosear com a Joana.

— Ah, entendi. — Tadeu me olha de esguelha e dou de ombros.

A fila é liberada, nos despedidos do guarda, que agora parece um pouco decepcionado. Os lugares não são marcados, Tadeu entra em uma das primeiras fileiras no fundo.

A sessão não está cheia, alguns casais e grupo de amigas se espalham pelo lugar, deixando Tadeu e eu em completa reserva no canto. No palco uma grande tela branca está fixada, onde passam imagens sobre o projeto cultural.

— Aqui está seu refrigerante. — Ele estende o braço por cima de mim para colocar no suporte.

A lateral do pescoço dele tão próximo do meu rosto me faz puxar uma lufada de ar e sentir seu cheiro, meu peito acelera as batidas. Se tem algo que encanta no sexo oposto é, além de ser educado, ser cheiroso.

— Obrigada — solto, quando se afasta.

— Parece que você tem um admirador da lei. — Ele torce os lábios com o gracejo.

Acerto seu ombro com o meu e deixo escapar uma risada baixa.

— Pode parar com isso. O guarda Josias só é um homem educado.

— E interessado. — Torno a bater meu ombro no dele e isso arranca uma risada mais alta.

— E o que tem de mais nisso? Ele não está competindo com ninguém, mesmo. — Dou de ombros e enfio um punhado de pipoca na boca.

“Poderia competir com você, patrão, e tu ganharia fácil.”

— Tem certeza? — Ele vira o corpo na minha direção, os olhos atentos aos meus.

Termino de engolir a pipoca com certa dificuldade, já que minha garganta contraiu com o acelero do peito. Antes que eu responda qualquer coisa, as luzes baixam e os alto-falantes anunciam o início da sessão.

Tadeu retorna ao seu lugar, como se não tivesse acabado de flertar comigo descaradamente. Eu procuro manter a respiração compassada, com medo de ele perceber meu leve descontrole.

“Se ele continuar com isso, não responderei por meus atos.”

O filme começa e ocupo minhas mãos e boca, controlo o tempo de mastigar, engolir, beber um gole do refrigerante e respirar. Sempre nesta ordem e sem falhar, evitando ao máximo direcionar a atenção para ele.

Com dificuldade, consigo ignorar a presença corpulenta ao meu lado e foco no filme, meu coração aperta com o desenrolar, sabendo que as coisas não terminarão bem para a mocinha.

Na reta final, percebo Tadeu se remexer na cadeira algumas vezes, olho de esguelha e ele tem um braço apoiado na divisória e segura o queixo. A perna que estava sobre o joelho inverte a posição para logo em seguida esticar à frente e cruzar os calcanhares.

— O que foi? — pergunto baixo.

— Nada. — Encaro seu semblante atento ao filme.

— Tem certeza? *Tu* não para de se remexer.

— Só quero saber quando ela vai convencer *ele*. Já está a caminho da casa de repouso e ele ainda não mudou de ideia.

— Ah... — Volto a olhar para frente e seguro a língua.

— Ele muda de ideia, *né*? — Sua cabeça gira na minha direção.

— Assista que você vai descobrir.

— Responda, Joana.

— Tadeu, não tem graça se eu contar. — Olho para ele, exasperada.

— Graça não vai ter é assistir ao filme *pra* ver o cara se matar no final. — Ele parece indignado.

— Eutanásia é um assunto muito complexo, principalmente no Brasil.

— É suicídio!

— Não, não é.

— Claro que é. Nós não temos direito de interromper o ciclo da vida.

— Mas nas condições dele, não existia a possibilidade de melhora. Pelo contrário. É libertação para ela também.

— Como, libertação? — Seu cenho franze. — Ela ama o cara, apesar de todas as dificuldades e limitações. Sabe quando uma pessoa em condições normais tem uma chance dessa? — Ele ergue a voz e algumas pessoas protestam.

— Você não quer ver o final? — Seguro o riso pela sua revolta.

Entendo completamente seu sentimento, quando li o livro, não sabia que o final seria dessa forma, segui na esperança dela conseguir mudá-lo, mas não aconteceu. Fiquei três dias trancada no quarto, depressiva, só sabia chorar e me questionar dos motivos.

Foi quando passei a enxergar a história do ponto de vista dele, analisar como sua vida era perfeita e maravilhosa, ele tinha sede de viver e ensinou a mocinha a desejar mais do que se contentava. Sua condição só pioraria e isso a prenderia a ele em uma vida complicada.

— Quero, lógico — responde, enfático.

Mesmo sabendo do final, não consigo conter as lágrimas e o fungar constante quando o filme termina. Arrisco um olhar para Tadeu e vejo seus olhos marejados, acho fofo.

— Preciso comer algo decente. A pipoca só atçou meu estômago — ele comenta, quando deixamos o cinema e caminhamos vagarosos pela rua.

— Bom, não conheço nada ainda, então não posso te indicar um lugar para comer.

— Conheço um lugar perfeito. Quer ir? — ele oferece, ao apontar para uma caminhonete grande estacionada no meio-fio.

— Claro. — Dou de ombros.

No curto caminho até nosso destino debatemos sobre o filme e a questão conceitual, sua revolta me faz rir algumas vezes, o papo flui tão fácil que só me toco que estamos em frente ao Pau Dentro quando ele desliga o motor.

— Sempre me perguntei o motivo desse nome. — Aponto para a placa antes de descermos.

— Sabe que eu também? — Tadeu tomba o pescoço, encarando o letreiro.

— Você é dono e não sabe? — Não consigo conter o riso.

— Não. Achei o nome bem comercial e interessante. Só mantive.

Entramos no salão escuro, Tadeu acende algumas luminárias para clarear o

lugar, vamos até a cozinha, onde ele coloca uma banquetta na ponta da mesa e bate no estofado.

— Sente e aguarde. — Ele tira a jaqueta de couro e pega o avental, vestindo no corpo. — Vamos de cozinha italiana hoje.

— Uau. Amo massa.

— Espero que goste de carbonara.

— Com certeza. Vou pegar duas cervejas no bar. — Levanto e corro até o freezer, pescando duas *long necks*.

Ao retornar, abro as garrafas, deixo uma na ponta da mesa ao seu lado e volto para o lugar que ele indicou. Acabei de descobrir que assistir Tadeu trabalhar na cozinha é um filme muito melhor, mais instigante e interessante de se ver.

É notável seu conforto dentro da cozinha, um *habitat* natural, cada movimento é automático, calmo e equilibrado. Dizem que cozinhar é uma forma de terapia, nunca acreditei, até assisti-lo.

— Então... — ele pigarreia — ...vamos falar sobre a primeira vez que nos vimos ou continuaremos ignorando este assunto?

— Oi? — Solto a mão que apoiava meu queixo enquanto babava em suas costas e bunda perfeita.

— A noite que entrou no pulgueiro, pediu uma cerveja e a cuspiu em mim. — Uma olhada rápida por cima do ombro e vejo o humor em seu rosto.

— Ah... então... Nem sei por onde começar. — Remexo meu corpo, desconfortável.

Explicar os motivos que me levaram até lá naquela noite e a covardia em desistir, só vai me tornar a jovem abobalhada que ele, provavelmente, acha que sou.

— Tente começar pelo começo.

— Não é tão fácil quando você imagina. — Minha voz sai baixa e tomo mais um gole de cerveja para diminuir o bolo crescente no fundo da garganta. — Ao menos, agora consigo tomar uma cerveja sem cuspir. — Ergo a garrafa, enquanto ele solta um riso ao me olhar de novo sobre o ombro.

— Eu saí do bar atrás de você... aquele dia. — Empertigo o corpo, interessada. — Fiquei tão curioso com a figura destoante do lugar, preocupado também, então saí. Procurei você por todo o estacionamento, mas parecia que tinha virado fumaça no ar.

— Corri de volta para casa, não morava tão longe dali.

— Foi a primeira vez que entrou lá? Não me lembro de vê-la antes.

— Sim. Uma tentativa frustrada de me rebelar.

— Frequentar um bar? — Tadeu se volta para mim, interessado.

— *Tu* não faz ideia do quanto, só isso é o suficiente para deixar meus pais ensandecidos.

— Por isso veio para Santino? Liberdade?

— Também. Quero trilhar meu caminho e só conseguiria isso saindo de casa. Meus pais têm a crença limitada de que meu futuro será casar e ter filhos.

— Te entendo. — Ele volta a mexer na panela.

— Essa vida de estar cada dia em um lugar é boa? — arrisco a pergunta.

Já que estamos nos abrindo, nada mais justo do que saber um pouco mais sobre seu modo de ser.

— Depende. Por um lado, você conhece muitos lugares, pessoas, mas, por outro, não está de fato inserido no meio.

— Você se sente só? — Seu olhar espantado sobre o ombro mostra que talvez eu tenha passado do ponto.

— Não. Sim. Existe uma diferença muito grande entre solidão e solitude. Prefiro pensar que vivo a segunda opção.

— E como diferencia uma da outra?

— Querer estar só, é diferente de realmente estar.

— Eu não saberia diferenciar uma coisa e outra.

— Isso é mais uma questão de se entender. Quando você sabe o que é, o que busca, encontra a resposta para alguns questionamentos.

— E você já encontrou suas respostas?

Vejo-o finalizar o macarrão ao colocar a massa dentro da frigideira grande com o molho carbonara. Ele demora mais para responder desta vez, acredito que para formular as ideias, já que seus movimentos continuam a acontecer no automático.

— A maioria delas acredito que sim, mas não foco meus pensamentos nisso. Simplesmente sigo o caminho. — Ele pega dois pratos rasos da prateleira e enche com uma porção generosa do macarrão. — Aqui está.

Minha boca encheu d'água ao ver a maravilha que ele preparou, pesco o garfo que ele colocou ao meu lado e enrolo uma quantidade considerável, antes de soprar e enfiar na boca.

Gemo e fecho os olhos, nunca comi algo tão gostoso na vida. O tempero é maravilhoso, a massa no ponto, nem mole nem dura, ao dente, como deve ser.

— Vou deduzir que está bom. — Ele ocupa a banquetta na lateral da mesa com o prato à sua frente.

— Muito — balbucio, entre a segunda e terceira garfada.

— Tem mais na panela, caso queira. — Ele aponta com o polegar para o fogão, com o olhar assustado.

Acerto seu braço com a mão, contendo o riso, de fato, pareço uma esfomeada, mas é quase hipnotizante o sabor do que preparou.

Passamos o jantar brincando sobre minha fome voraz e sinto meu coração aquecer, quando levanto da banquetta para servir mais uma porção daquela delícia e ele explode em uma gargalhada sincera e cheia de piadas.

Não me atentei naquele momento, mas sua companhia está se tornando algo significativo para mim, seu riso ilumina meu humor e talvez essa amizade recém-desperta possa confundir um pouco a minha cabeça.



Capítulo 12

“... já que um lobo nunca perde para o cordeiro.”

Tadeu

Assim que terminamos a última garfada, Joana salta da banquetta, recolhendo a louça e disse que lavaria tudo. Contesto, mas ela fala que se eu cozinhei, ela limpará e ponto final.

Já tomamos duas cervejas durante o jantar, pego mais uma rodada no bar enquanto ela cuida da limpeza, ao retornar paro no batente da porta, admirando seu semblante sereno enquanto ensaboia os pratos.

Algo diferente atinge meu peito, preciso respirar fundo para acalmar o que seja dentro de mim, uma sensação estranha de tranquilidade, parecida com um *déjà-vu*^[5], é um completo reconhecimento de algo que nunca vivenciei.

— O que foi? — Percebo Joana me encarar de forma desconfiada, um sorriso disfarçado nos lábios.

— Nada. Deixe isso aí, vem comigo? — Estendo a mão livre e sem contestar ela faz o que pedi.

Quando sua palma toca a minha, sinto o choque do frio de seus dedos sobre os meus quentes, um arrepio percorre pela pele, mas não tem a ver com a diferença de temperaturas.

Além do que consigo explicar, essa mulher, tão jovem, tem o poder de mexer com meus anseios muito mais do que a quantidade de parceiras que já tive pelo caminho.

Subimos os degraus que dão acesso à minha casa, Joana não fala nada, ambos cultivamos o silêncio confortante entre nós. Abro a porta e faço uma careta ao perceber a bagunça que não limpei antes de sair.

— *Tá* meio fora de ordem, mas... bem-vinda ao meu lar. — Abro espaço para que entre.

Joana percorre os olhos por todo o lugar, seu nariz enruga de leve quando vê a pilha de roupa para lavar no chão, próximo à porta do banheiro e, assim que foca as portas de vidro que dão para uma sacada imensa na

frente do bar, seu queixo cai.

— Lindo, não é? — Deixo as cervejas sobre a mesa e caminho até a porta que fica atrás da cama de casal.

Apesar do ambiente ser um só, dividido entre uma pequena cozinha logo que entra, um guarda-roupa na parede ao lado do banheiro e, no meio do quarto, a cama enorme.

Duas portas venezianas ficam atrás da cama e na lateral, coberta por cortinas de *voil* claro, permite uma boa visão ao longe. À noite é maravilhoso, mas nada se compara ao amanhecer e entardecer, o segundo, recentemente se tornou meu preferido.

— Maravilhoso — ela sussurra, ao passar pela porta. — Isso é tão...

— Libertador? — arrisco o complemento a dois passos dela.

— Sim — ela olha de relance sobre o ombro —, adoraria ver o amanhecer aqui.

— Sinta-se convidada. — Sei que seu comentário foi casual, sem conotação sexual, mas foi impossível não ligar uma coisa à outra.

Cansei de imaginar como seria observar seu semblante ganhar luz conforme os primeiros raios de sol invadissem o quarto, sua pele alva parcialmente coberta por um lençol branco e aqueles cabelos acobreados esparramados no travesseiro.

Ela gira no lugar e dá um passo cauteloso na minha direção, sua face é iluminada pela luz do luar, consigo enxergar a expectativa estampada no olhar, sua língua passa entre os lábios, umedecendo-os, e eu não resisto mais.

Fecho a distância que nos separava, com uma mão enredo sua cintura, colando nossos corpos, desço meus lábios sobre os seus e a maciez me faz gemer.

Era para ser lento e cauteloso, mas quando sua língua pede passagem pela minha boca, explodo com o desejo, a outra mão enrosco em sua nuca, os fios entrelaçando entre meus dedos, tão bem encaixados que fecho em punho só para ouvi-la gemer.

A língua circunda de forma afoita a minha que, por sua vez, quer

consumir sua respiração em um único fôlego. Rodopios e sucção nos embalam enquanto minhas mãos descem para sua bunda empinada e redonda e a puxo contra meu quadril.

Desta vez gememos juntos, as mãos dela se fecham em minha nuca puxando ainda mais em sua direção, subo uma mão e envolvo seu seio, pequeno e delicado, em concha.

Ela usa algum tipo de sutiã de pano ou um top, pois não sinto a dureza do bojo, o que sou grato, completamente satisfeito por ter um contato real com a sua maciez.

O resvalar de dedos me permite identificar seus bicos entumecidos, pinço um deles e aprofundo ainda mais o beijo ao empurrar seu corpo na direção do parapeito na lateral.

Quando ela encosta na grade de madeira, forço meu joelho entre suas pernas e ajusto para que fique rente a ele. Ergo sua blusa com a mão livre e findo o beijo.

Seus lábios inchados e vermelhos atijam ainda mais meu tesão, o jeans está maltratando a ereção desperta dentro da calça e, para ajudar, Joana começa a rebolar na minha perna, entendendo minha intenção.

— Você é deliciosa — solto, a voz rouca, tomada pelo prazer.

Ela segura as grades, o que faz seus seios empinarem na minha direção, abaixo o sutiã rendado que usa e desço, sem pudor algum, chupar aquele monte delicado e eriçado.

Joana geme alto quando sugo um mamilo e belisco o outro, seus movimentos na minha perna aumentam, atijando ainda mais meu pau dentro da calça.

Uso a boca para praticamente engolir um deles e circulo a língua na aréola, até ouvir sua respiração descompassar e ela implorar por mais. Continuo com o mesmo empenho, desço a mão livre até seu quadril e incentivo seus movimentos.

Quando suas lamúrias se tornam mais intensas, uso a mesma mão para soltar o botão da sua calça, ela entende a intenção e me ajuda a terminar de abrir a peça.

Infilto os dedos por dentro da calcinha e os enxarco entre as dobras sedentas do seu prazer. Incrivelmente molhada, não encontro qualquer atrito para os movimentos que inicio, envolvo sua cintura com a mão livre e mergulho minha boca na sua.

Cada suspiro, gemido e ofegar é engolido por mim, incentivado por sua entrega e receptividade, empenho meu intuito de levá-la ao ápice. Sentir toda sua entrega no momento, o silêncio e o céu aberto como cenário tornam nossos sons lascivos a única trilha sonora.

Percebo o momento em que seu abdômen estremece e as pernas tremulam, ela atingiu seu êxtase, findo o beijo e abrando os movimentos no ponto de prazer. Capturo um bico entumecido e sugo com força, até estalar em meus lábios.

— Eu... Uau... — Ela ofega com respirações entrecortadas.

Sem dizer nada, retiro minha mão das suas dobras e levo os dois dedos molhados até a boca e chupo, como se fosse o mel mais saboroso que já provei. Seus olhos se abrem, ainda nublados de desejo, mas incrivelmente interessados no meu feito.

— Quer continuar aqui ou prefere entrar? — Deixo a escolha em suas mãos.

Confesso que meu lado devasso quer fodê-la nesta grade como um lunático, mas ao mesmo tempo, tê-la em minha cama é a fantasia que mais me perturba desde que a conheci.

— Eu... não sei... — Seu semblante vacila e acabo recuando um passo.

— O que houve? Você não gostou?

— Gostei! — ela responde, apressada. — Claro que gostei, só nunca tinha feito assim.

— Nunca gozou nos dedos de alguém? — Agora estou intrigado e curioso.

Ela balança a cabeça em negativa e prende o lábio inferior entre os dentes. Não consigo imaginar como alguém pode ter um momento íntimo

com essa mulher e não desfrutar da cena erótica de vê-la atingir o prazer.

— Você é... — Recuo, desacreditado da teoria que se acendeu na minha mente.

— Não! Eu não sou virgem. — Ela entende minha expressão assustada.

Solto o ar, aliviado. Não quero ser o responsável por algo tão importante na vida de ninguém, mesmo que com ela seja incrível, é um momento sério e requer certeza demais para ir até o fim.

— Ok! Vamos entrar e tomar a cerveja que deixei na mesa. — Fico sem saber como agir.

O clima não acabou, ainda sinto um desejo insano de foder com ela, mas por algum motivo sei que preciso pisar no freio. Talvez Joana não seja como outras mulheres experientes e, me lembrando do conselho da minha prima, tenho que me permitir conhecer mais das pessoas.

— Claro. — Ela parece um pouco desapontada, mas lidera o caminho para dentro do quarto.

Ligo a televisão acoplada no suporte de teto, próximo da cama, seleciono um canal qualquer e deixo o som preencher o silêncio incômodo que se infiltrou entre nós.

— Acho que já esquentou, posso descer e trocar. — Ergo as garrafas de cerveja suadas.

Joana permanece próximo da porta do banheiro, observa em torno, parece meio perdida no ambiente.

— Ou se preferir posso te levar embora — sugiro, com medo de que ela esteja desconfortável aqui.

— Pode trocar a cerveja, eu vou ao banheiro enquanto isso — ela responde firme e ignora minha última sugestão.

Aceno uma vez com a cabeça e saio apressado do lugar. Não me lembro a última vez que me senti deslocado com alguém, acho que isso aconteceu na adolescência.

Sexo para mim sempre foi algo natural, quase automático, como se o

instinto falasse por si e ditasse as diretrizes do que fazer e quando fazer. Claro que já brochei, já passei por momentos ruins para mim, às vezes para a parceira, mas no geral, me considero bom no que faço.

No entanto, perder o ritmo logo após aquela conversa, me deixou mais nervoso e sem saber como agir a partir daqui.

Pego as cervejas no freezer, sacudo a cabeça e lembro a mim mesmo que só preciso deixar rolar, como sempre foi. Se acontecer algo a mais, ótimo, se não, tudo bem, teremos outra oportunidade.

Isso nem pode contar para a aposta maluca da Paula, afinal, não chegamos a consumir uma noite prazerosa, interrompemos o processo e conta como parte do caminho andado.

— É isso! — Determinado e confiante, subo as escadas com rapidez e ao entrar em casa, perco todo o raciocínio.

Joana está de pé, rente à cama, usa somente a calcinha, que está ensopada do seu prazer e me encara, determinada. Os cabelos compridos cobrem parte dos seios pequenos, as curvas sombreadas pela pouca luz, só atijam meu desejo de tocá-la e desvendar cada parte daquele corpo.

— Eu quero isso. Eu quero você. — Sua voz sai confiante, mas o trocar de peso entre as pernas mostra que está ansiosa.

— E eu também quero. Muito. — Avanço os passos cautelosos e deixo as garrafas de cerveja sobre a mesa. — Mas isso não significa que precisa acontecer hoje.

— E por que não?

— Porque não precisamos ter pressa.

— As outras que estiveram aqui foram assim também? Porque não vi nenhuma delas voltar, depois da única noite que estiveram juntos.

Não sei se isso foi um comentário enciumado ou um simples comparativo, mas repuxo um lado da boca feliz por ela, ao menos, prestar atenção na minha vida particular.

— Com elas foi tudo de uma vez. — Aproximo mais um passo. — E só uma vez.

Por mais que eu tente manter certa distância e entender tudo que está acontecendo, seu corpo parece magnetizado e me puxa cada vez para mais perto.

— Então isso significa que não passei no seu teste, ou sei lá? Não rolou química? — Ela parece ofendida e preciso segurar o riso para não piorar minha situação.

Inocente. Joana, apesar de agir de forma adulta, com certa sensualidade nos atos e olhares cobiçosos, ainda é inocente no jogo da sedução. Apesar de afirmar que não é virgem, duvido que tenha tido mais de dois parceiros na intimidade, que provavelmente não souberam jogar uma boa preliminar.

— Muito pelo contrário. — Chego próximo o suficiente para enxergar o desafio em sua íris. — *Tu* já passou em qualquer possível teste desde que botei os olhos em *tu* e sobre a química... — Seguro sua mão e a levo até o meu pau.

Ela fecha os dedos delicados sobre o jeans, marcando a protuberância e acaricia com delicadeza, o que atíça ainda mais meu tesão e por muito pouco não a jogo na cama, reivindicando seus gemidos.

— Isso é uma reação automática de qualquer homem — ela solta, determinada e sem hesitar os movimentos.

Ela quer me provocar, mostrar a que veio, conquistar seu espaço neste jogo. Uma pena que não tenha qualquer chance, já que um lobo nunca perde para o cordeiro.



Capítulo 13

“Misericórdia. Se eu morri, Deus, saiba que valeu a pena.”

Joana

A provocação feita surtiu o efeito que eu queria quando os olhos de Tadeu se acenderam em brasa e seu aperto sobre o dorso na minha mão foi mais firme que antes.

A mão livre ele usa para afastar as mechas de cabelo que cobriam meus seios desnudos e o resvalar do seu polegar sobre o bico causa arrepios prazerosos na minha pele sensível.

Quando entrei no banheiro e encarei meu semblante pós-orgasmo, determinei que esta noite seria para viver toda a experiência. Preciso saber como é estar com um homem com toda a carga que Tadeu carrega, porque uma coisa é óbvia: eu nunca havia gozado com tanta intensidade.

Cada olhar, toque, beijo, gemido, é insano e enlouquecedor, tirando por completo meu raciocínio, o que deixou meu corpo entregue e rendido no orgasmo na varanda.

“Diacho! Que nunca gozei tão rápido assim.”

Uma coisa que sempre me incomodou nas experiências com Sandro. Enquanto ele atingia o prazer com facilidade, eu demorava demais para encontrar o meu próprio.

Sou completamente nova nesse jogo, eu sei, mas Tadeu parece o cara certo para me mostrar como as coisas funcionam de forma casual.

Com Sandro, foi quase um teste escolar, algo que eu precisava conhecer e entender, temerosa de que meus pais me casassem antes de aprender mais sobre a vida.

Já com Tadeu, é real, verdadeiro, sem testes ou aprendizado, ao menos da parte dele, o máximo que vai acontecer é ele me ensinar durante o processo.

— Homens sentem tesão com facilidade, não vou mentir, mas eu...
— Ele faz uma pausa pressionando ainda mais sua mão contra a minha. — O meu tesão está totalmente intencionado a você. Nua ou não.

Inclino a cabeça em sua direção, pronta para beijá-lo e finalmente nos perdemos nos lençóis amarrotados da sua cama, mas Tadeu não parece tão afoito quanto eu, pois recua um passo e quebra nosso contato.

— Você não teve muitos parceiros — ele declara, enquanto vai até a mesa pegar as garrafas de cerveja.

— Não — respondo, mesmo que não tenha sido uma pergunta.

— Que tal jogarmos um jogo, Joana? — Quando ele se vira e caminha de volta, sinto meu ventre contrair.

Tadeu permanece alinhado, seu rosto mostra uma tranquilidade que não habitava ali há um minuto, no entanto, os olhos ainda estão quentes, interessados demais em minha resposta.

— Claro. — Sua íris brilha e um sorriso de lado surge naquela boca carnuda.

— Corajosa. Gosto disso. Só tenha cuidado em aceitar tudo, há certas coisas que podem não ser para você.

— Se eu não testar, nunca saberei — respondo, ao cruzar os braços diante do corpo.

— Justo. — Tadeu fecha nossa distância e sinaliza com a cabeça. — Quer um gole? — Ele oferta a garrafa e quando estico a mão para pegar, ele desvia. — Não. Eu vou te servir.

Encaro Tadeu quando o vejo se aproximar, empunhado das duas garrafas, toma um gole da sua e coloca a outra na minha boca, que me obriga a inclinar a cabeça para trás e beber.

É muito líquido para que eu consiga engolir de uma vez, então acaba escapando um pouco que escorre para meu queixo e garganta.

— Não! — Tento limpar, mas a voz impositiva de Tadeu me impede. — Eu limpo. Disse que ia te servir e vou.

De uma maneira nada convencional, mas extremamente erótica, Tadeu aproxima a boca do meu colo, com a língua exposta ele traça o caminho por onde o fio de bebida escorreu, meus pelos eriçam e um calor repentino sobe por toda a extensão.

Quando chega ao meu queixo, ele chupa e morde no final, mas afasta, sem tocar meus lábios. Um leve ofegar escapa sem que eu consiga conter e, a satisfação estampada em sua face, mostra que essa era sua intenção desde o começo.

— Sexo é muito mais que um ato e, principalmente, mais do que os órgãos que usamos para isso — sua voz é baixa e completamente sedutora —, o prazer está mais associado à mente do que possa imaginar, Joana.

— É um jogo — declaro, em um fio de voz.

— De certa forma, sim. Mas antes de jogar com alguém, é preciso entender o que te excita ao ponto de encontrar seu ápice, testar, experimentar, envolver e, principalmente, deixar acontecer.

— E o que eu tenho que fazer? — A curiosidade atíça meus sentidos.

— Sentir. — Ele afasta um passo. — Deite na cama e relaxe.

— Isso é um pouco difícil com você desse jeito e, além do mais, eu...

— Shiu. Falar vai distrair sua mente da sutileza de cada ato. Responder no automático te impediu de perceber como se sente em relação ao meu comando. — Engulo a meia dúzia de palavras que ia proferir e obedeco.

Claro que estou nervosa, por mais que não o conheça direito, confio que Tadeu não fará nada que me deixe desconfortável, mas, ao mesmo tempo, não saber o que pretende me coloca em total estado de alerta.

— Você só vai falar em duas situações: se algo não te agradar e quiser que eu pare — ele pausa esperando pela minha confirmação —, e para responder quando eu lhe perguntar algo. Estamos de acordo? — Seus olhos fixam nos meus, atentos a qualquer oscilação em aceitar.

Concordo com a cabeça mais uma vez e respiro fundo. Não tenho ideia do que ele fará, nunca fiz ou vi nada parecido com isso, a expectativa me consome a cada instante.

Tadeu coloca uma das garrafas de cerveja sobre a mesa de cabeceira, ainda completamente vestido, ele abaixa e percebo que se livra dos coturnos,

o que leva mais tempo, já que usa somente uma das mãos.

Ao terminar a tarefa, Tadeu sobe na cama e encaixa um dos joelhos no vão das minhas pernas esparramadas no colchão. Uma mão ele apoia ao lado da minha cabeça e com a outra usa o fundo do vasilhame para circular um dos meus bicos entumecidos.

O frio faz meu corpo retesar até que se torne confortável o contato, fecho os olhos em automático, logo o sinto migrar para o outro, enquanto sua boca se ocupa do primeiro.

Arqueio as costas e solto um gemido de prazer, a língua quente trabalha determinada na aréola, sugando e lambendo, desfaz por completo a frieza que habitava ali.

— Abra os olhos. — Atendo de imediato e encontro o par de íris quente me fitando.

Ver sua boca trabalhar no meu seio, enquanto a garrafa desliza pelo outro é tão erótico que meu prazer aumenta e o desejo recém-desperto no ventre se intensifica.

— O ser humano é visual, Joana — ele solta, entre uma sucção e outra. — Quando você observa o que faço no seu corpo, seu prazer aumenta, o cérebro confirma que não é só uma fantasia da cabeça, a química física se funde à emocional.

A voz é neutra, está tão determinado na tarefa de executar e explicar, que não parece se afetar com nada. Tadeu, com certeza, é muito mais experiente do que imaginei.

— Quer que eu pare? — Ele torna a sugar meu seio e eu sacudo a cabeça em negativa. — Responda. Quero ouvir sua voz. — Uma mordida de leve me faz ofegar.

— Não! Não quero que pare. — Em resposta, ele afasta a garrafa e cobre meu seio gelado com sua boca quente.

Contraste e arrepio, sua língua envia pequenos choques prazerosos pelo meu corpo que me fazem remexer o quadril, impaciente por mais.

Tadeu empertiga o tronco e sorve um gole da cerveja, seus olhos

nunca abandonam os meus, atento a cada piscar, respiração ou sinal que emito. Ele torna a pairar sobre mim, mas desta vez sua boca percorre abaixo dos meus seios, pelo abdômen e por onde passa faz questão de sugar, beijar ou lamber em pontos específicos e certos.

Um rastro de fogo e deleite se intensifica, conforme percorre a pele, próximo do ventre ele para, deita o corpo por completo na cama e fica de frente para a renda da calcinha.

— Agora eu vou lamber tudo que tem aqui. — Seu dedo resvala no tecido e sinto meu canal contrair. — Tudo bem?

— Sim — solto, em meio ao suspiro.

— Você não vai tirar os olhos de mim.

— Não — respondo, mesmo que não seja um questionamento.

Tadeu aproxima mais o rosto e puxa a respiração com força, inalando meu cheiro. Seus olhos fecham, parcialmente, parece se deleitar do momento.

— Seu cheiro de boceta gozada é maravilhoso. — Ele volta a me encarar com um riso sacana.

Penso em responder com alguma piada, mas seu olhar de advertência me faz calar mais uma vez. Nada que eu dissesse seria capaz de desanuviar a luxúria que nos encontramos mesmo.

Tadeu encosta a garrafa gelada sobre a renda e retraio o quadril com o choque. A temperatura ali está muito mais escaldante que na parte de cima do corpo.

Ele repete a ação e desta vez é mais confortável, sinto uma leve pressão contra minha carne e o atrito se torna bem-vindo. Ele afasta a garrafa e engancha um dedo na renda, puxando para o lado.

Sinto um rubor envergonhado tingir meu rosto, apesar de ter dado o primeiro passo para que continuássemos a noite de sexo, somente Sandro foi o premiado em conhecer ali embaixo, nunca cheguei nem perto disso com outro homem.

A vergonha se abrandava quando sinto sua língua mergulhar na minha

fenda pela primeira vez. Uma única lambida e ele afasta, me encarando. Seus olhos brilham com a parca luz que vem da televisão, o rosto parcialmente oculto o faz parecer ainda mais pecaminoso.

— Deliciosa, como imaginei que seria. — Sua língua passa mais uma vez, de baixo para cima, não é devagar, tampouco apressado. — Preciso dizer uma coisa: ela é linda, pequena, macia e sedenta. Uma combinação perfeita.

Desta vez, ele abaixa o tronco e cobre minha intimidade com uma abocanhada só. A sucção causa uma pressão tão maravilhosa que sinto meu canal formigar, nem parece que gozei há pouco.

Agarro o lençol com as palmas, enquanto sinto sua boca sugar e emitir sons prazerosos, o que aumenta meu ritmo cardíaco e passo a ofegar de forma contínua.

Meu ventre pesa à medida que a necessidade aumenta, movo o quadril, involuntariamente, buscando atingir o ápice mais uma vez.

— Não! — Tadeu se afasta de repente. — Você vai relaxar seus músculos e eu vou fazer o trabalho. Lembra as regras? — Balanço a cabeça em afirmativa. — Se algo não agradar, você fala e eu mudo, ou paro.

Ele coloca a garrafa de cerveja em cima do meu umbigo, busca um ponto de equilíbrio e quando encontra, a solta.

— Se você se mexer, a garrafa vai cair, molhar você e a cama. Não acho que será legal. Acha? — Balanço a cabeça em negativo. — Então é bom não mover um músculo sequer.

Com isso, ele volta a me chupar, sua boca se concentra no meu clitóris, gemo alto quando um fisgar atinge meu ventre, mas ele não dá trégua.

Continua sua tarefa entre sugar com força e abrandar entre lambidas, para repetir o processo em seguida e, a cada recomeço, sinto meu canal apertar mais, o coração descompassar cada vez mais rápido e o prazer se intensificar.

Não demora para que eu atinja meu limite e quando meu ventre tremula, não contenho o espasmo prazeroso e a garrafa tomba, para o lado e

molha minha barriga, a cama e conseqüentemente a bunda.

Tento afastar a cabeça de Tadeu com a mão, os choques estão intensos e não consigo mais manter o quadril parado. Ele engancha uma das minhas pernas e com a outra mão introduz dois dedos com a palma para cima dentro de mim.

— Olhe *pra* mim. — A essa altura minha cabeça está jogada para trás, enquanto eu grito de prazer.

Obedeço em automático, minhas próprias mãos espalmadas no ventre, na tentativa de conter a sensibilidade. Tadeu gira os dedos, abro a boca sem qualquer som evidente, quando ele passa a bombear com rapidez.

Uma nova onda de prazer me toma por completo, grito sem conseguir me segurar e quando sua língua encontra meu ponto de prazer e brinca com ele, minhas pernas tremulam agitadas e os quadris sacodem involuntários.

Mais um orgasmo em menos de um minuto rasga do meu canal, percorre minha espinha e praticamente explode minha cabeça. Os olhos turvos embaçam a visão, jogo a cabeça para trás e deixo o júbilo tomar conta de todos os meus sentidos.

Acredito que apaguei por um momento, não consigo me mexer, meus membros estão em frangalhos, completamente tomados por essa carga sexual que o atingiu.

Em algum momento, sinto um corpo grande e quente se aconchegar de mim, mal tenho forças para responder se estou bem, mas o leve ronronar que consigo emitir deve ser o suficiente como afirmação.

“Misericórdia. Se eu morri, Deus, saiba que valeu a pena.”



Capítulo 14

“... dois podem e devem jogar esse jogo.”

Joana

Bato a porta atrás de mim e encosto o corpo na madeira, deixando meu fôlego se recuperar aos poucos enquanto puxo lufadas significativas de ar. Em meu estado, até parece que corri uma maratona do bar até aqui.

Vou direto para o banho, recordando minha escapada furtiva essa manhã, pelo simples fato de não saber como agir, caso visse Tadeu ali. Ao abrir os olhos, a claridade tomava o ambiente, espreguicei meu corpo e o lençol escorregou revelando parte da minha nudez.

Rapidamente, sentei na cama e cenas da noite anterior pipocaram na mente feito fogos de artifício. Não tinha ideia de que horas eram, só agi no automático ao levantar apressada da cama, enfiar minha roupa no corpo, rezando para que o preto encantador não entrasse por nenhuma das portas.

Nem cogitei a hipótese de procurá-lo no bar, saí pela porta lateral, que dá para os fundos e a horta, respirei, aliviada, e tomei meu rumo, praticamente correndo pela estrada.

Mais uma vez o medo voltou a reinar em minhas atitudes e, por não saber como agir quando o visse, acabei fugindo. Parece que tomei como hábito essa atitude, anos sendo sufocada em uma criação limitante, me fez temer o novo, o desconhecido.

Apesar de usar um sabonete de lavanda, ensaboar até os cabelos e esfregar minha pele com determinação, o cheiro do perfume dele está alojado em meu nariz.

Talvez seja fruto da minha imaginação ou, quem sabe, as lembranças de tudo que ele despertou em mim na noite anterior — anos irão passar e eu nunca esquecerei como meu corpo reagiu ao seu toque —, fato é que sinto minha pele aquecer em todos os lugares que ele percorreu, seja com a mão ou a boca.

Não chegamos a transar, ao menos não da forma que aprendi e conheci com Sandro, no entanto, sinto como se o momento que compartilhamos é ainda mais íntimo do que o ato em si.

— Tarde! — Salto no lugar ao olhar para trás e ver Tetê parada no batente da porta do quarto.

Cubro meu corpo com a toalha que usava para me secar, viajei por tempo demais nas lembranças e não percebi sua entrada.

— Oi. — Volto a secar o corpo. — O que faz por aqui?

— Tirei horário de almoço estendido, tenho que levar alguns documentos na escola. Pensei que gostaria de ir e ver sobre seu curso.

— Boa ideia. Preciso tirar algumas dúvidas, mesmo.

Pesco uma calcinha de dentro da gaveta do guarda-roupa, visto com rapidez e opto por um vestido leve em tons de rosa. Ele vai até os joelhos, modelo frente-única, simples, mas bem bonito.

— Vai *pra* igreja? — Encaro Tetê que torce os lábios para a roupa.

— Pais conservadores. Nem sempre eu podia mostrar as pernas.

— Besteira. Roupas não define caráter e pessoa.

— Concordo, mas explicar isso *pra* eles nunca foi fácil.

— Por isso saí de casa cedo. — Ela desencosta do batente e volta para a cozinha. — Uai, não fez um café? — A pergunta vem alguns segundos depois dela sumir do meu campo de visão.

— Não! — grito do quarto. — Acordei ainda há pouco. — Não é uma mentira completa.

Só omito onde acordei e o que aconteceu na noite anterior. Não estou pronta para dividir com ninguém minhas aventuras sexuais, nem sei se Tadeu se importaria, afinal, somos patrão e empregada.

— Aproveitou muito o cinema de ontem? — Prendo o fôlego por um segundo antes de responder.

— Sim. Foi... interessante. Apesar de que eu já tinha lido o livro da adaptação. — Chego à cozinha penteando os cabelos, apressada.

— Eu fiz uma excelente troca na programação.

— Uai, *tu* ia *no* cinema também. — FRANZO o nariz, constatando a informação.

— Pois é, mas encontrei o seu patrão na porta e ele estava com uma moto linda. Ofereceu para testarmos e eu logo aceitei.

— Tadeu tem moto? — Por isso as roupas de couro ontem.

Andar com ele na caminhonete foi incrível, mas nada deve se comparar ao subir na garupa de uma moto e agarrar aquele corpo truculento e firme.

— Tem uma enorme, combina muito com ele, mas confesso que o delegado nu em pelo sobre duas rodas é uma imagem que não esquecerei por um bom tempo.

Pisco algumas vezes diante do seu rosto divertido e não consigo evitar minha mente deturpada de imaginar a cena daquele tamanho de homem sisudo pelado e montado em duas rodas.

— Nem eu. — Sacudo a cabeça ao falar baixo. — *Vambora?*

E em meio a uma gargalhada sacana e comentários nada discretos dos detalhes da noite anterior, Tetê e eu rumamos para a escola resolver a pendência das matrículas.

Quando voltamos para casa, estou varada de fome, recordo que minha última refeição foi aquela carbonara maravilhosa de ontem e meu estômago ronca de forma constrangedora.

— Oxe, ainda bem que chegamos *na* lanchonete. Aproveite *pra* forrar a barriga. — Ela abre a porta e o leve tilintar da sineta acima dela anuncia nossa entrada.

— Meninas. Bem-vindas — dona Carlota cumprimenta, com um sorriso largo no rosto.

Aceno a cabeça ao tomar a banqueta à sua frente, que estende uma xícara na minha direção e a preenche de água quente.

— Você gosta de chá, certo? — Aceno uma vez com a cabeça. — Deu tudo certo com a escola?

— Tudo resolvido. Consegui finalmente pegar o atestado de óbito do infeliz e apresentar junto da minha documentação, comprovando que sou viúva. — Ela torce os lábios, desgostosa, enquanto cruza os braços sob os

seios.

— Pense pelo bom lado, agora já resolveu e *tu* segue a vida — Carlota menciona, otimista.

— Se bem que viúva é um estado civil bem mais atraente. A viúva que pega o delegado. — Ela espalma a mão à sua frente como se lesse um letreiro luminoso.

— Deixe de bestagem, menina. — Carlota ri da sua brincadeira. — E *tu*, garota? — Ela se vira para mim, determinada. — Um passarinho me contou que saiu muito bem acompanhada do cinema, ontem.

— Verdade. Até esqueci de perguntar como foi com o Neto. — Tetê se aproxima de Carlota, debruça o corpo sobre o balcão apoiando os antebraços à frente. — Ainda acho que ele quer *tu*.

— O quê? — Arregalo os olhos, surpresa. — Besteira. Neto e eu somos bons amigos. — Foco na pergunta de Tetê, rezando para que Carlota não mencione mais nada.

Nem sei dizer o motivo de tanto medo por admitir que estava com Tadeu. É tudo tão novo para mim, apesar de saber que ninguém tem poder sobre minha vida ou escolhas, enfrentar as opiniões de terceiros ainda não é fácil.

— Uai. Mas eu fiquei sabendo que seu acompanhante na saída era bem mais alto, mais forte, preto... — Carlota solta um sorriso cúmplice e Tetê alarga os olhos.

— *Tu tava* com o patrão? — ela praticamente grita.

— *Shiu*. Fale baixo, mulher. — Olho para os lados, mas a meia dúzia de pessoas em volta parece não se importar com o roubo da loira.

— Como *tu* não me conta que saiu do cinema com aquele pedaço de homem?

— Eu... não tive oportunidade. — Dou de ombros. — Carlota, quero um pedaço de torta de frango. — Aponto para a vitrine, na tentativa de fugir do assunto.

— *Pra* onde vocês foram? Transaram na caminhonete do xerife? —

Arregalo tanto os olhos que Tetê sorri, jocosa. — Transou, não transou? Diz que sim, por favor! Aquela caminhonete é ótima para viver algumas aventuras. — A última parte ela tem a decência de baixar o tom.

— *Tu tá* imaginando coisa demais na cabeça, Tetê — respondo e agradeço por Carlota retornar com um pedaço generoso de torta e colocar na minha frente.

Pesco o garfo e corto a ponta enfiando na boca, apressada. Primeiro por estar realmente com fome e, segundo, garanto um tempo para pensar na resposta que a expressão das duas curiosas cobra com afinco.

— *Tô* nada. Hoje cheguei *na* casa dela logo que saí daqui e ela tinha acabado de se banhar. Nem café fez e pelo jeito não comeu, já *tá* com o estômago roncando.

— *Aí* tem coisa — Carlota, concorda.

— Vocês estão mexeriqueiras demais — rebato, ao enfiar mais um pedaço na boca.

— Somos amigas, Jô. E amigas compartilham momentos assim — Tetê determina, com o olhar afiado.

De fato, elas são o mais próximo de amigas que tive, em anos. Na época de escola, as meninas me consideravam antiquada e sem graça demais para compartilhar do recreio, só estávamos juntas para realizar trabalhos escolares em grupo.

O único que se aproximou de mim e fez algum contato foi Sandro, que era excluído pelos meninos por não gostar de jogar futebol e, no geral, nenhum tipo de atividade física.

Foi assim que nos tornamos tão próximos, ao ponto de compartilharmos as primeiras experiências sexuais de nossas vidas. Não posso dizer que me arrependo, longe disso, Sandro deu a mim algo que valorizo demais: o poder da escolha.

Nunca permitiria que meus pais traçassem meu futuro de forma tão precisa, mesmo sendo uma covarde completa por não os enfrentar abertamente, fico feliz em lembrar que meu melhor amigo me ajudou de certa forma.

— Eu... é só que... — Sinto meu rosto enrubescer enquanto me atropelo com as palavras.

A sineta da entrada toca atrás de mim e o olhar aguçado de ambas desperta minha atenção para quem entrou. Uma rápida olhada sobre o ombro faz meu coração disparar feito cavalo de corrida, volto a cabeça o mais rápido possível para frente.

— Tarde, moças. — A voz grossa soa longe, mas isso não impede que eu feche os olhos e quase lamente.

“*Saia dessa enrascada agora, Joana.*”

— Tarde, Tadeu, como vai? — Carlota cumprimenta.

— Já passou na delegacia *pra* trocar os veículos? — Tetê pergunta ao voltar à posição ereta.

Eu, como a covarde que sou, continuo olhando para frente, miro a bancada no fundo, que não tem nada de interessante, no entanto, uso como uma tábua de salvação, prestes a ruir.

— Eu vou bem, Carlota e, sim, Tetê, fiz a troca hoje cedo. Precisei sair para comprar algumas coisas *pro* café da manhã, aproveitei para deixar a caminhonete, caso ele precisasse. — O calor do seu corpo atinge o meu quando sento na banqueta ao meu lado.

Sinto meus braços formigarem, não sei se pelo pavor que me assola ou por sua proximidade. Encaro meu prato e mesmo com a secura na garganta, levo mais um pedaço da torta, agora não tão apetitosa, na boca.

— E como foi o cinema? — Tetê faz a pergunta e chicoteio meus olhos em sua direção, que sorri, maliciosa.

— Interessante, apesar de não concordar com o final. Como vai, Joana? — Pisco os olhos com força antes de encará-lo.

Um sorriso leve e descontraído ocupa seu semblante, ele parece saber que estava sendo evitado e se diverte com isso. Imaginei que não estaria muito contente por eu ter fugido depois de ontem, mas seus olhos não mostram qualquer indicativo de desconforto.

— Bem — solto, assim que engulo o pedaço de torta que desce

rasgando pela garganta.

— Que bom. Estava preocupado contigo, mas fico feliz em saber que está bem. — A ênfase em “bem” foi uma alfinetada direta.

— E por que estava preocupado com a Joana, Tadeu? — Tetê mais uma vez pergunta maledicente e dispara um olhar raivoso que a faz sorrir amplamente.

“Ela me paga!”

— Porque ontem eu estava com um mal-estar — respondo, antes dele. — Como a namorada de Neto apareceu na porta do cinema querendo conversar, Tadeu me fez companhia e depois me deu uma carona — praticamente vomito tudo de uma vez, torcendo para que ambas comprem a história.

— Ah... — elas soltam em uníssono e se mostram desanimadas.

Depois disso, com desculpas esfarrapadas, ambas caçam o que fazer, Tetê volta para a cozinha, alegando uma massada de bolo que precisa ser assada e Carlota vai limpar a bancada no fundo cheia de formas e pratos para lavar.

— Mal-estar? — Mordo o lábio inferior e volto a encará-lo.

Com um sorriso desacreditado e um misto de confusão, Tadeu apoia o cotovelo na bancada e escora a cabeça no punho fechado, totalmente atento em mim. Minhas bochechas pegam fogo, denuncia os vários tons de vermelho que devem traçar meu rosto agora.

— Não acho que seja da conta delas o que aconteceu — justifico, em tom baixo.

— Concorde. Mas ainda me pergunto por que voltei para o quarto com uma bandeja de café da manhã reforçado e não te encontrei em lugar algum.

Abro e fecho a boca várias vezes, em choque, surpresa e procurando as palavras certas para confessar que sou uma covarde completa.

— Sabe, Joana — um brilho determinado tinge sua íris —, não costumo repetir minhas parceiras e isso você já sabe. — Aceno em afirmação.

— No entanto, como não terminamos tudo que eu tinha em mente, acho que precisamos de uma segunda oportunidade.

— Você quer sair comigo de novo? — Quase soco meu rosto quando meu tom sai tão surpreso e esperançoso.

“*Valorize-se, mulher.*”

— Ah, com certeza. Ainda mais depois de bancar a fujona. Isso me fez pensar que a noite não foi tão agradável *pra tu* quanto foi *pra mim*. — Provocação pura escorre das suas palavras e tom.

— Quem sabe? Acho que só uma segunda vez poderá tirar a dúvida. — Levanto da banquetta — Carlota, cobra aqui — chamo a mulher que estava distraída com a limpeza.

Escuto um riso baixo ao meu lado, mas o fisgar que causa em meu ventre me impede de encará-lo de novo. Nem sei de onde veio essa coragem provocadora, só quero aproveitá-la ao máximo e sair daqui antes que eu entregue de bandeja o quanto estou afetada.

Pego o troco com a Carlota e me despeço, quase na porta, arrisco um olhar sobre o ombro e vejo as labaredas dos seus olhos fitarem meu corpo. Tadeu sorri e acena, repito o gesto e saio mais confiante.

Chega de bancar a garota assustada e medrosa, dois podem e devem jogar esse jogo.



Capítulo 15

*“...quão indecente e prazeroso seria jogá-la sobre a bancada de inox
e degustar seu corpo”*

Tadeu

Encaro o relógio acima da porta da cozinha pela terceira vez e isso me irrita, de certa forma. Nunca fui um homem ansioso, sempre acreditei que absolutamente tudo tem seu tempo de acontecer, por isso cozinhar me mantém calmo e centrado, focar nos processos faz eu me perder em mim mesmo.

O problema é que a ruiva que dormiu nos meus braços ontem está atrasada, são só dez minutos, um tempo tolerável, se eu não estivesse agoniado demais para vê-la.

Quando cheguei ao quarto com a bandeja cheia de comidas e uma rosa vermelha no solitário, confesso que me senti um tanto ridículo. Nunca, em toda minha vida, fiz questão de agradar alguém, de me importar em como seriam as coisas depois de uma noite juntos.

Também não era um babaca ao ponto de despachar a companhia na primeira oportunidade, as coisas sempre fluíram de forma natural, nos tratávamos como afáveis desconhecidos, às vezes comíamos algo, às vezes elas precisavam partir de imediato.

Não existia regra nem motivos para agir com tanto cuidado, afinal, ambos sabiam o que buscavam, trocávamos telefones algumas vezes, nunca repeti a dose, apesar de responder educadamente quando elas me mandavam mensagem.

Então, quando encontrei o lugar vazio, de imediato pensei que Joana estava completamente arrependida do que aconteceu, pudera, talvez o bom senso partisse da funcionária, muito mais jovem, ao invés do patrão.

Pensei em mandar mensagem, perguntar como foi embora, se estava tudo bem, mas concluí que se ela sumiu sem deixar um bilhete que fosse, era porque não queria estender a situação.

Já estava me acostumando com a ideia de não realizar todas as fantasias, que eu havia sonhado madrugada adentro, até encontrá-la na lanchonete e aquela pequena isca jogada ser recebida com tanta provocação.

Ela quer jogar, pretende continuar o que começamos, isso tirou completamente meu foco quando saí da lanchonete. Passei o resto da tarde enfurnado nesta cozinha, buscando de alguma forma reequilibrar a mente para não bancar o brutamontes tarado quando ver seu cabelo acobreado cruzar essa porta.

Custei a dormir ontem, neguei meu desejo latente dentro da cueca, não permiti um alívio sequer no chuveiro, guardando toda a expectativa para quando estivermos juntos de novo.

Retardar o prazer é uma técnica muito eficaz para melhorar ainda mais a experiência no ato, mas eu confesso que ficar de pau duro a cada pensamento sobre ela na minha cabeça está me causando um problema crônico de bolas inchadas.

A expectativa é uma vadia cruel que me forçou a trabalhar na cozinha por horas, desenvolvi um prato novo, adiantei todos os processos para a abertura, Joana não terá muito o que fazer quando chegar e isso me preocupa ainda mais.

Vou ficar no salão, em meio aos meninos e às brincadeiras descabidas deles até que o bar abra e eu possa focar no movimento. Até pensar no nome do bar, Pau Dentro, me faz latejar e me lembrar da umidade deliciosa dela.

Encaro o prato montado sobre a mesa, arroz, virado de feijão, couve refogada e *manta*^[6] ao ponto. Uma quantia generosa no prato, que entrará para o cardápio, a fim de atender aos viajantes que passam por aqui.

Ainda acho que falta alguma coisa, mas não sei exatamente o que, meu corpo trabalhou no automático, cozinhando, cortando, testando os temperos, o resultado ficou bom, mas o raciocínio não entrou no eixo.

— Tarde, Tadeu. — Ergo a cabeça rápido e assustado demais na direção da voz.

Parada, rente à porta, a garota sorri de forma doce, os cabelos presos em uma trança lateral, deixa o pescoço à mostra, o rosto tomado por algum divertimento particular, uso de todo meu autocontrole para não babar por todo seu contorno, sabendo exatamente o que as peças de roupa escondem.

— Tarde — pigarreio —, eu estava testando um prato e acabei adiantando os processos de hoje. Não tem muito o que fazer.

— Tudo bem. — Joana desenrola o avental e o veste. — Você pode cuidar do salão e eu arrumo tudo por aqui. — A naturalidade em me dispensar me deixa espantado.

— Certo. Experimente o prato e me diga o que achou. Vou mandar os meninos aqui para testarem. — Desamarro meu avental e o penduro no gancho antes de sair.

“Onde diabos você está com a cabeça, Tadeu?”

A garota acabou de te dar uma aula de como agir naturalmente e sem esquisitices e eu só soube pensar no quão indecente e prazeroso seria jogá-la sobre a bancada de inox e degustar seu corpo.

Eu sou a pessoa com mais tempo nesse jogo, sei como tecer meus objetivos de maneira envolvente e conquistar o que quero. Tenho que parar de agir feito um moleque alucinado por sexo.

— Neto — cumprimento o rapaz assim que passo por baixo do balcão.

— Patrão. — Ele acena uma vez com a cabeça. — Como foi o cinema ontem?

— Bem. — Maravilhosamente bem, mas ele não precisa saber. — Onde estão os outros? — Olho para o salão e não encontro ninguém.

— Jorge tá limpando a área da frente e o Diego, atrasado.

— Como sempre, depois do dia de pagamento — concluo o que se repete desde que assumi o bar.

O antigo dono me alertou sobre os maus hábitos de Diego em relação às folgas. O homem aproveita seu descanso semanal na cidade vizinha, curte a farra e as casas de entretenimento adulto, no dia seguinte mal se aguenta em pé.

— Pois é. — Neto dá de ombros e volta a limpar as garrafas nas prateleiras.

Recolho a prancheta próximo do caixa e rumo para o depósito, aviso

ao Neto que tem um prato novo para experimentarem na cozinha, o que faz o rapaz praticamente correr naquela direção.

Balanço a cabeça de leve achando graça, passo direto pela porta da cozinha sem direcionar o olhar para dentro, não quero cair na tentação de me aproximar, ao menos, não antes de colocar a mente sob controle.

Passo os próximos quarenta minutos contando o estoque, já faz uma semana que não atualizo o controle, uma falha horrível para quem trabalha com armazenamento de bebidas.

Amanhã preciso fazer os pedidos para o fim de semana, além de lançar a contagem no sistema para conferir as quantidades. Qualquer perda, mesmo que esperada, precisa entrar no prejuízo, só assim terei real controle dos ganhos.

Termino a contagem e vou direto para o escritório, confiro as horas, ainda é cedo e o movimento hoje não é tão grande assim, aproveito o intervalo e a necessidade de manter a cabeça ocupada, para adiantar essa parte burocrática.

Levo mais que o tempo esperado, o que era para ser um serviço de rotina fácil e tranquilo, se tornou minha maior dor de cabeça, quando constatei que as bebidas mais caras estavam com desfalques.

Na semana anterior, tudo estava de acordo, com algumas discrepâncias, principalmente nos itens que mais saem, até aí é normal, segundo o contador, mas os itens de hoje, não tem como ter passado tão batido assim.

São bebidas vendidas por dose, a mesma garrafa da semana passada está no balcão do bar, vi com meus próprios olhos, Neto tirá-las da prateleira para limpar.

Fecho a tela do notebook com mais força do que pretendia, entorto o pescoço para os lados, na tentativa de dissipar o acúmulo de tensão que se formou nos músculos.

Não suporto conviver, quem dirá trabalhar, com dúvida ou suspeita de alguém, isso soa tão sujo e baixo, mas não tenho uma alternativa que explique as três garrafas que sumiram do depósito.

Encaro meu celular e vejo que faz mais de uma hora e meia que estou enfiado aqui dentro, franzo as sobrancelhas, surpreso que ninguém tenha me solicitado ainda no salão.

Levanto, deixando esse problema para outro momento, preciso verificar como está o movimento e se Diego resolveu dar as caras para trabalhar. Mais um problema que preciso resolver em breve, visto que não é a primeira vez que acontece.

No geral, procuro ser um chefe legal, compreendo e entendo a vida e dificuldade dos meus funcionários, afinal, acima de tudo, somos seres humanos e temos nossas falhas, mas existe um limite, uma linha tênue entre compreensão e negligência, de forma alguma irei transpô-la.

Uma rápida olhada para a cozinha e não vejo Joana ali, solto o ar que não fazia ideia que prendia e sigo para o salão, curioso. Vejo seu corpo pequeno se mover pelo ambiente, enquanto atende a mesa de um senhor.

Passo por baixo do balcão, com os olhos ainda atentos nela, uma mesa próxima, ocupada com meia dúzia de homens falantes e alterados, prestam a atenção em seu perfil, que está de costas.

— O que ela faz no salão? — pergunto ao Neto.

— Está dando uma força para mim. O Jorge teve que cuidar do vaso entupido no banheiro masculino.

— De novo? — Giro a cabeça em sua direção, alarmado.

— Sim, patrão. Quando o encanador virá?

— Amanhã vou resolver isso. Nem que eu mesmo quebre o banheiro todo.

— Pedi *pra* Joana vir *no* salão, enquanto eu atendia o balcão e o caixa.

— Por que não me chamou?

— Achei que estivesse muito ocupado. Você nunca deixa de vir para o salão. — Ele dá de ombros.

— Ei! Garota! — Volto a atenção para onde Joana está.

A meio caminho do balcão, ela volta em direção à mesa dos homens, que ainda há pouco secavam seu corpo. Enrijeço no lugar, cruzo os braços em frente ao peito, escondendo as mãos fechadas em punho.

Não vou interferir, Joana é perfeitamente capaz de impor seu limite com os baderneiros, mas de forma alguma permitirei que seja intimidada por qualquer um deles.

Ela mantém uma distância segura da mesa, fala com eles sobre algo que questionam, vejo um deles alcançar seu braço, mas ela não o afasta de imediato, o que mostra que não estão sendo invasivos.

— Você *tá* bufando feito touro bravo?

Desperto da minha análise minuciosa do que se passa do outro lado do salão, para então olhar de esguelha em direção de Neto, que mantém um semblante brincalhão.

— Não estou, não. — É verdade, eu bufei, ainda estou bufando, mas não vou admitir.

— *Tá* sim. Relaxa, ela dá conta do recado.

— Não quero que meus funcionários se sintam oprimidos por ninguém.

— Queria ver se fosse eu ali.

Ergo as sobrancelhas enquanto giro a cabeça lentamente em direção ao meu funcionário, que tem a decência de parecer deslocado com o comentário.

— Quer dizer alguma coisa com isso?

— Não. Claro que não. — Neto bate o pano que estava nas mãos sobre a bancada e retorna para o caixa.

Volto a assistir à interação da Joana com os clientes, escuto seu riso com algum comentário feito por um deles, relaxo os ombros ao entender que nada de mais se passa ali.

Já presenciei muitas cenas de machismo, agressão e abuso contra mulheres para não me sentir preocupado com ela. Não vou atribuir essa precaução ao que aconteceu ontem, Joana e eu somos livres, nunca me

intrometeria em sua vida a esse ponto, apesar de sentir um leve desconforto em considerar a possibilidade.

Mais uma situação nova e assustadora, para agregar à pilha de sensações estranhas que venho sentindo desde que coloquei meus olhos sobre os dela pela primeira vez.

Ouçõ o celular tocar no bolso e atendo no automático. Por mais que tenha percebido que Joana está se saindo bem, não consigo parar de assisti-la, como se fosse meu programa favorito matinal.

— Oi.

— *Nossa, quanta frieza.*

— *“Paula. Não. Agora não.”*

— Prima, a que devo a honra?

— *Só conferindo como meu parente desgarrado tem passado.*

— Muito bem. Obrigado por se importar.

— *E quando virá visitar sua mãe?*

— Já disse, Paula, o bar está no começo, ainda não posso sair daqui.

— *Sempre devemos ter tempo para a família.*

— Eu sei. — Solto o ar com força e encaro meus pés.

Estou perto de descobrir o que minha mãe sempre me negou, seja pelo motivo que for, não quero encará-la agora, tenho certeza de que acabaríamos discutindo, como tantas outras vezes.

— *Só pense que ela sente sua falta.*

— E eu sinto a dela. — Escuto o barulho de uma bandeja ser depositada sobre o balcão e ergo os olhos encontrando Joana com um sorriso aberto.

— *Então venha para uma visita rápida, passe uma noite só e volte. Não é pedir muito.*

— Não, não é.

Joana sinaliza com os dedos o número dois e menciona sem voz a

palavra cerveja. Viro para o freezer para pegar o que pediu enquanto ela paga a comanda no balcão.

— *Ótimo. Semana que vem é aniversário da minha princesa e eu te espero aqui. Faremos na segunda, já que é o único dia que o seu bar não abre* — ela solta a bomba e eu protesto com um palavrão.

— Você jogou sujo — acuso e deposito as cervejas sobre a bandeja.

— *Cada um usa as armas que tem.* — Seu riso baixo entrega o divertimento na emboscada que armou.

Joana retorna e sibila um obrigada, antes de recolher a bandeja nas mãos e caminhar cuidadosa em direção à mesa. Sorrio de lado, encantado com sua leveza e espontaneidade.

— *Alô?*

— Oi — pigarreio, me lembrando da ligação —, espero que não se importe, mas pretendo levar uma amiga.

E a linha fica completamente muda.



Capítulo 16

“Eita, que o patrão tem uma pegada boa.”

Joana

Confesso que fiquei um pouco apreensiva em atender a uma mesa cheia de homens, que claramente procuram por diversão e bagunça, já ouvi tantas advertências dos meus pais sobre o cuidado em estar perto de bêbados que quase desisti quando Neto pediu minha ajuda.

Bastou cinco minutos de conversa para perceber que eles não fariam nada abusivo, claro, estavam me observando, alguns jogaram gracinhas no ar quando me aproximei para atendê-los a primeira vez, mas uma resposta curta e ácida foi o suficiente para virarem chacota na mesa.

Fiquei empolgada quando fui chamada para o salão, de fato Tadeu deixou tudo pronto na cozinha, fiquei sem função por tempo demais e, como diz minha mãe: “mente ociosa, oficina do diabo”.

Neste caso, a tentação de procurar Tadeu nos fundos do bar era quase palpável, fazendo minha mente pervertida criar diversas cenas com ele me prensando em alguma parede do estoque ou, quem sabe, usar a mesa do seu escritório como assento para meu corpo.

Agir naturalmente quando cheguei à cozinha hoje demandou todo meu esforço, principalmente com a provocação que fiz antes de sair da lanchonete. A minha sorte foi ele praticamente fugir da cozinha e me ignorar a partir disso.

Ainda estou no salão, Tadeu, depois de atender a uma ligação estranha, não que eu estivesse ouvindo, mas ele falava sobre saudade e visita, pode ser para a família, ou alguma antiga namorada, enfim, foi direto para o banheiro ajudar Jorge com o sanitário entupido.

Escoro o antebraço no balcão que, por sinal, é muito alto para mim, quase me fazendo pendurar sobre ele, encaro Neto que fuxica o celular sem me direcionar um olhar sequer.

— Pelo visto, as coisas entre *tu* e a namorada se ajeitaram. — Ele ergue os olhos da tela e sorri amplamente.

— Sim. Já expliquei que somos só amigos, além do mais, sua pegada

é outra.

— O quê? Como assim? — Empertigo o corpo.

— Uai. Foi ela que viu *tu* passar na caminhonete com o patrão ontem, rumo ao bar, enquanto conversávamos na praça. — Neto sorri de lado em cumplicidade.

Meu rosto tinge de todas as cores possíveis, o coração martela no peito e meus olhos quase saltam das órbitas, um minuto inteiro se passa e eu ainda não encontro voz para justificar sua afirmação.

— Relaxa, Jô. Vocês são livres, mas só toma cuidado. O patrão não se amarra em ninguém.

— E quem disse que eu quero compromisso? — Dou de ombros e ergo o nariz, altiva.

— Se *tu* diz. — Ele torce os lábios e volta a atenção para o celular.

Em confusão, repasso na mente todas as interações e momentos que fiquei próxima de Tadeu, questionando se em algum momento dei a entender que estava iludida ou esperançosa com as intenções do patrão.

Sempre nos achei discretos demais e, verdade seja dita, só aconteceu algo substancial ontem, antes disso não passávamos de meros professor e aprendiz.

Antes que eu questione o alerta de Neto, escuto uma risada feminina alta o suficiente para chamar minha atenção na direção dela. Pela entrada passam algumas pessoas, dois casais e um homem sozinho, eles discutem sobre algo com humor.

Espero até que escolham uma mesa e rumo até lá com três cardápios nas mãos. Cumprimento a mesa e entrego os cardápios às mulheres acompanhadas e ao homem sozinho.

— Acertou, menina, somos nós que decidimos o que esses homens irão consumir — a morena comenta e solta uma risada.

— Eita, lasqueira. Quem disse isso? — O homem do lado oposto da mesa retruca a morena.

— Tem alguma colocação a fazer, peão? — A loira ao seu lado

dispensa o cardápio sobre a mesa e o encara com arrogância nítida.

— É por isso que não gosto de ferradura. — O solteiro, que também usa um chapéu, comenta e faz todos rirem.

— Como vai, Joana? — Presto atenção no homem ao lado da morena e reconheço sua fisionomia.

— Vereador, boa noite. Vou bem.

— Espero que aquele infeliz não tenha voltado.

— Não. Graças a Deus, não — solto, a raiva surgindo da lembrança do momento descabido.

— Foi ela que defendeu o Tadeu? — A loira aponta para mim enquanto reveza o olhar para o vereador.

— Sim, foi ela.

— Parabéns, menina. Você foi muito corajosa. — A morena estende a mão e aceito o cumprimento, um tanto sem graça.

— Agradeço, mas só fiz o que era certo.

— Acredite. São poucos que agiriam da forma que agiu — a loira declara. — Prazer, sou Barbara, esse é Lúcio, meu marido, somos donos da fazenda de Águas Claras.

— Prazer — aceito seu cumprimento —, minha tia trabalha para a senhora. — Sorrio, apertado.

— Quem é a sua tia?

— Dolores.

— Joana? Você é a pequena Joana? — Barbara me encara, espantada.

— Sou a Babi, ele é o Edmundo e essa, a Ceci — Ela aponta dela para o casal do outro lado da mesa. — Lembro de você criança, nas férias escolares, quando eu também visitava a fazenda. Lembram dela? — Ela aponta na minha direção e sorri, divertida, para o casal.

Eles resmungam em concordância e passam a lembrar algumas situações da infância. Eu nunca interagi com eles de fato, nas raras vezes que

estive na fazenda.

Primeiro porque eu era só a sobrinha da empregada, minha tia nunca me deixou perto demais das áreas de lazer da menina, segundo, porque eles eram bem mais velhos do que eu, acho que temos quase dez anos de diferença.

— Tudo muito *bão*. — O solteiro bate a palma da mão sobre a mesa. — Ninguém me apresentou, mas sou o Maldonado, a seu dispor. — Ele toca a aba do chapéu em cumprimento. — Só quero uma cerveja enquanto os *caboco* relembram da infância.

— *Tá certo*. — Anoto no bloco que tenho nas mãos. — E vocês, vão querer o quê? — Aproveito para tirar o pedido da mesa, aviso que precisa pagar no caixa junto com a comanda para liberar.

Eles começam uma discussão entre os homens sobre quem vai começar pagando a rodada, até que a loira se irrita, levanta e marcha com a comanda para o caixa, alegando que homens enrolam demais para uma coisa tão simples.

— Não é à toa que *tu* apelidou ela de dona onça — o tal Maldonado solta e a mesa toda ri, incluindo a mim.

Retorno para o balcão para retirar as bebidas do pedido que logo Neto vai liberar, recordo-me de tia Dolores falar sempre sobre o temperamento de dona Barbara, que era mimada e solitária por grande parte da vida, até conhecer o peão, com quem se casou, e seu pai finalmente a deixar em paz.

Não sei os detalhes do que aconteceu, mas há alguns anos, ela saiu do país com o pai, foragido da polícia por sonegar impostos e mais um monte de coisas que não entendo, parece que o peão deu um jeito de resgatá-la e logo depois se casaram.

Ela transformou a fazenda, praticamente falida, em um negócio lucrativo através dos próprios esforços e hoje contribuem com a cidade de forma positiva.

— Deixe que eu cuido daqui, Jô. Vai para a cozinha fazer as porções. — Jorge aparece do meu lado.

— E o banheiro?

— Já demos um jeito.

Dou de ombros e retorno para meu posto, um tanto triste de perder a empolgação do salão. Não tenho destreza alguma com a bandeja e ainda me perco em algumas informações das mesas, mas gostei de interagir com as pessoas.

Se em um dia comum é dessa forma, nem quero imaginar no fim de semana que isso tudo fica cheio ao ponto de os meninos andarem com as bandejas lotadas acima da cabeça, desviando do povo que dança em qualquer lugar do ambiente.

Entro na cozinha e dou de cara com Tadeu, que já tem a comanda de pedido e começa a prepará-los.

— Pode deixar que assumo daqui, patrão. — Visto o avental e mantenho meu rosto o mais neutro possível.

— Já coloquei a batata na fritadeira, falta só a calabresa no fogo — ele avisa, quando estou próxima o suficiente e tento passar por ele no espaço apertado até o fogão.

Estaco no lugar, se avançar mais, terei que roçar meu corpo no seu para alcançar o objetivo, se recuar e der a volta na bancada de metal, vai dar na cara que estou literalmente fugindo de qualquer contato, então simplesmente aguardo.

— Algum problema, Joana? — Ergo os olhos, alarmada, quando ele avança um passo, cauteloso, na minha direção.

— Não. Claro que não — solto, rápido demais.

Ele estala a língua na boca antes de soltar um riso baixo e contido, literalmente provocando meu juízo, sem vergonha alguma. Só para comprovar, encaro seus olhos e o vejo divertido, zombando da minha falta de ação.

— Está com medo de ficar próxima demais de mim? — ele insiste e percebo seu jogo.

Uma situação embaraçosa, que me deixa sem jeito e o torna o

predador do lugar. O macho que gosta de brincar com a libido alheia, mas ele esquece que sou uma ótima aprendiz.

Estufo o peito, que o faz olhar em automático mais abaixo, fecho a nossa curta distância, o calor do seu corpo de encontro ao meu, me faria ofegar, se eu não estivesse tão focada na reação da sua boca que entreabriu e soltou uma lufada de ar.

Cautelosa, escorrego meu corpo para o outro lado e antes que termine de passar, giro, deixando meu traseiro raspar no jeans da sua calça. Ouço um xingamento quase inaudível e sorrio, maquiavélica, aproveitando que ele não consegue ver meu rosto.

Considero a vitória do momento cedo demais, já que não leva mais do que alguns segundos para suas mãos espalmarem em meus quadris e ser puxada para algo grande e muito duro em meu traseiro.

— Provocar é muito gostoso, Joana — ouço sua voz baixa e rouca próximo ao ouvido —, mas você tem que estar disposta a encarar as consequências. — Um arrepio prazeroso atinge meu pescoço e percorre pela espinha.

— Então o conselho serve para os dois. — Encontro forças para manter a voz determinada.

Sinto uma fígada atingir meu ventre enquanto as pernas formigam e sua dureza se esfrega ainda mais contra mim. Quase deixo escapar um gemido desavergonhado, mas consigo conter a tempo.

— Vamos ver até onde vai sua coragem, menina. — Completamente sacana, ele morde a ponta do meu lóbulo e desta vez o arfar sai audível.

Esqueço a brincadeira, onde estamos e o quão errado pode ser, giro no lugar pronta para puxar seu corpo sobre o meu, mas ele é mais rápido e se afasta com as mãos em rendição.

— A calabresa vai queimar. — Ele recua de frente para mim em passos curtos.

O sorriso zombeteiro aumenta quando franzo o cenho em confusão, um leve sinalizar com o queixo me desperta do devaneio luxurioso e, alarmada, retorno a atenção para o fogão e mexo a frigideira sobre o fogo.

Solto alguns adjetivos nada lisonjeiros quando ouço sua risada ecoar pelo corredor até se tornar inaudível.

“Isso que dá, querer ensinar a missa ao vigário, Joana.”

Balanço a cabeça e deixo a brincadeira com Tadeu para outro momento, foco no pedido, preparo os pratos e logo Jorge entra na cozinha para retirá-los. Tenho vontade de entregar pessoalmente, achei o pessoal divertido, mas meu lado covarde prefere não encarar o patrão agora.

Tenho certeza de que aquele risinho zombeteiro estará estampado em sua boca deliciosa e eu não poderei conter o rubor que ainda permeia em meu rosto. Além do mais, tem o Neto, que já percebeu que alguma coisa está rolando entre nós.

Aproveito para limpar o que já está limpo, serviço desperdiçado, mas ocupa o tempo e equilibra a mente. Encontro a comida que ele fez para teste guardada na geladeira pequena, aqueço o prato no micro-ondas, o cheiro, assim que retiro, é delicioso.

Experimento algumas garfadas e gemo em contemplação, se requentado está bom, imagino fresco. Sinto falta de algo ácido para equilibrar a gordura do prato, volto à geladeira e pego um pouco do vinagrete.

Sirvo uma colher e experimento, solto um gemido em aprovação, contemplando a combinação perfeita.

— Temos um ratinho na cozinha? — Salto no lugar ao encarar a porta e ver Tadeu encostado nela.

— Experimente isso. — Levo o prato até ele e o sirvo com meu garfo.

Já passamos dessa fase, principalmente pela boca dele já ter estado em quase todas as partes do meu corpo.

Seus olhos se alargam quando ele mastiga e afirma com a cabeça em aprovação.

— Combinação perfeita, Joana. Sabia que faltava algo no prato, você encontrou o que era.

— Eu sou demais. — Sorrio, convencida.

— Também acho.

Um segundo depois, seus lábios encontram os meus, ele tira o prato das minhas mãos enquanto me empurra até minha bunda encostar contra a bancada. Tadeu solta a louça sobre ela de forma displicente, suas mãos encontram meu rosto enquanto sua língua não para de se afundar na minha boca.

“Eita, que o patrão tem uma pegada boa.”



Capítulo 17

*“...preciso tomar cuidado para não cair em uma paixão sem
cabimento.”*

Joana

Minhas mãos puxam ainda mais seu rosto de encontro ao meu, como se fosse possível nos fundir através do beijo, sinto todo o corpo formigar ansioso por mais do que ele oferta.

Suas mãos apertam minha bunda e um segundo depois estou sobre a mesa, com Tadeu enfiado entre as minhas pernas, seu quadril pressionando o meu em um ritmo prazeroso e quente, conforme a língua rouba todo e qualquer fôlego possível da minha boca.

Antes que eu possa implorar por mais, ele recupera o juízo perdido no momento e finda o beijo mantendo sua testa grudada na minha. Estamos ofegantes, ainda imersos na explosão que nos tomou.

— Preciso voltar *pro* salão.

— Sim... — concordo, mesmo não sendo minha vontade.

Não quero nem imaginar se um dos rapazes entra aqui e nos pega nessa situação.

— Fica aqui esta noite? — Sua pergunta sai sofrível e finalmente abro os olhos, encarando seu mar tempestuoso.

Existem mil razões para eu fugir dessa proposta, apesar de já termos ultrapassado todos os limites na noite anterior, ainda temo no que tudo isso possa resultar.

A garota que praticamente fugiu da casa dos pais para finalmente aprender a viver de acordo com as suas regras, cai nos encantos do patrão e se torna uma leviana.

É retrógrado, eu sei, mas os anos a fio ouvindo o quanto minha conduta casta é importante, criou barreiras complicadas para eu superar em menos de um mês vivendo por conta.

— Acho melhor não. — Tadeu não parece surpreso com a resposta, mas se afasta um passo considerável.

— Tudo bem. Outro dia, quem sabe. — Ele pisca um olho e sai da cozinha.

Fecho os braços em torno do corpo sentindo o ar frio tomar conta do ambiente, solto um resmungo incompreensível ao questionar minha decisão.

Eu o quero, gosto da forma que me trata, como me toca e tudo que desperta quando estamos juntos, e é exatamente isso que está me assustando tanto.

Será que com outros caras seria assim também? Intenso e insano na mesma medida. Será que eu me entregaria ao momento da mesma forma que foi com Tadeu?

Solto o ar com pesar, a mente confusa e o corpo desperto, simplesmente não sei o que fazer. Vim para Santino para descobrir meu caminho, fazer algo por mim, encontrar o que o mundo tem a oferecer e não me enroscar em alguém a ponto de só pensar nisso.

Levando em consideração que temos uma relação profissional, meu primeiro trabalho oficial, preciso tomar cuidado para não cair em uma paixonite sem cabimento.

O resto da noite passa como um borrão, agradeço a Deus quando Neto me chama na porta da cozinha e avisa que o patrão está nos liberando mais cedo e ele mesmo fechará o bar com a ajuda de Jorge.

Ignoro o pensamento de que isso tenha algo a ver com a minha negação ao convite. Quando passamos pelo salão, solto um boa noite baixo, Tadeu concentrado no caixa, não ergue os olhos em nossa direção ao responder e no fim aceito que é o melhor.

Mantenho o silêncio por todo o caminho, Neto parece entender a minha falta de interação e não puxa assunto, o que é bem-vindo.

Chego em casa, dispo as roupas pelo caminho até o banheiro e tomo uma chuveirada morna, não sei quanto tempo demoro ali, mas é o suficiente para chorar até sentir que minha alma esteja lavada.

Não deixo a confusão nem os motivos pelos quais chorei se tornarem tão importantes, aceito e simplesmente marcho para a cama desabando no colchão. Ao fechar os olhos só consigo me lembrar do sorriso na boca

carnuda, os olhos tempestuosos e penetrantes, tranquilidade me toma e finalmente mergulho em um sono profundo.



— Levante, menina. — O grito me faz saltar da cama em um pulo.

Olho em direção à porta e vejo minha tia parada diante dela, cenho franzido e uma postura nada amigável.

Arrasto meu corpo para fora do colchão, sinto meus músculos protestarem, ainda doloridos. Uma rápida conferida no celular vejo que boa parte da manhã já passou, fico impressionada do quanto dormi e talvez isso seja o motivo da dor que desperta no pescoço.

O restante da semana toda tem sido assim. Durmo até tarde, mesmo que Neto e eu estejamos encerrando expediente mais cedo que os demais. Isso até gerou um burburinho entre os meninos, mas Tadeu cortou o assunto alegando que ele era o patrão e fazia as regras.

Apesar de dividirmos o ambiente algumas vezes, ele tem feito um ótimo trabalho em se manter distante, mais enfurnado no escritório e monossilábico quando questionado por algo perto de mim.

Da minha parte, preferi manter distância também, já que não sei explicar os motivos que me fizeram rechaçar o convite. Nunca foi por falta de vontade, talvez seja justamente o contrário, querer demais estar com ele.

— Bom dia, tia. — Sento na cadeira em frente a ela, depois de fazer minha higiene.

— Boa tarde, *né*, Joana? — Ela desvia os olhos para o relógio que fica na parede atrás de mim. — *Tá* com cara de que foi atropelada por uma carroça.

— Sua motivação é tocante. — Sirvo água quente na xícara que já me aguardava com um sachê de chá.

— É a verdade. — Ela dá de ombros. — Fiquei sabendo que atendeu a mesa da Babi no começo da semana.

— Sim. Comentei que sou sua sobrinha.

— E também fiquei sabendo que se matriculou em um curso.

— Sim. Começo semana que vem à tarde.

— E, por acaso, também soube que conheceu o cinema da cidade. — Devolvo a xícara, que estava a meio caminho da boca, ao pires.

— Sim? — questiono, desconfiada.

— Acompanhada.

— Sim.

— *Tá* enrabichada pelo patrão, Joana? — Sua pergunta é direta.

Não esperava menos da minha tia, que sempre foi conhecida por falar aquilo que pensa, independente do que os outros podem achar ou julgar.

— Não — respondo, determinada e confiante.

Seus olhos se apertam na minha direção e posso jurar que até sua cabeça pendeu para frente, buscando qualquer indício contraditório na afirmação.

— Que pena. — Ela retorna ao lugar e dá de ombros.

— Não entendi. — Confusa, puxo o lábio de um lado.

— Aquele preto é um pedaço de homem considerável. Vocês fariam um ótimo casal.

— Não estou interessada em namorar ninguém, tia.

— Faz bem, focar em você, nos estudos e em descobrir seu caminho, mas... — Ela pondera por um momento. — Só *tô* dizendo que uma distração daquelas é *bão* também.

— Se meus pais te ouvissem agora. — Balanço a cabeça enquanto pesco um pão fresco da cesta.

Confiro de perto todo o conteúdo e quase salivo. Tia Dolores tem uma mão ótima para massa e, ao que parece, andou testando algumas delícias na fazenda.

— Eles ainda devem estar arrancando os cabelos e imaginando quando você volta para casa. Morrem de medo que se torne como eu.

— Não pretendo voltar e acho que minha mãe já entendeu isso. Além do mais, gostaria sim de ter metade da sua coragem.

— E quem disse que sou corajosa? Deixe de bestagem, menina — ela esbraveja.

— Oxe, como não? Saiu da cidade sozinha, com a roupa do corpo, julgada por todos quando decidiu que não permaneceria casada. — Lembro vagamente uma parte da história que já ouvi minha mãe sussurrar com alguns parentes.

— Eu não tive escolha, menina. Aliás, tive sim: ou eu saía de lá *pra* viver uma vida decente, ou permanecia casada com um bêbado inconsequente. Só achei a primeira opção mais vantajosa.

— E isso não é coragem?

— Não quando eu deixei o amor da minha vida partir, pois não tinha audácia de enfrentar a cinta do seu avô.

Paro a mordida que estava prestes a dar no pão de leite que ela trouxe, encaro seus olhos com tanto choque que a vejo soltar um riso desanimado e baixar os olhos para o copo de café.

— Não sabia dessa parte.

— Ninguém sabe. Ele foi meu grande amor na juventude, um viajante, permaneceu mais tempo do que deveria na cidade por minha causa. Nos encontrávamos às escondidas perto de um riacho, na divisa das terras do meu pai. Sempre fui uma filha centrada e obediente, um tanto bocuda, confesso — solto um riso fraco ao ouvir essa parte —, mas nunca tinha enfrentado meus pais.

“Quando ele propôs que fugíssemos, já que nosso namoro nunca seria aceito pela minha família, eu disse que não poderia. Enumerei diversos

motivos do porquê não cogitaria a possibilidade, mas no fundo só mascarei minha covardia.

Ele ainda permaneceu na cidade por mais dois meses, esperando o momento em que eu mudaria de ideia, mas eu não cedi. Calhou de um amigo do meu pai mencionar que precisava casar o filho, que só isso colocaria juízo na cabeça desmiolada dele e o tornaria homem.

Seu avô achou que meu temperamento seria a cura para o rapaz desvirtuado e marcou nosso encontro, que se tornou noivado em um mês. Eu não tive forças para dizer que não queria, pensei que essa seria a melhor maneira de afastar o homem pelo qual era perdidamente apaixonada, mas não considereirei que estava me amarrando a uma pessoa que mal conhecia por toda a vida.

Quando saí da igreja, ao lado do meu marido, eu o vi do outro lado da praça, encostado na parede de uma das casas, olhar sofrido e corpo arcado, parecia inconsolável.

Chorei como uma criança, todo mundo achou que era alegria e felicidade, ninguém se deu conta que ali, diante de todos, às costas de Deus, eu acabava com a chance de viver algo realmente bom.”

Enquanto ela contava a história não me dei conta, só ao vê-la limpar o canto do olho marejado, foi que percebi minhas bochechas estarem banhadas em lágrimas.

Foi por isso que tia Dolores se tornou tão temida e criticada entre a família, ela não suportava a vida que levava, sei que o casamento durou menos de um ano e, quando deixou sua casa, foi rechaçada por todos.

Tomou rumo para outra cidade e, foram raras as vezes em que voltou.

— Eu sinto muito. — É a única coisa que consigo dizer.

— Não sinta. Águas passadas não movem moinhos, menina. — Ela levanta da mesa em um rompante. — Por isso te digo, não fui corajosa, só me forcei a decidir por um caminho menos... pior.

— Ainda assim, precisou de coragem para fazer o que fez.

— Assim como *tu* agora. — Ela volta a me encarar. — Nunca decida seu caminho pelo medo, Joana. Faça suas escolhas dentro da verdade que carrega. Seja responsável, consigo em primeiro lugar, mas não deixe de viver a vida.

— Pode deixar. — Sorrio fracamente.

Um par de horas se passam até que Maldonado, o solteiro engraçado que conheci aquele dia no bar, entra pela porta e chama minha tia para voltarem à fazenda. Ele me cumprimenta com um aceno, mas percebo seu olhar aguçado deslizar pelas minhas curvas.

Tia Dolores percebe também, já que, em seguida, ela acerta um tapa estalado em seu braço e o manda tomar juízo, que sua sobrinha não é para o seu bico.

Ajeito toda a casa, arrumo a mochila e, só por garantia, coloco uma troca de roupa extra, escova de dentes e alguns itens de uso pessoal. Se acontecer mais uma proposta como a de ontem, quero estar preparada para um sonoro “sim”.

Minha tia tem toda a razão. Viver uma vida pautada em medos e no julgo alheio não é existir, é só sobreviver. Quero mais que isso, quero o mundo e, principalmente, quero viver essa experiência com Tadeu.

Não preciso pensar em um futuro próximo ou distante, ninguém prometeu juras de amor nem cogitamos relacionamento. Somos dois adultos saudáveis, buscando prazer em conjunto.

“O que pode dar errado, afinal?”

— Tarde, Joana. — Olho por cima do ombro quando fecho o portão e encontro o guarda Josias.

— Tarde, guarda.

— Como tem passado? Nunca mais vi *tu* pelas ruas.

— Trabalhando muito, guarda.

— Entendo. Achei até que tinha se mudado daqui.

— Não pretendo ir embora tão cedo.

— Isso é *bão* demais. Aceita tomar um sorvete comigo? — Uma olhada rápida em seu semblante e o vejo ansioso.

— Eu *tô* indo *pro* trabalho, se quiser me acompanhar, tomamos uma casquinha no caminho.

— *Tá* ótimo! — O sorriso dele se ilumina e eu sinto pena.

Isso é horrível, acho um dos piores sentimentos que posso externar por alguém, mas o alívio no rosto do homem me despertou uma ternura quase decadente.

Paramos o sorveteiro a caminho do bar, ele compra dois picolés e seguimos a passos vagarosos pela rua. Achei que levaríamos uma eternidade para chegar, mas com a tagarelice dele, que acabou me distraindo com a história sobre o sequestro da Tetê, logo estamos diante da entrada do Pau Dentro.

— Obrigada pela companhia, guarda.

— Disponha. — Ele acena com a cabeça. — Quando precisar, pode me chamar. Sabe como é, precisa ser com antecedência.

— Claro! Sua agenda cheia de compromissos — falo, com entusiasmo exagerado e ele concorda.

Ao me aproximar da porta, cogito ligar para Tadeu ou simplesmente berrar seu nome, deduzindo que esteja no piso superior. Para minha surpresa, a porta está aberta e ao passar por ela o vejo no balcão do bar, com cara de poucos amigos e um homem ocupa a banquetta à sua frente.

O clima não parece amistoso, por isso marcho direto para a cozinha, o mais rápido que consigo e balbucio uma boa tarde no caminho, não olho em direção a eles, mas as palavras chulas que Tadeu solta baixo, deixa claro que não gostou de me ver ali mais cedo.



Capítulo 18

“Merda. Vou matar o infeliz que empatou minha foda.”

Tadeu

Quando Silas me ligou, informando que já estava na cidade, alguns dias antes do combinado, senti a ansiedade tomar cada minuto do meu tempo, o que levou algumas horas para chegar o encontro, se tornou uma eternidade.

Há muito tempo não me sentia tão impotente diante de alguma situação. Ouvir da boca do investigador a história picada sobre como meus pais se conheceram e tudo que aconteceu, atingiu muito fundo no meu peito.

Já não gostei do homem pela conduta política dele, um verdadeiro corrupto, trambiqueiro e sem qualquer caráter, não me admirei quando soube que o próprio filho ajudou a denunciar sua participação no roubo de carga.

Não estava preparado para essa conversa, às vésperas de retornar para Palomino e encarar minha mãe nos olhos, com todas as lacunas a serem preenchidas.

— Isso é tudo que tenho, Tadeu. Não irei mais tomar do seu tempo e dinheiro, a desengano de consciência, irei sondar algumas pessoas antigas na cidade e que trabalham ou trabalharam para o prefeito.

— É arriscado, ainda mais com ele em alerta devido à ficha suja. O homem *tá* mais ferrado que qualquer outro político deste país.

— Sim, é um risco, mas gostaria de lhe entregar algo mais completo.

— Não precisa. Assumo daqui.

— Tem certeza? — O homem de meia-idade e rosto marcado fortemente pelas expressões do tempo me encara, duvidoso.

— Sim.

— Então encerro aqui meus serviços, amanhã retorno para a capital e, se precisar de algo, tem meu número.

— *Tá certo.*

Observo pela visão periférica o corpo pequeno e magro, cabelos acobreados, passar feito um rato fugitivo ao nosso lado.

— Mas que cacete. Que merda ela faz aqui? — solto baixo, assustado.

O medo de que ela tenha ouvido mais do que deveria me toma. Não quero que ninguém saiba os motivos iniciais que me fizeram permanecer em Santino. Ainda é cedo demais para decidir se vou ou não confrontar meu pai, tenho a impressão de que isso vai gerar mais desconforto do que alívio.

— Eu já me vou. — O homem estende a mão e se despede.

Com as mãos espalmadas sobre a bancada, puxo o ar, acalmando o temperamento irritadiço que me toma todas as vezes que me aprofundo em meu passado.

Passo pela porta da retaguarda e caminho direto para a saída no fundo, nem cogito a possibilidade de parar na cozinha para saber o motivo de Joana ter chegado quase uma hora mais cedo do normal.

Não estou irritado com ela pela negativa à minha proposta há uma semana, talvez essa tenha sido a decisão mais consciente e sábia, afinal, temos vínculo empregatício e as coisas poderiam terminar de forma diferente ao esperado.

Sinceramente não quero abrir mão da Joana como funcionária, caso ela resolvesse sair, muito menos, me sentir desconfortável com qualquer possível situação entre nós, quando chegássemos ao fim.

Não quero bancar o pessimista, mas a verdade é que não estava ponderando com a razão quando taquei o “foda-se” e resolvi investir na minha funcionária. Jovem, quase inexperiente e cheia de altivez.

“Ah, merda!”

Pego a enxada e paro diante do canteiro que está se formando, ainda cru, tiro a camiseta cinza que uso e a amarro na cabeça, já que esqueci o boné no escritório e não quero retornar lá para dentro.

Quanto mais longe eu permanecer da tentação, mais fácil é usar a razão para lidar com o afastamento. A garota conseguiu me cativar com uma visita rápida no pulgueiro, mal acreditei quando a vi em Santino pedindo um emprego no bar.

Aprovei por pura curiosidade, é verdade, uma necessidade incomum surgiu em desvendar aquela mulher e descobrir por que ela me cativava tanto.

Isso ainda não acabou, fato, por isso é melhor eu manter mais de um braço de distância dela, respeitando sua escolha. Nunca faria o papel do babaca insistente, jamais deitei uma mulher em minha cama convencida pela minha determinação.

Relacionar é um jogo, em que a sutileza de perceber e entender os sinais é o ato mais importante.

Já perdi as contas de quantos babacas eu vi jogar esse jogo da pressão, insistir, brincar de forma invasiva, insistir mais um pouco, até implorar por um beijo, isso quando simplesmente não roubavam, sinceramente, mereciam as bofetadas que já vi alguns deles receberem.

Seguro o cabo da enxada e começo a trilhar uma vala pequena, para delimitar o restante do canteiro em formação. Aqui irei plantar tomates, quero preparar uma massa especialmente para eles, com tudo o mais natural possível. Temperos, massa fresca e molho, cultivados aqui.

Gosto de pensar na história daquilo que sirvo, observar cada processo, dar vida e amor àquilo que faço com imenso prazer. Mostra que a comida servida não sacia somente a fome momentânea, mas conta sua trajetória e compõe a história de diversas outras pessoas.

Meio poético, até patético para alguns, eu sei, mas é assim que vivo a vida. Gosto da história, gosto do antes, ainda mais do que o depois, por isso considero o flerte o ponto mais importante de uma interação entre duas pessoas.

Ele é o momento e a oportunidade de perceber, testar e sentir, nas entrelinhas, o que seu possível parceiro da noite quer, até onde está disposto a ir e como quer jogar.

A transa só é boa quando a expectativa e espera são trabalhadas com inteligência, cuidado e entendimento.

Cavouco mais do que é preciso em um ponto, solto um xingamento baixo e curvo o corpo, usando a enxada de apoio, para voltar a terra no lugar. Mente distraída torna o serviço pouco eficiente.

Lidar com a terra sempre me acalmou, tenho tanto a pensar sobre meu passado, decidir o que fazer com as informações que possuo em mãos, pensar na mágoa que vou provocar, não só em mim, mas na pessoa que amo.

Ainda não sei até onde tudo isso vale a pena. Em outra época, era tudo que eu mais queria. Saber quem era o desgraçado que abandonou minha mãe grávida, à mercê da própria sorte, mostrar a ele o homem que me tornei e rechaçá-lo por não ter mérito algum nisso.

Agora já não vejo mais sentido, só não sei se esse desejo está atrelado ao desinteresse que cresceu por todos esses anos, ou o fato de descobrir o merda de homem que meu pai é.

— Precisa de ajuda? — Pisco com força para acalmar meu coração que disparou feito cavalo de corrida.

Levo o antebraço à testa e limpo um filete de suor que se formou ali até erguer o queixo e ver aquela pele alva, os cabelos acobreados brilhantes, trançados de lado e ocultos pelo meu boné, que protege sua cabeça.

— Espero que não se importe. — Aponta para o meu adereço que usa sem permissão.

— Não, claro que não. — Pigarreio. — Estou abrindo um novo canteiro para os tomates, nada de mais.

— Ah... — Ela parece decepcionada. — Posso cuidar das hortaliças e dos temperos. O que acha? — Ela aponta para a mesa improvisada com os cavaletes, onde estão todas as especiarias que cultivo.

— Tudo bem. — Dou de ombros e volto a ficar de pé.

Uso o dobro do meu esforço mental para manter a atenção onde devo e cavar logo esse canteiro. O que era para ser uma terapia, se tornou um tormento.

— Chegou bem mais cedo — comento despretensiosamente.

— Sim. Queria ter um momento a sós contigo, já que *tu* me ignora desde aquele dia na cozinha.

Apoio os braços na enxada e giro a cabeça em sua direção, com as sobancelhas arqueadas, surpreso com o tiro à queima-roupa que ela acabou

de me dar.

— Eu não estou te ignorando. Só respeitando seu espaço.

— Não me lembro de ter pedido isso *pra tu*. — Ela dá de ombros.

Seus olhos continuam focados nos canteiros, limpando uma folha seca aqui, outra ali, fingindo que falamos sobre algo banal.

— De fato, não pediu. Mas eu presumi que *tu* mudou de ideia e por mim *tá* tudo certo, Joana. Vontades mudam, desejos apagam, faz parte.

— *Pra* mim nada mudou, muito pelo contrário. Eu só estava com medo e, normalmente, quando isso acontece, tenho a péssima tendência de fugir. — Seus olhos finalmente erguem na minha direção e o calor que vejo perpassar ali me aquece por inteiro.

Solto a enxada, cruzo o caminho que nos separa, vejo os olhos de Joana se tornarem ainda maiores e quando enlaço sua cintura, um sorriso maroto desponta dos seus lábios.

— *Tu* pode dizer não quando quiser, Joana, e eu vou entender, juro por Deus que vou. Mas eu não consigo me segurar quando vejo seu rosto tomado pelo desejo que ferve também em minhas veias.

— Então não se segure, patrão. — Ela morde o canto dos lábios.

— Diacho! *Tu* é encrenca, eu sei que é, mas só consigo pensar em me afundar de vez nessa confusão.

Antes que ela solte o riso que segurava nos lábios, choco minha boca contra a sua, a língua invade aquele espaço quente e gostoso, seu sabor afrodisíaco me faz gemer feito um novato imaturo.

Pode passar o tempo que for, tenho a impressão de que o sabor desse beijo nunca irá se equiparar a outros. Já provei bocas demais nesta vida, algumas foram maravilhosas, outras nem tanto, dependia muito da química e disposição do momento.

O problema é que, com a Joana, foi diferente, intenso em uma medida que nunca provei e isso me deixa assustado e extasiado, na mesma proporção. Pode ser mero fogo de palha, algo que um dia vai acabar, uma paixão avassaladora, que chega sem avisar e parte sem se despedir.

A dúvida é o que me motiva a testar, a querer ainda mais, a sentir essa necessidade maluca de mergulhar de cabeça sem ponderar qualquer consequência.

— Quer ir lá em cima?

— Quero, claro.

Já estou duro feito pedra, aperto tanto Joana contra meu corpo que a sinto ofegar, não sei se por prazer ou falta de ar. Preciso ir mais devagar, lembrar minhas táticas e regras do jogo, da sedução e preliminar.

Estou agindo feito cachorro no cio.

— Vem comigo. — Seguro seus dedos, entrelaçados aos meus, e praticamente corro para dentro.

Subo as escadas de dois em dois degraus, esqueço que Joana tem as pernas bem mais curtas e só quando ouço seus protestos e xingamentos é que diminuo os passos.

Abro a porta do quarto e puxo seu corpo de encontro ao meu, voltamos a nos beijar com furor, minhas mãos sujas de terra apalpm seu corpo por cima da roupa, já as suas escorregam e fincam em meus ombros tentando trazer mais de mim para próximo.

Trombo na mesa com o quadril, algo espatifa no chão em seguida e Joana ri, tentando desviar sua atenção para o que aconteceu.

Giro seu corpo com rapidez, alço suas pernas e a solto sobre a mesa, um grito baixo a faz gargalhar e engulo sua risada com outro beijo. Eu sou um homem com uma missão e desesperado para cumpri-la.

Ambos agimos em conjunto quando abrimos a calça um do outro, completamente desajeitados, mas determinados em concluir o feito. Sou o primeiro a conseguir e tiro sua calça com um puxão, quando ela suspende a anca usando as mãos.

— Apressado — ela brinca e eu sorrio, maquiavélico.

— Você não faz ideia do quanto.

Ajoelho diante dela e a visão que tenho só faz com que eu lamba os lábios, sonhando com o presente que me é ofertado. Úmida, desejosa e linda,

passo a língua por toda a extensão, repetidas vezes, sem qualquer provocação.

Devo parecer um cachorro quando encontra uma vasilha de água cheia e se esbalda para matar a sede. É praticamente vergonhoso a quantidade de vezes que eu gemo e ronro algo ininteligível sentindo sua boceta na minha língua.

Joana ofega e geme, uma olhada para cima e vejo todo o fogo habitar ali e suas expressões de prazer denunciam a proximidade do orgasmo.

Explodo com a calma que deveria ter, aproveito a calça aberta e puxo meu pau para fora, me masturbando feito um desesperado. Foco a língua em um ponto muito específico da sua intimidade, isso a faz contrair as pernas em torno dos meus ombros, mas eu não paro.

Os gemidos de Joana se tornam gritos prazerosos, pedidos para que continue, assim como aprovações usando meu nome, aperto o eixo em meu pau, martelando o pobre coitado, tomado pelo tesão.

Quando seu corpo se contrai por completo, ela prende a respiração e eu uso a mão livre para manter seu quadril no lugar, a fim de sugar tudo que posso do seu orgasmo e encontro minha liberação.

— Porra — solto, em meio às lambidas, agora mais sutis.

Esguicho feito um aprendiz, a cabeça lateja em desejo, estaria pronto para enfiar meu pau nela agora mesmo, se não fosse alguém me chamando no andar de baixo.

“Merda. Vou matar o infeliz que empatou minha foda.”



Capítulo 19

“...só quero dar prazer a você e sentir o mesmo no processo.”

Joana

Passo as mãos no rosto, um tanto pela frustração de sermos interrompidos, um pouco pela vergonha de nem me dar conta como acabei em cima da mesa com as calças arriadas.

Salto do lugar erguendo a calça, o coração ainda acelerado e a respiração parcialmente regulada, rumo de volta para o bar, controlando os passos para quem quer que seja lá embaixo, não descobrir que sou eu a escandalosa que acabou de gozar com um oral.

“Será que Tadeu e eu nunca passaremos disso?”

É a segunda vez que temos a oportunidade de nos atracarmos e ele acaba com a boca... Bom, não estou reclamando, longe disso, mas imaginei coisas diferentes desta vez.

Ao chegar ao térreo marcho direto para a cozinha, por graça divina não encontro com ninguém no curto caminho, entro no meu ambiente e rapidamente visto o avental que deixei ali antes de ter a brilhante ideia de perseguir meu patrão.

Verifico os insumos para a noite, hoje o movimento esperado é maior, então trato de aumentar as quantidades, separo os legumes para o vinagrete e dou falta dos tomates.

— Será que acabou? — Olho as cestas que ficam na bancada abaixo dos armários e não encontro.

Resolvo lidar com o frango empanado enquanto Tadeu atende, sabe lá Deus quem, assim que retornar eu tiro a dúvida.

Higienizo as mãos e aproveito para lavar o rosto que ainda queima, efeito do pós-orgasmo, ou da minha vergonha que resolveu preencher meus sentidos.

Foco no serviço e me esqueço do tempo, as carnes estão quase todas empanadas e procuro um recipiente para armazená-las quando vejo Neto romper pelo lugar e praticamente jogar uma caixa de madeira grande sobre a

bancada metálica.

— Ei, aí não. Coloque a caixa sobre a banquetta e desinfete onde sujou. — Aponto com a mão, ainda suja de farinha, na sua direção.

— Sim, senhora — ele debocha e faz o que pedi. — Achei que tinham te sequestrado. Chamei em frente à sua casa por uns bons dez minutos.

— Resolvi vir mais cedo para adiantar umas coisas.

— Ah, eu sei. Descobri isso quando o guarda Josias passou por mim e comentou que te acompanhou até aqui. E que ainda tomaram sorvete no caminho.

— Aquele guarda é um linguarudo. — Faço uma careta, descontente.

— Ele é, mas *tá* interessado em *tu*.

— *Deusolivre*^[7]. Não quero saber de enrosco, não.

— Tem certeza, Joana? — Encaro Neto que cruza os braços na altura do peito.

— Do que *tu tá* falando?

— Por que veio mais cedo hoje?

— Já falei. *Tá* surdo?

— *Tô* não. — Ele sorri de lado, completamente debochado. — Boné bonito. — Ele sinaliza para minha cabeça e eu aperto os olhos.

— Obrigada — resmungo e desvio do seu escrutínio. — Agora me deixe trabalhar.

— *Podexá*, patroa. — Arremesso o pote de plástico, que ele consegue desviar a tempo de ser atingido.

Neste momento Tadeu entra na cozinha e recolhe o pote que está diante da sua botina. Neto, que ria abertamente e fazia chacotas incoerentes, perde o humor ao encontrar o olhar questionador do patrão.

— Vou *pro* salão. — Ele pigarreia e sai o mais rápido possível do lugar.

— Que bicho mordeu *ele*? — Tadeu se aproxima da pia e solta o pote arremessando na cuba.

— Neto é uma besta. Só isso — comento, sem dar importância.

Engulo em seco, foco minha atenção em guardar os frangos de forma organizada.

Tadeu, já vestido com a camiseta, ainda suja e amarrotada, só consigo imaginar o quão bom seria me desfazer dela, assim como de suas calças.

“Diacho! Que ainda não consegui ter uma boa visão do seu documento.”

Sinto o calor irradiar e alastrar por toda minha pele, não sei o que acontece comigo que não controlo meus pensamentos devassos quando estou perto demais de Tadeu.

Suas mãos pesadas seguram minha cintura e seu corpo logo se encaixa ao meu. Arfo, pela surpresa e pelo desejo de ser apalpada por ele, sempre que possível.

— Mais uma vez não consegui fazer metade do que pretendia com você, Joana. — O hálito quente atinge minha orelha e um tremor percorre meu pescoço e ombros.

— Talvez não fosse *pra* ser — respondo, fraca e desajeitada.

— Ah... eu discordo. Acho que fomos interrompidos, porque tudo que eu pretendia tomaria muito mais tempo do que tínhamos disponível. Mas a noite é uma criança.

— Isso é um convite para eu pernoitar aqui?

— Com certeza, mas desta vez vou me certificar de trancar as portas e janelas para que não fuja quando acordar satisfeita, dolorida e saciada.

“Putá merda!”

Sua boca resvala em um ponto muito sensível entre a orelha e o pescoço, encolho o ombro para conter o tremor que surge no lugar, mas percebo que falhei miseravelmente quando ele se afasta e caminha para fora com um riso baixo ressoando no ambiente.

Se antes minha atenção ao trabalho estava delimitada, agora ela simplesmente não existe. Graças à noite movimentada, sou chamada para auxiliar as mesas quando tem uma brecha na cozinha ou Tadeu assume os pedidos a serem feitos.

Não obtivemos um minuto de tranquilidade até o meio da madrugada, quando as pessoas se cansaram de beber, dançar e flertar, dando a noite por encerrada.

Jorge começa a erguer algumas cadeiras das mesas que já limpei, depois de desocupadas, Diego cuida dos banheiros, enquanto eu marcho para cozinha para colocar tudo em ordem antes de fechar.

Os serviços de comida foram encerrados ainda há pouco e Tadeu se ocupou de ajudar Neto com o bar, trocamos um olhar rápido e significativo quando passo pelo balcão, o que faz meu sorriso travesso crescer nos lábios.

Lavo toda a louça acumulada, panelas e recipientes usados nas preparações, o fogão está um caos, precisa de uma bela higienização, por isso acelero o serviço para terminar tudo a tempo.

— O que está fazendo? — Ouço sua voz longe, olho por cima do ombro e ele está com metade do corpo para dentro da porta.

— Limpando tudo para encerrar o expediente.

— Não se apresse, essa será minha desculpa para te manter aqui quando Neto te chamar para ir embora. — Ele oferta uma piscadela provocativa e eu sorrio ainda mais.

— Tudo bem, patrão.

Ouço um resmungo antes dele sair e me deixar com o trabalho. Diminuo a velocidade na limpeza, aproveito para cuidar de tudo com ainda mais esmero e rezo para que Neto não venha falar direto comigo.

Depois da sua provocação de hoje, somado à carona que ele sabe que peguei com Tadeu na noite do cinema, não é preciso ser muito inteligente para entender o que está acontecendo.

Já estou com o balde e o esfregão nas mãos, pronta para limpar o chão, a única coisa que falta, quando Tadeu retorna para a cozinha e contorna

a mesa metálica até estar próximo demais de mim.

— Finalmente já expulsei todos.

— Todos? — Ergo as sobrancelhas ao mesmo tempo que ele avança um passo e eu recuo um, cautelosa.

— Sim. Neto argumentou sobre te esperar, mas eu informei que não era necessário.

— Ele pode desconfiar de alguma coisa.

Mais um passo é dado e eu recuo novamente, incerta com o olhar predatório que Tadeu me lança. Sinto-me a presa prestes a ser devorada pelo predador, o que causa um rebuliço contraditório no meu ventre.

— Dane-se. Você é maior de idade, independente, e eu me importo muito pouco com o que qualquer um pode pensar.

— Mas... — Recuo mais um passo e sinto minhas costas baterem contra a parede.

Tadeu sorri de lado, satisfeito por me ver encurralada, suas mãos apoiam do lado da minha cabeça, pronto para me atacar bem ali, toda suada, fedendo à gordura e com o esfregão nas mãos.

— Se você quiser ir embora, posso te levar agora mesmo, Joana — ele afirma baixo à medida que aproxima seu rosto da minha orelha e desce, resvalando, por todo contorno da mandíbula e queixo.

— Não quero ir. — Ele estala a língua e recua a cabeça mirando meus olhos.

— Então por que está agindo feito um bicho acuado?

— Porque não sei como agir ou o que fazer.

— Comece deixando esse esfregão de lado. — Ambos olhamos para o instrumento que é pressionado pelas minhas mãos.

Assim que me livro dele, encostando na parede ao lado, volto a encarar Tadeu, que continua na mesma posição, mãos espalmadas na parede, o tronco levemente inclinado na minha direção e o peso do corpo apoiado somente em uma perna, já que a outra está dobrada e relaxada.

— Acho que a limpeza pode esperar. Está na hora de nós nos limparmos um pouco. — Ele se afasta e estende a mão para mim.

— Está dizendo que estou fedida? — Ele joga a cabeça para trás e gargalha.

— Ambos estamos. — Quando toco sua mão, Tadeu me puxa para o corredor e aponta para a escada. — Use meu chuveiro, tem tudo que precisa lá, eu vou usar o daqui de baixo.

— Tudo bem. — Subo os primeiros degraus, mas antes que solte sua mão, sou puxada e meu corpo gira, chocando-se com o dele.

Por estar mais alta, nos encaramos olho no olho, Tadeu beija meus lábios com rapidez, os olhos ainda abertos e atentos aos meus.

— Quero te comer gostoso, Joana.

— Não espero menos que isso, patrão. — Sorrio de lado e ele replica meu semblante.

Viro e subo as escadas, finalmente me libertando das suas provocações, que posso garantir, surtem o efeito certo na minha libido.

Tiro as roupas com rapidez, abro o chuveiro e entro de cabeça, não quero passar minha primeira noite com Tadeu, fedendo a gordura de cozinha no cabelo.

Uso seus produtos mesmo, já que esqueci completamente da minha mochila que ficou na sala de descanso. Em algum momento, terei que descer e pegar, afinal, precisarei da troca de roupa para vestir.

Quando saio do chuveiro, com a toalha enrolada na cabeça e o corpo enxuto, abro a porta acreditando que ainda estou sozinha e posso me esgueirar para debaixo do lençol.

Estaco no lugar ao ver o corpo preto esparramado entre os lençóis, sigo o escrutínio dos seus pés, passo pelas pernas, joelhos, as coxas muito bem-torneadas e miro na sua virilidade, latejante e pronta.

Ele é grande, não que eu tenha muito parâmetro, já que pessoalmente só conheci do Sandro, mas ele é maior e mais largo. Não vou ousar pensar se cabe ou não, porque se o destino me deu a oportunidade é para que eu

aproveite sem questionar, mesmo que ainda tema pelo estrago final.

— Olhando algo que te interessa, Joana? — Saio do meu estado de torpor e termino de subir os olhos por sua pelve, abdômen e peitoral — lindamente definidos — e encontro seu semblante safado.

— Com certeza, ou eu não estaria aqui. — Deixo meu lado desinibido tomar frente e caminho até a beirada da cama.

— Não vai deitar, ou sentar? — oferece. — Prometo que não mordo... — ele prende o lábio inferior entre os dentes — ...muito forte. — A última parte sai em sussurro e eu uso a coragem recém-desperta.

Solto a toalha dos cabelos, que caem em torno das costas e seios em montes úmidos, subo na cama e de joelhos me coloco entre suas pernas. Meus olhos miram os seus, que se alarmam ao perceber a intenção.

— Tem certeza de que quer começar por aí? — Ele inclina o queixo e ajeita o quadril evidenciando seu pau completamente desperto.

— Acho que nos poucos momentos que estivemos juntos, eu obtive a vantagem, então prefiro mudar o ângulo.

— Não precisa retribuir nada. — Sua voz está mais baixa.

Apesar de tentar bancar o cara coeso e bacana, a ansiedade pelo que o espera faz seu tom fraquejar um pouco. Admiro seu intuito, mas sinceramente quero que se dane a gentileza, hoje vou realizar todos os desejos mais gritantes desde que o conheci.

Passo as mãos por suas pernas, subindo calidamente, desvio para o interior das coxas e paro muito próximo da virilha, inclino o tronco para frente, o vejo engolir com dificuldade e os olhos compenetrados em cada movimento meu.

— Estou fazendo o que sinto vontade, Tadeu. Você disse que quando eu quiser parar, ou partir, basta dizer. Pois eu digo que agora, só quero dar prazer a você e sentir o mesmo no processo. Não se preocupe, eu não vou quebrar. — Sorrio de lado enquanto abaixo ainda mais, e desço os olhos para a glândula arroxeadas e brilhante.

Ele pulsa em expectativa e isso arranca um riso baixo de mim.

— Não... não vai. — Ouço sua concordância em um sussurro, mas não lhe dou mais atenção.

Fecho os olhos por um momento quando abocanho a cabeça latejante sentindo pela primeira vez seu sabor puro e sedento. Gemo no processo e ouço um palavrão, chicoteio os olhos na direção dele e vejo o que sempre quis.

Um homem rendido e entregue ao prazer que eu posso lhe proporcionar.



Capítulo 20

“Definitivamente isso é um grande ‘sim’.”

Tadeu

Pensei em vestir algo quando entrei de toalha na casa, mas achei desnecessário, ambos sabíamos o que aconteceria, estávamos ansiosos por isso, então não havia motivo algum para disfarçar.

Tomei como certa a minha escolha quando Joana cobriu, com sua boca linda e delicada, a extensão do meu pau. Prendi o fôlego, os olhos vidrados em seu feito, era inadmissível perder um segundo que fosse do momento.

Não existe uma explicação lógica, mas o tesão em ver uma mulher me engolir e se esforçar para colocar tudo dentro da boca, dispensa qualquer senso de cautela que eu poderia manter.

Seus cabelos úmidos e gelados se espalham pela minha virilha, não resisto em levar a mão até sua cabeça e auxiliar na velocidade aplicada. Impulsiono o quadril para cima com sutileza e a glândula alcança sua garganta.

Ela protesta com um leve engasgo, uma fisgada contrai minhas bolas e temo não aguentar mais dois minutos dessa forma. Por garantia, solto sua cabeça e firmo as mãos espalmadas no colchão.

Joana continua sugando e dançando com a língua sobre a glândula, contraio o abdômen, absorvendo o máximo que posso desse prazer, até que ela para por completo e me encara.

— Quer que eu pare? — Sua pergunta é retórica e puramente provocativa.

— Não, mas eu adoraria ter algo *pra* chu... porra! — Perco a fala quando ela torna a me engolir, agora indo mais fundo do que antes, enquanto suas mãos seguram a base e as bolas.

Aperto os olhos com força e silvo o ar ao contrair o abdômen mais uma vez com o prazer aumentando de forma alarmante o peso nas minhas bolas. Se ela não parar com isso imediatamente, vou jorrar na sua garganta.

Antes que eu pergunte e a safada acabe concordando, ergo o tronco e

puxo seu corpo para cima, quebrando por completo o contato da sua boca quente e macia com meu pau.

Óbvio que ele não fica nada contente com isso, mas eu preciso, ao menos, de pouco mais de dez minutos para fazê-la chegar lá, antes de gozar feito um maluco tarado.

— Vem aqui, Joana. — Ela escala meu corpo de modo desajeitado e um tanto confusa. — Sente na minha cara.

Eu poderia rir do seu semblante chocado, mas sinceramente, estou sedento demais por outra prova do seu gosto. Posso apostar que sua boceta está úmida e desejosa por um pouco de diversão.

Quando eu mencionei que ter a visão de uma mulher me chupando é enlouquecedora, jamais se tratava de um comparativo, pois ter as pernas dela aquecendo minhas orelhas é, de longe, algo lindo de se ver.

Engancho os braços em torno das suas coxas, a visão dos seus grandes lábios bem na minha frente, o cheiro particular que só ela tem, mais intenso devido ao desejo desperto que brilha em toda a extensão.

Encaro seus olhos, que estão atentos aos meus e em meio a um sorriso, puxo seu quadril e a faço, literalmente, sentar no meu rosto. Minha língua vai direto para o seu canal enquanto uso os lábios para friccionar em torno.

Joana joga a cabeça para trás e solta um gemido audível, meu pau protesta desesperado, ansioso pelo momento em que possa sentir o calor dessa boceta, mas isso não vai acontecer até que eu sinta seu orgasmo na minha boca, assim como mais cedo.

Tenho esperado tanto para sentir nosso encaixe, que tenho minhas ressalvas de por quanto tempo conseguirei postergar até finalmente gozar dentro dela.

Sua mão cobre minha cabeça e ela passa a ditar movimento sutis, deixo minha língua para fora e rígida, para que possa se esfregar e encontrar o atrito e ritmo certo para seu êxtase.

E acontece, linda e liberta, Joana se move com rapidez e atinge seu prazer, dando-me o privilégio de assistir a todo o processo. Seu rosto e

pescoço tomados pela vermelhidão, os olhos apertados e a boca soltando grunhidos baixos e respirações entrecortadas.

Sinto seu corpo tensionar e relaxar, as coxas pressionam em torno da minha cabeça e ela para os movimentos, mas eu continuo beijando-a com vontade e isso a faz rir e se afastar, o que acelera meu coração ainda mais.

Joana afasta a perna e desmonta de mim caindo na cama ao meu lado, não perco tempo em virar sobre ela e beijar sua boca com desespero. Seu gosto se mistura em nosso sabor, tornando o contato ainda mais erótico.

— Deliciosa — solto, entre beijos, e levo a mão embaixo do travesseiro que usava e tiro um pacote de preservativo de lá.

Suas sobrancelhas arqueiam e eu sorrio de lado, jamais permitiria que a proteção necessária atrasasse minha pressa em meter fundo dentro dela.

Rasgo o pacote com o dente, inclino o corpo de lado e visto afoito o preservativo, volto a me encaixar nela, encaro seus olhos e sinto meu pau se acomodar perfeitamente na sua entrada escorregadia.

— Você está pronta? — pergunto, dando a chance de ela encerrar isso antes que eu perca o pouco de camaradagem que me resta.

— Estou pronta há algumas semanas. — Ela sorri abertamente e eu inclino o quadril de leve em resposta.

Entro nela devagar, apesar de lubrificada e relaxada, pelo pouco que sei de Joana, faz algum tempo que não tem qualquer intimidade desse tipo e não quero bancar o idiota insensível.

Também posso atribuir a falta de pressa em querer postergar ao máximo o prazer de ter meu pau preenchendo-a por completo. Apertada, quente como o inferno e muito escorregadia, a combinação perfeita para me fazer gozar muito antes do que eu gostaria.

Capturo seus lábios com os meus, trilho um caminho prazeroso pelo contorno do queixo até o pescoço, onde a deixo ouvir minha respiração curta e acelerada.

Continuo me movendo devagar, até que suas mãos cravam nas minhas costas, nitidamente implorando por mais. Recuo o suficiente para

quase sair dela por completo e afundo em uma única estocada.

— Porra — solto baixo, beijando seu pescoço.

Joana prende o ar ao mesmo tempo que sua boceta aperta meu pau. Não vou durar meros segundos se ela continuar me ordenhando desse jeito.

Recuo e estoco algumas vezes, ergo a cabeça para encarar seus olhos, completamente tomados pelo desejo, nublados na mesma luxúria que os meus, pedindo por mais e balbuciando o quanto está bom.

Não concordo em palavras, mas mostro com meu corpo, o que está rolando é muito acima do esperado e mais gostoso do que estou pronto para admitir. De longe, a transa mais intensa, contemplativa e envolvente que já partilhei.

“Diacho! Eu mal coloquei o pau pra dentro e já quero gozar.”

Acelero os movimentos incentivado pelos gemidos e palavras desconexas de Joana, tenho certeza de que suas unhas cravadas na parte de trás do meu ombro deixarão uma deliciosa ardência.

Desço as mãos, uma envolvendo a parte de trás da sua perna, puxando ainda mais para cima e a outra infiltro entre nós para estimular seu clitóris. Quero muito gozar, mas quero ainda mais sentir sua boceta contrair de prazer em torno do meu pau sedento.

Minha boca alcança seu mamilo enrijecido, que balança no ritmo das estocadas, pinço entre os lábios e passo a sugá-los com fervor. Trabalho incansável para que ela alcance seu prazer e, assim, eu possa contemplar o momento enquanto me libero.

Suas pernas enrijecem, a respiração fica errática e eu sei que está próximo. Como se fosse possível, acelero ainda mais as estocadas, minhas bolas físgam em prazer e quando sua boceta me ordenha, prazerosamente, perco todo o resquício de controle que restava.

Entrego-me ao momento, enquanto contemplo nosso prazer se liquefazer em ondas por todo o corpo, pulsamos juntos, saciados e perdidos dentro do êxtase alcançado.

Sem vontade alguma de quebrar nosso contato, giro na cama,

puxando o corpo de Joana no processo, que chega a protestar algo ininteligível, mas solta o peso e se aconchega quando percebe minha intenção.

Fecho os olhos ao inalar o ar profundamente, a fim de acalmar a bateadeira do meu coração. Meus pensamentos são um completo vazio, tranquilo e apaziguador, não consigo raciocinar em nada além desses lençóis e o fato de querer permanecer neles por um longo tempo na companhia dessa ruiva.



Abro os olhos mirando o teto de madeira, viro o rosto para a porta lateral descortinada, irradiando o sol através do vidro e concluo que é bem mais tarde do que estou acostumado a levantar.

Giro em direção à cama e o corpo alvo e miúdo está de bruços, os cabelos, agora secos, bagunçados sobre o rosto e travesseiros, o lençol cobre somente a curvatura da sua bunda macia e gostosa.

Gostaria de ser o cara atencioso, que levanta e prepara o café, como fiz da primeira vez, mas meu pau despertou faminto, mesmo depois dos dois momentos gloriosos da madrugada.

Joana se mostrou com tanto apetite sexual quanto eu durante a noite. Depois de recuperarmos parte do fôlego, a garota começou a beijar meu peito, subindo para o pescoço e boca.

Girei na cama deixando-a de costas, me livreí da camisinha usada e passamos a nos acariciar com calma, porém, cobiçosos. Os toques se tornaram mais provocantes, mais intensos e quando dei por mim, estava com Joana de quatro, arremetendo fundo nela, enquanto nossas mãos seguravam a grade da cama, as dela por baixo das minhas.

Sussurrei todas as sensações devassas e o prazer descomedido que ela me causava, senti sua boceta contrair com cada palavra chula, ansiando por um pouco mais. Tenho certeza de que quando gozamos, grande parte do prazer atingido se deu à aspereza do ato, assim como minhas declarações.

Apoio a cabeça em uma mão quando viro de lado, a outra uso para percorrer suas costas nuas de leve, suave, ainda em dúvida se a deixo descansar ou a acordo para aproveitarmos um pouco mais.

Antes que eu me decida, Joana pisca os olhos e ao encontrar os meus, ela sorri. Como aconteceu mais de uma vez, perco o fôlego, os cabelos brilhantes e afogueados pela claridade, o sorriso preguiçoso, porém, lindo e os olhos iluminados.

Ela é a personificação mais próxima que posso definir de angelical. Provavelmente isso deveria me preocupar, até assustar, tamanha a intensidade e magnetismo que sinto com um simples olhar ofertado, mas estou em um momento que não ando raciocinando nada com clareza.

Ela gira o corpo, se colocando de frente para mim, meus olhos descem para os pequenos montes saborosos, sinto minha boca salivar com a vontade de abocanhá-los.

— Bom dia. — Volto a encará-la, a voz rouca me agrada.

— Bom dia, dorminhoca. Estava aqui pensando: chá e depois sexo, ou sexo e depois um chá?

Joana solta um riso baixo, se move na cama e só assimilo sua ação quando uma perna passa por cima de mim e ela está montada em meu quadril. Claro que meu pau pulsa, indignado por ainda não estar dentro do lugar mais gostoso que já visitou.

— Com certeza um sexo vai nos despertar o suficiente *pra* depois levantar.

— *Tu*, Joana — levo as mãos ao seu rosto, o emoldurando —, é encrenca pura.

— Encrenca? — Ela franze o cenho.

— Sim. Encrenca. Mas com certeza é a melhor das enrascadas que já

me meti.

Puxo seu rosto para mim que vem de bom grado, passo a próxima hora fazendo aquilo que descobri sermos muito bons juntos e quando a deixo suada, vermelha e satisfeita na cama, levanto, visto um calção e aviso que vou descer para tomar uma ducha e preparar nosso almoço.

Não existe possibilidade de tomarmos banho juntos e eu não querer me enfiar de novo entre suas pernas, sentindo seus gemidos e aquelas unhas afiadas cravadas em alguma parte do meu corpo.

Meia hora depois, estou quase terminando o tutu de feijão e retirando o frango empanado e frito, quando sinto duas mãos pequenas circularem minha cintura.

Olho para baixo e a normalidade que sinto com o contato faz meu coração praticamente saltar pela garganta. Puxo uma de suas mãos até a boca e beijo o dorso antes de soltá-la.

— O cheiro está maravilhoso.

— Eu sei, sou um ótimo cozinheiro. — Ela belisca minha cintura e eu protesto baixo. — Não fiz chá, pois já passa do meio-dia. O que acha de duas cervejas para acompanhar?

Ela concorda animada e salta para longe, indo em direção ao freezer buscar as bebidas, antes que ela cruze a porta, solto o convite que ainda não havia pensado se era ou não viável:

— Que tal sairmos em uma aventura?

Seus olhos se ampliam e antes mesmo de saber a proposta, Joana corre até mim e choca seus lábios no meu.

Definitivamente isso é um grande “sim”.



Capítulo 21

“Um passo de cada vez, viva o momento, Joana.”

Joana

Estranhamente as coisas seguiram muito naturais entre Tadeu e eu, depois de finalmente transarmos de fato. Não que das outras vezes não fosse um tipo de transa, mas na minha cabeça, só contei como consumado, quando o seu amigão conheceu a minha amiguinha de perto.

Isso pode soar meio ridículo, talvez até seja mesmo, mas não consigo pensar de outra forma e, confesso, foi muito melhor do que eu esperava. Depois de tantas provocações, brincadeirinhas e chamegos, já tinha montado a *fanfic* erótica completa na mente e Tadeu não decepcionou, mesmo.

Depois do nosso almoço, ele me levou para casa, sob protestos, onde eu tirei um tempo para processar tudo que havia acontecido até ali. Eu não estava apaixonada, longe disso, mas não seria tola ao ponto de negar como meu coração estava descompassado desde que tudo se consumou.

O homem é bom no que faz, é gentil, educado e atencioso, ao mesmo tempo em que sabe ser bruto de um jeito interessante, pega e aperta com força nos lugares certos, e, por Deus, me deixou pronta com pouco esforço.

Quando retornei para o trabalho, peguei carona com o Neto que não parou de questionar que horas o patrão me deixou em casa na madrugada e o quanto era estranho ele me fazer ficar até mais tarde, já que normalmente dispensa os funcionários mais cedo.

Disfarcei como pude, disse que a cozinha necessitava de uma limpeza mais pesada naquele dia e que juntos daríamos conta da demanda mais rápido. Neto me encarou com aquele olhar que sabia da mentira contada, porém, não iria mais me atormentar com questionamentos.

O que foi muito bem-vindo, até claro, o patrão me cumprimentar com um beijo demorado na bochecha assim que chegamos para o turno. Quase desmaiei bem ali, na frente dos meninos, soltei um cumprimento apertado e marchei o mais rápido que pude para a cozinha.

Pensar no que os outros podem achar do fato de dormirmos juntos me preocupa ao extremo. Não quero ser vista como a mulher que mantém seu emprego por dormir com o patrão, além de não ser verdade, seria algo realmente desagradável, caso surjam comentários.

Ocupo a cabeça com trabalho, a única coisa capaz de diminuir o acelerado em meu peito. Verifico os insumos e noto que faltam hortaliças, então, pego a tesoura de cozinha e rumo para os fundos, a fim de colher um bocadinho delas na horta.

Ao passar pela porta do escritório, que está aberta, sinto meu corpo ser puxado com rapidez para dentro à medida que a porta bate atrás de mim e um peitoral quente e grande me esmaga entre ele e a madeira.

— O que você está fazendo? — Arregalo os olhos ao encontrar os seus.

Quentes e convidativos, um meio-sorriso enfeita os lábios de Tadeu, que parece não se importar com sua feição.

— Quero meu beijo — ele anuncia, enquanto uma mão, grande e forte, emoldura minha bochecha.

— E quem disse que eu quero isso? — Encontro forças para manter meu tom firme, apesar dos joelhos fraquejarem por um momento ínfimo.

Tadeu transforma por completo sua feição, seu corpo recua em automático ao se afastar de mim, o vinco entre as sobrancelhas mostra que está surpreso e um tanto arrependido.

— Desculpe, Joana, eu pensei... achei que você... Só, me desculpe. — Tadeu se atrapalha com as palavras, embaraçado.

— Não! Eu... quero isso, claro que quero — adianto, de imediato. — Só acho que devemos tomar cuidado aqui. As pessoas podem falar...

— Danem-se as pessoas, Joana. O importante é o que você e eu queremos. — Ele torna a se aproximar, suas duas mãos tomam meu rosto e eu fecho os olhos em automático. — Se não quiser que eu te beije agora mesmo, é melhor me afastar.

Abro os olhos e, por algum motivo, Tadeu tem sua confirmação.

Seus lábios descem sobre os meus, cálidos e contidos, sinto a maciez da sua carne contra a minha, a língua pede passagem de forma calma e quando encontra, uma explosão toma conta dos meus sentidos.

Circulo as mãos em sua cintura, colando nossos corpos, gemo em agrado com seu gosto e os movimentos envolventes que executa na minha boca. Estou na ponta dos pés, pronta para escalar aquele corpo maravilhoso, quando uma batida forte atrás de nós me faz saltar.

Afasto seu corpo do meu com o choque e arregalo os olhos, assustada.

— O que eu faço? — sussurro e olho de um lado para o outro, sem saber para onde ir.

— Relaxa. — Tadeu usa o mesmo tom que o meu, com a diferença que ele demonstra se divertir com meu desespero.

— Já sei. — Corro para trás da sua mesa e me enfio debaixo dela.

— Sêrio isso?

— Atenda logo. — Coloco a cabeça por cima da mesa e silvo enquanto balanço o braço em direção à porta freneticamente.

Tadeu mostra seu tédio total com a minha determinação, então solta uma lufada de ar e balança a cabeça em negativa. Aproveito para me enfiar de volta no esconderijo, atenta a qualquer som no ambiente.

— Neto, o que precisa? — Escuto logo após a porta ser aberta.

— Patrão, chegaram algumas garrafas de bebida que você encomendou daquele fornecedor de cerveja artesanal. Lembra?

— Ah, sim. Estava esperando por elas, mesmo.

— Quer que eu receba ou você faz isso?

— Vou até lá. Preciso planilhar e colocar no armário dos destilados.

— *Tá certo.*

— Obrigado, Neto.

— Por nada. — Solto o ar, aliviada. — Patrão? — Torno a prender a respiração.

— Sim?

— Por que a Joana *tá* embaixo da sua mesa?

Contraio o rosto todo em uma careta medonha, sem saída ou desculpa, engatinho para fora do esconderijo e coloco a cabeça acima da altura da mesa.

— Como me achou? — pergunto, carrancuda.

— Seus pés a entregaram, Jô — é Tadeu quem responde.

— Maravilha! — Com mais dificuldade do que quando entrei, consigo me arrastar e ficar em pé. — Só estava procurando uma coisa... que deixei cair. — Dou de ombros com a desculpa mais esfarrapada do mundo.

— Hã? — Neto me encara com um misto de diversão, descrença e pouco caso.

Arrisco um olhar em Tadeu, que cruzou os braços e mantém uma das mãos sobre os lábios, descaradamente escondendo um riso.

— Agora preciso colher hortaliças. — Marcho para a saída, passo entre os dois, que recuam o corpo para que não nos esbarremos.

Se existia alguma chance de esconder sobre meu suposto caso com o patrão, acabei de perder as esperanças. Tadeu tem razão quando diz que as pessoas não têm direito de interferir em nossas vidas, porém, nada as impede de julgar.

Passo o restante da tarde e parte da noite ignorando o patrão por razões óbvias. Graças a Deus, o movimento manteve todos nós muito ocupados, assim consegui evitar os pensamentos sobre ele e eu, também suas tentativas de roubar outro beijo que fosse.

Estou reorganizando algumas vasilhas com insumos, amanhã o movimento ainda é bom, não tanto quanto hoje, então preciso ver o que pode ou não perder, já que no dia seguinte o bar fecha e Tadeu faz um controle preciso para evitar perdas.

— Você realmente aprendeu tudo muito rápido. Posso me aposentar da cozinha. — Ergo os olhos e vejo-o parado no batente da porta.

— Eu disse que aprendia rápido.

— Sim, você disse. — Seus braços que estavam cruzados diante daquele peitoral largo e firme se desfazem e ele enfia as mãos no bolso do jeans preto que usa. — Sobre a aventura, que eu te convidei, ainda está de pé?

Encaro seu semblante por longos segundos, Tadeu nunca agiu de forma insegura, ou com medo, e agora parece se compadecer dos dois sentimentos.

— Claro! O que eu mais quero na vida é viajar e conhecer lugares novos.

— Ótimo. Partimos amanhã, depois do expediente.

— Uau! Madrugada?

— Sim. Conheço uma pousada no caminho, vamos pernoitar lá.

— Tudo bem. E para onde vamos, mesmo?

— Palomino. — Enrugo as sobrancelhas, já ouvi falar desse lugar.

Então minha mente recebe um clarão de luz, que ilumina minhas ideias por completo. Ele está me levando para sua terra natal.

— *Tá* tudo bem, Joana? Você parece assustada.

Pisco algumas vezes, antes de recuperar o fôlego que me foi roubado, alguns segundos atrás.

— Você vai me levar *pra* sua casa?

— Sim. Algum problema nisso?

— Hã... não. Acho que não.

— Ótimo! — Ele abre um sorriso alegre. — Você vai adorar o bar da Dulce.

— Bar da Dulce? — intrigada, mas com o semblante empolgado, questiono.

— Sim. O bar da minha mãe.

“Lasquei-me!”

O restante da noite passa como um borrão, mal consigo me

concentrar em nada e só me dou conta que está na hora de partir, quando Neto me chama na porta da cozinha.

Mais do que depressa, recolho minhas coisas, enfio a mochila em um braço e saio do bar, sem ao menos me despedir de Tadeu, que por obra divina, estava ocupado no estoque quando saímos.

No caminho para casa, Neto e eu não trocamos uma palavra sequer, acho que percebeu meu desconforto e resolveu me poupar das piadinhas e trocadilhos que, tenho certeza, ele já arquitetou naquela mente provocadora.

Quando deitei na minha cama, aconchegada aos lençóis, depois de um belo banho, fechei os olhos e respirei profundo, conseguindo aplacar a ansiedade que me tomou.

Afinal, essa é só uma aventura qualquer, o fato de estar a caminho da casa de Tadeu, conhecer sua família, depois de transarmos loucamente e ainda trocarmos carícias interessadas hoje, não quer dizer nada.

“Ou quer?”



Encaro a moto de Tadeu mais uma vez, completamente incerta da ideia de sentar minha bunda linda, inteira e ilesa, nessa máquina gigante da morte.

Nunca subi em uma motocicleta, mas a quantidade de vezes que minha mãe me advertiu sobre os perigos desse veículo, me fez criar um medo imediato de que se um dia tivesse oportunidade, seria o encontro certo com a morte.

— É seguro. Não se preocupe — Tadeu declara, quando dá um tapa sobre o estofado.

Sua moto é daqueles modelos que vemos em filmes americanos, pois nunca vi uma na minha vida, então, nem sei se realmente existe por aqui. Larga, grande, toda preta e metalizada, com dois bolsões laterais e um pequeno encosto, para o carona.

Isso me deixa parcialmente aliviada, já que o utensílio me impede que pranche de bunda no chão assim que ele arrancar com a máquina da morte.

— Por que não podemos ir de carro mesmo?

— Porque a caminhonete não aguenta uma viagem de quase cinco horas. Precisa de revisão e mais uma série de coisas antes de pegar a estrada por tanto tempo.

— Mas é mais segura. — Faço um bico, ainda contrariada com a ideia.

— Não no estado que está. Confie em mim, Joana, minha moto é completamente capaz, segura e a escolha certa. Agora, se puder mover sua linda bunda até aqui, vou colocar o capacete em você.

— Linda bunda? — Repuxo um lado da boca achando graça da sua declaração.

— Muito linda e incrivelmente gostosa e macia. — Seus olhos se intensificam nos meus.

Sua postura muda, passa um ar mais perigoso e dominante, sinto sua energia atingir um ponto muito específico e gostoso no meio das minhas pernas.

“Estou me tornando uma tarada.”

Tadeu esteve ocupado hoje, mal conversamos, segundo ele, precisava deixar tudo pronto e organizado para que pudéssemos viajar tranquilos e retornar na terça de manhã, já que eu o informei sobre meu curso de Administração que começará neste dia.

Eu adotei como mantra não pensar muito além do agora. Ignorei o fato de estar a caminho de uma viagem para seu seio familiar, ignorei o fato de que isso me assusta além da conta e ignorei, principalmente, o que meus

pais diriam dessa viagem.

Tive o cuidado de não abrir a boca para Tetê sobre a aventura, tenho certeza de que aquela loira contaria para Carlota ou até mesmo a tia Dolores.

Para minha tia enviei uma mensagem avisando que vou viajar com alguns amigos, sem muitos detalhes, informei que estarei de volta para as aulas, em dois dias.

Ela só respondeu com um “tudo bem”, sem sermões, questionamentos, absolutamente nada. Já tinha formulado várias desculpas para minha história e no fim não precisei de nenhuma delas.

— E então, Joana? Vai vir aqui ou terei que te pegar? — Gostaria muito que ele me pegasse, de verdade, mas acho prudente caminhar até ele e começar logo essa aventura.

Paro diante do seu corpo e miro seus olhos, que mostram muita diversão com meu medo descabido do veículo de duas rodas.

— Não se preocupe, você está segura comigo. Eu nunca deixaria você se machucar.

Sua declaração se refere à viagem de moto, ao meu medo insano de me *estabacar* no chão, eu sei, mas, de alguma forma, meu tolo coração imagina que suas palavras possam ter algo a mais, não dito claramente.

“Um passo de cada vez, viva o momento, Joana.”



Capítulo 22

“Acho que comecei bem.”

Joana

Os primeiros dez minutos de viagem eu passo com as pálpebras apertadas, o corpo rígido e completamente atarracada em Tadeu, que só faz rir e alisar minhas mãos grudadas em seu abdômen.

Depois da garantia de que eu não perderia minha vida por sentar a bunda nesse trambolho enorme que ele chama de moto, Tadeu montou a máquina e estendeu a mão para que eu fizesse o mesmo.

Demorei alguns segundos para processar como faria isso, já que não teria como jogar a perna para trás como ele fez. Eu tinha um vão entre o corpo de Tadeu e o encosto do assento, foi quando me mostrou o pedal de apoio para eu subir e, assim, transpassar a outra perna pelo vão.

Fiz como ele orientou, usei sua mão com tábua de salvação, morrendo de medo de perder o equilíbrio, ou pior, levar nós dois para o chão.

Meu coração martelava tão forte que senti um zumbido estalar em meus ouvidos, fechei os olhos ao perceber o motor vibrar debaixo de mim e comecei minhas orações, pedindo perdão a Deus por qualquer pecado que tenha cometido.

Provavelmente, eu deveria ter ido à missa de manhã, confessar meus pecados e, assim, poder comungar. Isso garantiria minha passagem para o céu, porém agora, só posso contar com o canal direto ao Divino e torcer para ser ouvida.

“Por isso existem padres, pastores, dirigentes espirituais, Joana. Eles são o seu comunicador com Deus. Desdenhou da sorte, agora aguenta.”

Arrisco abrir um olho só, uma pequena fresta, já estamos na estrada, escura e iluminada somente pelo farol da moto. Respiro profundamente na tentativa de acalmar meus ânimos, deixando a adrenalina escorrer por meu sistema e aos poucos confiando na promessa de Tadeu.

Depois de um tempo, abro o outro olho e consigo encarar o nada com mais calma, Tadeu ainda afaga minhas mãos, que usam uma luva grossa, assim como ele, para nos proteger do vento.

Enrijeço o corpo ao perceber uma coisa: se ele está me acariciando com uma mão, é sinal de que só uma controla a direção desta geringonça.

— Tadeu! — grito e não sei se foi o suficiente para ser ouvida, já que ambos estamos com capacete e viseira.

— Oi. — Ouço a voz dentro da minha cabeça e penso que é Deus me arrebatando. — *Tem um botão na lateral direita do seu capacete, Joana, aperte ele e eu poderei te ouvir.*

“Diacho!”

Surpresa com a modernidade de hoje, faço como me pede, ainda com medo de mover o braço e nos desequilibrar, mas a necessidade de falar com ele estimula minha coragem quase inexistente.

— Oi. Testando — falo baixo, assim que pressiono o botão.

— *Estou te ouvindo.* — Sua voz é risonha.

— Hã... ótimo. Por que diabos *tu* não está com as duas mãos no volante? — questiono, de imediato.

— *Motocicleta não tem volante, Joana, chama-se guidão.*

— Dane-se como se chama — rebato, impaciente. — Quero saber por que você não está usando as duas para segurar essa coisa.

— *Porque estou tentando te acalmar para que seu corpo relaxe.*

— Isso é muito gentil da sua parte, mas eu não vou me acalmar sabendo que só uma das suas mãos guia esse trem^[8].

— *Tudo bem, vou guiar com as duas mãos* — ele responde, resignado. — *Sabe? Eu já piloto há anos e nunca me envolvi em acidente algum.*

— Fico feliz em ouvir isso, Tadeu, e espero que não seja comigo que a sorte muda. Então mantenha suas mãos na máquina da morte.

Sua risada alta e gostosa explode dentro da minha cabeça e, agora, meu coração começa a descompassar por razões diferentes, mas não menos assustadoras.



Meu corpo miúdo se choca contra o dele enquanto alço as pernas e Tadeu as segura de forma desajeitada. Nossas bocas se consomem em um beijo louco e intenso, sua língua devora tudo de mim e eu não fico por menos.

Aperto os braços em torno do seu pescoço quando sinto que caímos em direção ao colchão macio do quarto da pousada. Tadeu disse que é lindo o lugar, uma pena estar tão escuro que eu não possa admirar a beleza.

Comentou que já fez trilhas pela região, que é conhecida por turismo ecológicos, compondo sua paisagem com diversas cachoeiras, uma mata fechada e oportunidade de se conectar com a natureza de diversas formas.

Se tivéssemos tempo, com certeza eu gostaria de explorar mais do lugar, mas Tadeu disse que descansaremos poucas horas, até amanhecer e logo estaremos de volta na estrada.

Sinceramente, desconfio que ele planejou essa parada com motivos devassos, mas eu nunca reclamarei das suas intenções, principalmente com sua boca explorando cada centímetro liberto de roupa do meu corpo.

Sinto meu corpo deslizar na cama quando um puxão é dado por ele na tentativa de remover meu jeans de uma única vez. Solto uma risada baixa quando apoio os cotovelos na cama e ergo o tronco.

Tadeu levanta, com rapidez, termina de tirar sua calça, a jaqueta já havia sido dispensada logo que entramos no quarto e a camisa arrancada quando ele nos jogou sobre a cama.

“Parece que temos alguém com muita pressa.”

Mordo o lábio quando escaneio todo seu corpo nu, os músculos definidos em todos os lugares, é tão natural, grande e poderoso. Tadeu é

geneticamente grande e, quando digo isso, estou me referindo a absolutamente tudo.

Seu pau brinda em toda a glória minha visão, pulsa perceptível, ergo os olhos no mesmo instante e encontro seu olhar divertido e ao mesmo tempo pecaminoso em mim.

— Sei que sou uma bela visão, Joana, mas prefiro te ver de outro ângulo.

“Diacho, eu também.”

— É mesmo? E que ângulo seria? — Sorrio, safada.

Meu lado pervertido tem dado mais as caras, graças à interação nada amistosa ou ingênua com o meu patrão.

— Você é provocadora. — Ele retorna à cama e encaixa os joelhos no vão das minhas pernas. — Mostra inexperiência, o que faz qualquer um babar para te mostrar um bocado de diversão. — Seu corpo inclina até estar sobre o meu, deixando-me sentir seu peso e calor, e cutucando minha entrada com aquela maravilha que ele carrega. — Mas é só dar uma brecha, uma pequena fresta e *tu* mostra que é capaz de colocar qualquer um de joelhos. — Uma das suas mãos acariciam minha bochecha enquanto ele morde meu lábio inferior de leve.

— E você ficaria de joelhos por mim?

— Com certeza. Principalmente se for para estar na mesma altura dessa boceta... — sua mão abandona meu rosto e desce rapidamente entre nós dando um apertão quente na minha região necessitada — ...deliciosa.

Solto um gemido estrangulado e fecho os olhos de imediato, ele entende a necessidade de mais e infiltra seus dedos em minhas dobras úmidas e rapidamente um ardor prazeroso se alastra por todo meu canal.

— Continua... — solto, quase sem voz.

Minhas mãos deslizam por seus ombros fortes, alcanço o pescoço e logo emolduro o contorno da sua mandíbula. Então abro os olhos, vejo fogo e desejo cintilar em sua íris tão atenta a mim.

— Porra, você está tão molhada e com tão pouco. Quero te ver gozar

assim, Joana. Nos meus dedos. Como foi da primeira vez. — E então ele infiltra não um, mas dois deles no meu canal.

— Ah... — solto alto o suficiente e ele toma minha boca.

Seus movimentos lá embaixo são ritmados, planejados e muito bem executados. Meu ventre pesa com o desejo se formando ali, contraio o canal e ouço um grunhido escapar do beijo. Ele parece gostar bastante disso.

Torno a fazê-lo, agora de propósito, e Tadeu quebra o beijo com a boca entreaberta e o semblante desafiador.

— *Tu* é encrenca pura, Joana. Mas eu não sou um homem que desiste de qualquer enrosco.

Antes que eu possa formular uma resposta provocativa à altura, seu polegar pressiona contra aquele pontinho mágico incrível e rapidamente sou inundada por um prazer avassalador que me leva a caminho do paraíso, graças ao seu empenho contínuo.

Não tenho experiência alguma com aventuras, mal vivi até hoje, mas tenho a nítida impressão de que se fosse para me aventurar sozinha pelo mundo, nunca seria tão bom quanto com o veterano do meu patrão.



Chegamos a Palomino o sol raia alto, um calor desumano faz meu corpo suar descompassado, mas Tadeu foi categórico ao dizer que deveríamos manter as blusas de manga longa, assim não castiga nossa pele.

Um bom ponto, é verdade, mas o calor é tão forte que nem o vento batendo contra a velocidade da máquina da morte aplaca ou refresca.

Depois da noite maravilhosa de gritos e prazer, de ambos, devo ressaltar, dormimos cerca de quatro horas, até Tadeu me acordar, tomarmos

um café na pousada e no meio da manhã continuamos a viagem.

Apesar de não ter tempo para explorar ao redor, o pouco que vi fez meus olhos brilharem de animação. Gostaria muito de continuar aqui e conhecer mais do lugar, então Tadeu prometeu que em outra oportunidade viremos.

A essa altura já estou mais acostumada com a máquina da morte, pelo comunicador no capacete, que eu faço questão de dizer diversas vezes que é muito legal, Tadeu e eu conversamos.

Ele contou sobre alguns lugares que conheceu pelo caminho que passamos, cidades onde trabalhou, fazendo bico, juntando um dinheiro para seu próximo destino.

Acho incrível essa vida meio nômade, aproveitei para sugar o máximo possível do que compartilhava, imaginando se eu me adaptaria fácil a algo assim.

Passamos em frente a uma oficina, segundo ele, a avenida principal da cidade, que não é tão maior quanto a minha cidade natal, mas, com certeza, com mais lojas e pessoas transitando pela calçada.

Ele aponta para o lugar, diz que pertence ao seu tio, pai das primas que cresceram com ele e as têm como irmãs.

Continuamos por toda a avenida, em frente ao posto médico, comenta que a mais velha delas trabalha como enfermeira ali, enquanto outra trabalha na oficina com o pai.

Confesso que fico um pouco mais ansiosa à medida que adentramos a cidade, apesar do convite ser feito para uma aventura, não consigo imaginar o que sua família vai dizer por me ver com ele.

Talvez isso seja comum, quando visita a família, traz alguma companhia, então, as coisas só são complicadas do meu ponto de vista, já que nunca fiz nada parecido.

Ele estaciona a moto na lateral de um bar lindo e muito parecido com o Pau Dentro. Desço da moto, sendo seguida por ele, tiro o capacete, que ele recolhe no braço, junto ao seu.

— Finalmente chegamos. Bem-vinda ao Bar da Dulce e, minha casa.
— Ele aponta para o lugar.

Assim como seu bar, o local tem dois andares, uma escada de madeira dá acesso ao piso superior, Tadeu retira uma bolsa de uma das laterais, contorno a moto e pego minha mochila pequena do outro suporte.

Subimos as escadas, enquanto abro o zíper da jaqueta, completamente tomada pelo calor e o desejo de permitir uma lufada de ar no interior da roupa.

Ele abre a porta e estamos em uma sala ampla, com dois sofás em tom claro, uma mesa de centro com um vaso de flores e um suporte de televisão na parede com aparador.

Do outro lado, uma cozinha estilo americano, sem mesa, a bancada que divide os dois ambientes é larga o suficiente e acompanha quatro banquetas estofadas e altas, provavelmente onde fazem as refeições.

— Mãe? Cheguei!

— Oi? *Tô* aqui! — Ouvimos um grito vindo de outra porta na saída da cozinha.

Tadeu acelera os passos naquela direção, enquanto eu permaneço próximo à entrada, aproveito para tirar a jaqueta e ajeitar o cabelo. Não pensei em como seriam as coisas quando chegássemos, nem em como me portar na casa e diante da mãe de um homem que mantenho um... enrosco.

Meu coração acelera demais, sinto minhas bochechas esquentarem, me preparando para encontrar a mulher.

Ouçõ o clique na porta, atrás de mim, e logo ela é invadida por uma mulher afoita, de cabelos compridos e meio ondulados. Linda, parece que saiu de uma cena de filme, usando um vestido estilo cigana, estampado em azul-escuro e desenhos minúsculos em tom mais claro.

— Onde ele está? — a mulher anuncia, antes mesmo de terminar de fechar a porta atrás de si.

Quando ela gira e dá de cara comigo, seus movimentos paralisam, o meio sorriso que mostrava morre e seu cenho franze, completamente

intrigada.

— De onde saiu essa criança? — ela pergunta, aleatoriamente, mas seus olhos medem meu corpo dos pés à cabeça.

— Boa tarde. Sou Joana e trabalho com Tadeu.

Vejo seus lábios erguerem de um lado, tão devagar como possa ser, seu semblante se transforma, de confusa para algo mais curioso e definitivamente animador.

— Interessante — ela sussurra antes de estender a mão para meu cumprimento e alargar um sorriso aberto, chamativo e muito caloroso.

Retribuo o gesto, menos nervosa do que antes, ela passa um ar tão confiante, que acabei absorvendo sua energia de imediato e deixando de lado a ansiedade que me permeia.

“Acho que comecei bem.”



Capítulo 23

“Mais um item da lista imaginaria que nunca criei...”

Joana

Acomodada em um dos sofás praticamente de frente para Paula, que me puxou para um abraço caloroso ao revelar seu parentesco com Tadeu, seguro com firmeza o copo de água que ela ofereceu assim que nos apresentamos.

Seu olhar afiado na minha direção conseguiu esvair qualquer ponta de coragem que absorvi dela quando a vi. Nitidamente estou sob avaliação ferrenha, só ainda não entendi os motivos por trás disso.

— Então, você e meu primo se conhecem há muito tempo?

— Não, na verdade. Cheguei a Santino há menos de um mês e ele foi muito legal em me contratar como aprendiz no Pau Dentro.

— Ah... posso imaginar. — Ela sorve um grande gole do seu copo enquanto disfarça um sorriso sacana. — Tadeu está sempre disposto a usar o Pau Dentro para ajudar. — Arregalo os olhos com o sentido que a declaração tomou.

— Não consigo pisar em Palomino sem que você me fareje, priminha? — Chicoteio os olhos em direção da voz grossa que preenche o lugar.

Paula salta do sofá, deixa seu copo sobre a mesa de centro e pula em Tadeu assim que ele e uma senhora estão próximos o suficiente. Ambos se embalam em um abraço caloroso que os faz gingar o corpo de um lado para o outro.

— Você deve ser a Joana. — A senhora que estava ao lado de Tadeu por todo o caminho, contorna a mesa e para diante de mim.

Levanto e estendo a mão com um sorriso tímido nos lábios. Apesar de não se parecerem em absolutamente nada, o olhar caloroso dela lembra demais o filho.

— Sim, muito prazer, dona Dulce.

— Me chame de Dulce, por favor. Fique à vontade. Minha casa é

sua casa. — O tom brando da sua voz é acolhedor e em automático sinto-me bem.

— Agradecida.

— Espero que não tenha almoçado. Minha mãe fez carne de panela com legumes *pra* você. — Paula se afasta do primo que senta ao seu lado no sofá. — Tem o suficiente para alimentar metade da cidade. — Ela gira os olhos, obviamente citando uma piada interna, já que tanto mãe e filho gargalham em seguida.

— Não duvido disso. Vamos deixar as coisas aqui, jogar uma água no corpo e colocar algo mais fresco.

— Já deixei seu quarto pronto, filho. Tem toalhas limpas no guarda-roupa.

— Isso é ótimo, mãe. Vem, Joana. — Tadeu levanta, esticando a mão na minha direção. — Vou te mostrar o quarto e o banheiro. Eu uso o do bar para ganharmos tempo.

— *Tá*. — Levanto receosa e atravesso o caminho até ele, mas não aceito sua mão.

— Vê se não demora, Tadeu. *Tô* indo na frente com a tia Dulce, para acalmar a fera.

— Pode deixar.

Quando já estamos no corredor e Tadeu abre a porta do quarto, me dando passagem, escuto algo que me faz tropeçar nos próprios pés:

— Só espero que essa menina seja maior de idade, primo, ou eu mesmo terei o prazer de te capar.



Coloco um short jeans, escolhi o menos curto, uma blusa leve de alças finas em tom verde, prendo o cabelo em um rabo de cavalo bem alto e calço a sandália baixa em tom cru.

Encaro meu reflexo no espelho do armário de duas portas no quarto de Tadeu. Ele tem uma bela cama de casal, não muito espaçosa e seu ambiente lembra algo jovial, como se há muito não mexesse na decoração.

Alguns pôsteres de bandas antigas de rock, um videogame velho, uma televisão ultrapassada e uma prateleira com várias miniaturas de carros. Giro o corpo e me aproximo dos objetos, examinando um a um com cuidado e atenção.

Depois de me assegurar que Paula não tem filtro entre o pensa e o que deve dizer e, principalmente, garantir que sua mãe não se sentirá desconfortável com a minha presença, fiquei sozinha com a incumbência de me aprontar em quinze minutos.

Ao contrário da mãe liberal, sua tia Lélia, irmã mais velha dela, é uma senhora de coração bom, generosa, boa gente, mas muito temperamental e impaciente.

Isso não ajudou em absolutamente nada para acalmar meu coração e vergonha, que já atingiram sua potência máxima e começo a bolar formas de fugir desse encontro.

— Pronta? — Tadeu entra no quarto e pendura a toalha que estava em seu ombro na porta. — Pegue seu biquíni, vamos até a prainha depois que nos livrarmos dos meus parentes. — Tadeu abre o armário e tira uma bolsa transversal, onde ele coloca duas toalhas limpas.

— Eu não trouxe biquíni... — Franzo o cenho.

— Sem problemas. Arrumamos um com uma das meninas.

— Não vou pegar roupa das suas primas — respondo, alarmada.

— Então nada de calcinha e sutiã, não importa — ele declara, enquanto sua atenção ainda está nos pertences que enfia dentro da bolsa.

— Mas e as pessoas...

— Não se preocupe. Segunda-feira, meio da tarde, não deve estar

cheio. — Ele dá de ombros e volta a me olhar. — Pronta?

Gostaria muito de responder um sonoro não, por vários motivos pequenos e alguns bem grandes, mas o entusiasmo no tom dele, somado ao semblante sereno, me faz recuar.

Ele me convidou para uma aventura, está me proporcionando muito mais que isso, eu diria, mas sua determinação em me fazer aproveitar é tocante e não quero compartilhar minhas neuroses com ele.

Provavelmente isso só prova o ponto da diferença de idade que temos, assim como a minha inexperiência em viver algo aberto e comum entre amigos.

“Amigos que transam, diga-se de passagem.”



Graças ao bom Deus, mantive meus achismos para mim, pois assim que pisamos na casa de dona Lélia e seu Jaime, fui tratada como uma princesa por todos.

De fato, dona Lélia é temperamental, principalmente com as filhas, que descobri serem casadas com os herdeiros da fazenda que deu nome à cidade. Coincidentemente, cada irmã enlaçou um irmão Queiroz e, se entendi bem as histórias contadas, por partes picadas entre eles, tudo começou com Rita Maria, a mecânica, que se enrabichou pelo irmão forasteiro, Vinicius.

Em menos de um mês, Clara, a mais nova entre as quatro, se apaixonou por Marcelo, também o mais novo dos irmãos. Então, Paula, a extrovertida, cedeu aos avanços de Guilherme, que unanimemente foi taxado como o mais fofo entre eles.

Por último, a mais velha, Antonia, que não está presente devido ao

trabalho no posto médico, reviveu um amor de adolescência com o desavergonhado do Rômulo, também o mais velho dos irmãos. Ao que parece, a fama do homem corre até hoje, mesmo que faça anos que estejam casados.

Todas têm filhos, menos Rita Maria, que ainda viaja em aventuras com seu marido e prefere esperar mais um pouco, o que parece gerar discordância entre o casal, já que ele alega estar atrasado perante os irmãos.

É evidente que os irmãos Queiroz têm um senso de competição muito aguçado, tanto que fazem apostas que até Deus duvida.

— Sua comida, como sempre, está incrível, tia, mas farei igual cachorro magro e partir. Quero mostrar a prainha para Joana antes do aniversário da Ana — Tadeu declara, assim que o almoço é retirado e, agora, dona Lélia serve um café.

Descobri logo que chegamos para o almoço, que Tadeu foi intimado pela prima, Paula, a comparecer ao aniversário da sua única filha, que completa hoje, dois anos de idade.

A comemoração foi programada para hoje, justamente para que o espertinho ao meu lado pudesse vir. Começo a pensar que sou o escudo e distração do foco de si próprio, que Tadeu está usando deliberadamente contra a família.

— Vá, meu filho, aproveite para mostrar as maravilhas de Palomino para sua namorada — sua tia declara e eu engasgo com o café que acabei de colocar na boca.

— Eita, lasqueira, mãe. Vai matar a menina — Paula declara, rindo.

— Eles são amigos, mãe — Clara, a mais doce e centrada deles, esclarece.

— Uai, nunca vi esse menino trazer um amigo de longe *pra* casa. — Ela dá de ombros.

— Eles estão viajando juntos, mãe. Assim como Viny e eu fazemos.

— *Tu* e teu marido começaram com isso quando já namoravam — dona Lélia rebate a filha mecânica e eu sinto meu rosto ruborizar ainda mais.

— E se não namoram é *bão* que fiquem juntos e se resolvam a namorar logo — ela solta, ainda mais alto enquanto chacoalha a mão na nossa direção, como se fosse absolutamente normal.

— Essa é nossa deixa — Tadeu sussurra próximo ao meu ouvido e entrelaça seus dedos nos meus. — Mãe, nos vemos mais tarde. — Ele abaixa e beija o topo da cabeça dela.

— Divirtam-se. — Ela sorri amorosa e pisca um olho para mim, faceira.

Quando estamos no portão dos fundos, ao lado de uma grande árvore que apoia quatro balanços, aparentemente antigos ali, Clara Maria corre até nós com um embrulho nas mãos.

— Tadeu comentou que você não trouxe um biquíni, pegue. — Ela estende uma sacola para mim.

Olho para trás, em direção de Tadeu, que tira os capacetes do bagageiro da moto, fingindo que não sabe do que se trata. Mesmo assim, estreito os olhos em sua direção e volto a encarar Clara de forma educada.

— Prometo devolver.

— É um presente. Eu mesma que fiz, sou costureira. O tom de verde-escuro vai combinar muito com seus cabelos. — Ela sorri, animada.

— Ah, que lindo. Obrigada, de verdade. — Avanço sobre ela e a abraço com força, emotiva demais com o presente inesperado.

— Aproveite. E se puder... faça meu primo feliz. — A declaração saiu baixa o suficiente para que só meus ouvidos pudessem captar.

Afasto de imediato, chocada com o comentário. De todos na mesa, a única pessoa que se manteve neutra e sem emitir qualquer palavra sobre nós foi ela.

Antes que eu possa dizer que somos só amigos, algo que viemos mencionando desde que pisamos aqui, Clara se afasta e retorna para dentro do quintal.

Giro o corpo, ainda meio atordoada com o desenrolar até agora, me aproximo da moto e aceito o capacete que Tadeu estende na minha direção, já

montado ao meu aguardo.

— Você — pego o capacete e o uso para apontar para o *Deuso* de Ébano à minha frente — me deve muitos favores depois que esta viagem acabar.

Tadeu joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada sonora, leve e totalmente divertida. Não consigo manter minha feição severa depois disso e acabo mordendo o lábio para ocultar o sorriso.

— Pretendo pagar o preço que quiser cobrar, Joana. — Ele pisca um olho e coloca os óculos de sol.

Perco mais tempo do que deveria, fitando sua imagem, lindo em uma regata branca, bermuda preta, aqueles óculos deixando-o com ar de perigoso e o sorriso que declara, nitidamente, o risco que é se encantar por ele.

Monto na moto, agora com muito mais habilidade que da primeira vez, até consigo não pensar mais nela como uma máquina horrenda da morte, e desfruto mais dos percursos.

Atravessamos a cidade, pegamos uma estrada secundária, cercada de verde e chão de terra batida, Tadeu para a moto em um ponto descampado, descemos por uma pequena trilha fechada, ele me auxiliando como apoio para não cair e ralar um joelho, até que saímos em uma praia.

Enrugo a testa, completamente perdida na paisagem particular, algo escondido no meio do nada, brindando os moradores com uma baita oportunidade de diversão e descanso.

— Há muitos anos, o prefeito investiu em uma adaptação do terreno, moldou este lado para se assemelhar a uma praia, mas, na realidade, faz parte de uma represa.

— É impressionante — respondo, ainda admirada.

— Venha, quero te mostrar um lugar.

De fato, a região está deserta, caminhamos na margem da água, enquanto Tadeu conta como sua infância e parte da adolescência foi preenchida por vários momentos aqui.

Chegamos a um ponto, no fim do percurso, onde a mata toma conta

e uma grande parede rochosa nos impede de prosseguir. Tadeu solta a minha mão e escala sobre uma pedra grande, estende a mão para mim e me alça junto dele.

Faz a mesma coisa para escalar outra pedra e me auxiliando no processo, até que olhamos para baixo, ele desliza por um lado menos íngreme, alcançando o chão e estende os braços para mim.

Assim que estou no chão ao seu lado, encaro a pequena piscina particular, cercada por árvores densas e pedras altas, recebendo água de uma trilha que deságua na piscina à nossa frente e, de alguma forma, encontra caminho para a represa.

— Esta é a nossa área particular, pode se trocar. — Ele aponta para o saco com o biquíni que eu carrego, justamente quando me pergunto onde poderei vesti-lo.

Tadeu não espera por uma resposta e começa a se livrar das roupas, ficando apenas de sunga. Ele salta sobre a água e um bocado de respingos me atingem como flocos de gelo.

— Gelada! — grito e recuo, encostando na parede rochosa.

— Nem pense em não entrar.

— Acho que já estou pensando.

— Então eu vou te buscar e molhar você e toda sua roupa — ele ameaça.

— Tá! Fique aí. — Ergo a palma virada para ele. — Só vou me trocar.

— Acho isso uma excelente ideia, Joana. — Seu tom muda, assim como sua postura.

Tadeu ergue os braços atrás da cabeça, deitando o corpo sobre a água para boiar. Aproveito que seus olhos estão fechados, obviamente me dando alguma privacidade, então começo a me livrar da blusa e do short.

Quando tiro o sutiã, pronta para colocar a parte de cima do biquíni, que, por sinal, é linda, de um verde marcante e modelo cortininha, ideal para os meus seios pequenos, uma ideia maluca vem à minha cabeça.

Olho de um lado para o outro, só para confirmar que estamos realmente confinados e protegidos de qualquer olhar curioso. Constatei no caminho até aqui que somos somente Tadeu e eu e este paraíso todo. Se o objetivo desta viagem é viver uma aventura, então preciso me deixar fluir.

Removo as peças íntimas, deixando tudo amontoado, em cima de uma pedra alta, a salvo de molharem, entro na água devagar, o que é uma péssima ideia, já que está gelada demais.

Quando estou próxima o suficiente, Tadeu parece perceber minha presença, ou talvez o movimento da água o tenha alertado, então, endireita o corpo e arregala os olhos ao me ver.

— Você, definitivamente, é uma encrenca deliciosa.

Grito quando ele avança de súbito para mim, cobrindo seu corpo molhado com o meu e nos afunda por completo na água.

Sexo na cachoeira a céu aberto. Mais um item da lista imaginária que nunca criei, mas estou feliz demais em vivenciar.



Capítulo 24

“Quero mostrar como a máquina da morte tem mais utilidades...”

Tadeu

Sorvo um gole generoso da minha cerveja estupidamente gelada que acabei de receber de Marcelo. Estamos em um canto afastado da tenda montada em uma área ampla e plana na fazenda Queiroz.

O lugar é projetado para eventos assim, tem uma área coberta de lazer, cozinha e banheiros, mas Paula quis como tema para a festa de Ana Maria, a princesa Jasmine, do Aladdin.

Então uma grande tenda branca foi montada, com pilastras em madeira, adornadas por algum tipo de pano transparente. Vários tapetes, almofadas e pufes coloridos pelo chão, assim como mesas rústicas para os menos aventureiros.

Não são tantos convidados quanto imaginei, Paula e Guilherme resolveram fazer algo mais íntimo, mesmo que isso signifique um número razoável, já que só a família é grande o suficiente.

— Saudade de quando Amália gostava desse tipo de temática. — Rômulo troca o peso entre as pernas, observando o lugar.

— Felipe tem paixão por cavalos, todo ano Clara precisa se reinventar para achar um tema que tenha conexão com isso — Marcelo comenta.

— Quando eu tiver meu filho, será tema de moto — Vinicius informa, todo orgulhoso.

— Pode ser uma menina — comento, dando de ombros e sua cabeça chicoteia em automático na minha direção.

— Vire essa boca *pra* lá. Serão gêmeos, dois meninos — ele decreta.

— Gêmeos, pode até ser, irmão, devido à quantidade de tempo que estão demorando, mas serão meninas — Rômulo solta, completamente provocador.

— Se for o caso, será de moto também o tema. Nada de príncipe encantado, com a ilusão de homem perfeito *pra* cima delas. Desde cedo, vou

ensinar artes marciais a ambas.

— Você consegue ser ridículo em um nível, meu irmão. — Marcelo balança a cabeça, descreditado, enquanto Rômulo e eu gargalhamos.

— Fala isso porque tem filho homem.

— Homem ou mulher, ambos só precisam de uma boa criação e ensinamentos, para tomarem as decisões corretas — comento.

— Tem razão, Tadeu — Marcelo concorda.

— De fato. Mas eu não vou facilitar *pra* nenhum engraçadinho que queira mostrar o pipi *pra* minha Amália — Rômulo fala, um tanto pensativo.

Todos nos calamos, talvez para segurar o riso, assim que avistamos Guilherme caminhar em nossa direção, usando uma versão ridícula do Aladdin. Sinceramente, minha prima não tem qualquer limite quando coloca algo na cabeça.

— Você, literalmente, foi castrado. — Rômulo aponta com a garrafa para o irmão e todos riem.

— Falou o pai que passou um ano inteiro indo a cavalo buscar Amália no colégio, pois ela cismou que queria um príncipe — Guilherme comenta, ao ouvir a provocação.

— Exatamente. Estava executando algo para um fim primordial. Ninguém, além de mim, poderia ser príncipe da minha princesa.

Os irmãos riem e trocam diversas provocações por alguns minutos. Mantenho meus pensamentos para mim, afinal, eles estão em uma fase da vida que eu nunca almejei ou imaginei passar.

Ser pai, ter família, uma esposa, zelar pela vida e segurança de alguém. Nunca me ocorreu que isso pudesse acontecer, talvez por só ter sido dona Dulce e eu por longos anos, minhas referências foram limitadas demais.

Além do fato de incomodar ver meus amigos, primas ou qualquer um com o modelo aceitável de família, ser rechaçado algumas vezes por alguns que julgavam o fato da minha mãe me criar sozinho, enfim, coisas que só contribuíram para manter meus anseios longe desse caminho.

— Fico feliz que tenha vindo, Tadeu. — Guilherme estende a mão

em cumprimento.

— Nem que eu quisesse Paula permitiria minha ausência. Previ sua ida a Santino, só para arrastar minha bunda até aqui.

— Com certeza. Minha charmosa é bem convincente quando quer.

— Ela é assustadora. — Vinicius estremece o corpo de maneira exagerada.

— Todas são. Somos fodidos e sortudos, ao mesmo tempo — Marcelo esclarece.

— A minha é agressiva. — Rômulo dá de ombros.

— Vocês têm joias raras nas mãos e espero que valorizem o máximo, ou eu estarei pronto para chutar a bunda de cada um de vocês — declaro, em tom provocativo, mas no fundo eles sabem que é verdade.

Não há nada que eu não faria para proteger minha família, mesmo que distante agora, eles são o sangue que tenho orgulho de carregar e nunca permitiria que qualquer um roubasse o brilho delas.

— Espero que absorva bem suas palavras e as use sabiamente com Joana. — Guilherme arrisca um olhar sobre o ombro e eu acompanho.

Joana está junto das crianças, pulando em uma roda formada em torno de Ana Maria, que bate palmas animadamente, toda engraçada com as roupas verde-água da personagem do tema festivo.

— Joana é um espírito livre, Gui. Não preciso me preocupar com ela.

— O problema não é ela, cara. — Olho para o lado e fito um olhar determinado de Rômulo. — Garotas como ela não precisam fazer absolutamente nada para colocar qualquer homem de joelhos.

— Eu sou um cara vivido e experiente, não precisa se preocupar comigo — comento, um tanto debochado.

A máscara do descaso sempre foi um excelente meio de desviar a atenção do que realmente me incomoda. Antigamente usava isso para mascarar o fato de não ter um pai presente, hoje uso para disfarçar o medo que as palavras de Rômulo causaram em mim.

O lance com Joana tem caminhado bem, enquanto ela explora e descobre cada novidade na sua vida, eu assisto, completamente encantado em vê-la vivenciar tantas primeiras vezes. Seja dentro ou fora da cama, ela já detém toda minha atenção e foco e, quase, apenas em suposição, já tenha dobrado um joelho diante dos seus encantos.

— Todos nós éramos quando conhecemos suas primas — Marcelo solta a observação.

— Em todos esses anos, mesmo antes de estarmos como família, nunca vimos você levar uma garota para casa. Ao menos, não da forma que foi com Joana — Guilherme quem diz.

— Ela queria uma aventura e eu uma distração para voltar. Encontrei meu pai e preciso conversar sobre isso com dona Dulce — solto a bomba que tem o efeito esperado.

Todos pronunciam xingamentos e palavrões, até que Guilherme solta o braço sobre meu ombro e encara meus olhos em total solidariedade.

— Já falou com ele?

— Ainda não. Preferi conversar com ela antes e, por telefone, isso não funcionaria bem.

— Tem razão.

— Mas quem é? — Olhamos para Vinicius, que recebe um tapa na nuca do irmão mais velho. — Ai!

— Não seja indiscreto.

— Eu só perguntei.

— Se precisar de algo, conte conosco — Marcelo anuncia. — Agora vou atrás da minha morena e convidá-la para uma dança.

— Boa ideia. Antonia já bebeu mais de uma taça de vinho e tenho certeza de que, hoje, a noite promete. — Ele esfrega as mãos, junto com a garrafa, enquanto faz uma dancinha ridícula. — Só *pra* constar, minha prole vai dormir contigo, Vinicius.

— MAS QUE PORRA! — ele grita. — Eu ainda não tenho filhos.

— Exatamente! É o tio legal que vai ficar com as crianças hoje. — Rômulo caminha para longe, alcançando Marcelo que já partiu.

— Filho da mãe. Ele garante uma boa foda e acaba com as minhas possibilidades.

— Acho que também vou sair daqui, já que vocês falando das minhas primas não é a cena que quero guardar na cabeça.

Guilherme solta um riso baixo e dando dois tapas amistosos no meu ombro me puxa rumo à tenda.

Deixo a garrafa em uma das mesas de apoio pronto para salvar Joana do ataque que sofre das crianças que simplesmente se apaixonaram por ela. Por um breve momento, paro, absorto com a sua risada e brilho natural, entretida na brincadeira e alheia aos encantos que transbordam da sua feição.

— Se não fechar a boca agora, primo, corre o risco de parecer um tarado em uma festa infantil.

— Prima, querida — retruco ácido e viro o rosto para o lado.

Paula, como sempre, usa seu batom vermelho-vivo, os olhos brilham e carregam uma maquiagem mais puxada. Ela usa o mesmo tipo de vestimenta da filha, porém, em um tom vermelho mais escuro, forte, ambas lindas e encantadoras.

— Precisamos conversar agora.

— Mesmo? — Ergo as sobrancelhas e mantenho o descaso no tom, só para irritá-la um pouco mais. — Penso que este momento é todo para Ana.

— E é. Sendo que você e eu não faremos a menor falta por uns quinze minutos. Minha filha está tão, ou mais, apaixonada pela Joana do que você.

— Paula — solto, em advertência.

Sinceramente, não estou pronto para essa conversa, principalmente depois de ouvir tudo que os caras falaram, mas conheço Paula bem o suficiente para saber que não vai deixar passar a oportunidade.

Ela agarra meu pulso com força e me puxa para longe da festa, bem distante, alcançamos a estrada que leva para as casas deles, conseguimos

observar a festa toda daqui, mas definitivamente ninguém pode nos ouvir.

— Desembucha.

— O quê? — Enfio as mãos no bolso.

— Se quer jogar assim, tudo bem. Vocês estão se pegando, claramente se comendo, ela é sua funcionária, muito mais nova e inexperiente que você e, veio contigo. Algo que nunca aconteceu em todos os anos que te conheço. Claro, ainda não mencionei a aposta. — Ela usa somente uma respiração no meio do seu discurso, então tudo sai rápido e atropelado.

— Joana é uma boa pessoa, gosto dela, estamos... nos curtindo e, sim, ela ainda está conhecendo a vida, no sentido geral, já que foi criada de forma rígida.

— Mais que nós? — Ela se alarma.

— Muito mais.

— Coitada.

— Sim. Contratei *ela* porque queria lhe dar uma oportunidade de viver por si, uma coisa levou a outra e...

— Vocês foderam.

— Não precisa colocar dessa forma, Paula.

— Uai. Então se rolou, e foi mais de uma vez, vocês estão namorando.

— Não.

— E a aposta? — Ela cruza os braços enquanto aperta os olhos na minha direção.

— Perdi. Mesmo contra toda a vontade de não permitir que você ganhe.

— Se perdeu, sua paga é namorar — ela reforça, com um sorriso amplo no rosto.

— Não vou namorar a Joana por conta de uma aposta.

— Mas vocês se curtem, uai! Dá *pra* ver isso.

— Nós queremos coisas diferentes, prima.

— Tem certeza? — Mesmo mais baixa que eu, Paula avança com o tronco na minha direção e mira meus olhos de forma desafiadora. — Ela quer o mundo, você já o conhece. Só consigo ver complemento.

— Quero ser liberado da aposta. — Fujo da sua colocação.

Joana quer o mundo, de fato, e eu já estou farto de rodá-lo, pulando de lugar em lugar, sem criar raiz ou vínculo.

— Não vejo vantagens em te atormentar por anos, para simplesmente te liberar. — Ela dá de ombros.

— Paula... — Tombo a cabeça de lado e faço o meu melhor para mostrar humildade e uma leve aflição.

— Oras, está bem! — Ela bate as mãos na lateral do corpo. — Mas com uma condição. — Ela levanta o dedo indicador entre nós.

— Sabia que teria um preço.

— Prometa *pra* mim... não! Jure! — praticamente grita. — Jure *pra* mim que você não vai meter os pés pelas mãos e vai aproveitar a oportunidade, se assim as coisas se desenrolarem com Joana.

— Prometo — solto de forma tranquila e isso faz Paula abrir e fechar a boca algumas vezes, provavelmente se armando para argumentar minha recusa, que não ocorreu.

— Muito bem! — Ela alisa a roupa e volta a me encarar. — Vamos cantar os parabéns.

Paula lidera a marcha determinada de volta à festa dando a conversa por encerrada. Balanço a cabeça contendo um riso disfarçado e a sigo, com passos mais lentos, ainda pensando em todas as possibilidades jogadas sobre mim e ela.

Não serei um idiota em teimar e dizer que não está acontecendo algo mais sério do que normalmente rola com as mulheres que passam pela minha vida, porém, é definitivamente cedo demais para afirmar que Joana e eu seremos um casal de namorados.

Ela realmente quer o mundo, pretendo mostrar o máximo que puder,

assistir aos seus olhos brilharem a cada descoberta, a cada primeira vivência, mas não acho que um relacionamento seja algo que esteja pronta.

Nem ela, nem eu, para ser honesto.

Ergo a cabeça, mirando a entrada da tenda e seus olhos encontram os meus. O sorriso vacila, de ambos, sinto meu coração apertar, de uma forma boa, ela apruma os ombros e caminha até mim, irradiando alegria.

— Oi.

— Olá. Vi que está bem ocupada com as minicompanhias. — Aponto com a cabeça na direção das crianças que agora correm para a mesa do bolo.

— Eles são divertidos. — Ela dá de ombros e abraça minha cintura.

— Vamos sair daqui? — pergunto, antes de roubar um beijo estalado dos seus lábios delicados.

— Claro. Eu vou aonde você for.

Minha boca ergue de um lado, completamente sacana, desperto para o desejo insano de dominar cada fibra daquela graciosidade toda.

Antes que alguém perceba, arrasto Joana pela mão e logo estamos no estacionamento, colocando os capacetes e rumando para longe de todos.

“Quero mostrar como a máquina da morte tem mais utilidades, além de nos levar de um lugar a outro.”



Capítulo 25

“O que é o medo, se não, um contraponto a sua coragem”

Joana

Tadeu nos leva por uma estrada íngreme de terra, só não me preocupo com a escuridão, pois ele parece conhecer como a palma da mão cada pedregulho deste lugar e logo alcançamos o topo, com um descampado vasto e estaciona próximo à ribanceira.

Removemos o capacete ao mesmo tempo, ele pega o meu sobre o ombro e os deixa no guidão. Desço da moto e caminho próximo à beirada, com os braços cruzados firmemente diante do corpo, um vento gelado arrepiando minha pele já afetada por ele.

Escolhi um vestido rosa com pequenos desenhos em arabescos em tom de marrom, charmoso e discreto, é leve e vai até um dedo acima dos joelhos, ideal para o aniversário, mesmo que eu não soubesse que estaria em um.

— É lindo — comento, ao sentir o corpo quente de Tadeu atrás de mim.

A lua cheia e esplendorosa ilumina o máximo que pode da paisagem à nossa frente, ao longe vemos as luzes da cidade brilhando, o resto é composto pelo contorno dos morros, árvores, rochas e tudo que compõem a cidade interiorana.

— Sempre gostei de vir aqui. — Sinto seu queixo apoiar no meu ombro e as mãos enredarem minha cintura.

Um arrepio diferente percorre meu corpo agora e garanto que não tem relação com a condição climática e vestimenta que escolhi.

Parei de contar as vezes em que meu coração acelerou, disparou ou simplesmente se aqueceu desde que pisamos em Palomino, mesmo que por poucas horas.

Ainda não consigo compreender os motivos que levaram Tadeu pegar uma estrada e viver mais fora do que aqui, já que sua família é maravilhosa e claramente o amam sem restrição.

— É um bom lugar para se admirar.

— E pensar. — Sua voz tem um toque de saudosismo.

— Na casa dos meus pais, eu não podia ir tão longe, mas perto do curral das vacas tem uma árvore. Desde pequena eu trepava nela só para chegar o mais alto possível e enxergar algo além do que meus olhos podiam ver.

— E você via algo?

Giro o corpo no lugar ficando de frente com Tadeu, minhas mãos apoiam em sua jaqueta, sentindo o peitoral firme e largo. Seu semblante iluminado pela luz do luar é algo lindo de se ver, uma imagem que ficará guardada nas minhas melhores lembranças.

— Só via um pouco mais de pastos, nada muito além. Então eu imaginava, ali eu sonhava em como tudo seria quando eu crescesse, o que poderia ver do mundo quando saísse de casa.

— Não deve ter sido fácil romper o laço.

— Não acredito que tenha rompido... ao menos, não abertamente. — Desfoco o olhar, me lembrando dos meus pais.

— Gostaria de dizer que fica mais fácil, Joana, mas não fica. Eles sempre serão parte de você e não dá *pra* fugir disso.

— Eu sei... ao menos, estou percebendo isso.

Tadeu mira meus olhos com uma intensidade diferente de todas que já me mostrou até hoje. Interpretar seu lado predador, os jogos sedutores e a conduta provocativa já está se tornando comum para mim, porém, agora, seus olhos passam algo mais profundo.

Um misto de reconhecimento perpassa em sua íris, difundido a um desejo que começa a aguçar também em mim. Aproveito para subir minhas mãos e enlaçar seu pescoço forte e largo, desenho círculos preguiçosos com os polegares, em resposta ele solta a respiração ao apertar mais seus braços em torno de mim.

Há tanta coisa que eu gostaria de dizer neste momento, entretanto, formular uma frase que seja, é impossível. Meu peito se aperta ao constatar,

mais uma vez, o quanto esse homem tem sido bom na minha vida, quantas primeiras vezes vivenciadas com ele e, o melhor, tudo é latente, intenso e viciante.

É como se minha existência tivesse adquirido cor somente depois de conhecer Tadeu, antes era cinza e perdido, hoje sinto-me mais confiante em me aventurar, mas isso é só por tê-lo perto.

— Você é linda... Uma encrenca certa, mas inevitavelmente cativante. — Sorrio com o termo que já usou diversas vezes para mim.

Antes que eu possa formular uma resposta inteligente para rebatê-lo, Tadeu abaixa a cabeça e morde meu lábio inferior de leve. Inclino, ofereço ainda mais dos meus lábios e ele os toma.

O beijo é profundo, molhado, sua língua deslizando com maestria pela minha, causando um rebuliço gigante dentro do peito que se funde de imediato às sensações luxuriosas despertadas no ventre.

Um toque, um beijo, somente o olhar, e estou pronta e ansiando por mais desse homem.

Suas mãos gigantes descem cobrindo minhas nádegas, um leve aperto é suficiente para que eu entenda, impulsiono o corpo e sou alçada pela bunda, enquanto Tadeu gira e caminha em direção da moto.

Quebro o contato do beijo quando Tadeu inclina nosso corpo e o vejo montando ao contrário na moto. Como ele consegue fazer isso comigo no colo, não sei, mas fato que agora estou sobre suas coxas e ele está sentado virado para a traseira da moto.

— O quê? Como?

— A máquina da morte tem mais utilidades do que só nos transportar por aí, sabia? — Agora estamos cara a cara e o sorriso safado que ele ostenta me faz piscar.

“Não só pelos olhos.”

— E se a gente cair?

— Não se preocupe, esta moto tem uma excelente estabilidade, além do mais, meus pés estão no chão. — Inclino o corpo para o lado, confirmando

a veracidade de suas palavras.

— Tenho medo — retruco, com um riso nervoso, mas, ao mesmo tempo, ansiosa.

— O que é o medo, se não, um contraponto a sua coragem. Testar os limites te mostram até onde consegue ir, conquistar e alcançar. — Apesar de poético, ainda observo o chão, temerosa. — Joana, olhe para mim. — Obedeço de imediato e os dedos de Tadeu capturam meu queixo. — Você confia em mim?

— Sim. — Me assusto com a resposta tão rápida e verdadeira.

Isso me garante um olhar acolhedor somado a um beijo carinhoso nos lábios.

— Você pode ir para cima e para baixo, para frente e para trás, só evite jogar o corpo para as laterais que estaremos bem. — Ele dá outro beijo, agora rápido na minha boca. — Prometo que vai valer a pena.

— Tenho certeza de que vai. — Pressiono as mãos, trazendo sua cabeça para mim.

Quando nossos lábios se chocam mais uma vez o fogo já queima, apaga qualquer resquício de insegurança e simplesmente deixo o momento me guiar. E, claro, as mãos hábeis de Tadeu, que literalmente sabe o que está fazendo.

Isso me faz pensar na quantidade de vezes que já testou a teoria neste mesmo banco, sinto um incômodo bater fundo no peito, mas quando suas mãos deslizam para meus seios já inchados e entumecidos, empurro a cisma para longe.

Pouco me importa quantas já tiveram o privilégio, prefiro pensar que foi a forma dele aperfeiçoar todos os seus dotes e destrezas sexuais, para ser um instrutor maravilhoso.

Uma de suas mãos desce apertando meu quadril de encontro ao seu, causando um atrito delicioso entre a minha calcinha, obviamente já arruinada, e seu jeans escuro.

O meu vestido é de alças, então Tadeu baixa uma e depois a outra,

solto suas costas para me livrar da parte de cima, graças ao modelo com bojo próprio, não preciso de um sutiã.

Sua mão sobe para minha costela quando ele finda o beijo de forma abrupta e desliza com a boca quente e molhada, percorre todo caminho da mandíbula, pescoço e colo, até tomar um seio, sugando com força.

Gemo alto e inclino o tronco para trás, segurando seus braços como posso, aceitando sua brincadeira torturante de alterar entre um bico e outro. A brisa fria em contato com meus seios banhados de saliva só torna a sensibilidade ainda mais instigante.

Sua mão escorrega entre nós, ele solta o botão da própria calça, sem qualquer dificuldade, puxa o pau para fora e consigo senti-lo pincelar sobre a calcinha.

— Tadeu... — Jogo a cabeça para trás, inebriada pelo desejo.

— Você quer o meu pau na tua boceta, Joana? Quer senti-lo empalar você com força? — Sua voz é rouca e seu semblante completamente sério, tomado também por esse desejo insano.

— Quero. Me coma.

— *Tu é* a encrenca mais deliciosa que eu já provei na vida, Joana. — Ele ergue o quadril e logo mostra um pacote metálico na nossa mira. — Rasgue. — Aproxima da minha boca e eu entendo.

Mordo a ponta e puxo a cabeça de lado, cuspiendo parte do invólucro que rasguei, volto a olhar Tadeu que parece pronto para me comer viva de todas as formas e sinto a ansiedade tomar conta.

Tadeu solta meu tronco e com rapidez veste o preservativo, aproveito que minha bunda está em parte no estofado e parte nas coxas dele, tento puxar as laterais da calcinha para removê-la.

— Não! — Tadeu solta tão determinado que chega a me assustar. — Vou te comer vestida, completamente.

Ele circula minha cintura de novo, monto em seu colo por completo, então ele segura uma das minhas mãos e as leva entre nós.

— É só puxar para o lado. — Olho para baixo vendo-o arrastar a

calcinha e expõe minha intimidade por completo.

— Oh... — solto, sem saber o que dizer.

Sinceramente, é algo bobo, se eu estivesse com a mente sã. Entretanto, tomada pela luxúria e desejo, cada ato desse homem se torna um pecado realizado e penso que estou pertinho de conhecer o “coisa ruim” pessoalmente.

Tadeu não dá tempo de processar, pois assim que me deixa na incumbência de manter a calcinha afastada, sua mão gruda no meu quadril, enquanto ele arremete de uma vez, preenchendo cada centímetro do meu canal.

Uma ardência gostosa infiltra o caminho que ele tortuosamente resolve recuar devagar, só para arremeter de novo. Meus bicos saltam a cada choque, Tadeu me faz deitar o tronco e ele toma um seio em seus lábios, sugando com força e destreza.

A umidade escorre do nosso contato, sinto meus músculos se contraírem, tudo isso é tão erótico, somado à sua postura quase selvagem, estou literalmente a um passo de pular do penhasco.

— Você vai gozar gostoso no meu pau, Joana. Quero sentir essa boceta faminta me apertando, incontrolável.

— Sim...

Tadeu passa a aumentar as estocadas, curtos intervalos até que se torna um constante vaivém que me joga literalmente na borda, quando sua boca suga o outro bico, carente de atenção, eu explodo.

Meu corpo convulsiona, Tadeu geme ainda na tarefa de sugar e suas estocadas abrandam pouco a pouco. Sinto meu corpo inclinar para frente e abro os olhos para ver Tadeu recostar no guidão da moto.

— Agora eu quero que você cavalgue no meu pau. — Ele afasta meu tronco e apoia as mãos no seu peitoral.

Sem esperar por uma orientação, tomo à frente e começo a deslizar meu quadril para frente e para trás, ritmada e constante, acelero os movimentos com a ajuda dele que cravou os dedos na minha anca.

— Porra. Gostosa demais. — Ele aperta os olhos fechados e a boca forma um “o” significativo.

— Olhe para mim, patrão — solto, o tom provocador.

Tadeu ergue a cabeça de imediato, traz uma das mãos para frente e esfrega um ponto sensível demais no momento. Contraio o abdômen e tento recuar, então ele se move com rapidez nos erguendo do assento.

— Leve as mãos para trás e segure seu corpo no estofado. — A ordem é crua e sem qualquer delicadeza.

Obedeço de imediato, Tadeu sustenta meu peso pela bunda e sem quebrar o contato volta a arremeter contra mim, sem qualquer pausa. Grito, tomada pelo tesão, pela situação e, principalmente, pela forma bruta com a qual ele age.

Ele consegue circular minha cintura com uma mão e livra a outra para castigar meu clitóris inchado e pronto para mais uma onda de prazer e êxtase.

— Goza comigo, dona encrenca. — Deixo para processar o apelido mais tarde e obedeco ao seu comando.

Algumas estocadas vigorosas a mais, sinto meu canal apertar à medida que seu pau pulsa dentro de mim, o orgasmo destrói minha firmeza e, graças a Deus, Tadeu é rápido o suficiente para sustentar a nós dois.

Quando ele puxa meu tronco, ainda conectados, para cima do seu, ambos ofegantes e suados, grudo minha boca na sua e o beijo.

Cada filigrana do meu ser está atenta a ele, atada à sua teia luxuriosa e entregue ao prazer que me fez sentir.

— Eu gosto de você.



Capítulo 26

“Talvez seja o momento de conversarmos.”

Tadeu

Chegamos em casa cansados e necessitando de uma chuveirada. Deixei Joana com o banheiro da casa e desci com um calção, toalha e cueca para me refrescar no banheiro do bar.

Poderia ter me convidado para o banho com ela, mas percebi seu incômodo ao perceber que estaríamos na casa da minha mãe, juntos, mesmo que dona Dulce não se importe, preferi respeitar o limite da Jô.

Em parte, é bom, depois da declaração de Joana sobre gostar de mim, confesso que travei. Fiquei sem saber o que responder e só a beijei, com medo de estragar o momento.

Ela não pareceu chateada, nem que desejava algum tipo de retribuição, o que de fato eu poderia ter dado, já que gosto dela, mais do que qualquer outra que já tenha estado comigo.

O problema é que pareceu errado dizer a palavra gostar, como se fosse pouco, insignificante da minha parte, não reflete exatamente a quantidade ou intensidade do sentimento.

E foi isso que me travou por completo.

Voltamos logo em seguida, aleguei que precisávamos pegar a estrada logo cedo, afinal, ela tem aula no período da tarde.

De banho tomado, a toalha jogada sobre o ombro, subo as escadas estampando um sorriso bobo, lembrando-me da sua declaração. Pareço um adolescente emocionado, tenho que dar um jeito nessa situação antes que as coisas rumem para algo diferente.

— Saiu escondido da festa. — Ergo os olhos e vejo minha mãe preparando chá.

Seria uma situação normal, até corriqueira, se eu não soubesse o que esse ato significa. Todas as vezes que ela prepara chá ao invés do seu café precioso, sei que ela quer conversar e não há Cristo que a faça parar.

— Nunca gostei de despedidas.

— Paula quis te matar por não dar tchau.

— Ela supera. — Sento em uma das banquetas, tirando a toalha do ombro.

— Como estão as coisas em Santino? — Ela apoia as duas mãos no balcão e me encara.

— Estão bem, mãe. O bar tem prosperado muito.

— Não estou falando disso. — Inclino a cabeça em direção ao corredor, preocupado com Joana. — Ela está no banho, então seja rápido e desembuche logo.

— O investigador que contratei na capital encerrou o caso.

— *Tu* o encontrou. — Seus olhos se alargam, assustados.

— Sim. E antes que me acuse de não ter dito nada, pretendia conversar com *tu* pessoalmente.

— Já falou com ele?

— Ainda não, nem sei se quero — solto, cansado.

Vejo a dor surgir, como todas as outras vezes, mas agora ela está somada ao medo. Talvez a dona Dulce nunca tenha imaginado que eu o encontraria.

— Ele não vale seu esforço.

— Sei que não. Mas já conversamos sobre isso antes, eu precisava saber quem era.

— Agora já sabe e ainda arrendou um bar na cidade do desalmado. — Noto a reprimenda.

— Gosto de Santino, mãe. Quando cheguei lá foi por uma pista, não esperava que as coisas caminhassem tão rápido.

— E o que pretende fazer? Vai continuar lá?

— Acho que sim.

— Você não sente falta de casa?

— Sinto sua falta, mãe. — Escorrego a mão sobre o balcão e cubro a

sua. — E a senhora pode me visitar sempre que quiser.

— E o bar? — solta, ao erguer o tom.

— Deixe na mão da Paula, de algum funcionário de confiança. Você merece férias.

— Não quero estar perto daquele crápula.

— Sei que não, mas ele não frequenta o bar. É elitizado demais para isso.

— Não duvido. Ele me recebeu na capital em um lobby de hotel de luxo, disse que o filho não era problema dele e que o máximo que faria era ajudar a se livrar da situação.

Sinto a bile subir até a garganta, tenho dificuldade de engolir, pela raiva e humilhação que a mulher que me deu a vida passou. Sinceramente, não consigo sentir raiva ou indignação por ser negligenciado, o problema, é tudo que ela passou.

— Ele tem um filho. É vereador da cidade. E ele o prefeito. Corrupto, por sinal.

— Só mostra que é um homem sem caráter. E o filho deve seguir o mesmo caminho, pelo jeito.

— Não. Pelo contrário. Conheci *ele* pessoalmente, estive no bar, ao que tudo indica, é a versão oposta do pai.

— Vocês conversaram sobre...

— Não! Mal tivemos oportunidade.

— Filho, eu... sinto muito por esconder a identidade dele dessa forma. De ter feito você perseguir um longo caminho para achá-lo.

— Eu entendo seus motivos, mãe. Não se preocupe.

— Só me prometa que quando decidir dar o próximo passo, vai me ligar. Quero estar ao seu lado.

— Fique tranquila. Eu te aviso.

Levanto da banqueta, acaricio seu rosto e rumo para o quarto. Encontro Joana deitada na cama, virada para a janela, parece já estar

dormindo, nem reparei que ela tinha saído do banho

Deito na cama ao seu lado e solto uma lufada de ar cansada e pesarosa.



Pensei em acompanhar Joana até o seu primeiro dia de aula, mas ela disse que precisava fazer algumas coisas no curto espaço de tempo e me dispensou sem mais delongas.

As coisas entre nós estão normais, talvez normais demais, já que ela me jogou totalmente na zona de amigos, desviou da minha intenção de beijo quando me despedi e essa foi a dica final de que algo realmente mudou.

Chego à porta do bar, estaciono a moto e vejo um furgão branco parado ali próximo, franzo o cenho, não reconhecendo se é algum dos fornecedores. Desmonto, pego minha bolsa no bagageiro e rumo para a porta central.

Olho por cima do ombro quando ouço portas baterem e uma mulher muito bonita e bem arrumada caminha até mim, acompanhada de um homem com um boné virado para trás e camiseta de alguma banda de rock.

— Boa tarde, senhor Tadeu? — Viro o corpo para ela.

— Sim?

— Sou Leandra, repórter do canal TTA, na capital, gostaria de fazer algumas perguntas.

— Repórter? — Fico ainda mais confuso enquanto aceito sua mão estendida para um cumprimento. — Em que posso lhe ser útil?

— Chegou a nós, através de algumas fontes, que o senhor é o filho ilegítimo do prefeito de Santino, Cícero.

— O quê? — Sinto minha garganta oscilar, assustado.

— Estamos do seu lado. Queremos contar sua história e mostrar a verdade para a população.

— Mesmo que isso fosse verdade, acha mesmo que vou me sujeitar a algo tão baixo? Usar um canal de televisão para intimidar um suposto pai?

— Para alguém que estabeleceu residência fixa na cidade em que ele é prefeito, acredito que algum propósito tem.

— Minha vida não é utilidade pública para ser especulada. Agora, se me der licença, dona Leandra, tenho mais o que fazer.

— Mas...

Não espero para ouvir o restante da baboseira, entro com agilidade e bato a porta do bar na sua cara, saco o celular do bolso enquanto marcho feito um touro bravo para a área de cima.

Encontro o telefone do investigador que, coincidentemente, toca até cair na caixa postal.

— Filho da.... — Jogo a mochila no chão vendo-a capotar até próximo ao pé da cama.

Engulo o xingamento e disco mais três vezes o número e todas chegam ao mesmo resultado, caixa postal.

Troco de roupa, pego meu boné e desço para a horta. Mexer na terra vai acalmar minha raiva e clarear as ideias para que eu pense no que fazer. Silas não tem nenhuma prova contundente de que sou filho do prefeito, seus serviços só giraram em torno de localização.

A única prova realmente seria um teste de DNA, mas como não pretendia encarar isso tão cedo, era desnecessário seguir por qualquer caminho.

Remexo na terra abrindo mais duas valas, além das que estão preparadas, a adrenalina tomou conta e descarreguei o máximo que pude, só parei ao perceber o sol cair e a noite começar a surgir.

Entro mais uma vez e marcho direto para cima, tomo um banho rápido, coloco uma roupa e desço de novo. Não confiro o salão,

provavelmente Neto está coordenando tudo e Joana já sabe como proceder na cozinha.

Vou direto para o escritório, minha cabeça ainda fervilha, ciente de que aquela repórter não vai esquecer o assunto. Ligo o computador, preciso separar o pagamento de todos, já que ontem é o dia costumeiro, mas eu não estava.

Vou deixar tudo pronto, os valores separados e no fim do expediente pago todos.

— Tadeu? — Uma batida leve na porta me faz erguer os olhos.

— Oi. — Joana me encara de forma curiosa.

— Só *pra* avisar que vou auxiliar no salão, caso Jorge precise.

— Diego não veio de novo?

— Não.

— Tudo bem. — Volto a encarar a tela.

— Você *tá* legal? — Sua voz soa incerta e duvidosa.

— Sim, Jô. Estou. — Sorrio de forma que não alcança os lábios e ela gira, retornando o caminho que fez.

Esfrego os olhos ao apoiar os cotovelos na mesa, essa merda não poderia estar acontecendo, nem sei o quanto quero revelar para o infeliz que sou seu filho e... ainda tem Joana.

As coisas não estão normais, por mais que ela se esforce para mostrar que está. A omissão de uma resposta para sua declaração mexeu com ela, natural, eu, em seu lugar, também estaria confuso.

O pior é saber que não respondi por falta de verdade, mas sim por excesso dela. Gostar é algo tão normal, tão amigável, tão simples.

Joana é especial e eu quero fazê-la entender isso de uma forma que não a assuste.

Deixo tudo preparado e rumo para o salão, preciso resolver a situação do Diego com urgência, as faltas injustificadas estão além do limite de um empregador. Até hoje não descontei seu dia, sempre o conselho e

tento fazer com que enxergue seus pontos falhos, porém, não está funcionando.

Cumprimento Neto que está debruçado sobre o balcão, atento ao pouco movimento no salão. Jorge atende a uma mesa com alguns caminhoneiros e Joana se ocupa de uma mesa com peões.

Reconheço Maldonado entre eles, o cara é uma figura, ri abertamente, balança os braços, brinca e faz gracejos com todos e, escolhe o momento que cruza os olhos comigo para puxar Joana pelo braço e falar algo próximo ao seu ouvido.

Uma olhada sobre o ombro, já que ela está de costas para mim, faz meus sentidos se acenderem todos, ela volta a atenção a ele e balança a cabeça em negativa, fazendo o sorriso malandro do homem aumentar ainda mais.

— Patrão, preciso relatar a planilha do estoque. — Olho para Neto meio perdido, por um momento esqueci onde estava.

— O que foi?

— Sumiu mais uma garrafa.

— Como? — Minha voz aumenta uma oitava. — Antes de encerrarmos, no domingo, eu tranquei pessoalmente o armário.

— Não faço ideia. — Ele ergue os ombros, incomodado. — Quando fui buscar minha mochila no vestiário, vi Diego... olha... não tô dizendo que ele pegou, mas seu olhar assustado e a pressa em fechar a mochila me deixou cabreiro.

— Diacho! — Cruzo os braços na altura do peito. — Preciso falar com ele.

— Mas é só uma suspeita, patrão.

— Eu sei. Mas hoje ele faltou de novo, mesmo sem o pagamento da semana. Não sei o que aquele homem tem na cachola.

Antes que Neto possa responder, Joana se aproxima e ao seu lado Maldonado, que sorri abertamente, amistoso e provocador, na mesma medida.

— Noite, patrão. — Ele toca a aba do chapéu em cumprimento.

— Boa noite, Maldonado.

— Queria arrastar o pé com essa moça, mas ela disse que o patrão não ia permitir. — Maldonado passa o braço pelo ombro dela.

Encaro a cena com um misto de confusão. Não me agrada em nada esse peão tão próximo dela, ao mesmo tempo, sei que não tenho direito algum de ditar quem pode ou não a tocar.

— Joana é uma mulher livre. É capaz de escolher o que fazer e, principalmente, com quem dançar. — Miro os olhos da minha funcionária que parecem alarmados demais.

Franzo o cenho quando ela aperta os lábios em um sinal nítido de que não quer isso de forma alguma, então pigarreio e emendo um complemento:

— Porém ela precisa fazer algumas coisas na cozinha, então a dança terá que esperar. — Volto a encarar Maldonado que não parece decepcionado.

— Uma pena. Fica *pra* próxima, Jô. — Ele bate a ponta dos dedos sobre o balcão e se afasta.

— Obrigada — ela sussurra, depois de olhar sobre o ombro. — Não sei mover meus pés sozinha, imagina acompanhada.

— *Tu* não sabe dançar? — Ergo um lado dos lábios, curioso.

— Não. Nunca frequentei festas o suficiente para aprender.

— Sei. — Miro os olhos além dela e vejo Maldonado atento a nós. — Agora vai *pra* cozinha e deixa que eu cuido do salão com Jorge.

Ela assente a cabeça uma vez e ruma para dentro. Apesar de eu sentir que algo não está encaixado entre nós, Joana se esforça para manter a naturalidade.

Talvez seja o momento de conversarmos.



Capítulo 27

“... ainda me permito desfrutar das lembranças maravilhosas que cultivei...”

Joana

Estou tão acelerada com a confusão que se instalou em mim desde que falei sem pensar para Tadeu que gosto dele, que já limpei o chão da cozinha, não contente rumei para o depósito, organizei as prateleiras, separei os vasilhames vazios e os mudei de lugar e, agora, estou varrendo o chão.

Esse serviço fica a cargo dos meninos, mas a falta do que fazer, somado ao medo de pisar no salão e ter Maldonado na minha cola, além da confusão que criei com o patrão, só quero manter a mente ocupada e uma boa faxina costuma ajudar no processo.

O peão é um homem engraçado, bastante brincalhão e provocador. Reparei na forma como ele encarou minhas curvas quando me aproximei da mesa para tirar os pedidos, mas até então agiu decentemente.

Só quando Tadeu estava no balcão, e alguma coisa me diz que foi por causa dele, Maldonado começou a insistir para dançarmos, mesmo eu alegando que estava em serviço.

Pois o homem não se deu por satisfeito e me arrastou até o balcão e quando questionou Tadeu, confesso que senti conforto e incômodo ao mesmo tempo.

Confortou saber que ele não é um tipo de homem possessivo e ignorante que não permite que encostem na sua parceira, mas incomodou o fato de ter que lembrar, mais uma vez, que não somos nada um do outro.

Talvez sua atitude não seja pautada na concepção de um homem bem resolvido e desprovido de machismo, mas sim por eu ser somente mais uma, na vasta lista que ocupou sua cama.

Acerto um tapa na minha têmpora, mais uma vez, talvez assim eu pare de ter esses pensamentos. Não faço ideia como soltei aquela declaração logo após o sexo gostoso que tivemos sobre a moto.

Foi um momento fugaz, algo inusitado, diferente, até exótico, não sei o que me levou a tentar romantizar a coisa toda.

“Você é uma criança. Tola e inexperiente.”

Por sorte, Tadeu estava conversando baixo com a mãe logo que saí do banho, fiz o mínimo de barulho possível e corri para o quarto, me enfiei embaixo do lençol e rezei para que o sono tomasse todos os meus sentidos.

A agitação da viagem, o tempo na prainha, o aniversário e aquela aventura pecaminosa, cobrou seu preço rápido demais, e nem vi quando Tadeu se aconchegou ao meu lado.

Acordamos muito cedo no outro dia, o sol mal tinha despontado no horizonte, nos despedimos de dona Dulce, que me deu um abraço apertado e afetuoso, sussurrou para que eu cuidasse do seu filho e sorriu gentil.

Não vou dizer que isso não me afetou, muito pelo contrário, só tornou meu desespero com a declaração da noite anterior ainda mais latente. Não posso controlar o que a família dele pensa, acham que somos um casal lindo e feliz descobrindo o amor e se aventurando em uma moto, mas não é verdade.

Tadeu sempre foi claro o suficiente comigo, somos atraídos um para o outro por motivos que não cabem reflexão, é para ser fácil, gostoso, mas seu tempo de duração terá fim.

Sinto meu celular vibrar no bolso e ao pegar vejo o nome de Tetê piscando na tela.

— Oi?

— *Menina, por onde tu se meteu?*

— Uai. Tô trabalhando. — Olho para os lados só para validar a declaração.

— *Viajou o fim de semana todo, voltou e nem deu as caras na edícula.*

— Foi corrido. Voltei em cima da hora da aula.

— *Tu começou hoje? Eu também.*

— E tá gostando? — mudo o assunto, sutil, para evitar seus questionamentos.

— *Não é aquela maravilha, mas é melhor do que imaginei.*

— Estudar não é fácil, Tetê. Principalmente pra tu que tá recuperando uma fase perdida.

— *Eu sei. Mas não torce o assunto, não. Como foi a viagem com o patrão?*

— Diacho. Quem disse que foi com ele.

— *Tá achando que sou besta, Joana? Tu não conhece uma viva alma nesta cidade, some em uma viagem e coincidentemente ninguém vê as fuças de Tadeu na sua habitual corrida matinal. O que lamento, tá? Nos privar daquela visão de chocolate derretido pelo calor do sol.* — Solto uma gargalhada alta com o comentário da maluca. — *Que foi?*

Sua voz sai distante, atendendo a alguém que resmunga próximo a ela. A voz grossa e imperiosa é facilmente reconhecida e por seus protestos garanto que não agradou o comentário que a loira fez.

— Vá cuidar do seu homem e me deixa...

— *Cuidar do seu?* — Ela solta uma gargalhada e já emenda: — *Quero saber tudinho dessa viagem, vai na lanchonete amanhã no almoço. Beijinhos.*

Não tenho tempo de recusar a oferta, já que a alvoroçada desliga o telefone e me deixa encarando a chamada encerrada na tela.

Quando estou passando pano no corredor, Tadeu abre a porta de acesso ao salão e estaca no lugar ao me ver no meio do caminho com um esfregão e balde nas mãos.

— Faxina? — Ele ergue as sobrancelhas.

— Não tinha muito serviço na cozinha, resolvi limpar para o tempo passar.

— Obrigado por isso, mas você não precisa fazer sozinha.

— *Tá tudo bem.* — Dou de ombros e levo os utensílios para o fundo, quase na saída, onde tem um tanque e um armário com produtos de limpeza.

Fugir do seu olhar é muito mais fácil do que continuar encarando

aquele mar tempestuoso que sempre me engole de alguma forma e faz com que eu aja e diga coisas demais.

“Limites. Precisamos de limites.”

— Como foi a aula? — Ouço sua voz um pouco distante, olho por cima do ombro e o vejo na porta do seu escritório.

Apoiado com o ombro no batente, as mãos cruzadas sobre o peitoral largo e um pé sobreposto ao outro, descansando pela ponta do coturno. Por um breve momento, me perco em toda aquela pose de fodão, Tadeu não demonstra em ações que é um homem firme e determinado, mas seu semblante, a postura, não tem como esconder toda essa energia viril.

— Foi ótima. A instrutora é muito simpática e já passou diversos trabalhos e pesquisas.

— Isso é bom.

— Bastante.

Mais um minuto se passa antes que ele fale de novo.

— Deve estar cansada da viagem e tudo mais, mas se quiser passar a noite aqui...

— Não posso. Tenho que levantar cedo amanhã para estudar e preparar tudo para o dia — corto, antes que ele finalize.

Faço uma careta desgostosa para a determinação usada, é um orgulho conseguir agir contrário ao desejo de estar perto dele a qualquer oportunidade ofertada.

— Tudo bem. Assim que terminar aí, venha até o escritório receber. Já encerramos o salão.

— *Tá certo.*

Levo mais tempo do que deveria cuidando da tarefa, passo direto pelo escritório, que está com a porta fechada e vou até a sala de descanso pegar minha bolsa.

Quando retorno, dou um leve toque na porta e ouço sua voz segura mandar que entre. Sem rodeios, Tadeu estende o papel na minha direção com

algumas notas ao lado.

— Confira, por favor. — Ele aponta para o papel e enquanto eu assino e conto o dinheiro, sua atenção se mantém na tela do computador.

— *Tá* correto.

— Ótimo. Neto já recebeu, então vocês já podem ir. Jorge e eu encerramos por aqui.

— Obrigada.

Vacilo antes de partir, incomodada com a praticidade que me trata, mas no final das contas, isso é o correto a se fazer.

“*Não é?*”

Neto e eu voltamos o caminho conversando sobre o novo curso que comecei, ele tem a discrição de não abrir a boca sobre o patrão, o que agradeço imensamente.

— Boa noite, Neto — cumprimento ao abrir a porta do fusca.

— Jô, eu não queria falar nada, mas...

— Então *num* fala. Só deixa assim. — Olho para ele, suplicante.

— *Tá*, mas se precisar de um amigo, *tô* aqui.

— Eu sei. — Sorrio de forma forçada.

Entro em casa o mais rápido que posso, sentindo a primeira lágrima cair assim que piso na sala de casa. Não tenho a chance de conter um soluço quando avisto a figura pequena e imperativa sentada no sofá, examinando meu rosto.

— O que diacho aconteceu? — Ela levanta.

— Nada, não. *Tô* cansada, vou deitar.

— Só depois de tomar um café comigo. Temos que conversar.

— Tia...

— É de seu interesse, menina. Pare de lamentar e venha — ela brada, enquanto caminha para a cozinha.

Deixo minhas coisas no quarto, retorno para a cozinha e ocupo o lugar de costume quando está aqui. Sentada de frente para a pia, miro sua figura minúscula, mas não menos assustadora, mover o bule de água para a infusão de chá.

— O que te deu na cabeça de viajar até Palomino? — Ela vira com uma caneca fumegante e a coloca à minha frente.

— Como *tu* sabe...

— Oxe! *Tu* acha que nesta cidade alguém faz alguma coisa escondida?

— Foi uma viagem. Só isso.

— Com seu patrão? — Abaixo os olhos para a caneca. — *Tu* sabe o rojão que vai aguentar?

— Não tem nada de mais. Somos amigos.

— Sei bem o tipo de amizade.

— Só *tô* vivendo de acordo com as minhas regras, tia. — Quase não consigo terminar a frase ao sentir um bolo se formar na garganta.

— E eu acho isso ótimo. — Meus olhos correm para ela, alarmada. — Porém, *tu* não vai conseguir convencer ninguém falando *pra* dentro.

— Diacho... *num tô*... — respondo, emburrada.

— *Tá* sim. E sabe por quê? — ela emenda, sem me dar chance de resposta. — Porque *tu* acha que *tá* fazendo errado.

— Eu ainda não sei o que fazer.

— Assumir o comando da sua vida sem se importar com a opinião alheia, é um bom começo.

— Não é tão fácil quanto parece.

— Vai querer dizer *pra* mim o que é fácil, Joana? Olhe meu passado.

— Mas a senhora é corajosa, tem força. Não se dobra a ninguém.

— E o quanto eu sacrifiquei para chegar a isso, menina? O quanto me acovardei antes de perceber que eu sou senhora e dona do meu destino?

— Bastante... eu sei. — Abaixo os olhos, envergonhada.

Tia Dolores enfrentou muito mais coisas que eu e, principalmente, em uma época que mulher alguma tinha voz.

— Se *tu* quer sair com o patrão, é problema de vocês, se *tu* quer estudar é problema seu, se quer trabalhar em um bar à noite, só compete a você a decisão. No entanto, precisa viver tudo isso sem medo.

— Por que *tá* dizendo essas coisas?

— Tua mãe ligou. Disse que teu pai tá possesso e amanhã cedo eles vêm para Santino.

— Por causa de quê? — Quase caio da cadeira, arrebatada com o susto e o medo que preenchem meu peito.

— Um conhecido em Palomino esteve na tua cidade e comentou que te viu por lá, com um preto, forte e grande.

— *Eita, lasquei-me.*

— Sim. Imagina o tanto de coisa que já passou na cabeça dos seus pais.

— O que a senhora disse?

— Nada que te comprometesse. Tua história, é *pra* ser contada por *tu*. Falei que passei o fim de semana na fazenda e não falava contigo há uns dias. O que não alegrou e nem melhorou a situação.

— Imagino.

— Vim *pra* cá te preparar, pois amanhã o céu cai sobre esta casa. Estarei aqui por você, menina, mas precisa decidir que postura vai tomar.

— Entendi e agradeço, tia. Mais uma vez.

— Só não quero ver *tu* repetir meus erros.

— *Tá certo.*

— Agora vou me recolher, dona Tetê disse que amanhã *tu* não escapa dela. Deve *tá* se mordendo de curiosidade. — Ela sorri disfarçado. — Confesso que até eu. Um *homão* daqueles, braços fortes, peitoral grande, uns *beijo bunito*. Queria ser uns vinte anos mais jovem.

Abro a boca em choque, enquanto ela solta suas preferências caminhando pelo corredor até seu quarto. Acabo rindo quando já estou sozinha, termino meu chá, o medo ainda causando uma boa dose de adrenalina em minhas veias, os pensamentos bagunçados, se ordenando por prioridades.

Fugir não é mais opção, poderia ter dito tudo antes de partir, ou simplesmente comunicado por telefone, no entanto, logo cedo, cara a cara, precisarei deixar esclarecido minhas intenções para eles.

Talvez eu só seja uma covarde, que foi ensinada a obedecer e nada mais, ou tenha medo de decepcionar as pessoas que sempre me trataram bem, feito uma joia rara.

Ainda com a mente bagunçada, fecho os olhos, respiro fundo e exalo o ar com força, buscando qualquer tranquilidade possível para dormir. E, então, a imagem dele surge à minha mente, no balcão do bar, na cozinha, com sua família, na prainha, em cima da máquina da morte.

Tão pouco tempo e tantas coisas a lembrar. Tadeu me mostrou o sentido de realmente viver e não só sobreviver, sempre serei grata a ele por isso.

Durmo sorrindo, mesmo que o medo permeie meus sonhos, ainda me permito desfrutar das lembranças maravilhosas que cultivei até aqui.



Capítulo 28

“... quero ser o porto para que ela possa se ancorar...”

Tadeu

Não consigo levantar tão cedo quanto gostaria, perdi o sono por completo, enquanto a ruiva não saiu por um minuto dos meus pensamentos. Pensar na minha trava naquele momento só fez eu querer me chutar mentalmente a cada segundo.

Estou na horta, colocando os pensamentos em ordem, hoje darei um jeito de falar com ela, nem que para isso eu tranque a porta da cozinha e confine nós dois no mesmo ambiente.

— Dia, Tadeu. — Ergo a cabeça e vejo Diego.

Roupa amarrotada, não parece ter dormido ainda, com os cabelos bagunçados e um semblante que não ajuda muito. Limpo as mãos enluvadas uma na outra e caminho até ele.

— Dia. Precisamos conversar.

— Vim receber o pagamento — ele decreta, pouco interessado ou até preocupado.

— *Tá* no escritório. Vem comigo. — Seguimos, eu liderando o caminho.

Entro no escritório, contorno a mesa e tiro da gaveta o recibo e o dinheiro que guardei ali. Já removi as luvas e coloquei no bolso de trás da calça, coloco o recibo, o dinheiro e uma caneta, todas jogadas diante dele.

— Vim na segunda receber, mas não te achei — ele comenta, enquanto assina o papel.

— Só se esqueceu de vir no dia seguinte trabalhar.

— Desculpe. É que estou com uns problemas e...

— Diego, não dá mais. Eu tentei te ajudar, cara, de verdade. Já conversamos diversas vezes, o seu problema é sua falta de limites e responsabilidade.

O olhar alarmado não deixa meu rosto, sinto um desconforto horrível

por fazer isso, mas já chegamos a um limite que não posso mais ultrapassar.

— Vai me demitir?

— Você se demitiu, quando faltou repetidas vezes, quando roubou do estoque.

— Eu não...

— Não vem com essa, cara — interrompo, incomodado. — Chega de mentiras. As duas vezes em que sumiu garrafas caras do armário trancado, você foi visto no estoque. Arrombar uma fechadura daquelas não é tão difícil.

Seus olhos baixam, mirando o dinheiro sobre a mesa. Ele não nega, o que é um alívio e ao mesmo tempo uma irritação. As pessoas deveriam aprender na facilidade ou nas oportunidades, mas, infelizmente, isso raramente acontece.

— Eu sinto muito.

— Eu também. Não vou prestar queixa e nem exigir o ressarcimento das garrafas, mas infelizmente não posso mais manter seu emprego. Espero que com isso *tu* aprenda algo, Diego.

— *Tu* é bom, patrão. Não se preocupe, não. — Ele estende a mão para mim e eu aceito de imediato. — *Tô* agradecido do tempo que fiquei aqui.

— Se cuida, cara. Tome rumo na vida.

— Vou tentar.

Assim que nos despedimos, subo, troco de roupa e decido dar uma corrida. O sol está forte o suficiente para eu colocar uma camisa manga longa, short e boné. Passo protetor e calço o tênis, ao sair pela porta da frente do bar, encaixo o fone sem fio na orelha e caminho rápido.

Percebo o mesmo furgão parado quase na saída da estrada, não dou um segundo de atenção e acelero os passos para uma corrida leve. Maldita hora que fui mexer nesse vespeiro, aquele detetive deve ter ganhado uma boa grana para entregar a história.

Dez minutos e já avisto as casas do centro da cidade, não consigo evitar o alívio em saber que Neto leva e traz Joana, é um trajeto duvidoso

para ser feito na calada da noite, ainda mais sozinha.

Sigo a rua, cumprimento alguns rostos conhecidos, outros somente por educação, passo em frente à lanchonete e vejo pelo vidro dona Carlota e Tetê no balcão, a loira acena e eu retribuo.

Viro na próxima esquina, continuo correndo, o calor e os movimentos já me fazem suar bastante, contorno mais uma rua, que sai em frente à praça da cidade e conseqüentemente de encontro ao portão da casa dela.

Confiro o celular preso no braço com o bracelete, Joana em breve deve sair para a aula, acho que consigo pegá-la em casa. Não tinha a intenção de conversar agora, mas estar tão perto e ansioso para esclarecer as coisas não me fazem raciocinar direito.

Atravesso a praça caminhando, cumprimento algumas senhoras, que sorriem simpáticas, quando estou prestes a atravessar a rua, sou parado por uma figura mais baixa, curiosa e quase impositiva.

— Guarda Josias — cumprimento, ao tocar a lateral do fone para pausar a música.

— Seu Tadeu. Como vai?

— Muito bem.

— Vejo que está correndo.

— Sim, é bom exercitar.

— Sempre. No meu caso, preciso manter um ritmo de exercícios constante devido à minha função.

— Eu imagino. — Miro seu corpo franzino e penso o quanto ele se dedica a isso. — Se me der licença, preciso falar com a Joana. — Aponto com o indicador para o portão do outro lado da rua.

— Acho que não é uma boa hora. — Ele curva os lábios para baixo, mostrando um ar sofrível.

— Por quê? O que houve?

— Os pais dela chegaram aí. — Aponta com o queixo em direção da

casa. — A dona Gorete passou mais cedo aí em frente e escutou o homem gritar, parece que a discussão foi acalorada.

— Mesmo? — Sinto a preocupação tomar conta do meu sistema e em automático marchou para o portão.

Bato palmas, já que não tem campainha e logo vejo dona Dolores, tia dela sair na porta da sala. Seus olhos se alarmam e ela caminha até mim.

— Dia. — Sorrio, amigoso. — Sou Tadeu, dono do bar, gostaria de falar com Joana.

— Ainda bem que *tu* chegou, quem sabe convença o pai de Joana a deixar a menina em paz. — Meu cenho franze ainda mais preocupado.

— Se precisar de uma força policial, pode contar comigo, dona Dolores. — Olho para o lado, assustado, nem tinha percebido que o guarda me seguiu.

— Deixe de ser curioso, guarda. Isso é assunto de família.

— Diacho! Mas ele não é parente.

— Não *ti* mete nisso — ela brada ao abrir o portão e me puxar para dentro.

— Só queria ajudar — o guarda resmunga, mas retorna para a praça ainda olhando sobre o ombro vez ou outra.

— O que houve?

— O pai sabe que ela foi contigo *pra* Palomino. *Tá* possesso e quer arrastar Joana de volta *pra* casa.

— Ele não pode fazer isso.

— Concorde, mas ela *tá* quase cedendo. Invente alguma coisa e tire *ela* daqui.

— O que eu posso falar? — Fico alarmado.

Nunca me intrometi nem nas brigas da minha família, que sempre consistia em uma divergência boba, depois discutiam, gritavam e tudo acabava com um café ou chá.

— *Tu* se importa com ela ao ponto de não querer ela longe? — A

mulher é baixa, no entanto, tem um aperto firme quando segura meus braços.

— Claro!

— Então improvise.

Com isso, ela empurra meu corpo na direção da porta e eu só consigo respirar fundo e imaginar uma forma de intervir sem parecer ofensivo. Em toda minha vida nunca quis fazer uma visita cortês para a família de qualquer mulher, agora estou indo direto para uma divergência que se originou por minha culpa.

— Olha quem *tá* aqui, Joana — dona Dolores grita do corredor e logo avisto Joana sentada em uma cadeira.

Ela tem os cotovelos sobre a mesa, o rosto molhado em lágrimas e as mãos sustentando o nítido cansaço que demonstra. Observo um senhor parado rente à pia, as mãos apoiam no mármore e os olhos raivosos miram a mim.

Uma senhora acanhada está na cadeira ao lado da filha, coque baixo, vestido comprido e fechado o suficiente para mostrar somente uma parte da canela. Ela não parece com raiva, mas seu olhar desconfiado mostra que não gostou de me ver ali.

— Tadeu?

— Então esse é o infeliz que *tu tá* enrabichada? — A voz alterada do homem tira meu foco de Joana.

— Bom dia, senhor. Como vai? — Estendo a mão em sua direção e sou ignorado. — Senhora? — Aceno com a cabeça em direção à mãe dela que devolve o cumprimento de forma sutil.

Aproveito para tirar os fones de ouvido, volto a olhar Joana e seus ombros encolhidos e a expressão acabada não parece em nada com a garota feliz e jovial que conheci.

Talvez pareça com a menina que entrou naquele pulgueiro, meses atrás, mas nem mesmo hoje avisto qualquer traço de altivez que ela mostrou na noite em que a conheci.

— Algum problema?

— Não... eu...

— Claro que tem — o pai a interrompe, severo. — Não criei uma *fia* pra ficar de sem-vergonhice com um preto.

— Senhor, estou bem ciente da cor da minha pele, não precisa colocar isso em questão.

— Pouco me importa o que *tu* acha. Não quero *tu* perto da minha menina. Aliás, Joana, arrume tuas malas agora.

— Pai, não... eu não quero ir, comecei o curso ontem... — Joana se aflige e praticamente implora com a voz chorosa.

— Deixa disso, Bento. Tua *fia* não quer ir.

— Não *ti* mete, Dolores. Isso é culpa tua e da Vilma.

— Minha? Mas eu não fiz nada — a mulher se defende, alarmada.

— Não criou direito tua *fia*. Trabalha em um bar. Bar. — Sua voz escorre desprezo.

— É um trabalho digno como qualquer outro — intervenho.

— Claro. E se deitar com o dono também.

— Pai! — Joana levanta.

— Senhor, acho que está passando um pouco do ponto aqui.

— E quem é *tu* pra dizer como eu falo com ela? *Tu* só tá se aproveitando e depois vai deixar *ela* sozinha. — O homem move os braços, alterado.

— Isso não é verdade.

— Ah, não? Então por que ela disse que não sabe se *tu* gosta dela como ela de *tu*. Disse que tá apaixonada e tudo.

Chicoteio os olhos na direção de Joana, que encara os meus, assustada, nitidamente envergonhada e com uma expressão que vai fugir a qualquer momento.

Meu peito acelera tanto que o ar fica escasso para respirar, perco o foco de todos à minha volta, mal consigo perceber o que estou fazendo até

contornar a mesa e estar diante dela.

— Jô? Olhe *pra* mim. — Sua cabeça está baixa, mas ela faz o que pedi. — É verdade?

A linha d'água cheia, por um triz, não transborda as lágrimas que ela contém fortemente. A boca espremida, levo a mão até seu queixo e ela exala o ar que prendia para si.

— É verdade? — torno a perguntar.

— Sim...

O sussurro leve quase não me permite ouvir, mas não importa, desço meus lábios sobre os dela e resvalo a pele devagar. Quando a beijo, desejo tudo que estava martelando dentro do meu peito extravasar, mantenho nosso beijo cálido, usando a razão para lembrar que tem pessoas no recinto e, pelo menos uma delas, quer me matar bem agora.

— Eu também estou apaixonado, Jô. Vim aqui para conversar sobre isso.

— Jura?

— Diacho! — Viro o rosto na direção do homem. — Se afaste dela, seu preto.

— Pai!

— Deixe, Joana. Eu entendo seu pai, em partes. Mas se Joana não quiser ir embora, se quer namorar um preto, se pretende cursar Administração e não voltar mais para sua casa, isso é direito dela. Felizmente, o senhor não tem poder de impedir isso.

— Pois se ela não vier comigo, pode esquecer que tem família — ele decreta, irado.

— Eu sou família dela, Bento. Não vou abandonar a menina por ela querer viver a própria vida.

— Ela *tá* se desgraçando, isso sim.

— Uma pena que pense assim. Sua filha é uma pessoa excepcional, inteligente, trabalhadora e esforçada. A criação dela foi notoriamente bem

dada.

— *Vambora* daqui, *muié* — ele brada para a esposa, que levanta. — Quero nunca mais ter que olhar nas *fuça* dela e desse preto.

— Pai... — Joana lamenta e dá um passo na direção da mãe. — A senhora me liga?

— Sempre que der, filha. — A mãe ergue a mão e acaricia o rosto de Joana.

— *Vamo*, Vilma! — o pai de Joana grita ao longe.

Assim que a mãe ruma para a saída, dona Dolores a acompanha e Joana se joga em meus braços, chorando copiosamente, enquanto eu a embalo, na tentativa de aplacar essa dor.

— Ele nunca vai me perdoar — ela solta, em meio aos soluços.

— Então ele irá perder a melhor fase da sua vida. Ver a menina se tornar mulher, dona de si e forte. — Ela recua a cabeça e encara meus olhos. — Você é forte, Joana, não duvide disso.

— Ainda dói.

— Mudanças causam dor e desconforto. É a vida.

— Você falou sério? — Vejo a incerteza brincar seu semblante.

— Cada palavra.

Apoio minha palma em seu rosto e desta vez a beijo como gostaria. Minha língua invade sua boca buscando todo seu fôlego, quero que ela se sinta acolhida e protegida, amparada de todas as formas.

Não importa o que aconteça, só quero ser o porto para que ela possa se ancorar quando tudo for difícil demais.



Capítulo 29

“Deixe a vida fluir, Jô, e aproveite cada momento como se fosse único.”

Joana

Tia Dolores está na cozinha, remexendo alguma louça enquanto Tadeu afaga meus cabelos no sofá da sala. Estou deitada em seu colo, de lado, olhando para o nada e processando tudo que ouvi do meu pai.

“Assim que coloquei meus olhos na figura impositiva que sempre representou, soube que a conversa não seria nada fácil, senti ali, muito da minha coragem construída desmoronar.

Olhei para minha mãe, que veio até mim com os braços abertos e me enredou em um abraço quase sufocante. Minha vista embaçou, apesar de estar feliz em Santino, sinto falta do aconchego dela.

— Arrume suas malas. *Tu* volta hoje *pra* casa. — Minha mãe se afasta e toma lugar na cadeira mais próxima.

— Sente aí, Bento. Toma um café, *tá* fresquinho.

— Quero café nenhum, Dolores. Vim buscar minha filha desavergonhada e catar meu rumo.

— A benção, pai. — Encontro a voz para finalmente falar.

— Deus abençoe e coloque juízo nessa cabeça desmiolada — ele brada, ainda muito irritado.

— Pai, as coisas não são como o senhor *tá* pensando.

— Ah, não? O que *tu tava* fazendo com um preto em Palomino?

— Foi só uma viagem. Eu queria conhecer outros lugares, Tadeu ia visitar a família e me convidou. Nada de mais.

— E desde quando viajar com um desconhecido é seguro, Joana?

— Ele não é um estranho. Trabalho *pra* ele no bar da cidade.

— O quê? — O grito que ele solta me faz recuar.

— Sua filha é prendada, Bento, arrumou emprego logo que chegou aqui.

— E *tu* permitindo essas coisas, Dolores. Não me admira, não.

— *Tá* querendo dizer o que com isso? *Tu* não *ti* mete na minha vida, Bento. Sou mulher crescida e não preciso do seu julgamento.

— Pai, eu tenho meu sustento agora, comecei um curso de Administração na escola da cidade e estou tocando minha vida.

— Isso lá é vida. Atendendo bêbado, estudando por causa de quê? *Tu* precisa de um homem decente e casar rápido. Arruma tuas coisas que em casa arranjo alguém que te queira.

— Eu não sou uma mercadoria, pai — solto, chocada com seus pensamentos machistas. — Não quero ir embora.

— *Tu* veio *pra* passar um tempo com a Dolores, que *tava* atrapalhada com as coisas. Agora chega. É hora de voltar *pra* casa.

— Bento... — minha mãe tenta falar, mas é interrompida por ele.

— Cale a boca, Vilma. *Tu* não deu jeito, agora vai ser do meu.

— Pai, o Tadeu é um bom homem, está me ensinando muita coisa e...

— Imagino o tanto de coisa que ele te ensina.

— Pai! — Abro a boca em choque.

— *Tu* manchou o nome da família, *tá* fazendo sem-vergonhice por aí, enquanto eu me mato de trabalhar e tua mãe cuida das coisas de casa, participa da igreja. *Tu* só pensa na vida mundana.

— Não é isso... — Sinto as lágrimas se acumularem mais uma vez.

Ocupo a cadeira à minha frente, apoio os cotovelos sobre a mesa e com a cabeça apoiada ali passo a ouvir o discurso do meu pai. Palavras retrógradadas, conceitos machistas, tudo que possa me limitar e contradizer meus sonhos de liberdade.”

Limpo uma lágrima sorrateira que escorre indesejada, tia Dolores cansa de dizer que Deus escreve certo por linhas tortas e preciso concordar. Eu estava a um passo de ceder, a um passo de sucumbir a tudo que já conquistei, só por ver a expressão derrotada da minha mãe.

Meu pai tem um dom, dominar sua família com palavras e achismos, nos subjugar ao ponto de pensar que não existe outra verdade a não ser a que ele profere. É bizarro viver algum tempo longe disso, conseguir inalar uma lufada calma de ar e de repente ser arrastada para a nuvem densa que ele carrega.

— Você está mais calma? — A voz branda de Tadeu toma meus sentidos.

— Sim. Eu acho que sim.

— Joana, eu preciso me desculpar com você.

Levanto do seu colo com a testa franzida, uso uma mão para apoiar na sua coxa, meus cabelos desgrenhados de lado, mirando os olhos cautelosos dele.

— Do que *tu tá* falando?

— Na noite em Palomino, em cima da moto, eu travei. Você disse que gosta de mim, seus olhos brilhavam, suas palavras eram sinceras, genuínas e isso me deixou perdido por um momento.

— Tudo bem... eu sei que...

— Não. — Sua mão acolhe meu rosto ao emoldurar a bochecha. — Quero que saiba de uma coisa: não travei por não sentir o mesmo, ou por não saber o que sinto em relação a você. Meu silêncio estava ligado a não saber como expressar tudo que sinto. Gostar é pouco, Joana, isso me assusta, mas o meu medo era te assustar ainda mais.

— Gostar já *tá* bom *pra* mim — respondo, acanhada, por falta de coisa melhor para dizer.

— Eu sei. Mas enquanto eu não tiver certeza de que você não vai fugir para longe de mim, usaremos o gostar. — Ele sorri de lado, cúmplice.

As batidas do meu coração aceleram instantaneamente, inclino o tronco para frente e Tadeu faz o restante do caminho. Nossos lábios se encontram, um beijo calmo, tranquilo e cheio de significados.

Gostar é bom, por enquanto é suficiente, apesar de tudo acontecer tão rápido entre nós, preciso manter a razão e processar o que está

acontecendo.

— O casal de pombinhos vai ficar de chamego no sofá até quando?
— Solto Tadeu com rapidez, o que tira um riso baixo dele. — *Tu* tem aula daqui a meia hora, Joana.

— Verdade! — Pulo do sofá. — Preciso tomar um banho. — Corro para o corredor, mas volto ao me lembrar de Tadeu no sofá. — *Tu* me espera?

— Sempre — ele declara, com um meio-sorriso e pisca um olho.

— Tia... — Vá logo, menina, deixe que eu cuido do teu namorado.

“Meu Deus. Agora eu tenho um namorado.”



Quando saí da aula fui direto para a lanchonete, depois de dez ligações de Tetê, se eu não aparecesse ao menos para um café rápido, ela seria capaz de invadir a cozinha do bar para sanar sua curiosidade.

Tadeu me acompanhou até a escola, me deu um beijo quente e molhado, que chamou a atenção de muitas pessoas curiosas e partiu. Disse que viria me buscar na saída, mas eu disse que não precisava.

Mantereí a rotina, pegando carona com Neto, que já me mandou mensagem me parabenizando pelo namoro. Um amigo boboca, mas que me espantou já estar ciente da minha situação amorosa.

— E foi isso... — Tetê e Carlota estão debruçadas sobre o balcão, com os olhos aguçados e muito interessados na minha história.

— Seu pai é um imbecil.

— Tetê! — Carlota cutuca a loira.

— Uai, é verdade. Falar toda essa baboseira *pra tu*? Ainda bem que

me distanciei dos meus.

— Não é fácil. Vou sentir falta deles, quem sabe algum dia eu os procure.

— Só faça isso quando estiver pronta para enfrentar qualquer coisa, menina. É tudo muito recente, sua dor é forte no peito, se você os procurar assim, vai fraquejar — Carlota aconselha.

— Eu sei.

— Mas agora diga aí: namorada do dono do Pau Dentro? Menina, que combinação boa. — Tetê abre um sorriso genuíno e acerta um tapa camarada no meu braço.

— Outra coisa que me assusta por demais.

— Oxe. Aquele tamanho de homem deve assustar mesmo. Já fico imaginando o tamanho do...

— Eita! Tetê! — Carlota repreende antes que a loira fale demais.

— Uai.

— *Tu* não existe, Tetê. — Dou risada, pois é a única coisa que me resta. Escuto uma buzina abafada, olho para trás e vejo Neto parado no meio-fio dentro do seu fusca. — Preciso ir.

— Bom trabalho — ambas falam.

— Obrigada, meninas. — Caminho animada para a porta. — Ah, Tetê — a loira me encara, sorrindo —, o tamanho é incrivelmente impressionante. — Pisco um olho.

— Ah! Eu sabia! — Ela bate no balcão com o punho fechado e nós três gargalhamos.

Apesar de ainda doer demais o desfecho com meus pais, estou feliz de ter amigas com quem posso desabafar, e um amigo. Neto, que me encara com expectativa, logo que entro no carro, ao seu lado.

— Desembucha, garota.

— Oxe. Toca o carro ou vamos chegar atrasados.

— *Tu é muié* do patrão. *Tá* tudo certo. — Belisco sua orelha ao fazer

uma careta. — Ai!

— Sou funcionária como qualquer outro. Não tenho privilégios, não.

— *Tá certo.* — Ele esfrega a orelha torcida enquanto toca o carro pela rua.

Precisando falar e desabafar para que o peso no peito diminua um pouco mais, conto para Neto sobre a viagem a Palomino, os lugares que conheci, mesmo com pouco tempo, falo sobre meus pais e a conversa nada amistosa e sobre Tadeu e seu pedido não oficial de namoro.

Neto ri e leva tudo na piada, como é seu costume, isso ajuda a tirar a seriedade do que vou enfrentar de agora em diante. Duvido que por um longo tempo algum deles vá querer falar comigo, duvido que um dia meu pai olhe na minha cara.

Isso machuca bastante, mas é o preço que tenho de pagar para exercer controle sobre meu caminho. Talvez eu seja egoísta, pode ser que me arrependa em algum momento, mas por agora, apesar do sofrimento, sinto que estou fazendo a coisa certa.

Entramos no bar e Jorge já está com a vassoura na mão cuidando do salão, ele pisca um olho e sorri, cúmplice, com certeza ciente das notícias em Santino.

Giro os olhos e faço uma careta de tédio, o que o faz gargalhar, então rumo e guardo a mochila no armário. Trouxe roupas extras, não pretendo ir embora hoje e amanhã vou direto daqui para o curso.

Entro na cozinha ajeitando a touca na cabeça, visto o avental e começo as preparações e verificações de insumos. Hoje não é um dia particularmente movimentado, mas ainda assim, precisa de manutenção para que não haja perda.

Estou na cuba, lavando alguns legumes, quando sinto as mãos fortes dele circularem minha cintura e me erguer.

— Ai! — grito, assustada.

— Oi, namorada. — O hálito quente atinge minha orelha e somada à voz baixa e sedutora, encolho o pescoço tomada pela sensibilidade. — Senti

sua falta. — Ele cheira meu cabelo e me coloca no chão.

Giro no lugar e fico na ponta dos pés com um bico ridículo na boca, Tadeu ri antes de me beijar, o que desfaz todo o gracejo, já que ele cola seu corpo no meu, se esfregando em mim de forma indecente.

Meus dedos úmidos tocam sua nuca, puxando-o ainda mais na intenção de aprofundar o beijo, um gemido escapa da sua garganta, suas mãos descem pela lombar apalpando minha bunda enquanto a espreme contra o quadril.

Tadeu suspende meu traseiro e eu firmo as pernas no contorno do seu corpo, completamente absorta pelo momento, só quero desfrutar o máximo possível dele, sentir seu gosto, sua pegada, seu corpo escaldante contra o meu.

Ele me coloca sobre a mesa de metal, as pernas abertas, aconchegando seu corpo junto ao meu, tomada pela lasciva que nos enlaçou de forma instantânea.

— Eita! Lasqueira!

Empurro Tadeu no mesmo momento, como se tivesse sido atingida por um choque, desempoleiro da mesa, limpando o canto dos lábios e vejo Neto com os braços cruzados e uma cara séria.

— O que foi, Neto? — Tadeu pergunta, com um tom risonho.

Espio em sua direção e o sem-vergonha parece muito à vontade por ter sido pego no pulo, já eu, não consigo esconder o fogo que se alastra do pescoço para as bochechas. Devo parecer um camarão frito de tanta vergonha.

— O estoque *tá* trancado, preciso da chave. — Tadeu caminha até ele e entrega um chaveiro cheio que tira do bolso.

— Só repõe as bebidas geladas, o resto *tá* tranquilo.

— Sim, senhor. — Ele se vira para sair, mas sendo o Neto, eu deveria adivinhar que teria mais uma gracinha. — E juízo, os dois. Isso daqui é um estabelecimento de família. — Ele pisca um olho na minha direção, que automaticamente desvio os olhos para o outro lado.

— Sai daqui, pivete. — Tadeu salta para frente e Neto, mais do que depressa, corre corredor afora.

Volto para a cuba onde deixei os legumes e retomo à tarefa de lavá-los, ainda sinto meu rosto ferver e a vergonha tomar conta das minhas ações.

— Onde paramos? — Tadeu tenta circular os dedos na minha cintura, mas eu o afasto com brusquidão. — O que foi, Jô?

— *Num tá certo isso. Tu é patrão aqui e eu sou empregada.*

— E minha namorada.

— Isso não importa.

— Claro que importa. — Ele segura meu ombro me virando de frente para ele. — Você sempre será mais do que qualquer um aqui dentro e lá fora também. Jô, eu falei sério sobre estar apaixonado, estou comprometido com você e não quero limitar minha vontade de te beijar pautando na opinião dos outros.

— Tadeu...

— Eu sei que é tudo recente, novo, você ainda está magoada com seus pais. — Abaixo os olhos e ele pinça meu queixo entre os dedos, trazendo seus olhos quentes para minha visão. — Só quero saber que estamos juntos nessa, o resto se ajeita ou, no máximo, a gente manda pastar.

Sorrio de lado, ele também, como resposta eu inclino a cabeça ao aconchegar meu corpo mais perto do seu, ganho um beijo calmo e carinhoso, transmitindo todo conforto que preciso.

Temos um longo caminho a percorrer, isso é fato, existe a possibilidade de tudo ruir e eu ficar sem emprego se não dermos certo, mas o que importa, afinal? É só um trabalho, o primeiro de muitos que ainda virão, já Tadeu, era uma nova experiência que se tornou uma possibilidade e não há como prever o que o futuro nos reserva.

“Deixe a vida fluir, Jô, e aproveite cada momento como se fosse único.”



Capítulo 30

“Nunca foi tão prazeroso perder a hora.”

Joana

Subo as escadas com rapidez, Tadeu acabou de me avisar que encerramos o expediente e me intimou a ficar por aqui hoje. Nem contestei, já que tinha a pretensão de fazer exatamente isso.

Deixo para ele avisar Neto que ficarei esta noite, não quero lidar com o sorriso debochado e nem as gracinhas do meu amigo. Entro na casa e bato a porta, com a mão sobre o peito, até parece que estou cometendo algum crime.

— Deixe de ser besta, Joana — penso em voz alta e solto uma risada.

Ao mirar meus olhos no ambiente, fico perplexa, qualquer pensamento lógico se esvai e não consigo conter a bateadeira que invadiu meu peito. O ambiente tem a iluminação parca devido à quantidade de luzes que vem da varanda.

Caminho abobalhada, solto a mochila sobre a mesa, a passos vagarosos vou até as portas de vidro e toco o puxador sem coragem alguma de abrir. A volta inteira do gradil está contornada por pequenas lâmpadas, amarelas, que trazem um ar charmoso e muito romântico para a mesa colocada no meio do lugar.

Uma toalha branca cobre a madeira redonda, quase até o chão, duas cadeiras estofadas, que pertencem ao salão do bar compõem o jogo, sobre a mesa um solitário com uma rosa vermelha e um suporte com vela, acompanham o balde com gelo que abriga a garrafa dentro.

Duas taças de champanhe, delicadas e graciosas, fecham o conjunto todo. Ergo a mão e toco o vidro, como se tudo aquilo fosse um sonho, a cena de filme romântico que sempre assisti com paixão está diante dos meus olhos.

— Gostou? — Salto no lugar, assustada por não ter percebido sua aproximação.

— Demais. — Continuo olhando tudo aquilo ainda abismada.

— Que bom, fiz tudo isso pensando em você, Jô.

— Por quê? — Olho para cima, sobre o ombro, e encontro seu rosto próximo ao meu.

— Porque você merece isso e muito mais.

Tadeu se aproxima e dá um beijo no nariz e na boca, curto e singelo, enquanto leva uma mão ao meu quadril e usa a outra para correr a porta para o lado.

Caminho pela varanda, até próximo da mesa, Tadeu contorna pelo outro lado e pega a garrafa de champanhe, fazendo um floreio exagerado ao abrir o lacre.

Solto uma risada e pego as duas taças, quando ouço o barulho da rolha estourar e um pouco do líquido transbordar me encolho, achando tudo aquilo muito encantador.

De todas as coisas que eu poderia esperar de Tadeu, nunca passou pela minha cabeça algo tão romântico assim. Ele sempre se portou como um homem prático, simples e desapegado, isso nem de longe se parece com seu comportamento costumeiro.

— O que se passa na sua cabecinha?

— Que é mais do que impressionante meu novo namorado fazer algo tão romântico.

— Mesmo? — Ele ergue as sobrancelhas, mostra uma indignação humorada. — Isso fere meus sentimentos, querida. Sou um cavalheiro.

— Ah, sim. O mesmo que me atacou na cozinha mais cedo.

— Faz parte do pacote. — Ele dá de ombros.

Tadeu serve as duas taças, volta a garrafa para o gelo e aceita a que oferto, erguendo o cristal para um brinde.

— Às aventuras que sonhamos e às surpresas que não esperamos.

— Interessante. — Encosto minha taça na dele e antes que eu vire um gole generoso, sou enredada por seu braço livre.

Aconchegada em seu corpo grande e forte, miro os olhos

tempestuosos de Tadeu absorvendo toda a intensidade que ele passa. Sinto-me desnudada, mesmo de roupas, como se fosse capaz de ele saber cada batida errante do meu coração.

— As coisas foram conturbadas demais hoje, então, eu quis preparar algo romântico para um momento especial. — Ele resvala seu nariz no meu com carinho. — Você, realmente, quer namorar comigo, Joana?

Abro a boca em choque, apesar de já estarmos nisso, o cuidado da sua atitude e a oportunidade de fazer diferente me impressionam. Eu sonhei a vida toda com liberdade, me fizeram crer que um relacionamento é um tipo de prisão, que me limitaria, então conheço Tadeu, que sempre me mostra o poder das decisões que tenho.

— Achei que já estivéssemos nisso — respondo, com gracinha.

— Estamos. Eu estou. Comprometido e levando isso muito a sério, mas eu quero a sua certeza. Você não tem que fazer nada que não se sinta preparada. Se quiser continuar como estávamos, tudo bem. Se não quiser nada comigo, terminamos aqui, sem problemas.

— Tudo bem, então, se eu não te quiser mais? Nem como um caso escondido? — Ergo as sobrancelhas.

— Se for sua vontade, eu tenho que respeitar. No entanto, não garanto que vai doer menos. Eu gosto de você. Eu adoro você. Eu me sinto bem com você. Eu *tô* apaixonado, Jô.

“Ah! Meu! Deus!”

— Eu também estou. — Minha voz sai em um fio, quase inexistente.

Sinto meu coração acelerar ainda mais, sua boca encontra a minha com fome, desesperada, consumimos um ao outro em um beijo ardente que aquece todo meu corpo.

— Prove a champanhe. — Ele se afasta, recuperando o fôlego.

Embriagada pelo beijo, só me dou conta da ação quando sinto o cristal encostar nos meus lábios. Ele está me servindo da própria taça, os olhos em chamas, atentos a cada movimento meu.

Quando ele afasta a taça, tento fazer o mesmo por ele, mas Tadeu

recua um passo ao me soltar e balança a cabeça em negativa, enquanto um sorriso predatório surge em seus lábios.

— Ah... eu vou beber, Joana. Mas não será da taça.

“Jesus. Maria. José.”

— Não?

— Não. Tire a roupa. Meu copo será seu corpo. Quero sentir o sabor da bebida na sua pele.

“Perdi a calcinha. Com toda a certeza.”

Tadeu ocupa uma das cadeiras, afastando o suficiente para ter um espaço com folga entre ele e a mesa. Sua cabeça tomba de lado enquanto ele cruza as pernas na altura dos tornozelos, esticadas à frente.

Parece relaxado e tranquilo, como se o momento não tivesse se tornado pecaminoso o suficiente.

— Estou esperando, Jô.

A docilidade da sua voz não esconde o comando dado, então obedeço. Removo a camiseta, tiro o sapato e depois a calça, estou de lingerie preta, simples e discreta, mas suficientemente adequada para estar com meu namorado.

— Tudo. — Seu tom é mais grave.

Encaro seus olhos que escrutinam meu corpo, uma mão ele usa para ajeitar o volume considerável no jeans. Decido ali que dois podem jogar esse jogo, mesmo que eu não carregue a bagagem dele.

Seus olhos encontram os meus, levo a mão até o feixe do sutiã, mordo o lábio de canto e retiro a peça, soltando-a com a ponta dos dedos no amontoado de roupas no chão.

Deslizo as mãos pela curva sutil dos meus seios, sinto o peso e arrepio, tanto pelo ar fresco quanto pela forma que Tadeu me olha. Se ajeitando na cadeira, agora com as pernas dobradas, parece tão ansioso quanto eu.

“Realmente, dois podem jogar esse jogo.”

Escorrego os dedos pela lateral do corpo, troco o peso entre as pernas, como se alguma música particular tocasse só na minha mente. Engancho os polegares na calcinha e abaixo de uma vez, me livrando da última peça.

— Vem aqui — ele brada e eu rio.

Fecho a curta distância que nos separa, então Tadeu avança com a mão capturando minha anca e me posiciona de frente para ele. Sua boca resvala pela minha barriga, perdido e tomado pelo momento.

Sinto um leve tremor com a sensibilidade, minhas mãos voam para meus seios e aperto, sentindo o formigamento ser saciado, ao menos um pouco.

— Pensei que fosse usar meu corpo para tomar a champanhe. — Encontro forças para provocar, mesmo que esteja a ponto de sucumbir ao desejo.

— Sente na mesa. — Ele se afasta, levanta da cadeira e impulsiona meu quadril para cima.

Tadeu escancara minhas pernas com rapidez, apoio os braços para trás estufando meu tronco na sua direção.

— Tão linda. Tão encenqueira. — Sua voz pesada acompanha o dorso do indicador que desliza do meu pescoço até a lateral das coxas.

Com a taça em mãos, Tadeu puxa o laço que prende meus cabelos dispensando no chão, entremeia os dedos pelos fios e junta um punhado, puxando minha cabeça para cima.

— Está com sede? — Sua pergunta tem muito mais significado do que a secura que tomou minha boca.

— Sim... — Ofego e ele aperta um pouco mais.

Tadeu aproxima a taça da minha boca, vira o líquido sem encostar o cristal nos meus lábios, então sinto o sabor gasoso e fresco escorrer pela língua até o fundo da garganta.

— Agora é minha vez.

Ao sentar na cadeira, Tadeu ergue a taça até o topo dos meus seios e

vira. Um filete do líquido escorre, percorre o caminho por todo meu tronco até se deslocar para o vão, onde Tadeu rapidamente lambe e me faz ofegar.

Empino ainda mais os seios, Tadeu se farta, como um nômade atrás de água no deserto, ele bebe, chupa, lambe, causa um estrago completo enquanto o líquido se mistura ao meu prazer.

Vez ou outra ouço seus gemidos, comentários obscenos do quanto o sabor da bebida é bom no meu corpo, jogo a cabeça para trás, tomada pelo prazer, levo uma das mãos ao seio e belisco o bico.

— Tadeu... — solto, em meio a um engasgo.

O prazer aumenta, Tadeu esquece a taça de lado e puxa minha anca afundando sua língua no meu centro. Gemo alto, tomada e escandalizada, peço por mais, praticamente imploro e ele entrega.

Absolutamente tudo.

Encontro o prazer um minuto depois, o corpo treme e ondula, tomado e arrebatado. Mal abro os olhos e vejo Tadeu crescer diante de mim, a camiseta dispensada, o pau para fora e encapado.

“Mas em que momento ele fez isso?”

Não tenho tempo de dizer qualquer coisa antes que ele arremeta e eu grito. Com choque e prazer, meu canal se alarga acolhendo todo seu tamanho dentro de mim.

Tadeu se afunda de forma brusca, tomado pela luxúria, seus olhos encaram os meus, determinados, como se fosse capaz de me consumir inteira apenas com o olhar.

“E talvez ele possa.”

Não demora muito para que encontre o êxtase. Bruto e carnal, sua testa descansa sobre a minha, enquanto ele geme, dando as últimas estocadas, ainda fortes o suficiente para balançar meus bicos sensíveis.

— Era para ser romântico — ele solta por fim e eu sorrio.

— E foi. — Seguro sua nuca e então ele me encara. — Isso somos nós e foi perfeito.

— Você literalmente é a encrenca da minha vida.

— Vou levar como elogio.

— Acredite. É.

Sou alçada pela bunda, ainda empalada por ele, solto um grito e gargalho ao ver Tadeu caminhar para um canto, no beiral do gradil, onde tem um tapete felpudo e várias almofadas espalhadas.

— Nós temos uma cama improvisada? — questiono, quando ele se abaixa, sem quebrar nossa conexão e me deposita com delicadeza sobre o lugar.

Seu corpo cobre o meu, então ele acaricia meu rosto de forma doce e gentil.

— Temos. Mas não tive tempo de mostrar antes.

— Fico feliz por isso. Pode me mostrar agora.

Tadeu solta uma gargalhada e rola puxando meu corpo para cima do seu, suas mãos emolduram meu rosto enquanto os polegares deslizam carinhosos sobre as bochechas.

— Obrigado por me mostrar a melhor aventura que poderia viver.

— Obrigada por me mostrar que posso viver várias aventuras com alguém tão especial quanto você.

Nós nos beijamos, românticos e tomados pelo momento, contemplamos nossos corpos, sentimentos sendo enlaçados e as estrelas nos fazendo companhia.

Acordo na manhã seguinte incomodada com o sol que já brilha feliz e radiante, levanto da cama, um tanto atordoada, lembro-me de termos dormido lá fora na madrugada, depois de transarmos mais duas vezes, então eu apaguei, sobre o peito de Tadeu.

Levanto aos tropeços, vestida em uma camiseta preta dele, que obviamente está enorme em mim, sorrio de lado e feliz, realizando mais um desejo clichê da minha lista que nunca fiz.

Pego meu celular na mochila e vejo seis chamadas perdidas da Tetê.

Surpresa, retorno a ligação, esperando que seja algo realmente importante.

— *Garota! Onde você se meteu?*

— Uai. Acabei de acordar.

— *Mas já é quase meio-dia* — ela se alarma. — *Ficou transando a noite toda, não foi? Diz que foi?*

— Foi — respondo e emendo na risada quando ela solta meia dúzia de palavrões.

— *Adoraria saber mais disso, porém, tenho algo mais importante para falar. Fomos convidadas para um almoço, no domingo, lá na fazenda de Águas Claras.*

— Oxe! É mesmo?

— *Sim. Babi faz questão da sua presença também.*

— Mas eu mal a conheço.

— *Tadeu foi convidado também, garota. Ele conhece a mim, ao Lúcio e até a Babi.*

— Então tá. — Dou de ombros, mesmo que ela não possa ver.

— *Maravilha! E vê se apressa o passo ou vai perder aula.*

— *Misera!*

Encerro a ligação, apressada, corro para o banheiro e tomo o banho mais rápido da minha vida. Nunca foi tão prazeroso perder a hora.



Capítulo 31

“... é bom encontrar aceitação onde menos se espera.”

Tadeu

Estaciono a moto próximo aos carros, Joana desmonta e entrega o capacete assim que faço o mesmo. Deixo os objetos presos no guidão, seguro sua mão com força quando entrelaça seus dedos nos meus.

A semana passou feito um borrão, o serviço no bar sobrecarregou com a saída de Diego, por sorte, Joana tem se virado bem na cozinha, comanda tudo com maestria e agilidade, assim como Neto, no salão, que tem mostrado competência o suficiente para lidar com os percalços.

O relacionamento entre Joana e eu tem sido ótimo, ela é leve, divertida, curiosa e consegue blindar toda a parte ruim, que estou deliberadamente empurrando de lado.

Hoje não tem mais como fingir.

O convite feito no começo da semana por Lúcio tem total influência de Edmundo, não sou bobo. Já estou na cidade há meses suficientes para que o peão tentasse uma aproximação, nos conhecemos há anos, mas só depois da aparição daquela repórter enxerida, é que o convite foi feito.

Ainda não sei qual a intenção de Edmundo, talvez queira me mostrar que o fato de eu ser um suposto filho não altere em nada sua base familiar. Ele não parece ser um homem mesquinho, nem desonesto, mas a situação muda de figura quando um bastardo entra na jogada.

— Você está bem? — Ouço a voz doce de Joana me trazer de volta.

— Sempre. — Sorrio de lado e lidero nosso caminho para a entrada da casa.

Abri o jogo com a minha namorada, na segunda noite em que dormiu em casa, estava inquieto, cogitei a hipótese de recusar o convite, percebendo meu desconforto, ela questionou os motivos.

Contei tudo, sobre minha criação, os motivos que me levaram a vagar de cidade em cidade, as brigas com a minha mãe, até a história descoberta pelo investigador.

Naquele dia não transamos, não vivemos aventura alguma, nem cogitamos testar algo novo, simplesmente deitei a cabeça no peito da Jô, enquanto ela acarinhava e ouvia tudo que eu dizia.

Foi bom, apesar de não ser um segredo guardado a sete chaves, ela pareceu entender minha necessidade, sem que eu tivesse que explicar diversas vezes meus motivos, como aconteceu com a minha família.

Uma empregada abre a porta, sorridente, nos leva até a área de lazer da fazenda, onde eu paro, um tanto impressionado com a beleza oculta do lugar.

— Caraca. — Ouço o tom surpreso de Joana.

— Isso que é vida boa — sussurro mais para mim.

Uma área verde imensa, do outro lado, um tipo de edícula, anexo a um espaço coberto, com uma mesa gigante em madeira, na outra ponta algumas salas que devem ser vestiários e sauna. Estão todos sentados em torno da mesa, chegamos um pouco atrasados, tínhamos que recuperar o sono perdido da madrugada.

Por uma boa causa, mas isso não quer dizer que canse menos.

Entre nós tem uma piscina gigantesca, modelada em contornos arredondados, um tobogã majestoso, fechado, bem na beirada, e ao lado uma área de recreação, o verdadeiro paraíso de qualquer criança.

A empregada volta para dentro e Joana e eu caminhamos determinados até o outro lado. O calor está castigando hoje, vejo que todos estão com roupas de banho, sorte que convenci Joana a trazer a sua.

— Tô com vergonha.

— A Tetê está aqui, não tem com o que se preocupar.

— Isso me deixa ainda mais preocupada.

— Relaxa, seja só você mesma e tudo dará certo. *Tu* já conhece *elas*. — Olho em sua direção com um sorriso tranquilizador.

— Era *pra* eu *tá* acalmando *tu*, não era? — Ela sorri de forma genuína e isso basta para toda a apreensão dissipar do meu corpo.

— *Tu* já fez. — Solto sua mão e passo o braço em torno do seu ombro.

Lúcio é o primeiro a vir ao nosso encontro assim que estamos próximos da área coberta. O peão, sempre simpático, me abraça daquele jeito peculiar masculino, cumprimenta Joana com um aperto de mão e nos leva até a mesa.

Cumprimento a todos com acenos de cabeça e palavras educadas, estendo a mão para Babi, que é a mais próxima de mim e anfitriã do encontro. Joana faz o mesmo e logo estamos sentados no meio deles, eu ao lado de Lúcio, e Joana com Tetê à sua esquerda.

Encaro Edmundo, que toma uma cerveja, atento a cada movimento meu, pronto para fazer as perguntas que rondam sua mente. Por baixo da mesa, Joana encontra minha mão e conforta com um aperto.

— Quem diria que Lúcio, o peão de Palomino, viveria assim. — Olho ao redor.

— Ele deu o golpe do baú — Maldonado, que ocupa a ponta da mesa, solta e todos riem.

— Fica quieto, Maldonado, só fala besteira — Babi intervém, irritada.

— Como tem ido as coisas no Pau Dentro? — Edmundo questiona.

— Ah! Nunca que me acostumo com esse nome, é sugestivo demais — Tetê solta e todos gargalham.

— Diacho, diaba! — Vejo o delegado empertigar o corpo.

Esse aí deve cortar um dobrado na mão da loira. Tetê é o tipo de mulher que não abaixa a cabeça para nada e ninguém, achei surpreendente quando soube da história dos dois.

— Mais engraçado é o motivo do nome. — Todos encaram Cecília que mantinha a atenção no pequeno garoto em seus braços.

— Então fala, Ceci. Todo mundo *tá* morto de curiosidade — Babi brada com seu jeito autoritário.

— *Tu* é o dono e nunca procurou saber? — Ela sinaliza com o

queixo na minha direção.

— Achei o nome interessante, mas nunca cogitei perguntar.

— É coisa besta. — Ela abana uma mão no ar. — Quando o bar foi construído, não tinha aquela parte de cima e era bem mais modesto. Heitor contou uma vez que existia uma tora no meio do salão que era usado de sustentação e o povo, bêbado, brincava e dançava em torno da madeira. Começaram a se referir ao lugar como o “bar que tinha o pau dentro”, enfim, não demorou para chegar a esse nome.

— Uau. Interessante e muito menos pecaminoso que alguns sugerem — Joana comenta.

— Confesso que achei sem graça. Prefiro as ideias que tenho em mente — Tetê comenta, visivelmente frustrada.

— Agora fiquei curioso, loira. — Maldonado empertiga o tronco, muito atento.

— Respondendo à sua pergunta. — Aponto para Edmundo e corto o assunto. A lufada de ar que o xerife soltou não foi amistosa e temi por uma confusão entre os dois. — *Tá* caminhando bem. Preciso arrumar um ajudante, tive que dispensar um dos funcionários.

— Aí, amor. Já posso me candidatar a uma vaga — a mulher de cabelos cacheados e sorriso amistoso fala com Edmundo.

Ela está ao seu lado e segura um menino lindo nos braços, todo babão e sorridente, usa somente uma fralda e nada mais. Nem preciso perguntar para saber que é filho dele, é a fuça do homem.

Achei que nunca saberia qual a sensação de ter irmãos, sobrinhos, uma família grande e calorosa, apesar das minhas primas terem cumprido até demais essa função, mas todas as vezes em que voltava para casa, era somente dona Dulce e eu.

As noites solitárias, imaginando como seria se meu pai estivesse em casa, talvez tirando um tempo para brincar comigo de carrinhos, ou quem sabe me ajudando a montar uma cabana, que poderia ser uma caverna também, dependendo da criatividade.

Um irmão, para dividir os rachas de bola na rua com os garotos, para defender das encrencas que se enfiaria, quem sabe até ajudar quando chegasse o momento de paquerar alguém.

— Jonas é pequeno demais *pra tu* ficar fora à noite.

Recobro a consciência dos meus devaneios.

— Oxe. *Tu* não é pai, não, Edmundo? — ela rebate.

— Claro que sou.

— Então pode muito bem cuidar do seu filho *pra* eu trabalhar.

— Mas não precisa, amor...

— Eu sei que não precisa, mas eu quero — ela o interrompe, de forma seca.

— *Tá*. Eu cuido do Jonas. — Ele abana uma mão, desistindo.

— Se quiser, posso marcar a entrevista — ofereço, por educação, mas o olhar de reprimenda de Edmundo mostra que ele não gostou nada da ideia.

— Ceci, *tu* pode me ajudar aqui na fazenda. Tem tanta coisa *pra* fazer — Babi oferece.

— Jura, amiga? Uai! Acho que vou aceitar.

— Já eu, aceitaria a proposta para o bar, muito mais interessante — Tetê solta.

— Diaba, ela tem criança pequena — o delegado comenta.

— E daí? Tem pai *pra* isso. *Tu* que não pense que eu ficaria em casa cuidando de limpeza e criança o tempo todo, xerife.

— Isso quer dizer que você vai finalmente aceitar meu pedido de casamento e me dar um pivete?

— Estamos falando em teoria. — Ela dá de ombros e ele a puxa para perto.

— O papo *tá* ótimo, mas eu tô a fim mesmo de jogar uma sinuca. Quem topa? — Maldonado levanta esfregando as mãos.

Todos os homens se prontificam e levantam da mesa, encaro Joana de soslaio e ela tem um semblante incentivador.

— Vai lá. — Ela cutuca minha costela.

— Não quero te deixar sozinha.

— Não se preocupe, Tadeu. Eu cuido da Jô. — Tetê inclina a cabeça em nossa direção, dando pitaco na conversa particular.

— *Tá certo.* — Dou um beijo estalado na minha namorada e levanto.

Vejo os homens caminharem rindo e brincando sobre alguma piada que Maldonado fez enquanto sigo mais atrás, um pouco calado e terrivelmente ansioso.

A área de jogos fica em uma sala envidraçada, com duas mesas de sinuca, um fliperama antigo, uma mesa de pingue-pongue, e outras duas para carteados.

— Excelente espaço aqui, Lúcio — admiro o lugar.

— É grande demais. A maioria das coisas já existia, Babi só acrescentou ao longo dos anos.

— Cecília tem feito a mesma coisa na fazenda, desde que nos mudamos.

— Seu pai realmente não colocou mais os pés lá? — Maldonado questiona, quando termina esquadrear as bolas.

— Não. Ele tem passado mais tempo na capital, o processo sobre o roubo de carga viva tem, finalmente, tirado seu sono.

— Alguma coisa tinha que tirar — Lúcio comenta.

— Sim.

— Político safado é assim — o delegado comenta no canto. — Desculpe, mas é verdade. — Encara Edmundo.

— Tudo bem. Eu sei bem a peça que me criou. — O homem não parece nem abalado.

Por um momento, muito curto, confesso, senti inveja de Edmundo crescer cercado por luxo, por uma figura paterna, enquanto eu não tinha nada.

Porém, bastou uma olhada melhor no dossiê que o investigador me deu, entendi todos os motivos para minha mãe nunca ter aberto a boca.

O homem não vale absolutamente nada. Não sei como Edmundo demonstra tanto caráter tendo como base aquele homem.

— Vamos de parceria. Um fica de fora e espera — Lucio anuncia.

— Quero jogar também — Tetê se aproxima e abraça o xerife.

— Joguem vocês quatro, Tadeu e eu esperamos a dupla vencedora. — Edmundo olha para mim. — Espero que não se importe em ser meu parceiro.

— De forma alguma. — Entendo sua jogada e me preparo para o que vem a seguir.

— Maravilha! Vou vencer *tu*, loira. — Maldonado aponta para Tetê e recebe um mostrar de língua em resposta.

Edmundo e eu nos afastamos, caminhamos despretensiosamente pelo salão até ele tomar uma das cadeiras na mesa de carteados. Não sorrio, mas mostro uma feição certa de que sabe toda sua jogada.

— A repórter me procurou — ele solta, sem rodeios.

— A mim também.

— Você é mesmo filho dele? — Meu suposto irmão cruza os braços sobre a mesa atento em mim.

— Precisamos de um teste de DNA para confirmar isso, mas sim. A história bate com o pouco que minha mãe contou, tudo se encaixa.

— Sua mãe não sabe da sua busca?

— Esse sempre foi nosso maior conflito.

Passo a discursar sobre como foi minha vida ao lado de dona Dulce, não deixo nenhum detalhe de fora, nem do que pensava, nem do que realmente acontecia. Falei sobre os anos buscando qualquer informação fora até chegar a esse investigador que encontrou uma pista que valesse a pena.

Quando termino de relatar, até a última conversa em Palomino com a minha mãe, Edmundo assente, parece convencido de algo importante.

— Cogitei a hipótese de você usar a repórter para ganhar visibilidade, desculpe pelo julgo, mas cresci achando que meus pais não podiam ter filhos, agora sei que só minha mãe tinha esse problema.

— Você...

— Sou adotado. Saí do orfanato com três anos de idade, fui criado e amado pela minha mãe, até por meu pai, mas depois que ela faleceu, nós distanciamos muito. Passei a adolescência e vida adulta cercado de babás, tutores e criados, o que, no final das contas, não foi ruim.

— Sinto muito.

— Não sinta. Acho que nós dois fomos presenteados por um ensinamento não muito fácil, faz parte da vida. Minha mãe dizia que não importa a escolha que eu fizesse, para o bem, ou para o mal, ela teria uma consequência. Restava saber o quão disposto eu estava para lidar com ela.

— Sua mãe era inteligente.

— Sim, ela era. Assim como sua mãe foi de te afastar de Cícero. Se hoje ele é desse jeito, não gosto nem de pensar como foi mais novo.

— Eu não pretendia mexer nessa história, ao menos, não agora. Estava farto de rodar de cidade em cidade, independente das investigações do homem que contratei, eu permaneceria em Santino por pelo menos um ano.

— Então ele vendeu uma história para a mídia. Não é das piores que meu pai... quer dizer, nosso pai, enfrentaria. — Edmundo recosta na cadeira, parece confortável com toda a situação, bem mais do que eu.

— De todos os cenários possíveis, nunca imaginei um como esse.

— A vida não brinca em serviço. Apesar de toda a parte pesada, Tadeu, sinto-me feliz em saber que tenho um irmão. Caso queira dar continuidade nisso, saiba que tem meu apoio.

— Vou pensar sobre. Obrigado. — Edmundo levanta e abre os braços.

— Posso dar um abraço em você? — Levanto, um tanto atrapalhado.

— Pode...

Edmundo toma partido e puxa meu ombro para um abraço com tapas amistosos, íntimo demais e confesso, bastante reconfortante. Percorro os olhos pelo vidro e vejo Joana, parada do outro lado do salão, atenta a nosso momento.

Ela sorri fracamente, faz joia com a mão e eu finalmente sorrio, parte do peso que carreguei por toda a vida parece ter saído, é bom encontrar aceitação onde menos se espera.



Capítulo 32

“Só espero ser o suficiente para ele.”

Joana

Quinze dias se passaram desde o churrasco ofertado por Babi e Lúcio, a correria do dia entre escola e trabalho, mal sobrou tempo para qualquer outra coisa. Principalmente por ainda não ter contratado alguém para o lugar de Diego no bar.

Apesar de toda a agitação da rotina, encontrei tempo para ficar mais próxima das mulheres que conheci melhor. Babi e Cecília me chamaram duas vezes para um café da manhã tardio, nos quais conversamos sobre algo que nos empolga, administração.

Descobri verdadeira paixão em lidar com papéis, organização, contas, cálculos e gestão, assim como Babi, que já é formada e exerce a função comandando a fazenda, e Ceci, que está aprendendo mais desse mundo.

Eles também apareceram no bar duas vezes, os casais e Maldonado, que não perdeu a oportunidade de se gabar por ser o único solteiro da turma, enquanto os homens se vangloriavam das namoradas e esposas.

Até mesmo o xerife, que normalmente é um homem calado ou de poucas palavras, fez algumas piadas e arriscou alguns passos errôneos de dança com Tetê.

Em nossas folgas, nos encontramos à noite, uma vez na fazenda de Edmundo, aliás do pai dele, e outra na casa do xerife.

Ou seja, praticamente nos tornamos unha e carne, uns com os outros, um grupo eclético, com pessoas que se identificam de várias formas, criamos aos poucos laços de amizade sincera.

Até porque, quando envolve Babi, Tetê e Maldonado, sinceridade é quase o mesmo que grosseria. Aqueles três não têm filtro algum quando querem expressar algum ponto.

Sobre a irmandade, ainda não confirmada, de Edmundo e Tadeu, o vereador marcou um jantar com o pai na próxima folga do bar para discutir o assunto, Cícero ainda não sabe, Tadeu preferiu revelar pessoalmente, ao lado

da mãe.

O que é motivo para todos estarmos nervosos, por ele e por mim também, já que a senhora chega hoje e serei apresentada como namorada de Tadeu. A primeira.

— Ainda não acredito que nem na adolescência você namorou — comento, enquanto empilho alguns pratos na cozinha.

Aproveitei que dormi aqui e estou adiantando uma limpeza no meu setor, assim fico livre mais cedo, no fim da noite. Se o movimento do bar for fraco, mal terei o que fazer.

— Acredite. Tive namoricos quando jovem, mas nada realmente a sério e nem durou tempo o suficiente para que fosse descoberto.

— Você se aproveitava das garotas inocentes, certeza. — Sinto suas mãos enredarem meu quadril e girar meu corpo para ficar de frente para si.

— Muito pelo contrário. Eu quem era atacado.

— Tadinho de você. — Escorrego as mãos a caminho da nuca, pronta para beijá-lo.

— Um garoto preto, inocente e completamente despreparado. Levei anos para aprender um par de coisas.

— Um par? Que interessante. *Tu* bem que podia me ensinar isso. — Sua boca já está próxima da minha e eu resvalo os lábios nos seus.

— Com prazer. — Tadeu alça meu corpo para cima da mesa metálica.

Ao mesmo tempo, ataca meu pescoço e eu solto uma gargalhada surpresa, tento fugir do seu agarre, mas seus braços fortes se apertam em torno de mim, criando uma jaula potente e convidativa.

— *Huhr...Huhr* — Tadeu e eu nos afastamos, assustados, quando giro a cabeça para a porta vejo dona Dulce parada ali, com ambas as sobrancelhas arqueadas. — Se isso for algum tipo de assédio, saiba que tem meu apoio, Joana.

— Mãe! — Tadeu ignora o comentário dela e corre até a mulher erguendo seu corpo em um abraço esmagador.

Desempoleiro da mesa com agilidade, ajeito os cabelos para trás, mesmo que estejam presos em um rabo para o alto, passo a palma das mãos pelo short, que encaro pensando ser curto demais para a ocasião.

Jurava que ela chegaria bem mais tarde, até pensava em preparar algo para comer, não sei bem como agir nessa situação, afinal, eu sou a namorada, ela é a mãe.

Sua liberdade aqui é muito maior que a minha, mesmo com a distância que os separa, tinha a intenção de ser tão hospitaleira quanto ela foi comigo.

— Joana, querida. — Ela abre o sorriso e os braços.

Não perco tempo em cumprimentar de forma calorosa essa mulher, além de ser mãe de Tadeu, é alguém que admiro mesmo sem conhecer tanto. A força e garra de seguir a vida sozinha, lidando com o julgo alheio e construindo uma base sólida é, no mínimo, louvável.

— Como a senhora está?

— Cansada daquele ônibus, mas feliz de chegar.

— Deveria ter avisado para te pegar na rodoviária.

— E perder a cara surpresa de vocês quando me viram? — Sinto meu rosto esquentar em instantâneo.

— A senhora não muda, mesmo. Venha, vou te mostrar o andar de cima e depois o bar. — Tadeu passa a mão sobre o ombro da mãe. — Jô, quer vir?

— Não, fique com a sua mãe, vou terminar de arrumar aqui e preparar algo para comer.

Deixo que os dois sigam seu caminho, eles precisam ter um momento a sós, conversar e acertar como as coisas serão amanhã. Acho que, no fim das contas, estou tão, ou mais, ansiosa que Tadeu.

Ele age como se fosse uma reunião de negócios, onde será discutido o rumo de coisas corriqueiras. Nem parece que estará diante, pela primeira vez, do pai que procurou por toda a vida.

Eles demoram um pouco para voltar, consigo nesse meio tempo

terminar a limpeza da cozinha e já coloquei o macarrão na água. Não sou uma grande cozinheira, mas sei me virar bem em algumas coisas, uma delas é macarronada.

Tiro alguns frangos já empanados e prontos para fritar do freezer, é algo simples, mas saboroso, e mata a fome até a noite chegar.

Tadeu volta para a cozinha sozinho, sua mãe está no banho e logo vai descer para nos acompanhar. Ele toma à frente do molho enquanto eu vigio o frango fritando, é uma cena tão natural que por um minuto me pergunto se será sempre assim.

Saí de casa em busca de liberdade, jurava que não namoraria alguém tão cedo e acabei me encantando pelo homem que me deu a chance do primeiro emprego.

Nós nos pegamos, diversas vezes, provocamos, brincamos e em um momento de tristeza ele se declarou, o que tornou a salvar minha vinda para Santino.

Tadeu nunca força nada, nunca se impõe, sempre me mostra opções e deixa as escolhas finais para mim. Às vezes fico brava com isso, mas no fundo entendo sua posição. Ele não quer que eu me sinta presa.

Desse jeito fica bem difícil resistir à pegada do patrão.



Dona Dulce assumiu a cozinha por hoje, como o movimento é fraco e ela aprendeu todo o cardápio enquanto comíamos em torno da mesa metálica, alegou que seria um ótimo canto para ela ficar sem se esforçar muito ou se sentir completamente inútil.

Já vi de onde Tadeu tira tanta disposição, eles simplesmente não

param, sempre pensando, maquinando, fazendo, limpando e por aí vai. Nunca estagnam.

Estou no salão, ajudo Jorge com os pedidos, o movimento não é dos melhores, mas garante certa ocupação. Caminho de volta para a bancada quando vejo a porta se abrir e um senhor de terno, muito bem-vestido e com certa arrogância no semblante, entrar.

Ele olha ao redor com desdém e quando volto os olhos para o balcão, vejo Tadeu rígido, a mandíbula apertada e o olhar tão focado no homem que parece prestes a fuzilá-lo.

— Mocinha... — Alguém cutuca meu ombro e volto a cabeça vendo o senhor próximo a mim.

— Pois, não? — Encontro a voz para responder.

— Quero uma mesa. Limpa.

— Claro. Pode me acompanhar. — Lidero a marcha até um conjunto distante o suficiente de qualquer olhar curioso.

Uso o pano que estava no bolso do avental para passar sobre a mesa e cadeira, faço até um floreiro, puro deboche, claro, só para irritar o homem. Não preciso pensar além para deduzir quem é.

Bastou conferir de perto e confirmar a versão mais velha de Tadeu. Completamente iguais, a única diferença é a cor dos olhos, que nos deste senhor são mais escuros, densos e carregam uma malícia maldosa.

— Quero uma água com gás.

— Claro.

Retorno para o balcão praticamente correndo, afoita em falar com Tadeu e saber o que se passa na cabeça dele.

— Uma água com gás.

— A ficha. — Ele simplesmente tira os olhos da mesa e se volta para mim. — Ele tem que pagar para consumir.

— Tá. Eu esqueci. Estava... aliás, estou nervosa. Me dá a água que eu cobro na mesa.

— Tudo bem. — Tadeu se afasta e pega a bebida, coloca sobre a bandeja acompanhada de um copo.

— Você não vai falar com ele? — questiono, ao recolher a bandeja do balcão.

— Não. Se ele quiser falar comigo, que venha até mim. Não sou empregado dele.

— *Tá* — respondo, sem saber o que dizer.

É óbvio que essa conversa não vai render muitas coisas positivas. Penso nos programas de televisão, voltados para encontros familiares desse tipo, tão emocionante, pessoas choram, se abraçam e lamentam o tempo perdido. Isso está muito longe da realidade de hoje.

— Aqui está, só esqueci de mencionar que precisa pagar a ficha antes de consumir. — Ele bufa com desdém e retira uma nota alta do bolso.

— Pode ficar com o troco. — Encaro a nota e o rosto dele, que não se indigna nem a me olhar.

— Não preciso de esmola, fique com a água. Uma cortesia da minha parte — solto e seus olhos chocados me encaram.

— Escute aqui...

— Escute o senhor. Pode ser o prefeito, fazendeiro, poderoso, ou qualquer outra coisa, mas não vai menosprezar a mim e a ninguém que eu conheço.

O olhar atônito do homem é a última coisa que vejo antes de marchar de volta para o balcão, sentindo toda a tensão vibrar por meu corpo. Agi no calor do momento, tomada pelo medo da sua presença aqui e o quanto isso afeta meu namorado e sua mãe.

— O que houve? — Tadeu questiona, assim que coloco a bandeja sobre o balcão.

— Nada. A água é por minha conta — aviso. — Neto, depois eu acerto, *tá*? — falo para meu amigo que observa tudo com atenção.

— Ele não merece nada vindo de você.

— Eu sei. Por isso foi tão prazeroso dar. — Pisco um olho para Tadeu e sorrio de forma provocativa.

Meu namorado balança a cabeça, a tensão ainda paira em seus olhos, assim como no corpo, mas ele sorri, mesmo que minimamente, e isso me deixa um pouco mais tranquila.

Uma hora se passa desde que o homem chegou, alguns clientes se foram, outros chegaram, mas Tadeu anuncia que o bar fechará mais cedo, acho que ele tem a intenção de confrontar o pai e não quer testemunhas por perto.

Quando o salão está vazio, vejo dona Dulce vir da cozinha, o olhar preocupado, ainda não a tinha visto desde que o prefeito chegou, preferi me manter próxima de Tadeu, bancando seu escudo humano.

— Vocês estão dispensados — Tadeu avisa para Neto e Jorge. — Jô, se quiser subir agora...

— Não. Eu prefiro ficar por aqui — aviso de imediato e ele acena em concordância.

— Mãe? — Ele se vira para a senhora que está próxima à porta que leva para a cozinha.

— Vamos acabar logo com isso, filho.

Ambos caminham juntos, lado a lado, até a mesa, o prefeito está de costas para nós, então não sabe da aproximação deles. Fico no balcão, seguro o pano que uso para limpar rente ao peito, esmagando o pobrezinho com toda a força.

O homem não tem o trabalho de levantar e eles nem sequer se cumprimentam com um aperto de mãos, Tadeu puxa uma cadeira para dona Dulce e ocupa outra ao seu lado, ambos de frente para Cícero.

Talvez eu devesse ir para a cozinha, dar privacidade a eles, mas a altura que conversam e a distância que nos separa, não me permite ouvir uma palavra que seja.

Prefiro me manter aqui, não acredito que o resultado desse encontro será fácil ou bom, espero poder dar apoio, caso seja necessário.

Tadeu esteve ao meu lado em um momento crucial da minha vida, seu apoio foi fundamental para que eu reforçasse o intuito de ficar. Quero ser capaz de fornecer a mesma fortaleza que ele foi quando precisei.

Só espero ser o suficiente para ele.



Capítulo 33

“Quem sabe de toda essa confusão e dor, algo de bom surja afinal.”

Tadeu

Escondo através da máscara fria em meu rosto o choque de ver pessoalmente a minha versão mais velha. Óbvio que vou exigir um exame de DNA, dependendo do rumo dessa conversa, mas qualquer um diria que não é necessário.

Entrelaço meus dedos aos da minha mãe, que apoiam na minha coxa, buscando me confortar no momento. Sinto o coração apertar, não deve ser fácil para ela encarar Cícero, depois de tantos anos, principalmente pela forma como foi tratada.

— Dulce, como vai? — ele toma a iniciativa.

— Bem, Cícero. — A voz da minha mãe é cortante e não demonstra nada do tremor que sinto em suas mãos.

— Já devem imaginar o motivo de estar aqui. Quero resolver esse inconveniente o quanto antes. Então só me digam o valor e farei a transferência. Minha única exigência é que saiam do estado por um tempo.

Solto uma risada com escárnio, uso a mão livre para passar no rosto e coçar de leve a barba rala que cresce. O homem ao menos se indigna a me olhar com mais atenção, sem qualquer demonstração de emoção, a não ser desprezo, aguarda por meu manifesto.

— Eu não vou nem comentar a asneira que acabou de dizer, não vale a pena. Edmundo me avisou que *tu* viria com algum discurso baixo e prático. Palavras duras para ferir nossa integridade, só para preservar a vergonha dos seus erros.

— Edmundo se tornou uma cobra peçonhenta que criei. Ele é um ingrato. Tirei *ele* do lixo e lhe dei do bom e do melhor, para se tornar um traidor. — Ele torce os lábios, desgostoso.

— É um milagre que ele tenha caráter, vivendo perto de um ser humano como você.

— Veja como fala comigo, rapaz, ou...

— Ou o quê? Vai me repreender como um pai? — Bufo com gracejo. — Por favor, se dependesse de você eu não estaria nem vivo.

— Na época, eu já era noivo, não poderia passar por um escândalo desses.

— Você nunca mencionou isso quando namoramos.

— Não seja tola, Dulce, você sabia tão bem quanto eu que aquilo era só uma distração. Nunca assumiria compromisso.

— Aconselho a abrandar o tom e tratar minha mãe com respeito.

— Ou o quê?

— Ou vai encontrar a dose disso no meu punho.

— Filho... — Minha mãe aperta minha mão.

— Criou um marginal. Que ótimo.

— Marginal seria se ele crescesse perto de você. A melhor coisa que fez foi me enxotar daquele lobby de hotel, Cícero. Nunca mencionei você para Tadeu, apesar de isso resultar em tantas divergências, eu não queria que ele conhecesse o traste que você é.

— E o que mudou? Dinheiro? Posso dar.

— Sabe qual a melhor parte de conhecer *tu*? — chamo sua atenção para mim. — Saber que fui muito bem-criado, que não precisei e nem preciso de *tu* para nada, que figura paterna só representa algo quando vem acompanhada de moral e dignidade, duas coisas que você não tem.

— Pouco me importa a opinião de vocês, nem de Edmundo me importa. Só quero que vocês sumam de uma vez e a mídia saia do meu pé. Gostam de falar de mim, mas colocar uma repórter sensacionalista na jogada foi um golpe baixo.

— Não colocamos ninguém — minha mãe rebate.

— O investigador que contratei passou a informação, eu só soube quando ela me procurou pessoalmente.

— E o que pretende agora? Quer alterar sua certidão de nascimento? — Ele inclina o corpo para frente.

— Não queria nem o desprazer de te ver pessoalmente, mas há coisas que não se podem mudar. Achei que a conversa poderia trazer algo, talvez abrandar os ânimos e pudéssemos conviver pacificamente, mas não. *Tu* não quer isso.

— O que eu quero não importa. Mantenho minha oferta, é só dizer quanto.

— Aguarde meus advogados. Quero reconhecimento parental, alteração na certidão, reembolso dos anos de pensão não paga, indenização por danos morais e abandono afetivo.

— O quê? — Tanto ele quanto minha mãe perguntam.

— Filho, você tem certeza disso?

— Claro, mãe. E não pense você, Cícero, que essa era minha intenção, mas *tu* acabou de me mostrar uma boa forma de lhe causar dor de cabeça, e adivinha? Eu gostei. — Deixo o melhor sorriso malicioso invadir meu semblante.

O homem bufa, levanta da cadeira em um rompante e sai batendo o pé a passos largos. Volto os olhos na direção da mulher guerreira ao meu lado, ela tem um olhar preocupado.

— Não faça essa cara, deu tudo certo. — Dou de ombros.

— Sinto muito por ter lhe dado um pai tão horrível.

— Você foi mãe e pai, sempre fui só seu e, agora, entendo isso. — Puxo-a para um abraço.

Ouç o engasgar emendado a um choro, afago seus cabelos e costas, beijo sua cabeça e a embalo, assim como fazia comigo quando era criança.

— *Tá* tudo bem? — Ouço a voz baixa de Joana próximo de nós.

— *Tá* sim, Jô. Vou levar minha mãe lá para cima, você me espera?

— Claro.



Uso uma mão para apoiar minha cabeça enquanto a outra acaricio as costas nuas de Joana, que está confortavelmente esparramada sobre mim. Estamos assim há um tempo razoável, minha mente tranquila, vazia do turbilhão que a cercava quando chegamos.

Quase fraquejei diante de Cícero, que só esteve ali para mostrar que nada e ninguém pode surpreendê-lo. Tentou impor sua autoridade, a mesma que usou anos atrás, mas se esqueceu que minha mãe não é mais uma jovem inexperiente e, tampouco eu sou um bobo.

Se não fosse a repórter enxerida, acho que nunca falaria com eles. O que seria lamentável por parte de Edmundo, que tem se mostrado uma pessoa maravilhosa e confesso que estou a um passo de chamá-lo de irmão.

Ele é a prova viva de que família não é o sangue que carregamos, mas sim a forma que somos tocados no coração. Tão pouco tempo de convívio está sendo o suficiente para me apegar nele, no meu sobrinho e até em Cecília, a cunhada.

— No que está pensando, Tadeu? — Achei que ela já tinha pegado no sono.

— Que preciso contratar alguém para o bar.

Ela levanta a cabeça, leva uma mão embaixo do queixo e apoia ali. Seus olhos curiosos examinam os meus, ela sabe bem que estou mentindo, mas ainda assim tem a delicadeza e cuidado de ponderar as palavras.

— Você sabe que pode falar qualquer coisa comigo, não é?

— Eu sei, Jô. Não se preocupe, estou bem.

— Sua mãe...

— Ela vai superar. Para ela é mais difícil lidar com isso e depois que

expliquei meus motivos para dar andamento com o processo, ela compreendeu.

— Acha isso uma boa ideia?

— *Tá* brincando? Claro! Se ele não pode se redimir emocionalmente, então vai pagar, com juro e correção.

— Você sente raiva?

Abro a boca para responder, mas não consigo formular com a mesma rapidez que pretendia. Se for analisar a fundo, sinto raiva dele por ter magoado a minha mãe e não pela falta que ele possa ter feito na minha vida.

— Acho que pela minha mãe. Para mim não foi fácil e a curiosidade de saber minha origem sempre foi o que me motivou.

— Você acha que se soubesse quem ele é, teria viajado tanto assim?

— Talvez, como vou saber? A vida é o que é, Jô. Não posso ficar pensando nas possibilidades do passado. Tenho que pensar nas oportunidades e escolhas de agora.

— Acho incrível a forma que você lida com tudo. É tão maduro. — Ela franze o nariz, parece envergonhada.

— Sou dez anos mais velho que você, Joana, já passei pela fase da turbulência juvenil, da euforia da juventude, hoje só quero encaixar meu coração naquilo que me faz feliz.

— E esse lugar é Santino?

Giro nossos corpos de repente, Joana grita e ri, ainda surpresa, acaricio seu rosto, gravando pela milésima vez sua imagem na minha cabeça. Ainda não consegui escolher quais dos momentos Joana soa mais encantadora.

Dormindo, nos meus braços, gozando, rindo, nervosa, todas acabam sendo as preferidas e, sinceramente, estou disposto a passar um longo tempo tentando descobrir esse mistério.

— Eu não disse que era um lugar, dona encrenca.

— É... *tu* não disse. — Seu riso morre nos lábios e eu a beijo.

Fervor toma conta do nosso corpo, meu coração bate descompassado, pronto para dizer e declarar todo o amor que sinto por ela.

O descobrimento mais fugaz que já me aconteceu, desdenhei dos Queiroz, que caíram um a um, em tão pouco tempo pelas minhas primas, na época não era compreensível, agora é.

Não consigo nem me sentir tolo, parece tão certo e perfeito, como se o destino tivesse orquestrado nosso encontro, a fez entrar no pulgueiro para plantar a semente em meus olhos, perturbar os sentidos e aceitar de imediato sua contratação quando nos reencontramos.

Apesar de ter certeza de que meu sentimento é amor, puro e genuíno, ainda não quero lhe dizer. Joana é um pássaro livre, recém-desperto para a vida e não quero que ela se sinta limitada ou forçada a dizer algo que ainda não sente.

Somos bons juntos e permaneceremos assim pelo tempo que eu puder manter. Ela me instiga a ofertar o melhor de mim, a querer lhe mostrar tudo que já vi e, ainda mais, o que não conheço.

Nós nos perdemos nos braços um do outro, como acontece todas as vezes, tocar seu corpo, beijar sua boca, um leve olhar, é suficiente para acender essa chama que me consome e queima quando se trata dela.

Quando acordo na manhã seguinte, tenho cuidado de não a despertar, ainda é cedo, confiro se seu celular está no carregador, arrumo uma roupa para ela usar e deixo um chá pronto na garrafa térmica com um bilhete de aviso sobre a mesa.

Saio com cuidado, coloco o alarme no meu celular, caso ela não me ligue antes dele, vou telefonar ou retornar para acordá-la. Fecho o portão, estico as mãos acima da cabeça, alongando o tronco e bocejo.

— Dia, seu Tadeu.

— Jesus, que susto! — Levo a mão ao peito, encarando o guarda ao meu lado. — Bom dia, guarda.

— Saindo de mansinho tão cedo. Aconteceu alguma coisa? — Franzo o cenho, sem entender direito a pergunta.

— Nada aconteceu, guarda. Fique tranquilo.

— Espero que *tu* seja um *bão* homem *pra* Joana. Ela é uma moça valiosa, tem vários pretendentes. — O homem tenta soar sério, até ajeita o cinto da farda e engancha os polegares no passador.

— Pretendentes? Não me surpreende, ela é incrível.

— Inclusive, eu. E sabe como é, *né*? Sou um guarda de honra. Tenho medalha e tudo.

— Eu sei, estava presente na sua premiação, guarda. — Bato a palma da mão no seu ombro de forma amistosa, mas talvez tenha usado mais força que o normal, já que o homem arqueia com o cumprimento. — Farei o possível para ser um namorado digno. Agradeço o conselho.

— Disponha. — Ele toca a aba do quepe e eu tomo meu rumo.

Às vezes, eu penso que esse guarda tem um parafuso a menos, até o xerife ele já ameaçou por conta da Tetê. Ou ele pode simplesmente ser uma pessoa desprovida de qualquer senso.

Mando uma mensagem para Edmundo, que responde prontamente e diz que vai me encontrar no bar. Preciso conversar com ele e explicar meus motivos para mover a ação.

Ontem fiz uma escolha, talvez no calor do momento, mas ainda assim não me arrependo. Acompanhar a humilhação de Cícero vai acalmar meu ego e trará um certo prazer justiceiro.

Quase duas horas se passam de conversa, Edmundo ficou indignado do pai me procurar no bar, disse que não sabia da sua chegada antecipada, pois ele avisou que estaria em Santino somente hoje à tarde.

Expliquei meus motivos, apresentei minha mãe, que logo o estava chamando de filho e oferecendo café. Ela parece bem melhor hoje do que na noite anterior, resolvi dar um tempo para nós, por isso passei a noite na casa de Joana.

Edmundo fez questão de marcar uma reunião com o advogado dele, disse que é o melhor da capital e vai resolver tudo isso no menor tempo possível, até porque, Cícero não terá para onde fugir.

Terminamos a conversa com um convite para almoçar na fazenda, acompanhados de Ceci e meu sobrinho. Minha mãe reluta, mas Edmundo garante que o pai já voltou para a capital e teremos um tempo bom e de qualidade juntos.

O sorriso genuíno de volta ao rosto da dona Dulce me alegra. Quem sabe de toda essa confusão e dor, algo de bom surja, afinal.



Capítulo 34

“A pegada do patrão é algo impressionante...”

Joana

Desligo o computador e esfrego os olhos com força, preciso urgente visitar um oftalmologista e verificar como anda minha visão. Tadeu insiste em dizer que é cansaço da rotina intensa que assumi.

Ainda faço o curso de Administração à tarde, aceitei o compromisso de visitar o escritório de Babi duas vezes por semana, para um tipo de estágio, assim adquire experiência, e ainda tem o bar.

Tenho me desligado cada vez mais das funções na cozinha, apesar de vez ou outra ainda dar uma espiada e ajudar da forma que puder. Dona Rosana é um amor de pessoa e foi contratada há pouco mais de três meses.

Quando comecei a palpitar sobre algumas melhorias administrativas, corte de gastos e possíveis expansões dos serviços do bar, Tadeu confiou na ideia e investiu, ainda mais agora que tem dinheiro para tal.

Finalmente o processo de paternidade terminou, dona Dulce e ele foram indenizados com uma quantia bem gorda de dinheiro, Cícero só os viu no tribunal e nunca mais tiveram contato.

Edmundo é o único que se mantém próximo, os dois já aderiram até a uma rotina familiar. Sempre se falando, compartilham questões comerciais e de cunho pessoal. Se tratam como verdadeiros irmãos.

O bar ganhou mais um integrante para a equipe, Zino, um rapazote animado, que brinca e atende as mesas levando gracejo por todo o salão.

Os lucros aumentaram e isso permitiu que Tadeu tomasse a ideia de abrir para os almoços, tendo que aumentar a equipe, é claro, mas a rentabilidade vale a pena.

— Já terminou? — Tadeu abre a porta do escritório.

— Quase. Só preciso embalar a papelada do fechamento para o contador.

— Isso pode esperar até amanhã, Jô. Vem, vamos subir. — Encaro seu olhar sugestivo.

— Você não deveria estar cuidando do bar?

— E você já deveria ter tomado banho e estar deitada.

— Eu dou conta. — Estalo a língua com descaso.

Tadeu contorna a mesa, o espaço é apertado o suficiente para que ele se esprema e estique um braço, com a palma virada para cima, em minha direção. Ergo as sobrancelhas e aceito o toque, sendo puxada de encontro ao seu peito.

— Eu sei que você dá conta, dona encrenca. — Sorrio para o apelido que ganhei há algum tempo. — Mas não quero que se sobrecarregue. Sobre o salão, o Neto cuida de tudo.

— Ele merece um aumento por tanta responsabilidade que tem assumido, desde que você decidiu que precisávamos de mais tempo para viajar.

— Já mereceu quando finalmente arrumou um bom encanador para consertar o banheiro. — Ele beija a ponta do meu nariz e sorrio.

Há dois meses, Tadeu declarou que precisávamos viver mais aventuras, que eu não estava me divertindo o suficiente e que ele já estava de saco cheio só de trabalhar.

Virou uma rotina, pelo menos dois finais de semana por mês, Tadeu e eu preparamos uma mochila com roupas leves, montamos na máquina da morte, não consegui perder o costume do apelido, e nos aventuramos nas estradas.

Já acampamos na praia, fizemos trilha, visitamos cidades turísticas, batemos perna em metrópoles cheias de gente e civilização, fomos para Palomino visitar sua mãe e alugamos chalés no meio do nada só para nos curtirmos, sem interrupção.

Quando não temos nada planejado, nos encontramos com a turma, os casais, seus filhos, tia Dolores e Maldonado, o solteiro convicto. Sempre com música, jogos, muita comida e falando besteiras.

Eles são divertidos e acolhedores, o que torna a rotina, por mais pesada que seja, um pouco mais animada. Viajar e conhecer o mundo é

ótimo, são tantas experiências que mal consigo processar tudo, mas ter para onde voltar, sentir o carinho de pessoas amadas, não tem preço.

— E eu já dei.

— Não vi nenhuma alteração na folha de pagamento. — Franzo o cenho, intrigada.

— É por fora. — Ele dá de ombros e avança beijando meu pescoço.

— Você sabe que isso é errado, Tadeu. — Fecho os olhos quando sua língua circula preguiçosa em minha pele.

— Sim, eu sei. — Ele gira nossos corpos e apoia minha bunda na beirada da mesa.

Sua boca escorrega para cima, trilhando um caminho delicioso e entorpecente rumo aos meus lábios, onde ele pinça com os seus e suga.

— Assim como o que está fazendo aqui... — solto, no intervalo de um beijo molhado.

— Qual a graça de namorar minha funcionária e não a foder na mesa de trabalho?

“Ah... esse homem não joga limpo. Nunca.”

Abro ainda mais as pernas e ele cava sua dureza em mim, ofego e puxo seu tronco de encontro ao meu, meu canal pulsa, desesperado por atenção.

— Ainda bem que eu tenho o privilégio de conhecer o patrão bem a fundo. — Solto o botão que prende a parte de cima do meu vestido frente-única.

As tiras escorregam e Tadeu afasta, admirando meus seios pequenos. Suas mãos de ébano emolduram ambos ao beliscar os bicos e arrancam um gemido alto de mim.

— E hoje vai sentir o quão fundo posso ir, Joana. — A voz afetada de Tadeu me torna ainda mais sedenta.

Suas mãos escorregam pelas minhas coxas, subindo o tecido leve do vestido, até que minha calcinha é exposta e puxada de lado. Inclino para trás

e apoio as mãos na mesa, pronta para o que está por vir.



Quando reconheci o caminho feito até aqui, protestei com Tadeu, sentindo meu coração se apertar a cada quilômetro mais próximo, mas ele só pediu que eu confiasse nele, então foi o que fiz.

Absolutamente nada mudou desde que parti, a mesma cerca, o balanço velho na árvore, a casa precisando de uma pintura urgente, o celeiro, o curral, o galinheiro, nada diferente do que foi por toda a vida.

Tadeu entrelaça os dedos nos meus, quando descemos da máquina da morte, próximo à entrada. A senhora de cabelos avermelhados sai pela porta, limpando a mão em um pano e sorri ao me ver.

Esqueço o medo que sentia, finjo que não existe um longo tempo que não os vejo, e corro para os braços da minha mãe, que me recebe com carinho, afaga meus cabelos e chora junto comigo.

Apesar de estar exatamente onde quero, buscando, aprendendo, aproveitando e sendo eu mesma, com defeitos e qualidades, uma parte de mim estava triste.

O conceito retrógrado do meu pai nos afastou, mas isso não quer dizer que eu o ame menos. Sinto falta da sua benção, do seu olhar duro quando brinco com algo, mas no fim acaba rindo e comentando como sou parecida com a tia Dolores.

Senti falta da minha mãe, me ensinando alguma coisa na cozinha ou de costura, comentando sobre o tempo e o quanto é cansativo cuidar da casa. São coisas banais, é verdade, mas só percebi a preciosidade do normal, no momento que fui privada dele.

— Senti sua falta.

— Eu também senti a sua, minha filha.

Nós nos falamos muito esporadicamente ao telefone, minha mãe não tem celular, então tive o cuidado de ligar em momentos que sabia que meu pai não estava próximo.

Nunca falamos sobre uma aproximação, talvez eu tivesse medo de receber uma negativa, ou só queria mais tempo para que tudo se ajustasse.

— Venha, vamos entrar. Fiz aquele bolo de fubá que você adora.

— Que delícia, mãe.

— Boa tarde, dona Vilma. — Tadeu se aproxima e eu me afasto dando espaço para que ele a cumprimente.

— Tarde, Tadeu. Vamos entrar.

Ela nos leva até a cozinha, espaçosa, com uma mesa grande e já preparada para um belo café da tarde. Ocupamos nossos lugares e começo a tagarelar sobre o curso, meu trabalho e as viagens que tenho feito.

Minha mãe escuta tudo deslumbrada, até sonhadora, saco o celular e mostro as fotos que tiramos em cada lugar, contando as histórias, minhas vergonhas e as aventuras que vivemos.

— Diacho. — Sinto um bolo se formar na minha garganta ao olhar para a entrada da cozinha.

Seu Bento, que parece bem mais velho da última vez que o vi, está ali. Estacado, surpreso e com um olhar que não entrega muita coisa. Engulo com dificuldade, pronta para partir assim que ele me escorraçar da sua casa.

— Pai... — solto baixo.

Ele parece despertar do seu momento e caminha até mim com rapidez, me ergue da cadeira e esmaga meu rosto contra seu peito. Sinto meus olhos verterem lágrimas enquanto o soluço escapa incontrollável.

— Fia... eu... — Sua voz está embargada.

— Vai matar a menina sufocada, Bento — minha mãe ralha, com humor no tom.

Nós nos afastamos e eu limpo algumas lágrimas que ainda insistem em cair, desgarradas. Ele mira meus olhos e abre um sorriso discreto, então se volta para Tadeu e eu prendo a respiração por um momento.

— Tarde, rapaz.

— Boa tarde, seu Bento.

— Seja bem-vindo à minha casa e espero que *tu* faça mesmo a costela que prometeu.

— A melhor que o senhor vai provar.

— Essa eu quero ver.

Franzo o cenho, curiosa com a atenção e intimidade entre os dois, então minha ficha cai. Tadeu entrou em contato com eles antes de me trazer até aqui.

Sabia que eu iria postergar o momento, que machucaria demais receber uma negativa, então tomou a frente e resolveu as coisas do seu jeito. Conversando, sendo receptivo e conquistando os dois com sua simpatia.

— Você é terrível — sussurro para ele, assim que tomo meu lugar à mesa.

Meu pai senta na cabeceira, como sempre faz, sentindo-se o rei de todo aquele lugar. Encaro minha mãe que parece tão feliz, como há muito eu não via.

— Só fiz um telefonema, Jô. — Tadeu pisca um olho e eu sorrio.

Encaixo meus dedos nos seus sobre a mesa, sibilo um “obrigada” e ele acena em concordância.

No fim da tarde, depois de conversar bastante e contar para meu pai o quanto tenho prosperado no curso e no trabalho, levo Tadeu para conhecer os arredores do sítio.

Escalamos a árvore que durante anos foi meu refúgio sonhador, ele encosta o corpo no tronco principal e eu apoio minhas costas nele, ambos olhamos adiante. As terras perdendo de vista.

— Apesar de sonhar por muito tempo com tudo que estou vivendo,

não esperava que fosse se tornar real.

— *Tu* só precisava dar o primeiro passo.

— E conhecer *tu*.

— Não tenho mérito algum nisso, Jô. A coragem foi sua, o esforço é seu, eu só me delicio em acompanhar suas descobertas.

— Eu amo essa modéstia sua. — Inclino a cabeça para cima e encaro seus olhos. — Amo tudo em você.

Por um momento, Tadeu fecha os olhos, parece contemplar algo e quando mira em mim de novo, vejo a ternura e todo o amor que sinto refletido ali.

— Esperei tempo demais para ouvir isso.

— Você queria que eu dissesse primeiro? — Solto um riso seco, entrecortado. — Não acredito!

— Quero todas as primeiras vezes que puder ter, Jô. Se isso significa passar o resto da vida à espera, sou o homem mais feliz em aguardar.

Sua boca se une à minha, um beijo calmo, apaixonado e cheio de ternura, que tranquiliza todo o alvoroço do meu peito e faz eu entender o quão valioso é ter alguém como ele ao meu lado.

O destino não brincou em serviço, de uma escapada covarde conheci os olhos tempestuosos que me fizeram sonhar, quando o reencontrei sabia que algo importante aconteceria, que ele seria a oportunidade de me aventurar, mas nunca imaginei que nossos caminhos se entrelaçariam de forma tão permanente.

A pegada do patrão é algo impressionante, perito, envolvente e enlouquecedora, fez meu mundo girar e as descobertas me instigarem a sempre querer mais.

Porém o amor dele, esse foi o melhor tesouro, a mais grata aventura e o presente, que não pedi a Deus, mas me sinto abençoada em ter.



Epílogo

“Somos o encaixe perfeito em todos os sentidos...”

Tadeu

Tranco a porta do pub e peço para a funcionária baixar as luzes por completo, assim Joana não desconfia que já tem alguém aqui. Paro próximo à mesa que tem um bolo de três andares, da doceria que deixou minha namorada viciada em pouco tempo.

Se tudo caminhar como prevejo, hoje comemoramos sua formatura na faculdade de Administração e nosso noivado. Estou tão nervoso que sinto minhas palmas suarem e a ansiedade me domina.

Nunca fui um homem de sentir medo, mas confesso que tomar a decisão de pedir Joana em casamento, me fez viver em uma corda bamba de certeza e completo desconhecimento.

Por quase cinco anos, vivemos os melhores momentos de nossas vidas. Trabalhamos juntos, crescemos profissionalmente, viajamos diversas vezes, continuamos buscando nossas aventuras, mas nada foi mais importante do que agora.

Convidei todos os nossos amigos, familiares e pessoas próximas para estarem aqui. Meu irmão, Edmundo, fretou um ônibus para que os funcionários e amigos em Santino viessem.

Minhas primas, acompanhadas dos filhos e marido, os pais de Joana e, claro, minha mãe. Todos estão escondidos e acoitados dentro do pub que inauguramos há três anos, depois de estarmos estabelecidos na capital.

Recebi uma ligação de um conhecido sobre um ponto na capital, um antigo pub que estava endividado e ele se lembrou de mim. Nos conhecemos em uma das cidades que trabalhei e compartilhei o desejo de ter meu próprio bar.

Depois de algumas reuniões com o antigo dono, assumi o estabelecimento. Na mesma época incentivei Joana a prestar vestibular, sabia do seu desejo em aprofundar os estudos, combinamos de dividir as despesas de moradia.

Ela conseguiu uma bolsa de desconto, com o salário pagava a

diferença do curso, e, apesar de eu insistir que arcaria com o custo de vida na capital, ela não aceitou.

Sei que não se tratava de orgulho, mas sim de sua independência. Joana precisava sentir que realizou algo, com o mínimo de ajuda possível, provar sua capacidade de não depender, então fiz o possível para que se sentisse bem.

Aceitei dividir tudo e passamos a morar juntos em um apartamento que fica na metade do caminho entre a faculdade e o bar.

Ouçõ a fechadura destrancar, algumas risadinhas são percebidas, prendo a respiração, até que as luzes são acesas e todos pulam e gritam, soltando lança confetes e a parabenizando.

— O quê... — Ela leva a mão ao peito, surpresa. — Como assim? Mãe? Pai? Dona Dulce? — Joana corre até eles.

Pareço um bobo, admirando seu sorriso aberto, o brilho dos olhos felizes, meu coração agora bate descompassado, mas não mais por medo e, sim, felicidade. Pura e genuína, pertencimento de vida, confirmar que estou exatamente onde sempre busquei estar, só não tinha conhecimento.

— Vai lá, Romeu... — Olho para o lado e vejo minha prima Paula afagar meu braço.

Com um aceno de cabeça, caminho, determinado, Joana está de costas, cumprimentando as pessoas, que quando percebem minha aproximação se afastam.

Ela gira no lugar, seus olhos captam os meus com divertimento enquanto ela ajeita a franja comprida atrás da orelha. Acaricio seu rosto com o dorso dos dedos, ela apoia sua palma no meu contato.

— Oi, dona encrenca. — Certa timidez toma conta dela.

— Oi, patrão.

— Hoje é um dia de comemoração, Joana, *tu* concluiu mais uma etapa da sua vida e me sinto honrado de acompanhar e fazer parte disso.

— Obrigada.

— Por muitos anos, eu vaguei, perdido e sem rumo, sem

compreender alguns sentimentos fugazes e entorpecentes, porque para mim a vida era prática demais. Então você entrou naquele pulgueiro...

— Meus pais estão aqui... — ela solta baixinho, chicoteando os olhos na direção deles.

— Tudo bem, não vou contar que você fugiu de casa e pediu uma cerveja em um bar de caráter extremamente duvidoso. — Ela acerta um tapa no meu ombro.

— Uai. Que história é essa? — Ouço meu sogro falar e ambos rimos.

— Quando te reencontrei em Santino, de alguma forma soube que não era o acaso. Você faria parte da minha vida, mudaria muita coisa que estava errada e eu não sabia e me faria sentir algo que não entendia: pertencimento.

— Eu te amo... — ela solta baixinho, os olhos lacrimejados.

— Quando aceitou namorar comigo, pensei que fosse a aventura mais louca que viveria na vida. Achei que sua jovialidade em algum momento poderia ser intensa demais para um relacionamento e que chegaria ao fim. Aproveitei cada segundo, me agarrei em todas as oportunidades, vivi intensamente e a assisti se deslumbrar com todas as primeiras vezes. Foi mágico, incrível e gratificante.

“Mas eu também vi a garota se tornar uma jovem responsável e uma mulher incrível. Achei que não pudesse te amar mais, então você veio e me provou que sim, é possível. E eu amei, Jô, ainda amo e quero passar o resto da vida ao seu lado descobrindo se é possível amar mais.

Você me daria a felicidade de ser minha esposa? Aceita se casar comigo?”

Desço um joelho no chão, pego no bolso de trás uma caixinha pequena de veludo vermelha e abro, mostrando o solitário delicado e discreto que comprei pensando nela.

Joana cobre a boca, uma lágrima escorre pelo canto do olho e ela parece inerte em meio ao pedido.

Algumas pessoas cochicham, Paula assovia alto, batendo palmas,

mas a maioria fica em suspense, aguardando a resposta da minha namorada.

— Aceite logo, garota. Se fosse eu, já tinha dito sim — Tetê comenta.

— E por que *tu* não aceitou meu pedido, diaba?

— *Tu* não pediu igual a ele, xerife

— Diacho!

Apesar de ouvir e achar graça da conversa paralela dos nossos amigos, Joana e eu continuamos nos encarando e, confesso, minha coragem começa a vacilar, mesmo que de leve.

— Claro que aceito! — Joana explode em um grito e pula em cima de mim.

Ambos caímos no chão e rolo o corpo ficando parcialmente sobre ela, cubro sua boca esperta em meio à risada e entrego todo meu amor no beijo apaixonado que sela nosso compromisso.

Quando questionei Joana sobre o que a fez se apaixonar por mim, ela alegou que era pela minha “pegada”. Disse que o patrão sabia exatamente o que fazer para satisfazê-la e isso não era algo fácil de encontrar por aí.

Brincamos sobre o assunto até hoje e a única coisa que omiti dela, por todos esses anos, foi que essa pegada só acontece, porque a parceira foi moldada para ela.

Somos o encaixe perfeito em todos os sentidos, até nos defeitos, nos completamos e vivemos para cultivar esse amor.

FIM

Sobre a Autora



Agatha Santos, casada, sem filhos, umbandista na alma e no coração. É natural de Taubaté, interior de São Paulo.

Formada em Administração de Empresas, ex-gerente administrativa no ramo de varejo de combustíveis e atualmente trabalha como escritora.

Sempre gostou de leitura, mas sua paixão se enraizou com a Série Cinquenta Tons. É uma devoradora de romances eróticos e há algum tempo descobriu o encantamento pela escrita.

Suas obras trazem uma temática leve e regada de comédia, hoje conta com mais de 9 títulos publicados, todos disponíveis na Amazon.

A frase que leva para a vida: “Se você sonha, você pode fazer.”

Me siga nas redes sociais!

Instagram: [Ágatha Santos \(@agathasantosautora\)](https://www.instagram.com/agathasantosautora)

Facebook: [Ágatha Santos | Facebook](https://www.facebook.com/AgathaSantos)

Outras Obras



Na Pegada do Xerife:

<https://amzn.to/3iSqGSr>

Sinopse: Uma breve passagem por um hotel rendeu a eles um momento inesquecível, mesmo que para ele parecesse um sonho quente e molhado.

O delegado de Santino vive sua vida de forma tranquila, cuida da cidade e mora em uma casa afastada, longe o suficiente de qualquer contato mais íntimo com as pessoas.

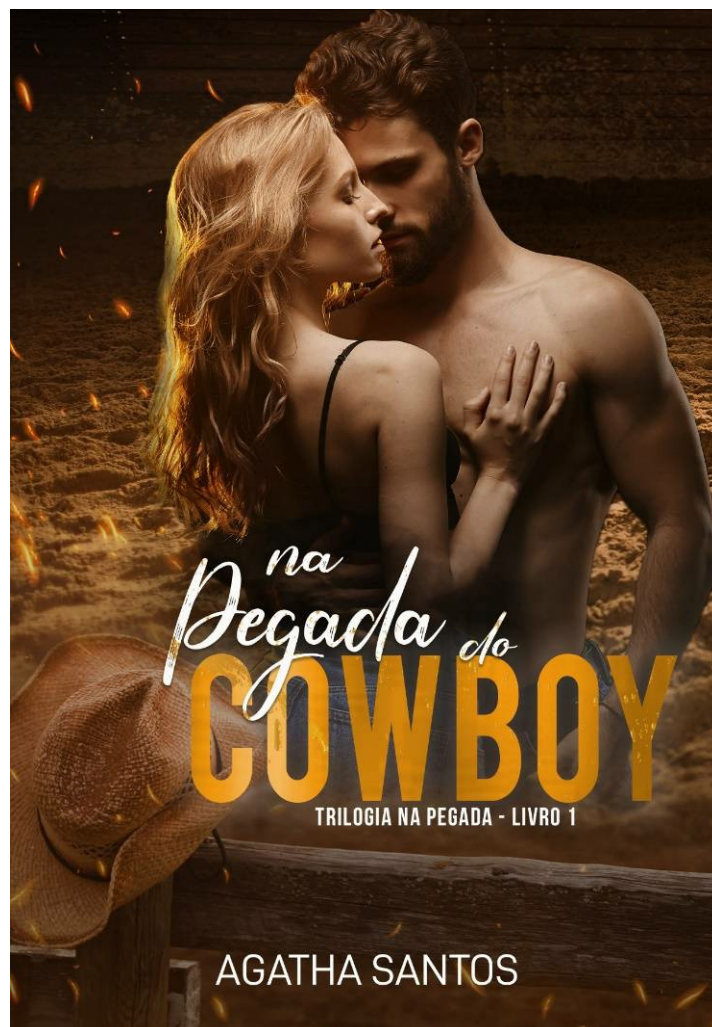
Marcado por um passado vergonhoso, o xerife, assim chamado por todos, não procura um envolvimento mais profundo do que uma noite quente ocasional.

Tetê, a mulher que espanta e contradiz todos em ações, sai de Palomino às pressas e desembarca em Santino, envolvida em confusões.

Dona de atitudes tempestuosas, sem trava na língua e um pudor nada convencional, ela enfrentará vários embates para se encaixar na cidade e, principalmente, na cama do delegado.

Eles não querem compromisso, fogem de um relacionamento, mas não resistem ao fogo que os cerca quando estão próximos.

O apelido de diaba tem um motivo e você vai querer ser uma até o final desta história.



Na Pegada do Cowboy:

<https://amzn.to/3iBomzZ>

Sinopse: Uma decepção amorosa levou o peão de Palomino, Lucio, para caminhos gloriosos e bem distantes da cidade natal.

Depois de cinco anos como peão de montaria profissional, dois títulos mundiais conquistados, Lucio retorna para o Brasil com a proposta de competir em um novo circuito, na cidade de Santino.

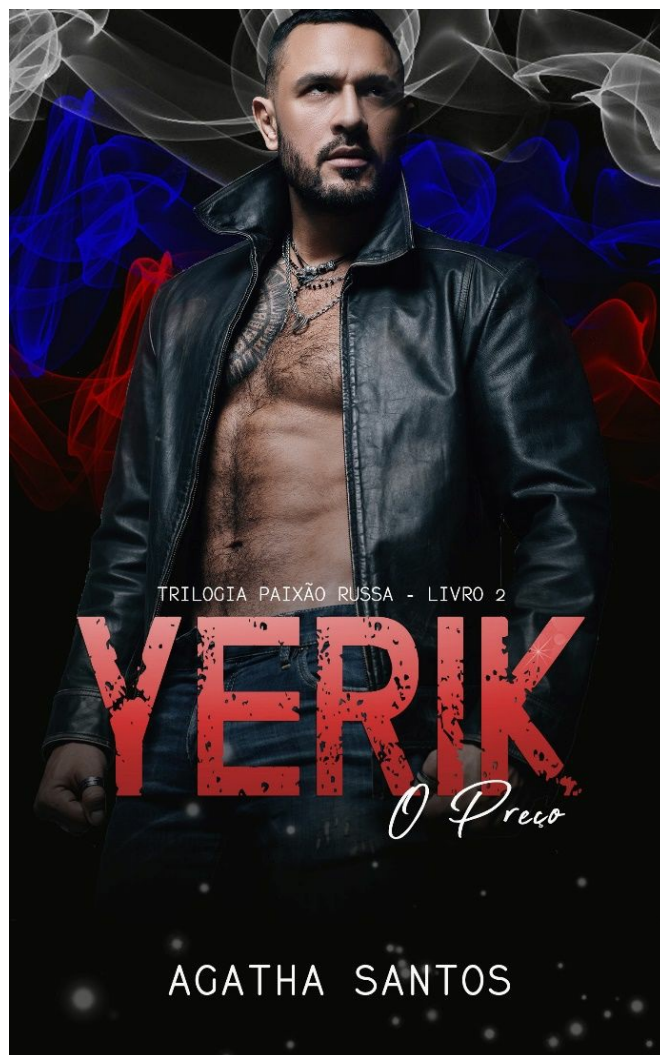
O que ele não esperava era encontrar com a mulher que lhe proporcionou uma noite quente dentro de um carro e a tempestade como testemunha.

Barbara, uma mimada, herdeira de um império do agronegócio, é forçada a retornar da capital para ajudar seu pai a promover o torneio de montaria em que é patrocinador.

Como rainha da competição e Lucio a estrela principal do evento, são obrigados a manter bom convívio perante todos, mas nos bastidores se provocam e engalfinham a cada chance.

O desejo cresce na mesma proporção que a implicância e ambos precisaram entender o que realmente sentem um pelo outro.

Será que a pegada do cowboy é capaz de domar a dona onça?



Yerik: O Preço:

<https://amzn.to/30YyRn0>

Sinopse: Como traçar planos para a vida, quando ela só lhe atribui o peso do passado? De que forma você enxerga esperança onde o preço dos seus atos custou alto demais?

Um homem marcado pelo preço das suas escolhas.

Yerik conseguiu reerguer a vida e tornar-se um empresário de sucesso em Moscou. Reinaugurou o bar que herdou do pai e o transformou no Clube Lenusya, uma boate badalada e com entretenimento adulto.

Seu passado é complicado, filho de cafetão, abandonado pela mãe, seguiu o caminho errado até perceber que isso influenciava seu irmão mais novo, Mickail.

Nunca foi adepto a relacionamentos, ultimamente sua vida é pautada em viver para o clube e se divertir vez ou outra com uma das dançarinas. Em um desses momentos tórridos, ele conhece Katrina, que caiu de paraquedas em sua vida, um engano cometido por ele desperta a ira da mulher e isso não poderia ser mais encantador a seus olhos.

Impetuosa, sensual e atrevida, Katrina contradiz tudo que uma russa dentro dos padrões deveria ser. Aos 23 anos, está no momento certo para pensar em casamento, algo muito comum na Rússia, mas inaceitável nos seus objetivos. O fato de sempre se colocar à mercê do perigo, leva Katrina direto para os braços de Yerik. Uma relação tortuosa começa da forma mais contraditória, quase irreal, mas perfeita em sua mente perturbada.

Na vida, tudo tem um preço, chame de cobrança divina, vontade do destino, mas o que tem começo, precisa de fim e, eles não faziam ideia do quanto suas escolhas os levariam de encontro ao acerto de contas.



Pai& Solteiro& Chefe& Fofó:

<https://amzn.to/2KZ7Jj6>

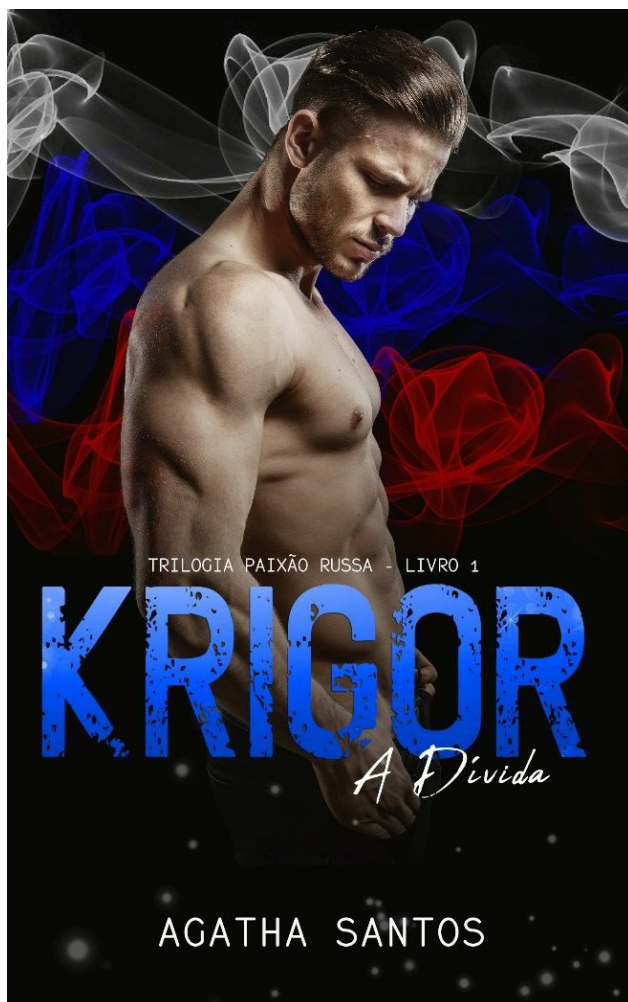
Sinopse: Túlio é um homem com valores familiares bem arraigados, que tem duas paixões em sua vida: o trabalho e seu filho, Thales.

Convencido de que sua missão é cuidar do seu pequeno garoto, Túlio divide sua rotina entre comandar a PROPAGUE, ao lado do seu amigo desde a faculdade, Álvaro, e criar seu filho da melhor forma para que ele cresça feliz e saudável.

Um envolvimento amoroso está fora de questão, isso interferiria no relacionamento com Thales e ele jamais permitiria que o pequeno fosse colocado em segundo plano.

Quando Isadora, uma publicitária linha dura e muito competente é contratada para suprir a alta demanda que a agência se comprometeu, a vida do pai zeloso se torna conturbada.

Sua rotina como pai sofre um imprevisto, a vida de solteiro está uma vergonha de tão monótona, a empresa exigindo muito dele e nesse turbilhão, ele só consegue pensar em como conquistar a morena que lhe encantou.



TRILOGIA PAIXÃO RUSSA - LIVRO 1

KRIGOR

A Dívida

AGATHA SANTOS

Krigor: A Dívida

<https://amzn.to/39M5tEh>

Sinopse: Como traçar planos para a vida, quando ela só lhe atribui obrigações? De que forma você enxerga esperança onde o preço dos seus atos custou alto demais?

Krigor nunca se apegou a ninguém. Impetuoso e destemido, cumpria o carma de lidar com as consequências de suas ações imprudentes no passado, no entanto, o olhar desafiador de Sacha tirou seu sossego.

Há alguns anos, Sacha aceitou seu destino de viver para trabalhar, uma rotina cansativa, monótona e entediante, mas necessária, para ajudar sua família que dependia exclusivamente de seu ganho.

A vida lhe impôs essa condição e resignada, simplesmente aceitou, até ventos perturbadores soprarem a presença de um lutador inconveniente para agitar sua rotina.

O temperamento parecido fez ambos se desafiarem desde o começo e, uma ação imprudente, coloca em risco a garota por quem Krigor se encantou e ambos tem o destino completamente mudado.

No mar de acontecimentos, ele tentando protegê-la e ela querendo desvendar todo seu mistério, chegarão a um pesado dilema: algumas dívidas são pagas em valores que dinheiro algum pode comprar, no entanto, é bom estar ciente do quanto está disposto a perder.



Se Entregando ao Amor + Uma Quadrilha em Vegas (Box e Conto):

<https://amzn.to/2xKML12>

EXPLOSIVA & ARROGANTE – LIVRO 1

Vega Velasquez, uma mulher linda, forte, inteligente e decidida, que sempre soube o que quis da vida, que é tornar-se a CEO na empresa do seu pai.

Antônio Machado, CEO, lindo, sexy, gostoso e muito arrogante. Ele sempre gostou de ter controle de suas emoções e não se deixava levar por uma vida de aventuras.

O encontro deles não começou bem.

Podem duas pessoas com personalidades tão fortes, se permitirem viver um grande amor?

OBSTINADO & ATREVIDA – LIVRO 2

No auge dos seus vinte e oito anos, Aldria Garcia jamais imaginou viver as confusões que a cercam. Dona de uma boca muito atrevida, uma personalidade marcante e um corpo avantajado, ela se vê confusa e atrapalhada, quando o grande amor de sua vida resolve que a quer de volta.

Um homem obstinado e de opinião determinante, Júlio Gouvêa, após sete anos longe da mulher de seus sonhos, resolve que é o momento de resgatar o amor perdido.

Entre confusões e mal-entendidos, eles constroem sua história à base de muitas risadas, algumas incertezas e uma boa dose de erotismo.

PETULANTE & INSENSÍVEL – LIVRO 3

Caio Alencar Barreto, ex-Oficial da Marinha Brasileira, um homem de caráter e opinião concisa.

Dono de uma firma de segurança e braço direito de Antonio Machado, ele leva sua vida de forma direta, sozinha e sem perspectivas para ter um relacionamento.

Amanda é apaixonada por dança e nutre um grande amor por Caio, desde adolescente.

Ela sempre fez questão de provocá-lo com sua boca petulante e seu jeito menina-mulher, mas não imaginava que seu grande amor poderia se revelar totalmente avesso aos seus sentimentos.

Quando o desejo grita em ambos, os conflitos começam.

DOCE & LIBERTINO – LIVRO 4

Um homem convicto de sua vida desregrada, Olavo Gouvêa tem tudo que almeja aos seus pés. Mulheres, dinheiro, poder e a promessa de assumir a cadeira do império dos Gouvêa.

Tudo cai por terra quando sua família o pressiona para mudar seus hábitos nada discretos.

Sua única saída é convencer a pessoa que ele mais magoou, devido a sua vida promiscua, a ajudá-lo com a pressão familiar.

Lola, a menina do interior que conseguiu a duras penas conquistar seu espaço no mercado de trabalho, se encontra linda, forte e determinada em perseverar na vida. Só há um porém: ela não consegue esquecer seu amor descabido por Olavo.

Em um pedido nada convencional ela vê a oportunidade de mostrar ao cafajeste do ex o que ele perdeu. Mas ela será capaz de fazer isso sem envolver seus sentimentos e coração?

Com muitas confusões, negações e doses cavalares de humor, venha conferir o último livro da série Se Entregando ao Amor.

BÔNUS - UMA QUADRILHA EM VEGAS

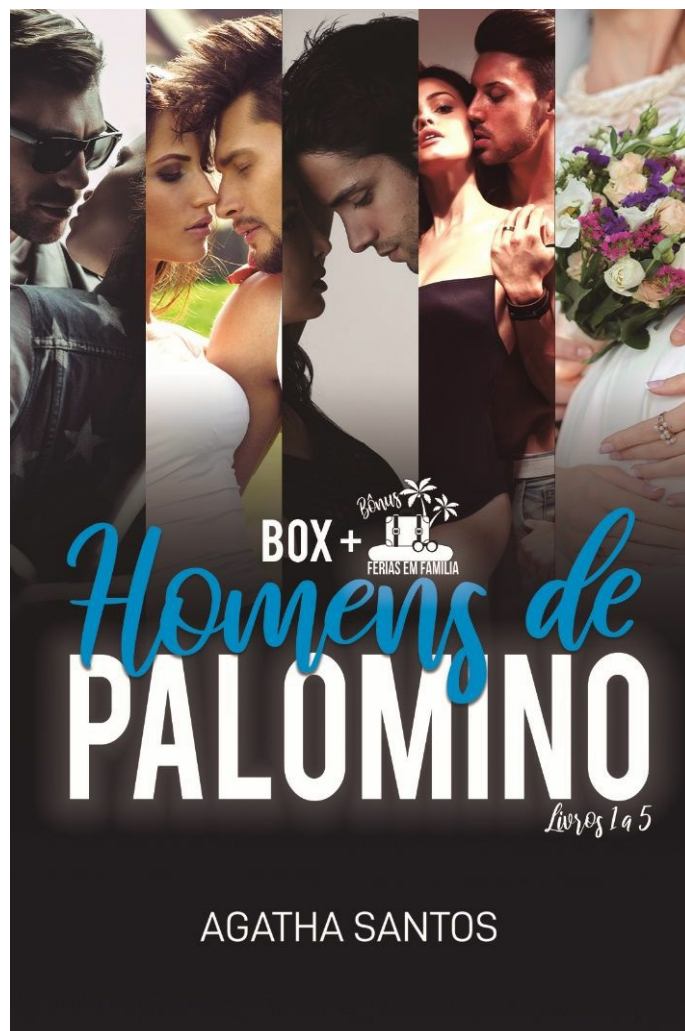
Cinco anos se passaram e a vida não poderia estar mais perfeita para todos aqueles casais. Ou será que não?

Casa, filhos, maridos dominantes e esposas tão temperamentais, fez cada uma deles questionar o quanto ainda mereciam aproveitar a vida.

Numa decisão impulsiva, Vega; Aldria; Amanda; Lola e Lucca, embarcam para Vegas a fim de respirarem um pouco e sair da rotina de suas vidas.

Quando a vida começa a cobrar o preço das responsabilidades, eles arrumam um jeito de bagunçar tudo e fazer os maridos ficarem loucos e desesperados.

Se a entrega ao amor foi verdadeira, agora é chegado o momento de ver o quanto é resistente.



Homens de Palomino:

<https://amzn.to/393PNx0>

Sinopse: Esta obra compõe os cinco livros da série Homens de Palomino e conta com um bônus da família Queiroz anos depois.

Detestável Para Mim - livro 1

Perfeito Para Mim - livro 2

Criado Para Mim - livro 3

Eterno Para Mim - livro 4

Devotado Para Mim - livro 5

BÔNUS

A vida em Palomino não poderia estar mais perfeita. Os cobiçados Queiroz continuavam casados, procriando e felizes com a nova família formada.

Em se tratando das filhas de dona Lélia, nem tudo eram flores, havia momentos, vários deles, que prefeririam estar a quilômetros de distância dos maridos, ora por motivos sérios, ora por puro charme e provocação.

Quando um dos casais programa uma viagem de férias para a família, tudo poderia ser perfeito, da forma que planejaram por meses, mas privacidade é algo não muito respeitado entre o bando, assim como os segredos.

Bem-vindos às férias em família dos Queiroz, mesmo que a contragosto de um ou outro.

[1] **Melequenta** — Que forma meleca, gosma, coisa pegajosa.

[2] **Sombrite** — Tela usada para cobrir, que tem como finalidade deixar passar o ar, a umidade, mas amenizar a entrada da luz solar diariamente.

[3] **Traiada** — Vestimenta padrão de um peão: um chapéu, uma camisa bem-acabada, bota e fivela.

[4] **Caboco** — o mesmo que pessoa, homem.

[5] **Déjà-vu** — “já visto”. Sensação de já ter vivenciado algo que acabou de acontecer.

[6] **Manta** — bife grosso.

[7] **Deusolive** — expressão para “Deus me Livre”.

[8] **Trem** — o mesmo que coisa.